



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA**

ANDERSON ARNALDO DA SILVA

**FONTES DIGITAIS DA BARRA DO ARIRIÚ: UMA PROPOSTA PARA O
ENSINO DE HISTÓRIA DE PALHOÇA-SC**

**FLORIANÓPOLIS
2023**

ANDERSON ARNALDO DA SILVA

**FONTES DIGITAIS DA BARRA DO ARIRIÚ: UMA PROPOSTA PARA O
ENSINO DE HISTÓRIA DE PALHOÇA-SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória - da Universidade Federal de Santa Catarina Para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Martins da Silva.

FLORIANÓPOLIS
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Anderson Arnaldo da

Fontes Digitais da Barra do Aririú: : uma proposta para o
Ensino de História de Palhoça - SC / Anderson Arnaldo da Silva ;
orientadora, Mônica Martins da Silva, 2023.

248 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-
Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Ensino de História. 3. História Digital. 4.
Fontes Digitais. 5. História Local. I. Silva, Mônica Martins
daII. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em História. III. Título.

Anderson Arnaldo da Silva

Fontes Digitais da Barra do Aririú: uma proposta para o Ensino de História de Palhoça-SC

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 28 de abril de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Mônica Martins da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Aléxia Pádua Franco
Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Jane Bittencourt
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Prof. Dr. Sandor Fernando Bringmann
Coordenador do ProfHistória/UFSC

Profa. Dra. Mônica Martins da Silva
Orientadora

Florianópolis, 2023

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado fé e força para superar todas as dificuldades ao longo deste mestrado e cultivar a esperança de deixar esta contribuição para professores, pesquisadores e outros interessados.

Agradeço imensamente a minha amada esposa, Camila, por me acompanhar em todo o processo, sempre trazendo conselhos e uma palavra de ânimo para continuar nessa caminhada, auxiliando e participando dos aspectos espirituais, intelectuais e emocionais deste trabalho.

Sou grato a comunidade de fé que faço parte, pelo apoio através de orações, incentivos e por vislumbrarem conjuntamente a contribuição deste conhecimento para o universo acadêmico e a sociedade.

Aos familiares e amigos, minha gratidão por vivenciar e estimular a superação dos desafios. Especialmente a família, por proporcionar bons momentos nos tempos de folga, entre o trabalho como professor e as pesquisas de mestrado.

Agradeço a comunidade escolar do Centro Educacional Porta do Céu, pelo apoio e incentivo, disponibilizando livros e compartilhando seu conhecimento sobre a História Local, além de momentos para divulgação do trabalho nos eventos escolares.

Agradeço também a minha orientadora e professora, Mônica, por ajudar a construir este trabalho através de apontamentos, reflexões e diálogos entre as fontes digitais e locais, buscando desenvolver e explorar os aspectos que consideramos relevantes desses temas.

Aos colegas de curso e professores de mestrado, agradeço por proporcionar um ensino de qualidade, mesmo em tempos pandêmicos, desenvolvendo diversas propostas para lidar com a produção e análise do conhecimento histórico.

Por fim, agradeço ao PROFHISTÓRIA, pela oportunidade de fazer um mestrado na área do Ensino de História e por proporcionar a criação de um produto didático, que auxilie os docentes em sua prática pedagógica.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta metodológica de Ensino de História para o bairro Barra do Aririú, em Palhoça, a partir do diálogo entre fontes digitais e História local. Nesse sentido, trabalha-se na perspectiva do uso de fontes históricas no Ensino de História, como meio de problematizar as questões pertinentes a produção e difusão de discursos digitais presentes em nossa sociedade, e construir, junto aos alunos, narrativas históricas elaboradas por meio da pesquisa histórica. A metodologia do trabalho foi obtida a partir de pesquisa documental e da análise de um conjunto de fontes históricas digitais, e da inter-relação entre elas. A partir disso, foram elaboradas aulas-oficinas a serem realizadas com os estudantes do bairro, visando um Ensino de História mais criativo, crítico, interativo e que possibilita o letramento digital. Um *e-book* foi desenvolvido especialmente para disponibilizar a proposta metodológica para professores e pesquisadores. Nele contém as seis aulas-oficinas, contendo as sugestões de fontes digitais a serem trabalhadas pelos alunos ao longo do processo de ensino-aprendizagem, como também, problematizações sobre as fontes digitais da Barra do Aririú.

Palavras-chave: Ensino de História; História Digital; Fontes Digitais; História Local; Barra do Aririú.

ABSTRACT

This work presents a methodological proposal for Teaching History for the Barra do Aririú neighborhood, in Palhoça, based on the dialogue between digital sources and local history. In this sense, we work from the perspective of the use of historical sources in History Teaching, as a means of problematizing issues pertinent to the production and dissemination of digital discourses present in our society, and to build, together with students, historical narratives elaborated through the historical research. The methodology of the work was obtained from documentary research and the analysis of a set of digital historical sources, and the interrelation between them. From this, classes-workshops were prepared to be carried out with students from the neighborhood, aiming at a more creative, critical, interactive History Teaching that enables digital literacy. An e-book was specially developed to make the methodological proposal available to professors and researchers. It contains the six classes-workshops, containing suggestions for digital sources to be worked on by students throughout the teaching-learning process, as well as problematizations about digital sources in Barra do Aririú.

Keywords: History Teaching; Digital History; Digital Sources; Local History; Barra do Aririú.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do Centro Educacional Porta do Céu.....	19
Figura 2 - A primeira escola da Barra do Aririú.....	21
Figura 3 - A primeira escola do bairro em reformas para novamente ser a sede da Associação dos Pescadores da Barra do Aririú.....	22
Figura 4 - Apresentação do início deste trabalho sobre a Barra do Aririú durante a Semana da Cultura no Centro Educacional Porta do Céu.....	23
Figura 5 - Mapa de localização da Barra do Aririú na região da Baía sul.....	38
Figura 6 - Mapa de localização do bairro da Barra do Aririú.....	39
Figura 7 - Escultura dos pescadores e Wando Cunha, no Parque da Barra do Aririú.....	46
Figura 8 - Draga na praia da Barra do Aririú realizando o desassoreamento do rio Aririú.....	56
Figura 9 - Imagem do início da notícia.....	61
Figura 10 - Imagem da notícia sobre a Renda de Bilro.....	64
Figura 11 - Imagem do início da notícia.....	66
Figura 12 - Imagem do início da notícia.....	68
Figura 13 - Imagem do início da notícia.....	69
Figura 14 - Imagem do vídeo no <i>YouTube</i>	70
Figura 15 - Imagem do grupo no <i>Facebook</i>	72
Figura 16 - Imagem do início da página do grupo no <i>Facebook</i>	73
Figura 17 - Imagem do início da página do grupo no <i>Facebook</i>	74
Figura 18 - Imagem do início da página do grupo no <i>Instagram</i>	75
Figura 19 - Imagem do início da página com a pesquisa feita no <i>YouTube</i>	76
Figura 20: Imagem do uso da internet no Brasil em 2021.....	82
Figura 21: Imagem representando o colonialismo de dados.....	84
Figura 22: Imagem da pesquisa no <i>Google</i>	86
Figura 23: Imagem da pesquisa feita no <i>Google</i> , utilizando as palavras-chave indicadas.....	87
Figura 24: Imagem da pesquisa no <i>Google</i>	88
Figura 25: Imagem da fonte do NDMAIS.....	91
Figura 26: Imagem da fonte do NDMAIS.....	92
Figura 27: Imagem da fonte do NDMAIS.....	93
Figura 28: Imagem da fonte do NDMAIS.....	96
Figura 29: Imagem da fonte do NDMAIS.....	98
Figura 30: Imagem da fonte do NDMAIS.....	98

Figura 31: Imagem da fonte do NDMAIS.....	99
Figura 32: Imagem da fonte do NDMAIS.....	100
Figura 33: Imagem da fonte do NDMAIS.....	100
Figura 34: Tabela da população urbana e rural em 1960.....	102
Figura 35: Tabela da população não natural na área urbana.....	103
Figura 36: Imagem do grupo “Não deixe o Mangue da Barra do Aririú Morrer”.....	103
Figura 37: Imagem do grupo “Não deixe o Mangue da Barra do Aririú Morrer”.....	105
Figura 38: Imagem do grupo “Não deixe o Mangue da Barra do Aririú Morrer”.....	105
Figura 39: Imagem do canal “Anolipa”, que mostra parte da Barra do Aririú.....	107
Figura 40: Imagem do canal “Cesar Moacir Alves”, que mostra parte da Barra do Aririú.....	108
Figura 41: Imagem do mapa da Barra do Aririú.....	110
Figura 42: Imagem do mapa de urbanização da Barra do Aririú.....	110
Figura 43: Imagem do mapa da Palhoça.....	111
Figura 44: Imagem do mapa de evolução urbana da Grande Florianópolis.....	112
Figura 45: Imagem do mapa de distribuição da renda familiar na Grande Florianópolis.....	112
Figura 46: Imagem do <i>Google Street View</i> mostrando a Praia da Barra do Aririú em 2011.....	113
Figura 47: Imagem do <i>Google Street View</i> mostrando a Praia da Barra do Aririú em 2021.....	114
Figura 48: Imagem de satélite do <i>Google Earth Timelapse</i> da Barra do Aririú em 1984.....	115
Figura 49: Imagem de satélite do <i>Google Earth Timelapse</i> da Barra do Aririú em 2020.....	115
Figura 50: Imagem do grupo no <i>Facebook</i> “Abepebas”.....	117
Figura 51: Imagem do grupo no <i>Facebook</i> “Abepebas”.....	118
Figura 52: Imagem do grupo no <i>Facebook</i> “Abepebas”.....	118
Figura 53: Imagem do grupo no <i>Facebook</i> “Abepebas”.....	119
Figura 54: Imagem do perfil no <i>Instagram</i> “@barradoaririusc”.....	121
Figura 55: Imagem do perfil no <i>Instagram</i> “@barradoaririusc”.....	122
Figura 56: Imagem do perfil no <i>Instagram</i> “@barradoaririusc”.....	123
Figura 57: Imagem do perfil no <i>Instagram</i> “@barradoaririusc”.....	123
Figura 58: Imagem do perfil no <i>Instagram</i> “@barradoaririusc”.....	124
Figura 59: Imagem do perfil no <i>Instagram</i> “@barradoaririusc”.....	125
Figura 60: Gráfico das redes mais acessadas no Brasil em 2022.....	127
Figura 61: Quadro da Aprendizagem Histórica Digital.....	129
Figura 62: Quadro definindo as principais redes sociais <i>online</i>	130
Figura 63: Perfil no <i>Instagram</i> “@ensinar.historia”.....	131

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. DA INTERNET ÀS FONTES DIGITAIS	15
2.1 Fontes Digitais e Ensino de História: reflexões a partir do lugar de pesquisa	19
2.2 Recursos e Mídias Digitais no Ensino de História na perspectiva da pesquisa.....	26
2.3 Ensino de História e Cultura Digital.....	31
3. HISTÓRIA LOCAL: POR UM SABER HISTÓRICO MAIS PRÓXIMO DO VIVIDO	34
3.1 Abordagem e desafios das fontes digitais da Barra do Aririú	47
3.2 Levantamento e análise das fontes digitais da Barra do Aririú.....	54
3.3 Jornal NDMAIS	58
3.4 Jornal Palavra Palhocense.....	65
3.5 Portal Palhoça.....	69
3.6 Canal de vídeos: Expedição Brasil de Frente para o Mar.....	70
3.7 Grupos no <i>Facebook</i>	71
3.8 Perfis no <i>Instagram</i>	74
3.9 Vídeos no <i>YouTube</i>	75
4. OFICINAS DAS FONTES DIGITAIS DA BARRA DO ARIRIÚ	77
4.1 Descrição das Oficinas	79
4.2 Primeira Oficina: conhecendo as fontes digitais.....	80
4.3 Segunda Oficina: reconhecendo e problematizando as fontes digitais da Barra do Aririú	89
4.4 Terceira Oficina: História da Barra do Aririú: açorianidade e povos silenciados.....	94
4.5 Quarta Oficina: urbanização e meio ambiente entre espacialidades e invisibilidades....	101
4.6 Quinta Oficina: Saber fazer dos pescadores e a pesca como uma prática social da Barra do Aririú.....	116
4.7 Sexta Oficina: construindo com os estudantes um perfil da Barra do Aririú no <i>Instagram</i>	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	137
APÊNDICE – Ebook	146

1. INTRODUÇÃO

As temáticas deste trabalho surgem a partir das minhas experiências de professor e pesquisador do século XXI no campo do Ensino de História. Na graduação em História na UFSC percebi, em meu trabalho de conclusão de curso (SILVA, 2014), que muitos dos estudantes da educação básica estão mergulhados no mundo dos jogos eletrônicos, por isso procurei desenvolver uma pesquisa que analisasse essa experiência com estudantes do Ensino Fundamental do Colégio Aplicação da UFSC. O trabalho foi um desafio, pois naquela época poucas pesquisas abordavam os jogos eletrônicos e suas possibilidades didáticas no campo da História. Ao final do trabalho, identifiquei que os jogos eletrônicos possuem um grande potencial para estimular o gosto pela História, para dinamizar o conhecimento histórico, assim como explorar possibilidades e contextos históricos de diferentes épocas. No entanto, também compreendi que os jogos eletrônicos utilizam narrativas históricas como pano de fundo para atrair os jovens, mas sem compromisso com a análise histórica de maneira crítica, buscando, na maioria das vezes, apenas vender os seus produtos para obter lucro.

O trabalho da graduação despertou meu interesse por essas tecnologias digitais e seus usos no Ensino de História. Assim, em 2016, depois de graduado em História comecei a pesquisar sobre as fontes digitais e suas possibilidades na pesquisa histórica e no Ensino de História, investigando como os meios digitais do *Orkut* (que deixou seu banco de dados disponível na rede mesmo depois do seu fim), o *Facebook*, *Whatsapp*, *YouTube*, podem ser utilizados para a produção do conhecimento histórico. Percebi que as fontes digitais são um mundo a ser descoberto e explorado, assim como os jogos eletrônicos, para ampliar a visão acerca de fontes para uso escolar e compreender a própria complexidade do saber histórico escolar nesse contexto.

Conseqüentemente, em 2020, quando já atuava há alguns anos como professor no Ensino Fundamental e na época era professor do Centro Educacional Porta do Céu, ingressei no ProfHistória e, ao longo das disciplinas, a temática sobre as fontes digitais continuava despertando a minha atenção, de modo a estimular o desenvolvimento dessa proposta.

Simultaneamente, no mesmo ano, ocorreu a pandemia de COVID-19 que mudou a vida das pessoas mundialmente, afetando diretamente o meu trabalho e de muitos colegas de ofício no Brasil, que precisaram de maneira repentina usar os meios digitais para ensinar História. Neste processo de usar os meios digitais para ensinar História tivemos inúmeras barreiras, que envolvem o domínio de plataformas digitais para a transmissão das aulas, a ampliação do uso de computadores e celulares para diferentes etapas do processo de ensino e aprendizagem. Todo

este contexto pandêmico trouxe diversas indagações, tais como: Será que as aulas *online* vieram para ficar? Os professores que não se prepararem para utilizar as tecnologias digitais logo estarão obsoletos? Os meios digitais trarão mais autonomia para construção do conhecimento histórico? Quais possibilidades das fontes digitais para o Ensino de História?

No presente trabalho sobre o Ensino de História e as fontes digitais, alguns autores tornaram-se interlocutores privilegiados: Costa (2019) que realizou sua tese de doutorado sobre historiografia digital escolar, buscando suas potencialidades e limites; Lucchesi (2015) que aborda as transformações que a História Digital na relação da temporalidade e espacialidade e na produção e recepção do saber histórico; Araújo (2017) que na sua dissertação de mestrado tratou das modificações que a internet proporcionou para possibilitar maior autoria e dinamização do aprendizado histórico digital, entre outros autores.

Além das questões das fontes digitais, a História Local também foi base para reflexões deste trabalho, pois na minha experiência no Ensino de História percebi que o material didático do Ensino Fundamental que utilizo não aborda a História Local, perpassando os cinco famosos períodos históricos desde a pré-história até a idade contemporânea sem uma única citação ao município ou bairro no qual localiza-se a escola. Diante disso, foram provocados alguns questionamentos sobre os materiais didáticos: Uma História intercalada ¹ dos conteúdos históricos tem potencialidade para construir sentidos de pertencimento com estudantes da Educação Básica? O Estudo da História Local pode aproximar os estudantes do saber histórico escolar? A ausência da História Local pode causar um afastamento histórico dos estudantes? A opção por uma História Geral é reflexo de uma História Eurocêntrica e Tradicional?

O trabalho foi feito, inicialmente com os estudantes do Ensino Fundamental do Centro Educacional Porta do Céu, a partir de questionários sobre os usos da internet e conhecimentos prévios sobre a História do bairro, porém devido a contratempos o trabalho com os estudantes não teve continuidade e transformou-se em proposta didática a ser desenvolvida em outra ocasião, para problematizar o uso das fontes digitais da Barra do Aririú no município de Palhoça que fica a aproximadamente trinta quilômetros da capital do estado de Santa Catarina. Pertencente à região da Grande Florianópolis, o bairro palhocense escolhido é o da Barra do

¹ Segundo Caimi (2019, p. 7) “A história intercalada constitui, pode-se dizer, uma tentativa mal-sucedida de trabalhar com a história integrada, em que conteúdos de História Geral, da América e do Brasil são apresentados numa sequência de capítulos sem que haja relações contextualizadas entre eles; trata-se de uma sucessão de acontecimentos factuais que não ganham significação em temporalidades mais amplas, como as de média duração (conjunturas) e as de longa duração (estruturas). Nesse sentido, pouco difere da história seriada, cuja opção remete a história do Brasil para o terceiro ciclo e a história geral, para o quarto ciclo do ensino fundamental, geralmente desarticulando as temporalidades e espacialidades”.

Aririú que fica em região litorânea e tem a pesca como uma atividade do cotidiano de um pequeno número de moradores. Elegi os pescadores como grupo social a ser trabalhado, porém devido a adversidades também ficou como proposta didática a ser desenvolvida em outro momento, sobretudo porque tendem a ser sujeitos muitas vezes desvalorizados na própria História Local, além do fato de ter identificado em pesquisa prévia que os estudantes, em sua grande maioria, pescam ou possuem familiares que costumam pescar.

Neste trabalho temos a seguinte questão norteadora: Como construir a História da Barra do Aririú por meio de fontes digitais? Também, propõem-se a criação de narrativas sobre a Barra do Aririú por meio de recursos digitais, mobilizando fontes históricas digitais de modo crítico e problematizador. Além disso, busca-se a produção de um e-book sobre a História do bairro. Objetiva-se ainda conhecer e problematizar a Cultura Digital, de modo a compor uma proposta didática construída a partir de oficinas temáticas para se ensinar História.

A História Local demonstra ser um campo fértil a ser explorado pelos professores de História no Brasil, pois nosso país, de tamanho continental, apresenta uma gama de aspectos históricos peculiares em todos os municípios e bairros, possibilitando outros horizontes para o Ensino de História.

A metodologia do trabalho previu diferentes etapas, organizadas em três momentos específicos. Inicialmente problematizamos o potencial e limites das fontes digitais em diálogo com diferentes autores do campo da Historiografia Digital e da Cultura Digital, a partir de um estudo bibliográfico. Em seguida fizemos um diagnóstico e análise das fontes digitais disponíveis sobre a Barra do Aririú no *Google*, *YouTube*, *Facebook* e *Instagram*. Na segunda fase construímos a proposta de oficinas sobre as fontes digitais da Barra do Aririú para serem desenvolvidas por docentes nas escolas de Palhoça.

O trabalho foi dividido em três capítulos, sendo que o primeiro abordará sobre as fontes digitais, a História Digital e a Cultura Digital, além das possibilidades e limites das fontes digitais. O segundo capítulo trará reflexões sobre História Local e as fontes digitais da Barra do Aririú, trazendo a metodologia para seleção das fontes digitais da Barra do Aririú, além do protagonismo da pesca na História do bairro. O terceiro capítulo tratará da dimensão propositiva do trabalho com a elaboração das aulas-oficinas que preveem a criação de um *Instagram* com os estudantes e a abordagem da História Oral. Todo o material produzido será disponibilizado por meio de um *e-book* que será anexado à dissertação, como parte da dimensão propositiva da pesquisa.

A pesquisa sobre as fontes digitais que têm uma relação com a história do bairro foi feita no *Google*, devido a ser o buscador mais conhecido e usado, porém a internet disponibiliza

inúmeros mecanismos de busca como: o *Bing*, *Yahoo*, *MSN*, *ASK*, entre outros². As fontes digitais escolhidas para este trabalho foram aquelas que tem maior relação com a história do bairro. Em princípio, realizou-se uma pesquisa mais abrangente no *Google* com as palavras-chave (Barra do Aririú), porém poucas fontes digitais buscavam contar a História do bairro. Por isso optou-se por usar as palavras-chave “História da Barra do Aririú” e chegou-se a um resultado mais delimitado, o que possibilitou a seleção de um número mais reduzido de fontes para a pesquisa.

A elaboração das oficinas foi realizada a partir das fontes digitais mais significativas da Barra do Aririú com a finalidade de compreender a tradição açoriana, a prática social dos pescadores, a espacialidade e os efeitos da urbanização no bairro, características que foram recorrentes na pesquisa das fontes selecionadas. Foram utilizadas como fontes o Jornal NDMAIS, os grupos do *Facebook* da “Abepebas” e “Não deixe o Manguê Morrer”, vídeos do *YouTube*, além de diversos mapas do *Google* e o perfil no *Instagram* da Barra do Aririú.

Com objetivo de proporcionar um material didático para os professores da rede municipal de Palhoça e inspirar o uso para outras realidades brasileiras, as oficinas foram transformadas no formato de *e-book* com dicas e sugestões para colaborar para a um Ensino de História a partir das fontes digitais.

Em suma, neste trabalho pretende-se analisar as possibilidades e limites das fontes digitais sobre a Barra do Aririú, no município de Palhoça, em Santa Catarina, para a construção do conhecimento histórico escolar a partir da História Local. Além de produzir esse conhecimento, a partir dos estudantes do Ensino Fundamental do Centro Educacional Porta do Céu, para problematizar o uso das fontes digitais da Barra do Aririú, propomos oficinas que valorizem a memória dos pescadores artesanais do bairro, tendo em vista a criação de um *e-book* para divulgação da História do bairro.

² Disponível em <<https://rockcontent.com/br/blog/site-de-busca/>>. Acesso em 30 de mar. De 2023.

2. DA INTERNET ÀS FONTES DIGITAIS

Para começar nosso caminho na temática da História Digital é importante contextualizar que toda mídia digital precisa de uma tecnologia para ser reproduzida e inicialmente eram os computadores. Com o tempo as fontes digitais aumentaram sua amplitude e a partir da invenção e popularização da internet ficaram mais acessíveis aos estudantes, por isso estudaremos esse contexto e seus desdobramentos. “A Internet surgiu em 1969 conectando quatro universidades nos Estados Unidos, porém durante as duas décadas seguintes a Internet ficou restrita aos ambientes acadêmicos, e somente em 1991 com a criação WWW (World Wide Web), algo como “rede mundial” que o sistema começou a popularizar-se”. Costa (2008, p. 50, 51 e 52) expressa que:

A internet estava pronta para se popularizar, tarefa facilitada pelo surgimento de programas especiais de navegação pela rede, como o Netscape (1994) e o Internet Explorer (1995). O que determinou o crescimento da WWW foi a criação de um programa chamado Mosaic, que permitia o acesso à Web num ambiente gráfico, tipo Windows, ou seja, de maneira simples e objetiva.

No Brasil, a internet surgiu em 1989 por iniciativa da Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, a UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro e o LNCC – Laboratório Nacional de Computação Científica/RJ.

Dessa forma, em poucas décadas, a Internet se expandiu para outros ambientes, além do acadêmico, chegando até o nosso país, auxiliando na “democratização” das informações e na aproximação das fronteiras geográficas. Dessa maneira, a Internet disponibilizou novas fontes para o estudo da História, o que se denomina de fontes ou documentos digitais. Os documentos digitais são variáveis e concebidos, segundo Almeida (2011), como aqueles em sistema de dígitos binários, implicando na necessidade de uma máquina para intermediar o acesso às informações. Tal máquina é, na maioria das vezes, um computador.

Percebemos, dessa maneira, que as fontes digitais necessitam de um meio eletrônico para existirem, elas são abundantes, etéreas, e disponíveis na Internet. Constatamos segundo Lucchesi (2014, p. 4) que a História Digital teve suas raízes no exterior e gradualmente chegou ao interesse dos historiadores brasileiros:

Com isso, as possibilidades de escrita da história digital emergiram como objeto de estudo para alguns historiadores nos Estados Unidos (Digital History) e na Itália (Storiografia Digitale), trazendo para a oficina da história questionamentos que vinham sendo colocados já nos anos 1990 às ciências humanas, como um todo, haja vista o diálogo que surge nos dois países entre a História e as Digital Humanities (no caso dos EUA) e a Informatica Umanistica (no caso da Itália).

Com o tempo, no século XXI, os debates da História Digital foram se expandindo para outros países europeus até chegarem ao Brasil. Logo, a investigação histórica nessa área traz uma questão central: como lidar com os desafios e especificidades das fontes digitais? Esta deve ser uma das pautas dos historiadores contemporâneos. Outra questão é: Como os historiadores brasileiros estão estudando a tecnologia?

Aguiar (2012) percebeu três grupos de trabalhos historiográficos referentes às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICS)³: a primeira de abordagem procedimental, enfatizando a produção e transmissão do saber histórico, a segunda centrada na conceituação e epistemologia dos paradigmas históricos e suas relações com a cultura digital e a última tendo a cultura digital como principal objeto de pesquisa.

No ensino, trata-se de auxiliar os estudantes no letramento digital, sabendo como as fontes foram produzidas, quais ferramentas foram utilizadas, entender a autoria e responsabilidade ética da informação para criar as “verdades” e seus significados para os diferentes sujeitos sociais.

Entendemos que, para ser letrado digitalmente, não basta saber operar um computador, já que é fundamental lidar com textos multimodais, compostos por palavras, imagens, sons, que levam a outros textos secundários, além de se comunicar em meio digital, o que geralmente está presente na vida de estudantes e professores de História, aprimorando a capacidade de interpretar, selecionar e criticar as informações presentes no mundo virtual.

À vista disso, novos e antigos problemas historiográficos inquietam historiadores e professores de História para tratar com as fontes históricas do meio digital: Como revelar a sua veracidade? De que forma podemos contextualizar algo tão abundante e instável? Qual maneira os professores podem usar as fontes históricas digitais para enriquecer o Ensino de História?

Faz-se essencial uma metodologia em que o professor investigará junto aos estudantes a forma de trabalhar com as fontes históricas, em seguida apropriar-se das habilidades digitais necessárias e produzir narrativas como um modo de dar sentido à História estudada. Todas as etapas enunciadas precisam ter o tema e problema histórico apresentado para saber quais respostas o estudante necessita procurar para sua investigação histórica.

³ É necessário diferenciar as TICS das NTICS, pois a primeira não necessariamente é baseada em computadores ou tecnologias atuais. Enquanto as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) são as tecnologias e métodos para comunicar surgidas no contexto da Revolução Informacional, ou Revolução Telemática ou Revolução Industrial, desenvolvidas gradativamente desde a segunda metade da década de 1970 e, principalmente a partir de 1990. A maioria delas caracteriza, por agilizar, horizontalizar tornar palpável (fisicamente manipulável) o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes de telecomunicações e similares, para a captação transmissão e distribuição de informação multimídia (texto, imagem, vídeo e o som). Disponível em <https://grupestevolucao.com.br/livro/Educacao_Distancia/novas_tecnologias.html>. Acesso em 25 de maio de 2023.

Destaco que, segundo Stassun (2014, p.20), vivemos em uma sociedade estimulada pelas redes sociais, tão presentes na vida dos estudantes de História:

Existe uma revolução copernicana com a criação das redes sociais? A inovação dos meios de convivência virtual produziu óculos especiais “web” para ver o mundo? A lógica da internet, que consiste em integrar redes de computadores, fez algo que em seu projeto inicial se intuisse como possibilidade?

Assim, a comunicação ao longo dos períodos históricos mudou de suporte e também aumentou as possibilidades de difusão. Tal fenômeno não deve ser esquecido nos trabalhos sobre a História Digital, atentando para o fato que o meio digital constrói fontes manipuladas por diversas pessoas com suas “verdades” da História vivida e que contrastam com a ensinada no meio escolar. Ao longo dos séculos, professores e estudantes foram se modificando conforme suas demandas históricas. Os estudantes do Brasil Império não tiveram a mesma cultura e forma de aprender que os de hoje, pois a maioria dos estudantes atuais está inserida em uma nova cultura surgida no século XX, chamada de cultura digital. Assim, os professores de História do século XXI devem buscar compreender as novas dinâmicas de ensino e aprendizado para o seu novo público.

Lucchesi (2014) alerta para questões sobre o desenvolvimento da História Digital: A ausência de um consenso sobre a definição do conceito/campo/método/disciplina “História Digital” ou “Historiografia Digital” é, na verdade, um signo dessa transição da cultura impressa para a cultura digital. Assim percebemos que o caminho dessa transição deve ser feito pelos historiadores e também professores de História.

Segundo Barros (2019, p.196):

No ambiente escolar observa-se o encontro geracional dos chamados “imigrantes digitais” (personificados comumente na figura dos pais e professores) com os advindos do mundo tecnológico, denominados de “nativos digitais”, crianças e jovens que possuem diferentes expectativas e perspectivas em relação à educação, apresentadas tanto em suas formas e linguagens quanto em seus conteúdos que abarcam a complexidade e singularidade do tempo presente.

Notamos que o conflito de gerações ocorre pelo nível de conhecimento sobre a cultura digital, colocando, de um lado, pais e professores e, do outro, os estudantes, que podem ser nativos digitais (ou fazerem parte dos excluídos digitais, ou seja, aqueles que não tem acesso as tecnologias digitais). Essa situação causa uma divergência de pensamentos, além de problemas para manter uma comunicação na mesma linguagem. Sabendo que a perspectiva atual é que cada vez mais a cultura digital está presente na vida dos jovens brasileiros e

mundiais, a tendência será o questionamento cada vez maior em relação às formas de ensinar e de aprender. Barros (2019, p.201) aponta que o contexto brasileiro é desfavorável para a compreensão e inserção da cultura digital:

A partir do advento da cultura digital e sua universalização, as interações sociais e a produção de conhecimento são amplamente transformadas, reverberando na chamada História Digital e Humanidades Digitais. Dentro do contexto educacional brasileiro, esta nova configuração ainda não se enquadra à realidade escolar e não apenas devido à questão estrutural de precarização de escolas e universidades públicas. Há também resistência dos profissionais no campo das licenciaturas (especificamente na área das Ciências Humanas), como a exemplo da História, no concernente à inserção e discussão acerca de metodologias de ensino e novos temas relacionados aos paradigmas desencadeados pela cultura digital (...)

Verificamos que no Brasil, segundo o autor, a estrutura para uso da cultura digital é deficitária, tanto nas escolas como nas próprias Universidades públicas. Além disso, os professores devem melhorar a sua formação para lidar com a cultura digital. No entanto, o período da pandemia de Covid-19, a partir de 2020, provocou a necessidade de uso das tecnologias digitais para desenvolver as atividades didáticas. Assim, tanto professores como estudantes precisaram desenvolver habilidades para lidar com o uso dessas tecnologias.

Segundo Souza e Tamanini (2018, p.146) neste contexto da cultura digital, o Ensino de História deve:

Trabalhar os conteúdos históricos em harmonia com a sociedade da informação e com o perfil de aluno de hoje demanda do professor desenvolver, por meio da internet e dos diversos recursos tecnológicos disponíveis na sociedade e na escola, estratégias mais ativas, que favoreçam, em linguagens e recursos familiares ao aluno (webquest, podcast, jornais on-line, museus virtuais, mapas interativos, jogos educativos, simulações, animações, blogs, fóruns etc.), a desconstrução e reconstrução crítica dos conhecimentos e acontecimentos históricos, disseminados nos livros oficiais, cotejando-os com pontos de vista diferenciados.

Compreendemos que a cultura digital e os conteúdos que circulam na internet democratizaram o acesso à informação na sociedade, que antes tinha como centro o meio escolar e universitário. Porém, o papel do professor de História como mediador é necessário para auxiliar os estudantes na construção do conhecimento histórico. Logo, Souza e Taminini (2018, p.146) entendem que:

A inserção dos recursos digitais virtuais - redes sociais, jornais e revistas, jogos, objetos de aprendizagem, museus, blogs, imagens, hipertextos, fóruns de discussão, chats, vídeos, áudios etc. – no ensino de História conduz à superação de aulas centradas na exposição oral, favorecendo, ao mesmo tempo, uma maior autonomia dos alunos sobre o que e o como aprendem. Quanto à pedagogia adequada para esse

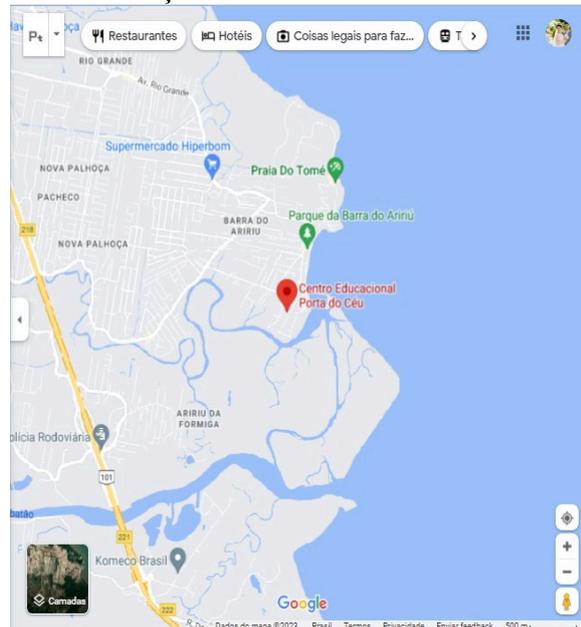
processo de incorporação dos recursos digitais virtuais no ensino no século XXI, ainda não se definiu exatamente qual seja, mas já há algumas alternativas metodológicas nesse sentido.

Assim sendo, é inevitável que o Ensino de História investigue a Cultura e as fontes digitais como forma de compreender as novas demandas e as maneiras pelas quais o conhecimento histórico pode ser elaborado e difundido no século XXI.

2.1. FONTES DIGITAIS E ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES A PARTIR DO LUGAR DE PESQUISA

O espaço da investigação histórica é de suma importância na singularidade deste trabalho, pois o Centro Educacional Porta do Céu, comunidade escolar em que se iniciou este trabalho, localiza-se nas proximidades do mar na Barra do Aririú, bairro do município catarinense de Palhoça.

Figura 1: Mapa de localização do Centro Educacional Porta do Céu.



Fonte: Disponível em <<https://bityli.com/oZT0y7>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

O Centro Educacional Atlas iniciou suas atividades em 1997 até 2020, quando mudou de gestão no período pandêmico e tornou-se um colégio confessional católico, passando a se chamar Centro Educacional Porta do Céu. Portanto, é um colégio tradicional do bairro com mais de duas décadas de existência e que tem, em sua maioria, estudantes que moram na Barra

do Aririú. Moreira (2014, p.17) descreve as principais escolas do bairro, entre elas o antigo Centro Educacional Atlas:

No bairro ainda permanecem as construções que serviam de escolas no passado. Com mais de um século, ocupam espaço na história trazendo lembranças para as pessoas que lá estudaram. Atualmente a rede escolar é composta pela Escola de Ensino Fundamental Senador Renato Ramos da Silva, que pertence a rede estadual e atende em média 1.300 alunos. Há o Centro Educacional Atlas (rede privada) com média de 180 alunos matriculados. No bairro há dois Centros de Educação Infantil (CEI), um denominado Centro Educacional Infantil Dona Maricota e outro Centro de Educação Infantil São Tomé, pertencentes à rede municipal. O primeiro atende em média 70 crianças, e o outro 160.

A grande maioria dos estudantes da Barra do Aririú frequenta a rede pública de ensino, porém, devido à grande quantidade de estudantes na sala de aula e as deficiências do ensino público, os estudantes que têm condições escolhem a rede particular. Logo, a escola que se iniciou este trabalho abrange a minoria dos estudantes do bairro. Portanto, os estudantes que fizeram parte deste trabalho pertencem a uma realidade socioeconômica diferenciada da maioria.

Segundo o projeto político pedagógico do Centro Educacional Porta do Céu (2021), a instituição possui 80 estudantes e tem como proposta pedagógica uma educação humanista com referenciais teóricos como Victor García Hoz, Dom Bosco e David Ausubel, centrada em uma cosmovisão católica.

Em frente ao Centro Educacional Porta do Céu encontram-se as ruínas da primeira escola do bairro que, com o passar do tempo, tornou-se local para a Associação dos Pescadores da região.

Figura 2: A primeira escola da Barra do Aririú.



Fonte: Disponível em

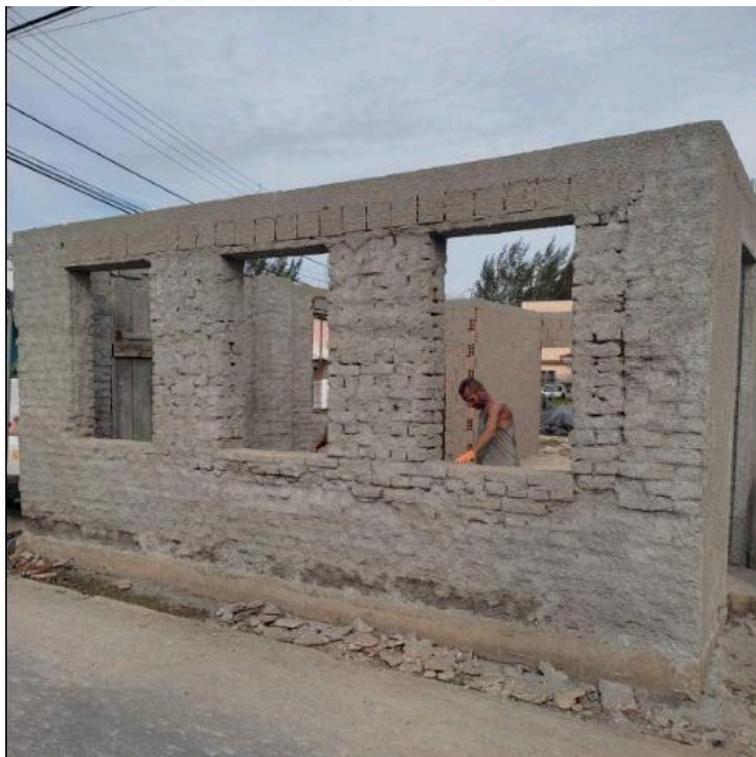
<<https://www.facebook.com/224265591847942/photos/a.224430675164767/504554183819080/?type=3&theatr>>. Acesso em 05 de jan. de 2022.

Segundo Matos (2010, p.93 e 96), a primeira escola tem mais de um século e encontra-se atualmente na rua com o nome de um dos seus primeiros professores. Foi por vários anos sede da Associação dos Pescadores do bairro, ficando abandonada e em ruínas, tendo sido inclusive invadida, conforme comentários do *Facebook* da própria associação ⁴. Porém, a Associação Beneficente dos Pescadores da Baía Sul (Abepebas), que representa os pescadores da Barra do Aririú informa que desde 16 de dezembro de 2020 iniciou-se o processo de reforma da construção para voltar a ser sede da referida associação⁵.

⁴Disponível em <<https://www.facebook.com/Abepebas/photos/pcb.504555660485599/504554290485736>>. Acesso em 12 de fev. de 2022.

⁵Disponível em <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=938076053800222&id=224265591847942>. Acesso em 05 de jan. de 2022.

Figura 3: A primeira escola do bairro em reformas para novamente ser a sede da Associação dos Pescadores da Barra do Aririú.



Fonte: Disponível em <<https://www.facebook.com/Abepebas/photos/pcb.955057622102065/955056428768851/>>. Acesso em 12 de fev. de 2022.

As construções antigas podem contar um pouco da História do bairro, possibilitando identificar as permanências e mudanças históricas, além das disputas sociais pelo local. Essa construção teve inicialmente objetivo educacional, com o tempo tornou-se lugar para associação dos pescadores, ficando depois abandonada e agora reconstruída como símbolo da coletividade da atividade pesqueira.

Durante a realização deste trabalho de pesquisa no contexto da semana da cultura, realizada nas primeiras semanas de novembro de 2021, recebi o convite do organizador, o professor de português, para abordar um pouco desta pesquisa com os estudantes, professores, gestores e funcionários do Centro Educacional Porta do Céu escola:

Figura 4: Apresentação do início deste trabalho sobre a Barra do Aririú durante a Semana da Cultura no Centro Educacional Porta do Céu.



Fonte: Foto de arquivo pessoal.

Na apresentação trouxe um pouco da importância da História Local, dos patrimônios imateriais e saber fazer dos pescadores, além da definição de cultura e suas formas e exemplos, como a cultura material e imaterial.

Para finalizar, realizei um *quiz* oralmente com as seguintes questões: Quais foram os primeiros habitantes do bairro? Quais foram os principais colonizadores da Barra do Aririú? Qual o significado do nome do bairro e da famosa praia do Tomé? A maioria dos estudantes não soube responder as perguntas, no entanto, demonstraram entusiasmo durante o *quiz*. Também levei o livro de Matos (2010), sobre a história da Barra do Aririú que abordaremos mais adiante, para eles conhecerem mais sobre o seu bairro, sendo que muitos pediam para procurar na obra a história de algum dos seus parentes.

Durante os cinco anos que leciono História nesta escola, utilizei os recursos digitais para dinamizar novos aprendizados históricos, como os slides que funcionam principalmente na revisão para as avaliações, onde sintetizo os principais conteúdo do livro didático da Editora Positivo⁶. Este material didático foi escolhido pela direção da escola e complemento também com imagens que retiro da internet como mapas, pinturas e fotografias.

⁶ Com os seguintes autores: Augusto Domareski, Daniela dos Santos Souza, Camila Castro de Souza e Lysvania Villela Cordeiro.

Outros recursos digitais são os filmes, documentários e séries usadas para refletir como o cinema representa temáticas históricas, buscando entender que o filme pode ser usado como uma fonte histórica e como qualquer outra deve ser interrogado sobre o seu contexto de produção, narrativas e finalidades.

Além disso, após participar de um curso de gamificação em 2019⁷ conheci o *quiz* online do *Kahoot*⁸. Em 2020 durante a pandemia do Covid-19, houve a necessidade de as aulas serem realizadas virtualmente pela plataforma do *Skype*, momento que percebi como propício para usar esse *quiz*. Utilizei o *Kahoot* como forma de revisar os conteúdos para as avaliações, fazendo questões de múltiplas escolhas (geralmente quatro opções com uma correta) e também questões com uma afirmação sobre a qual os estudantes devem optar entre a alternativa verdadeira ou falsa.

No entanto, o *Kahoot* mostrou limitações, pois restringe-se à construção de um conhecimento objetivo, deixando apenas opções para os estudantes identificarem as alternativas corretas, sem aprofundar em respostas dissertativas que provoquem a construção de argumentos em torno do conhecimento histórico. Além disso, o *Kahoot* incentiva a competição entre os estudantes, que pode ser positiva, dado que estimula a busca pelas respostas; mas também negativa, devido aos estudantes não darem importância tanto ao aprender, mas buscar vencer os colegas, acirrando cada vez mais a rivalidade entre eles.

Durante essas experiências com os recursos digitais busquei analisar até que ponto a tecnologia digital é uma novidade ou apenas mais do mesmo no contexto de aulas tradicionais, só que em outro formato. Percebi que os recursos digitais citados eram estimulantes para os estudantes, por mostrar outras possibilidades de ensinar por meio deles. Ao mesmo tempo, também identifiquei que os slides são uma lousa só que digital, que os filmes e séries fazem parte da vida dos estudantes, porém usados para o lazer e o *quiz online* é uma espécie de jogo eletrônico comum na cultura dos estudantes, só que com fins pedagógicos. A partir dessas reflexões iniciais, esse trabalho busca aprofundar a mobilização de recursos digitais no estudo da história local.

⁷ A diretora do antigo Centro Educacional Atlas convidou-me para participar deste *workshop* de gamificação. A proposta visava apresentar o aplicativo do *Kahoot* para uso nas aulas e na ocasião o *quiz* foi jogado com os participantes do curso. Além do aplicativo foram apresentados outros recursos digitais.

⁸ Segundo Thiago Forquim do site CanalTech: O *Kahoot* foi fundado em 2012 por Morten Versvik, Johan Brand e Jamie Brooker, nascido de uma tese de mestrado. Lançada ao público em 2013, a plataforma cresceu com o tempo e hoje está presente em diversos países, traduzido para dez idiomas. Os jogos de aprendizado do *Kahoot* consistem em testes de múltipla escolha, ou *quizzes*, desafios e outros passatempos interativos, além da possibilidade de construir atividades para trabalhar temas diversos, como ciências, matemática, socioemocionais e curiosidades. Disponível em <<https://canaltech.com.br/internet/o-que-e-kahoot/>>. Acesso em 12 de maio de 2023.

Iniciaremos o debate sobre as potencialidades da História Digital para o Ensino de História enfatizando que as fontes históricas disponíveis no meio digital são abundantes, interativas, perpassadas por hipertextos, porém ainda carecem de análise e aproveitamento nas aulas de História, muito por falta de preparo dos professores para lidarem com ela. Segundo Costa (2019, p.183) é necessário criticidade para usar a História digital no meio escolar, pois:

Defender a historiografia escolar digital é defender menos o meio pelo meio e mais a forma como o professor vai se apropriar do referido meio em prol do seu objetivo pedagógico, considerando que o medo de errar no traquejo da tecnologia digital pode dar espaço à ousadia, à criação no/do coletivo, à troca, à ação e, para isso, tem que se extirpar a cultura do “não pode” nas escolas.

Desde o século XX as novas tecnologias da informação e comunicação vêm transformando a relação com o conhecimento histórico, pois podem ajudar a dinamizar nossa compreensão do passado, democratizar e expandir as possibilidades de protagonismo de diferentes sujeitos históricos, antes tão invisibilizados pelas narrativas que enfatizam os grandes acontecimentos e personagens políticos das nações. Além disso, segundo Lucchesi (2015), as novas tecnologias alteraram as noções de temporalidade e espacialidade, estabelecendo novas formas de relacionamentos sociais, e criando diferentes tipos de registros da atividade humana.

As fontes históricas tiveram uma expansão nunca antes vista com a invenção dos computadores na primeira metade do século XX e do seu desenvolvimento, pois proporcionaram informações instantâneas sobre tudo e todos, sem passar muitas vezes pelo crivo da investigação histórica. Por isso, é necessário que os historiadores se debruem na História Digital para entender a sociedade, pois ainda hoje a temática é pouco trabalhada nas pesquisas historiográficas e do Ensino de História.

Este trabalho explora fontes abundantes nos meios digitais, como sites, redes sociais (*Instagram, Facebook, YouTube, etc.*), porém aborda o cuidado em sua seleção e sugere criticidade, devido às armadilhas que o conteúdo digital apresenta em relação a sua confiabilidade. É o que alerta Lucchesi (2014, p.4):

Segundo Lucchesi, o tratamento das fontes é um dos temas mais preocupantes entre os historiadores italianos da Historiografia Digital, devido ao acesso, manipulação e autenticidade das fontes, pois os documentos digitais são mediados pela tecnologia implicando questões metodológicas à História. Os historiadores vinculados à Historiografia Digital entendem que o uso de documentos digitais na pesquisa histórica implica questões metodológicas, como por exemplo, a “historicização imediata”, critérios para seleção de fontes e, sobretudo, a natureza instável, imaterial e quase inverificável dos documentos digitais, conduzindo a um reexame daquilo que, de fato, caracteriza o trabalho do historiador.

A historicização das fontes digitais deve seguir aspectos para sua averiguação, como: buscar seus autores e intenções; fazer uma seleção criteriosa; salvar arquivos da internet devido ao perigo de desaparecerem da rede, entre outros. Ou seja, é um desafio lidar com a História Digital por ter fontes históricas abundantes, requerendo do pesquisador uma atualização permanente sobre as diferentes fontes e suportes digitais conhecendo suas possibilidades de uso e desuso.

2.2. RECURSOS E MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA NA PERSPECTIVA DA PESQUISA

No Brasil, as primeiras pesquisas sobre os meios digitais apontavam para a importância da atualização dos pesquisadores da área, como sugere Figueiredo (1997, p.440): “O amanhã — nessa velocíssima vertigem que a ciência informática (e o mercado) introduziu — tornará esse artigo obsoleto”.

Passaram-se mais de duas décadas do trabalho de Figueiredo e os desafios continuam para os historiadores e professores de História, tendo em vista que atualmente as possibilidades dos usos da História Digital aumentaram exponencialmente com o desenvolvimento das redes sociais e ferramentas digitais, como muitos arquivos digitalizados, museus *online*, etc. Assim sendo, pretendemos, com esse trabalho, contribuir para a reflexão sobre a História Digital relacionada ao Ensino de História, nos apropriando do que expõe Araújo (2017, p.54) ao tratar das potencialidades do uso da internet na educação, especialmente no contexto da web 2.0.

A web, ou ainda, a internet 2.0, trouxe significativas modificações aos usuários, tais como a participação, a interatividade e a produtividade, ao contrário da 1.0 que concentrava basicamente reprodução, navegação e consumo. Mas o que é mais destacado na internet é a questão da autoria e a capacidade de criação. O professor deve incentivar o aluno à pesquisa e à construção do conhecimento utilizando essas ferramentas de aprendizagem que são chamadas de novas tecnologias digitais, especificamente, a internet. São muitas as vantagens da aprendizagem virtual, dentre elas estão a autoria, a construção, a produção, a dinâmica e a mobilidade que a internet possui.

Portanto, Araújo (2017) identifica que o Ensino de História deve ficar atento às novas demandas tecnológicas proporcionadas pela internet, pois inicialmente, o formato 1.0 possuía caráter reprodutivo e para o consumo, limitando assim seus usos. Todavia, o formato 2.0 da internet traz outras possibilidades que são buscadas pelo Ensino de História, como por exemplo a criação de blogs, sites, livros digitais e o uso das redes sociais. Desse modo podemos estimular os estudantes a interagirem mais com o conteúdo histórico e torná-lo mais dinâmico.

Outro aspecto importante citado por Araújo (2017) é a autoria, em que os estudantes podem, com o uso da internet 2.0, sentirem-se coparticipantes da narrativa histórica. Tendo em consideração que essa narrativa é uma construção dos eventos históricos do passado a partir das questões presentes.

Assim, neste trabalho propõem-se a criação de narrativas sobre a Barra do Aririú por meio de recursos digitais, mobilizando fontes históricas digitais de modo crítico e problematizador.

Em vista disso, os professores de História devem explorar as possibilidades que as novas tecnologias oferecem para levar os estudantes ao protagonismo histórico criando suas próprias narrativas históricas baseadas nas fontes digitais, pois a rede mundial oferece oportunidades através das redes sociais e sites para a interação com instituições e pessoas. Além disso, a criação de narrativas históricas digitais deve circular em diferentes meios digitais difundindo diferentes autorias e promovendo diferentes formas de interpretar o passado.

Como forma de diagnosticar os trabalhos do ProfHistória sobre a temática digital e das tecnologias realizou-se uma busca no site do programa e constatou-se que das mais de quatrocentas dissertações defendidas, até o momento do trabalho, apenas 19 tinham relação com a temática. Inicialmente foi feita a busca pelas palavras-chave fontes digitais, porém não foi encontrado nenhum resultado. Por isso, fizemos uma nova busca pela palavra-chave digital, que levou a 4 dissertações⁹; e com tecnologia encontramos 15 dissertações¹⁰. Percebemos que a temática digital e da tecnologia é cada vez mais abordada, pois é fundamental para estudos históricos, especialmente aqueles relacionados com o tempo presente e o mundo contemporâneo, o que demanda reflexão sobre seus usos pelos pesquisadores presentes e vindouros.

Entre as dissertações, encontramos trabalhos que utilizaram diferentes mídias digitais assim como redes sociais, aplicativos, ferramentas de busca como: os jogos digitais, livros digitais, *podcasts*, *webquests*, dicionário audiovisual, redes sociais, *whatsapp*, mecanismo de busca no *Google*, entre outros. Notamos ainda que muitos pesquisadores trouxeram possibilidades para pensar a História Digital em diferentes temáticas do ensino de História como da África, Ideologias Políticas, Ditadura Civil Militar brasileira, Patrimônios Históricos, Super-Heróis, Relações Étnicos Raciais, etc. Destacarei a seguir alguns desses autores importantes para construir este trabalho.

Moura (2018, p.55) trata sobre as *webquest*:

⁹ Disponível em <https://profhistoria.ufrj.br/banco_tese>. Acesso em 04 de dez. de 2021.

¹⁰ Disponível em <https://profhistoria.ufrj.br/banco_tese>. Acesso em 04 de dez. de 2021.

Portanto, o *WebQuest* é uma metodologia de ensino com grandes possibilidades práticas para ser implementada pelos docentes de História nas suas aulas, já que, possibilita ao aluno ou grupo de alunos, através da pesquisa na internet, de forma orientada, entrar em contato com diversas fontes históricas e registros digitais como imagens, museus digitais, sites de História, *blogs*, *e-Books*, e outros, ou seja, é muito mais que uma simples ferramenta tecnológica, é uma metodologia que vai além do simples registro de dados e memorização dos conteúdos, mas, quando bem estruturada e orientada pelo professor criam situações possíveis aos alunos de aprender a aprender.

Inferimos que a *WebQuest* é uma metodologia de ensino que usa amplamente os recursos digitais, sendo direcionada pelos professores que elaboram um roteiro e perpassam várias etapas para tratar de uma temática e problemática usando assim sites, blogs, livros digitais, etc. No caso da pesquisa de Moura (2018) foi criada uma *WebQuest* para tratar sobre as representações da identidade negra no Brasil¹¹. Neste trabalho, apesar de não se utilizar essa metodologia, a percebemos como outra possibilidade de uso das mídias digitais.

Além desse trabalho, também destacamos as redes sociais virtuais que segundo Moraes (2018) possibilitam usar a ubiquidade, hipertextualidade e colaboração na internet, aspectos que podem ser usados para criação e problematização do conhecimento histórico. Para o seu trabalho Moraes (2018, p.154) usa o seguinte conceito:

A partir dessas noções, elaboramos o conceito que chamamos de Aprendizagem Histórica Digital que pode ser definido como a apropriação crítica do conjunto de conteúdos de História produzidos para as redes sociais online, cuja apresentação faz uso de uma estética midiática. Ela se desenvolve no contexto da Cibercultura, se propõe a pensar uma aprendizagem voltada aos sujeitos os quais classificamos como nativos digitais e se baseia em demandas de aprendizagem da História que se interpõem nessa nova configuração como a Educação Histórica e a Aprendizagem Colaborativa.

Como percebemos, a aprendizagem histórica digital pode ocorrer de uma forma crítica, no contexto e espaço da Cibercultura voltada para os pensadores digitais, de maneira colaborativa. Sendo que esse conceito será mais explorado na sexta oficina. Contudo, as redes sociais *online* não têm como objetivo ensinar História, ou qualquer outro conteúdo disciplinar, por isso precisam ser mediadas pelos professores com objetivo a criar um conhecimento histórico digital e para isso os estudantes necessitam de um letramento histórico digital.

Outra contribuição foi de Araújo (2017, 78) que abordou sobre a importância do uso do *Google* para a pesquisa histórica, lembrando que:

Não podemos comparar o Google como uma instituição, como por exemplo, as universidades. Apesar das intenções do Google quanto ao armazenamento de todas as

¹¹ Disponível em <<https://sites.google.com/site/webtreino2/introducao>>. Acesso em 04 de jan. de 2022.

informações do mundo e de torná-las úteis, não passa de uma empresa e sua intenção maior é a de qualquer empresa privada: o lucro.

Percebemos que o *Google* se transformou em uma das ferramentas mais usadas da internet no mundo e traz conteúdos sobre praticamente qualquer assunto, inclusive os conteúdos históricos. No entanto, como alerta o autor, o mecanismo de busca é de uma empresa que visa o lucro e por isso devemos ficar atentos e críticos ao que ele traz. Assim, o professor de História tem um papel importante no uso deste mecanismo digital, pois necessita ser analisado e mediado para que não incorra em falsas informações e deturpações históricas, bem como precisa refletir sobre a seletividade operada que resulta em dados parciais, limitados, circunscritos ao contexto da pesquisa, assim como sobre a exposição dos dados pessoais e privados de quem realiza a pesquisa.

Todavia, a autora primordial para inspirar este trabalho sobre a História Digital e o ensino de História foi Costa (2019) com sua tese de doutorado apresentada recentemente sobre a relação da cultura digital e o ensino de História. A autora desenvolveu a sua tese em três momentos, primeiro investigando como as tecnologias e o digital aparecem nos currículos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) 1997/1998, nas Diretrizes Curriculares para Educação Básica (DCNEB) de 2013 e na Base Nacional Comum Curricular BNCC 2017/2018. Segundo, procurou as produções de pesquisadores sobre a Cultura Digital no Simpósio Nacional de História (2013, 2015, 2017), o Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História (2012, 2015, 2018), o Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História (2011, 2013, 2017) e as dissertações do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), apresentando um panorama das tendências da temática da cultura digital no ensino de história. E, por último, realizou uma oficina pedagógica com estudantes do sexto ao nono ano da cidade do Rio de Janeiro abordando o ensino de História através de suportes não digitais e digitais.

Ao longo da tese da autora foi possível perceber que a temática digital está sendo cada vez mais desenvolvida nos currículos nacionais, nos encontros dos pesquisadores e particularmente no ProfHistória com muitas possibilidades para se pensar uso das fontes digitais como ferramenta do ensino de História.

Percebemos que o meio digital muitas vezes é usado como reprodução do tradicional, como por exemplo, ao invés de usar a lousa, utilizar os slides, porém sem grandes diferenças pedagógicas. Ao mesmo tempo, o meio digital causa temor em professores que desconhecem

seus usos por se limitarem apenas ao tradicional ou por não terem formação para lidar com tais recursos.

Costa (2019) escolheu usar as narrativas de vida dos estudantes entrelaçadas com fatos locais, nacionais e mundiais através da linha do tempo e buscou identificar as seguintes características: discutindo-se aspectos ligados à datação, à divisão cronológica por idade, à noção de anterioridade, posterioridade, simultaneidade, transformação, frequência e à percepção de como eles operam com os conceitos de passado, presente e futuro.

É importante perceber que a autora fez uso de categorias ligadas à temporalidade, algo próprio do ensino de história, trazendo as narrativas pessoais dos estudantes e localizando-as no tempo para identificar as mudanças e permanências e suas relações com os fatos históricos em diversas aproximações e afastamentos históricos no espaço. Conseguimos assim perceber que o trabalho com o digital também pode abordar questões essenciais ao saber histórico.

A tese de doutorado de Costa (2019) foi importante para este trabalho, primeiro por aprofundar a questão digital no Ensino de História e segundo pela crítica que Costa (2019, p.161) fez em suas oficinas com os estudantes acerca do uso da tecnologia:

Não notei distinção, em termos epistemológicos, entre as produções feitas no jogo e aquelas que foram realizadas no papel, pois o suporte foi utilizado primordialmente em caráter ilustrativo, não havendo elementos que pudessem me permitir inferir aspectos diferenciados da cultura digital.

A autora identifica que o mesmo trabalho no meio digital e no papel não mostraram diferenças substanciais, assim fica o alerta para entender que o meio por si só não garante que a cultura digital faça diferença no aprendizado. Portanto, neste trabalho a proposta didática é explorar alguns dos diferenciais da cultura digital para o Ensino de História.

Entendemos assim que a História Digital traz novas reflexões para o Ensino de História, pois segundo Araújo (2015) a tela do computador e dos dispositivos móveis permitiu novos formatos de texto, imagem e som em um espaço ilimitado de informações que podem ser buscadas a qualquer momento. Porém, sabemos que o usuário deve ter uma boa conexão com a internet no computador com acesso a *wi-fi* ou a pacote de dados nos dispositivos móveis, para ter uma boa qualidade no uso da internet. Além disso, o usuário precisa superar as limitações dos algoritmos da rede que tendem a trazer buscas relacionadas ao nosso histórico de pesquisa, dificultando confrontar diferentes fontes e produções históricas. Pensando no Ensino de História percebemos que as limitações do acesso à rede limitam bastante a possibilidade de um conhecimento histórico sobre as fontes digitais.

Evidenciamos que a História Digital segundo Araújo (2017, p.35) instiga “novas práticas, atitudes, formas e conteúdo, a partir dessas mudanças foram intensificadas e se configuraram historicamente, no que concerne às várias mídias e suportes ainda presentes”; como as vistas nas dissertações disponíveis no ProfHistória através do mecanismo de busca do *Google*, jogos digitais, letramento histórico-digital, livros digitais, *podcasts*, *webquest's*, dicionário audiovisual, redes sociais, *whatsapp*, entre outros. Podemos citar dentre essas dissertações algumas inspiradoras, como a de Araújo (2017, p.58) que usa o *Google* como fonte de pesquisa para buscar as respostas aos problemas históricos criando o conceito de Aprendizagem Histórica Digital. Silva (2018) também elabora um conceito agora de letramento histórico digital para ensinar o uso do digital de forma crítica. Vitória (2018) tratou da intolerância nas redes sociais no contexto da polarização política brasileira, através do uso de memes históricos desenvolvendo o letramento histórico midiático com a intenção de formar sujeitos críticos e atuantes no processo democrático brasileiro.

Considerando as questões propostas pelos trabalhos comentados, acreditamos que a História Digital pode dinamizar a relação dos estudantes com os conhecimentos históricos, pois eles podem ser agentes construtores das fontes digitais, possibilitando maior acesso e contato com o processo de investigação histórica e propagação das fontes nos meios digitais. Araújo (2017, p. 54) também afirma que “São muitas as vantagens da aprendizagem virtual, dentre elas estão a autoria, a construção, a produção, a dinâmica e a mobilidade que a internet possui”. Segundo Lucchesi (2015) a hipertextualidade traz alguns benefícios como: a construção de novos percursos interpretativos para quem pesquisa e escreve e para quem lê e, nesses moldes, se torna, em parte, coautor do trabalho. A escrita hipertextual tem desvelado não só novas configurações de textos, mas também novos conceitos de leitor e de autor. Pretende-se neste trabalho explorar a hipertextualidade com a proposta do uso do Instagram na sexta oficina.

2.3. ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA DIGITAL

Percebemos que os saberes históricos estão se transformando com as possibilidades da cultura digital, com os materiais didáticos digitais, a comunicação interativa e horizontal da internet, as múltiplas narrativas históricas digitais, a inter-relação entre saberes, as múltiplas memórias formadas pelas fontes digitais, e isto altera a própria formação histórica dos docentes.

Para lidar com essas problemáticas e desafios Franco (2021, p.348) elenca alguns pressupostos teóricos:

Um primeiro referencial para embasar as pesquisas que buscam relacionar a cultura digital e o ensino de História é o da Didática da História. Desde final dos anos 1980, Bergmann (1989/1990) destacava a necessidade de professores pesquisadores de História considerarem os saberes e representações históricas em circulação nas mídias e espaços sociais diferentes dos escolares na constituição do saber histórico escolar, uma vez que os primeiros constituem a consciência histórica de estudantes e cidadãos em geral e, portanto, participam do modo como eles se apropriam dos conteúdos históricos ensinados na escola.

A Didática da História consegue perceber que as mídias digitais desde a década de 1980 influenciam no modo de vida e pensar a História de cidadãos e estudantes, porém as demandas no século XXI mudaram como afirma Franco (2021, p.348):

Nos anos 1980, as mídias em evidência eram, principalmente, as mídias audiovisuais, cinema e televisão, mas também a imprensa e o rádio, cujas produções eram veiculadas separadamente, cada uma com uma linguagem específica. Além disso, elas, como meios de comunicação de massa, se baseavam na emissão de um para muitos, no consumo padronizado de informações (SANTAELLA, 2007, p. 196-197). No século XXI, as mídias digitais que ocupam a rede mundial de computadores atendem necessidades e interesses segmentados e personalizados de estratos culturais variados, e possibilitam que todos os conectados sejam, ao mesmo tempo, emissores e receptores, já que são mídias de conversação e não só de informação (LEMOS; LEVY, 2010, p. 44-50). Estas mídias digitais fazem convergir produções audiovisuais, escritas, orais, imagéticas de diferentes fontes (JENKINS, 2009, p. 29-30) em produções hipermediáticas que se tornam importantes meios de formação histórica.

Diante deste contexto o Ensino de História deve dialogar com as novas formas de aprendizagem possibilitadas pela cultura digital de forma a refletir o saber histórico que circula na rede, pois muitas vezes é composto de preconceitos históricos.

Devemos pensar também na inclusão e exclusão digital que segundo Franco (2021, p. 353) “no Brasil, há uma grave exclusão digital que envolve desde o acesso a equipamentos digitais e internet de qualidade até a dimensão de consumo, apropriação, produção de conteúdo”.

Também é necessário pensar no tipo de leitor que tivemos em nossa sociedade ao longo do tempo e suas transformações como cita Franco (2021, p. 355): “Na escola, apesar de ainda hoje se priorizar a leitura contemplativa, baseada na cultura escrita (FRANCO, 2014), professores e professoras de História não conseguem e nem devem querer anular estes leitores imersivos e ubíquos que se formam no acesso às tecnologias digitais de comunicação e informação”.

As oficinas propostas neste trabalho visam formar um leitor híbrido que possa contextualizar, racionalizar, criticar e produzir múltiplas narrativas digitais sobre a Barra do Aririú.

A comunicação faz e refaz os seres humanos e a sociedade constantemente, assim tanto os professores de História como os historiadores devem ficar atentos para as modificações que ela traz que, segundo Santaella (2013, apud ARAÚJO, 2003):

(...) em termos tecnológicos, entende-se por ubiquidade a coordenação de dispositivos inteligentes, móveis e estacionários para prover aos usuários acesso imediato e universal à informação e novos serviços, de forma transparente, visando aumentar as capacidades humanas.

Percebemos que a comunicação ubíqua permite acesso rápido, universal e a todo tempo as informações e serviços da internet possibilitando uma teia de informação nunca antes vista, logo para Santaella (2013, p.18-19) “a ecologia midiática hipermóvel e ubíqua afeta, sobretudo, a cognição humana. Ao afetar a cognição, produz repercussões cruciais na educação”. Essa transformação na comunicação afeta a cultura escolar e o modo de aprender História e traz a questão: como lidar com o desafio da construção do saber histórico?

De modo que, temos outras implicações como das plataformas digitais citadas por Silveira; Souza; Cassino (2021, p.4):

As plataformas, muitas vezes articuladas junto a Estados ricos e poderosos, são enormes máquinas de captura e armazenamento de dados pessoais, responsáveis por criarem bilhões de perfis de usuários, que depois são usados para promover influência comportamental para fins de propaganda comercial, ideológica ou política.

Assim o chamado colonialismo de dados atinge diretamente a vida das pessoas e influencia o presente trabalho na procura por suas fontes, tanto que a maior parte das fontes digitais da Barra do Aririú encontram-se na plataforma das grandes empresas tecnológicas. Avelino (2021, p. 80) indica as táticas usadas pelas grandes empresas de tecnologia:

A oferta de novos serviços é, pois, a principal estratégia para que grandes empresas como Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft extraiam cada vez mais dados pessoais de seus usuários. A partir do processamento desses dados, essas empresas conseguem ofertar serviços personalizados, manter o público cada vez mais presente em suas plataformas e ampliar seus lucros, mediante processos de microtargeting, ou seja, venda de anúncios customizados.

Portanto, a questão da influência do poder econômico na vida das pessoas e na reprodução das fontes digitais deve ser debatida pelos historiadores e professores de História como uma problemática social.

3. HISTÓRIA LOCAL: POR UM SABER HISTÓRICO MAIS PRÓXIMO DO VIVIDO

A História Local é objeto de conhecimento histórico há muito tempo no Brasil segundo Pinho (2016, p.38):

Sabemos que as expressões “história local” e “história regional” são empregadas invariavelmente em contraposição a uma história em escala “nacional” ou “geral”, “mundial”. No Brasil, estes recortes são praticados desde o século XIX, em geral por diletantes, frequentemente ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838. Desobrigados de rigores teóricos e metodológicos, esses historiadores amadores produziram escritos que se caracterizavam pelo viés memorialista e laudatório em que, mais do que uma preocupação com o estudo do passado do lugar, predominava o interesse em exaltar as peculiaridades locais e suas grandes personalidades.

Portanto, a História Local desde o século XIX era praticada por não historiadores que colocavam a perspectiva da História Política no formato da História Local ressaltando grandes acontecimentos e personalidades locais, além das curiosidades da região.

Para Nunes (2020, p.42) a História Local tem suas influências e problemáticas:

Assim, entende-se que a abordagem da história local pressupõe: aspectos teórico-metodológicos correspondentes à herança tributária da Escola dos Annales; adoção da redução da escala microanalítica como ponto de partida metodológico; presença da História em todos os lugares; o local como lugar de experiência e produção de memória; integração das relações sociais estabelecidas no âmbito local com a realidade de outros espaços dentro de uma mesma região e das regiões dentro de um país; inclusão de novos problemas e novos objetos de investigação histórica; estabelecimento de diálogo interdisciplinar com as ciências humanas e outras áreas do conhecimento; ampliação e diversificação das fontes históricas; estabelecimento de relações cotidianas dos alunos com o cotidiano de outras pessoas, em outros tempos e em outros espaços; aproximação física e afetiva dos alunos com as fontes documentais e com os objetos de estudo, como uma condição motivadora para a aprendizagem [...]

Segundo Nunes, a História Local pode, entre outros aspectos, trabalhar com a redução de escalas, partindo daquilo mais perto da memória e do espaço vivido. Também possibilita integrar o saber histórico de diferentes realidades em uma mesma região; relacionar aspectos interdisciplinares das ciências humanas para a construção do conhecimento histórico mais significativo e compreensivo para os estudantes; aumenta as possibilidades de reconhecer fontes históricas mais perto do cotidiano estimulando a aprendizagem histórica.

Além disso, Nunes (2020, p.67) ressalta as diferentes relações que a História Local pode ter das memórias:

Nesse sentido, uma das principais funções do professor ao trabalhar com a história local, é realizar junto com os alunos as análises que permitem entender como são produzidas as memórias por diferentes grupos, nos diferentes espaços e contextos sociais. Faz parte da nossa tarefa se desvencilhar das memórias consagradas “oficiais” tidas como “verdades”; pois, ao invés disso, buscar indícios que nos permitam um distanciamento de tais narrativas, assim como adotar um posicionamento crítico capaz de contrapor-la a outras perspectivas e análises historiográficas.

Deste modo, a abordagem desenvolvida neste trabalho tratará a História Local a partir das diferentes memórias que os pescadores têm sobre seu trabalho na Barra do Aririú, trazendo uma perspectiva mais próxima do vivido da comunidade escolar, pois nos livros didáticos a memória ainda é concebida a partir das personalidades históricas políticas que exercem o poder de governo.

Ao longo da minha experiência como docente utilizando os livros didáticos e conversando com colegas de ofício, percebi que o Ensino de História na Educação Básica é predominantemente marcado por uma História tradicional, eurocêntrica e de acontecimentos político-administrativos centrados nas elites. Isto afasta cada vez mais os estudantes do conhecimento histórico do seu cotidiano e dos lugares que eles têm maior intimidade, como seu município, bairro e escola. Por isso, defendo uma História mais próxima do vivido que tenha maior significado para os estudantes entenderem a relação entre a História Local, nacional e global.

A História Local do bairro mencionado neste trabalho pode ser inicialmente percebida pela criação do povoado de Palhoça ainda no século XVIII:

Da necessidade de criar um refúgio no continente caso houvessem novos ataques a Ilha de Santa Catarina, fez com que em 31 de julho de 1793, o Governador Cel. João Alberto de Miranda Ribeiro enviasse ofício n. 07 ao Conde Rezende, vice-rei do Brasil. No ofício, o Governador incumbiu a Caetano Silveira de Matos a construir palhoças para guardar farinha na estrada que ia para Lages. Nesta data, deu-se a fundação do povoado. No início, as tropas de gado que abasteciam a Ilha desciam a estrada de Lages até o Morro do Tomé e de lá vinham margeando a praia até a desembocadura do rio Maruim, onde parte iam para freguesia de São José e parte atravessavam o canal até a localidade de Ribeirão da Ilha.¹²

Este é o início da História do município contado por um texto oficial no site da prefeitura, no qual evidenciamos um apagamento da História dos povos nativos, como os indígenas. A narrativa é centrada na figura dos colonizadores portugueses que buscavam seus interesses mercantilistas. Percebemos que a História do município de Palhoça é iniciada com a colonização portuguesa da Ilha de Santa Catarina (atual Florianópolis), servindo como um lugar

¹²Prefeitura de Palhoça. História do Município. 2021. Disponível em <<https://palhoca.atende.net/cidadao/pagina/historia-do-municipio>>. Acesso em 07 de dez. de 2021.

para abastecimento e descanso, assim fundou-se o povoado palhocense. Também identificamos que o Morro do Tomé na Barra do Aririú foi importante como caminho até a Ilha de Santa Catarina.

Segundo (Silva 2005, p.46) a ocupação de Palhoça foi feita principalmente nas regiões de mangues e pode ser dividida segundo Silveira (1999, apud Silva 2005 p, 46) da seguinte forma:

(...) a história do povoamento de Palhoça está dividida em quatro períodos: o primeiro, Agrícola-Pescador (1793-1882), quando o município ainda era um pequeno vilarejo e suas atividades econômicas estavam voltadas à pesca e à produção de farinha de mandioca. O segundo, dos Transportes (1882-1926), quando servia de entreposto de mercadorias entre a Vila de Lages e Desterro, com inúmeras empresas de transporte que faziam a travessia entre o continente e a Ilha de Santa Catarina. O terceiro período é o da Decadência (1926- 1975), que teve como principal fator a conclusão da Ponte Hercílio Luz em 1926. Com ela as mercadorias, transportadas em carroças, passaram a seguir direto à Ilha de Santa Catarina. Palhoça não era, assim, mais necessária como entreposto. O quarto período, o da Retomada do Desenvolvimento (a partir de 1975), se deu com a construção da BR 101 e a instalação do distrito industrial. Com isso, o município passa a receber um grande número de migrantes em busca de trabalho.

Segundo um dos historiadores e memorialistas mais famosos da Palhoça, Claudir Silveira (1999, apud Silva 2005), o centro do município de Palhoça teve grande parte do seu território construído em áreas de mangues. Em outros bairros também não foi muito diferente do centro palhocense.

Analisamos também as fases de ocupação do território palhocense pelos colonizadores e habitantes, ressaltando que, muito antes da chegada dos europeus, os nativos indígenas habitavam esta região. Lembramos também que as fases servem apenas como parâmetro para entender a história do município e não são regra, pois uma etapa também tem continuidade na outra. Sabendo disso, percebemos que na primeira fase da colonização de Palhoça os engenhos de farinha e a pesca eram a base da economia e no segundo período do final do século XIX e início do XX os transportes de mercadorias para Ilha de Santa Catarina se destacam. No entanto, com o funcionamento da ponte Hercílio Luz, a travessia pelo mar passou a ser principalmente de carroça e a economia de Palhoça decaiu. Somente a partir da década de 1970 é que o município se transformou em local de atração para as migrações em busca de trabalho e moradia com preços mais acessíveis.

Notamos também que a região da Barra do Aririú desde o final do século XX é uma região densamente povoada do município palhocense. Segundo Silva (2005, p.79) é nessa região onde se localizavam o Loteamento Clarice e o bairro fronteiro Rio Grande, que,

segundo o IBGE (2000), é a terceira região mais populosa de Palhoça, ficando atrás apenas da Ponte do Imaruim e da Sede do município.

Segundo Farias (2004, p.203), a lei municipal de 13 de setembro de 2004 instituiu no município de Palhoça em Santa Catarina a existência de vinte bairros:

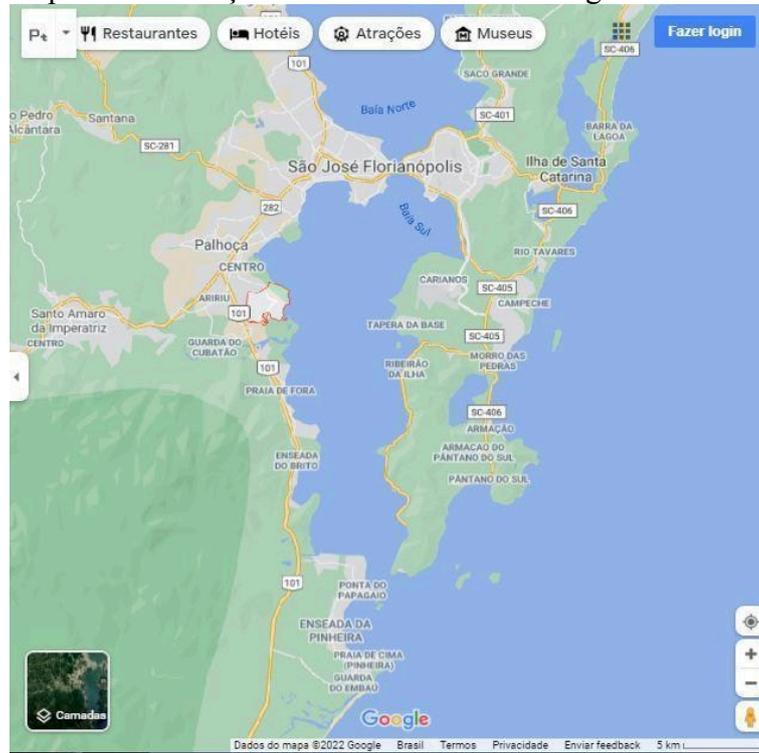
Ponte de Maruim: Jardim Eldorado; Passa Vinte; Caminho Novo; Bela Vista; São Sebastião; Pedra Branca; Aririú; Guarda do Cubatão; Pachecos; Rio Grande; Barra do Aririú; Aririú da Formiga; Praia de Fora; Enseada de Brito; Massiambú; Praia do Sonho; Ponta do Papagaio; Pinheira, Guarda do Embaú.

Percebemos que os bairros de Palhoça estão cada vez mais aumentando por ser uma região de atração de migrantes, o que vem resultando na procura por terrenos. Por isso, em 2004, a prefeitura palhocense instituiu o número e nome dos bairros para melhor administrar as necessidades de cada região do município. Assim como a capital de Santa Catarina, o município de Palhoça tem um crescimento populacional vertiginoso, pois segundo Farias (2004, p.87) o censo de 1970 apontava para o total de 8.668 habitantes e em 2004 saltou para 120.346¹³, ou seja, um crescimento de 1400 %, trazendo muitos problemas sociais.

A Barra do Aririú fica na baía sul (região contornada em vermelho no município de Palhoça) ao lado da capital de Santa Catarina:

¹³ Atualmente a população estimada do município de Palhoça é de 178.679 habitantes. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/palhoca/panorama>>. Acesso em 15 de out. de 2020.

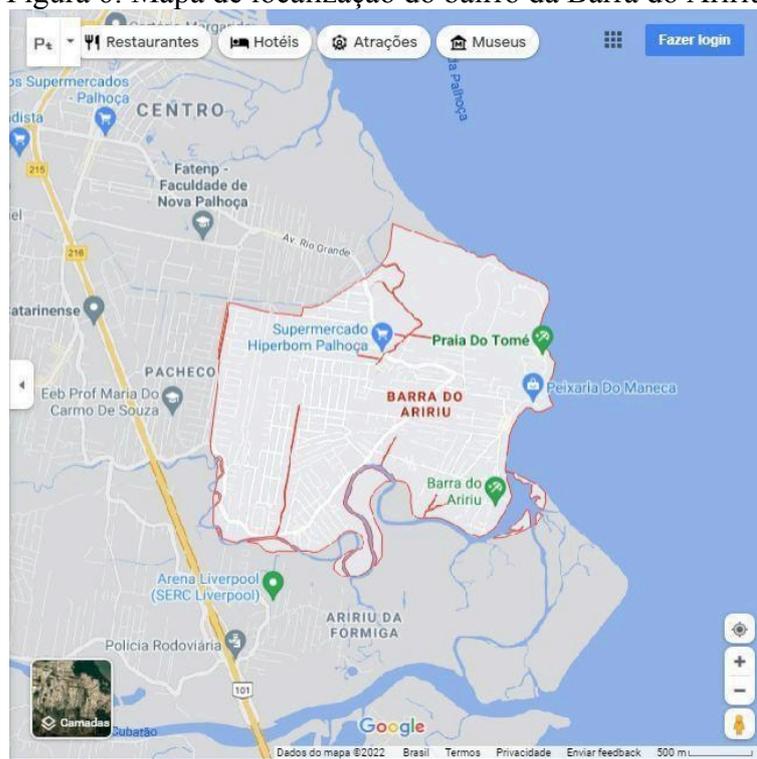
Figura 5: Mapa de localização da Barra do Aririú na região da Baía Sul.



Fonte: Disponível em <<https://shre.ink/kMGr>>. Acesso em 06 de jan. de 2022.

Como podemos observar no mapa, a Barra do Aririú tem sua costa banhada pelo Oceano Atlântico o que é favorável para a atividade pesqueira. Segundo Mattozo (1986, p.3) a Barra do Aririú no século XIX e XX era famosa por ter muitos peixes, e também por ser uma ligação de Palhoça com a Ilha de Santa Catarina (atual Florianópolis) por meio da qual as embarcações levavam e traziam mercadorias para a capital do estado. Atualmente, a Barra do Aririú fica a cerca de 30 quilômetros da capital do estado de Santa Catarina e localiza-se na seguinte região do município:

Figura 6: Mapa de localização do bairro da Barra do Aririú.



Fonte: Disponível em <<https://shre.ink/kMGs>>. Acesso em 06 de jan. de 2022.

Suas fronteiras são: a leste o Oceano Atlântico, ao sul o bairro do Aririú da Formiga, a oeste o bairro Pachecos e ao norte o bairro do Rio Grande, sendo que todos estes bairros têm um considerável nível de urbanização.

No que compete à história do bairro, encontramos na biblioteca do Centro Educacional Porta do Céu o livro do historiador Matos (2010) intitulado: Barra do Aririú como você nunca viu. Além disso, procuramos na Biblioteca Municipal de Palhoça, outros livros que tivessem como tema principal a história da Barra do Aririú, porém não encontramos.

No entanto, encontram-se na Biblioteca Municipal obras sobre outros bairros palhocenses, que apesar de não terem ligação direta com a Barra do Aririú propiciam um panorama de como os bairros de Palhoça estão sendo abordados pela historiografia e grupos memorialistas. Temos a obra denominada “Furadinho: fragmentos de sua História” de Antônio Manoel da Silva, que trata sobre essa localidade de maneira densa em uma obra com mais de 500 páginas¹⁴. Além disso, por meio da internet também foi possível identificar um livro

¹⁴ Disponível em <<https://www.touchelivros.com.br/livro/furadinho-fragmentos-de-sua-historia/>> Acesso em 04 de dez. de 2021.

referente ao bairro palhocense Alto Aririú¹⁵. Sabendo que atualmente Palhoça possui cerca de trinta bairros¹⁶ percebe-se que existe muito a escrever sobre a sua história.

Como dito, uma das poucas obras que se preocupa em contar a História do bairro de uma maneira historiográfica e aprofundada é a de Matos (2010) intitulada: “Barra do Aririú como você nunca viu”. O autor mostra em seus agradecimentos os motivos que o levaram a escrever sobre a História do bairro: primeiro por ser descendente de açoriano, por nascer, crescer, casar e ter filhos e morar na Barra do Aririú; segundo por ter se graduado em História; terceiro pelo anseio de “resgatar” a História do Bairro. Percebe-se ao longo da obra que o autor se baseia em seu trabalho de conclusão de curso em História, que também possui cunho memorialista e intimista, por se tratar do bairro em que ele tem intensos laços afetivos.

Nessa obra, Matos (2010) traz uma rica narrativa sobre o bairro. Segundo o que consta na contracapa do livro, Marcos é natural de Palhoça do bairro da Barra do Aririú, ele é graduado em História pela Faculdade do Vale do Itajaí - Leonardo Da Vinci- Uniasselvi, polo Florianópolis em 2009 e pós-graduado pela mesma Faculdade em 2010 na área de Metodologia de Ensino de História, além de possuir especialização em Teologia pela Unasp, polo Florianópolis, com conclusão em 2002. Atuou como professor de História em 2008 no Colégio Dom Jaime Câmara de Barros no bairro palhocense do Bela Vista; em 2009 atuou na Escola Reinaldo Weingartner, a maior escola do bairro da Barra do Aririú que tem cerca de 1300 estudantes e fica próxima ao Centro Educacional Porta do Céu. Atuou também em 2010 na Escola Nossa Senhora de Fátima (Educação de Jovens de Adultos) no bairro palhocense do Aririú, foi professor de cultura do município na Casa da Cultura na Enseada de Brito e organizou o livro: Raízes Açorianas de Palhoça, publicado em 2009.

Podemos evidenciar que Matos é importante figura no município de Palhoça quando se trata de narrar a História Local, principalmente em relação a Cultura Açoriana, sendo também atuante como professor do Ensino Básico e do EJA, tendo grande ligação com a Barra do Aririú, por ser natural e morador do bairro. Apesar de mencionar outros povos, a narrativa de Matos é marcada pela perspectiva da valorização da cultura açoriana e dos costumes e tradições do bairro, como a pesca.

No que tange a herança cultural, podemos entendê-la como costumes que são passados de geração em geração e que se mantêm ou se perdem dependendo da sociedade e do tempo. Os pontos principais para refletirmos sobre a herança cultural são a seleção de alguns costumes

¹⁵ Disponível em <<http://www.academiadeletrasdepalhoça.com.br/phocadownload/Acervo.pdf>>. Acesso em 04 de dez. de 2021.

¹⁶ Disponível em <<https://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/cidade/palhoça-sc-br/>>. Acesso em 04 de dez. de 2021.

em detrimento de outros, os estereótipos e preconceitos que carregam, as barreiras que criam em relação ao novo e ao diferente.

Por fim, tratando da pesca, sabemos que existe desde as primeiras comunidades humanas como parte da subsistência dos primeiros seres humanos, pois esses eram em sua maioria nômades e aproveitavam esse recurso para sobreviver nos mais variados locais do planeta. Indo para os povos indígenas que habitavam o Brasil antes da chegada dos portugueses, temos a pesca como base alimentar, junto com a caça e coleta, sendo os indígenas exímios pescadores. Com a chegada dos portugueses a partir do século XVI, temos a pesca de subsistência expandida para uma atividade econômica que aproveitava nosso imenso litoral para exportar produtos do mar, como a carne de baleia.

Na perspectiva de Matos, a pesca é tratada como a principal atividade econômica da Barra do Aririú no passado açoriano. Atualmente perdeu espaço para a indústria e comércio, devido a urbanização do bairro, ao aumento das oportunidades no setor secundário e terciário, além dos problemas ambientais, como poluição dos rios e mares e ocupação das áreas de mangues, como percebemos ao longo deste trabalho.

Seguindo adiante, inferimos que os espaços também carregam sua história que deve ser investigada por professores de História e historiadores. Nessa primeira fonte digital a narrativa histórica destaca as belezas naturais do bairro, focando na região do aterro da praia, hoje o famoso Parque da Barra do Aririú que foi construído em 2016. O bairro é uma enorme área de mangue que teve de ser aterrado em prol da habitação e expansão do bairro.

Percebemos que a ênfase nas belezas naturais do território nacional é algo recorrente desde a chegada dos portugueses ao Brasil, em que Pero Vaz de Caminha ressalta as belezas naturais da então Terra de Vera Cruz. Viajantes e também artistas europeus como Jean Baptiste Debret, novamente mostram as terras brasileiras como repletas de maravilhas naturais. Porém, atualmente a narrativa que ressalta as belezas paisagísticas do bairro tem grande influência da atividade econômica do turismo, que gera muito lucro para as várias regiões do Brasil.

Identificamos, ao longo da leitura das fontes digitais da pesquisa que a narrativa ambiental, na maioria das vezes, está em conflito com os interesses econômicos do desenvolvimento da Barra do Aririú, cuja expansão afetou diretamente o meio ambiente e a atividade pesqueira.

Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento espacial ocorreu, os pescadores sofreram prejuízos, pois suas fontes de trabalho, rios, mares, peixes e indiretamente os mangues, por ser o berço da vida marinha, foram afetadas e a pesca até então uma das principais fontes de subsistência dos moradores diminuiu drasticamente, levando a maioria dos habitantes do bairro

para outros setores e regiões do município palhocense como da grande Florianópolis, migrando para os setores da indústria e prestação de serviço. Esses argumentos são endossados pelo historiador Marcos João Matos, citado neste trabalho como um dos únicos que tratou da História do bairro de maneira aprofundada.

Entendemos que a História dependente de poucas ou uma narrativa, como no caso da Barra do Aririú com o historiador Matos, corre o risco do apagamento das múltiplas perspectivas sobre o bairro e do empobrecimento da valorização da diversidade étnica e cultural. Sendo assim, as fontes digitais também devem ter as suas autorias e perspectivas históricas questionadas para evitar uma História única ou cristalizada.

Matos (2010, p.13) descreve a Barra do Aririú¹⁷ com área aproximada de 6.341 km, colonizada inicialmente pelos açorianos e afrodescendentes, mais tarde por espanhóis, italianos e alemães. Também acrescenta que os homens de sambaqui habitavam a região há mais de 2000 anos atrás, sendo substituídos pelos nativos indígenas do tronco tupi-guarani. Provavelmente a primeira família portuguesa a fixar moradia no bairro foi de Tomé de Souza em 1810. (MATOS, 2010, p.21) O autor também destaca que os descendentes de açorianos e colonizadores da Barra do Aririú dependiam tanto da agricultura (mandioca, batata doce, etc.) e principalmente da pesca para sua subsistência, por isso desenvolveram habilidades que constituem o saber fazer dos pescadores e formaram o mercado dos vendedores de peixes. (MATOS, 2010, p.35 e 40)

Outro texto que trata do bairro é o trabalho de conclusão de curso em jornalismo de Mattozo (1986, p.1), que tem como objetivo perceber a influência da televisão no modo de vida das crianças, além de analisar as mudanças ocorridas em várias gerações da Barra do Aririú. Segundo Mattozo (1986, p. 3):

Reza a lenda que o pequeno e simples bairro da Barra do Aririú nasceu de um punhado de terra lamacenta onde existia um único galho de mangue. Aos poucos, o mar foi jogando areia, que juntando-se à terra formou, ao longo do tempo, o traçado de uma baía.

Percebemos nesta descrição a tentativa de explicar como surge este bairro palhocense. A explicação está relacionada às características que até hoje fazem parte do bairro, como os mangues, a areia da praia e a baía palhocense que se encontra com a da capital formando a baía sul. Mattozo (1986, p. 40 e 41) conta que os antigos diziam que o rio Aririú que faz parte do

¹⁷ Segundo Matos (2010, p.27) o nome Barra do Aririú deriva de Barra que é o encontro das águas do rio com o mar e de Iririú que significa rio de muitos peixes, porém esse nome com o tempo foi modificado verbalmente por ser mais fácil a pronúncia para Aririú.

nome do bairro tinha sido um peixe brilhante enviado por Deus para cuidar do mar, pois era de lá que vinha o sustento dos pescadores. Porém, com o tempo, o peixe brilhante ficou triste devido à poluição e o aparecimento de tubarões e atualmente o peixe brilhante passa somente no mar mais profundo. Além disso, é ressaltado que os pescadores não entendiam os motivos e mistérios de o rio proporcionar tantos peixes, tanto que as redes muitas vezes estouram ou vinham estufadas de peixe como a anchova, espada e cocorocas etc.

Em termos espaciais o rio Aririú segundo Fagundes (2015, p.18):

(...) nasce no Morro dos Quadros na divisa entre Palhoça e Santo Amaro da Imperatriz e percorre 9 km até sua foz, que possui 90 metros de largura e sofre constantemente com o processo de assoreamento. Este rio dá nome a um dos bairros mais antigos do município, a Barra do Aririú, que conta hoje com mais de 10 mil moradores.

Na região de Palhoça temos vários rios que passam pelo município com importante papel natural e social para esta sociedade. Assim como as regiões afastadas dos centros urbanos dos municípios brasileiros, a Barra do Aririú começou seu processo de urbanização e ocupação, segundo Mattozo (1986, p.21), somente na década de 1960 quando foi instalada uma rede de abastecimento de água no bairro. Foi também nessa época que chegaram os primeiros televisores e foi criada uma linha de ônibus para ir até a capital de Santa Catarina. Nesse momento, a pesca tornou-se secundária na economia e sustento dos habitantes da Barra do Aririú.

Para Mattozo (1986, p.27), a pesca na região foi prejudicada principalmente a partir da década de 1980, quando chegou à pesca industrial. Ele também enfatiza com o depoimento do geógrafo Zulmar José Martins, nativo do bairro, as más condições de trabalho dos pescadores da Barra do Aririú, que na década de 1980 sofriam com poucos direitos trabalhistas e as redes ilegais de pesca que causavam a diminuição da quantidade do pescado. Na mesma década de 1980, Mattozo (1986, p.30) enfatiza o problema dos resíduos tóxicos que desaguam no rio Cubatão e a construção da BR-101 que afeta diretamente a flora e a fauna da Barra do Aririú.

Segundo Farias (2004, p. 24 e 27) em 1797 foram inventariados pelo então presidente da Capitania de Santa Catarina João Alberto de Miranda Ribeiro a relação da flora e fauna da ilha de Santa Catarina e suas jurisdições (como a futura Palhoça) e os animais marinhos ainda estão presentes na região da Palhoça e da Barra do Aririú como os citados bagres, camarão, parati, corvina, cocoroca, entre outros.

Farias (2004, p.175) aponta que a pesca artesanal no município de Palhoça foi reduzida no início do século XXI devido à diminuição dos peixes, falta de incentivo a atividade

pesqueira, porém a maricultura foi estimulada sendo uma fonte de renda para os pescadores artesanais.

As narrativas palhocenses e catarinenses também tratam da presença alemã e italiana, mas silencia sobre povos africanos, afrodescendentes e indígenas. A Barra do Aririú teve presença dessas etnias em sua formação e assim como Palhoça também recebeu a migração dos povos alemães, italianos, entre outros. Inclusive Matos (2010, p.139) trata das famílias mais tradicionais do bairro e entre elas percebemos os sobrenomes alemães, italianos, espanhóis e portugueses.

Além disso, a ocupação tanto de Palhoça como da Barra do Aririú foi acelerada a partir das últimas décadas do século XX, causando o aumento vertiginoso da população e também do aumento dos problemas ecológicos como a degradação dos mangues, mares e biomas naturais. Assim, neste contexto, os pescadores artesanais perdem cada vez mais o seu meio de sustento e sua identidade como grupo tradicional da Barra do Aririú, relacionado ao mar e as memórias sobre a pesca, seus artefatos e o saber fazer do seu ofício.

Percebemos que a pesca foi essencial para o sustento das pessoas por séculos no Brasil Colonial e dela participavam os mais diversos grupos sociais como índios, africanos, brancos livres e pobres, porém, pela lógica da colonialidade, eram considerados povos subalternos e inferiorizados. Atualmente, os pescadores continuam sofrendo com o pensamento gerado pela colonização, pois são vistos muitas vezes como improdutivos, preguiçosos e atrasados. Assim temos reflexos de nosso passado colonial acirrando cada vez mais as desigualdades sociais. Lucena (2018, p.29) alerta para a situação dos pescadores:

Os pescadores são obrigados a enfrentar a dinâmica do sistema capitalista, que provoca a especulação imobiliária das regiões litorâneas, urbanização, ocupações desordenadas, desmatamento do ecossistema marinho e impacto ambiental, devido à instalação de indústrias nestas regiões, cujos impactos negativos, muitas vezes, são irreversíveis ao ambiente costeiro e uma ameaça à sobrevivência dos pescadores.

Novamente o paradigma da Modernidade criado pelos europeus privilegia alguns grupos em detrimento a outros, desrespeitando a natureza e causando impactos muitas vezes irreversíveis para os diversos ecossistemas marinhos e para aqueles que vivem da pesca. Sendo que inúmeras famílias usam o imenso litoral nacional para a pesca artesanal e como seu principal sustento.

Portanto, a ciência moderna conhecida por sua sistemática metodologia, generalização das diferenças e valorização dos conhecimentos que perpassam pelo seu filtro deve (re)conhecer saberes outros que são tão importantes como o científico para perceber a alteridade dos

indivíduos e dos grupos sociais, independentemente de suas origens ou formas de expressão, criando assim a possibilidade de outros saberes.

De acordo com Martins (2004, p.54), a Barra do Aririú é propícia para a Maricultura:

Na localidade da Barra do Aririú, o local de criação selecionado é protegido da ação violenta dos ventos, ondas e demais eventos naturais que possam ameaçar continuamente o cultivo. A existência de correntes de água garante um fluxo de nutrientes para alimentação das ostras e renovação das águas ocupadas. Além disso, as condições de salinidade e temperatura são propícias, sendo esta uma característica observada em uma grande parte da área costeira desta região.

A malacocultura¹⁸ que abrange os cultivos marinhos é uma das formas do sustento garantida do pescado artesanal, mas em princípio precisa de investimentos para sua realização. Essa atividade ajuda na economia familiar dos pescadores nos momentos em que o pescado não é tão próspero e configura Santa Catarina como uma das mais importantes regiões no cultivo da malacocultura no Brasil.

Outra parte de destaque na Barra do Aririú são os manguezais que, segundo Santo (2004, p.15), “Através do decreto municipal nº 428/96 de 13 de maio de 1996, os manguezais da Palhoça e da Barra do Aririú foram transformados no Parque Municipal dos Manguezais. ” Entretanto, a criação da Reserva não facilitou a fiscalização (PALHOÇA, 1996). Segundo Santo (2004, p.63) ocorreu a degradação desse meio ambiente:

Através deste estudo foi possível constatar que os manguezais, principalmente o Manguezal da Palhoça, apresentaram significativa redução de área, ressaltando a finalidade de construção urbana. Este fato demonstra que o município da Palhoça não aplicou um planejamento urbano adequado respeitando as áreas de preservação, o que ocasionou a degradação de grandes áreas de seus manguezais.

Sabendo que os mangues são berços da vida marinha, analisa-se que os pescadores artesanais tenham sua atividade pesqueira prejudicada e cada vez mais perdem o seu sustento devido ao acelerado processo de urbanização ocorrido no município de Palhoça e também em menor grau na Barra do Aririú, por ser uma região costeira.

De maneira geral, os diversos autores citados que tratam da Barra do Aririú em suas pesquisas caracterizaram-se por buscar respostas sobre as questões ambientais, urbanísticas,

¹⁸ As ostras, os mexilhões e as vieiras (coquilles) são moluscos que, por terem duas conchas, são conhecidos como bivalves (duas valvas ou duas conchas). A atividade do cultivo de moluscos é conhecida genericamente como “malacocultura”. Mas, quando se trata especificamente do cultivo de mexilhões, esse cultivo também pode ser denominado de “mitilicultura”, da mesma forma que se for de ostra, pode ser chamado de “ostreicultura”, ou ainda, se o cultivo for de vieiras (coquilles ou pectens) poderá ser chamado de “pectinicultura”. Disponível em <<https://panoramadaaquicultura.com.br/panorama-da-malacocultura-brasileira/>>. Acesso em 05 de jan. de 2021.

sociais, da malacocultura, com exceção de Matos (2010) que abrangeu diversos aspectos da História, Geografia, Cultura e Sociedade. Por isto, constatamos uma necessidade de desenvolver muito mais sobre a História do bairro.

À vista disso, mesmo antes do levantamento bibliográfico sobre a Barra do Aririú, os pescadores foram escolhidos como objeto da pesquisa, ciente que é uma escolha dentro de um universo de possibilidades que a História Local do bairro proporciona. A escolha partiu do princípio que o bairro tem condições propícias para as atividades pesqueiras, devido ao seu litoral ser voltado para o mar e muitos estudantes responderam no questionários que possuíam parentes que pescavam ou eles mesmos faziam a pesca.¹⁹

No que tange ao entretenimento na Barra do Aririú, temos como destaque há alguns anos a maior área de lazer do município: chamado de Parque da Barra do Aririú. Em 2019 a área foi ampliada e conta com cerca de 10 mil metros quadrados²⁰. No parque foi erguido um monumento em homenagem aos pescadores, feito pelo artista palhocense Wando Cunha.

Figura 7: Escultura dos pescadores e Wando Cunha, no Parque da Barra do Aririú.



Fonte: Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BM1fkDKje3z/>>. Acesso em 29 de nov. de 2021.

¹⁹ Pensando em conhecer os sujeitos que inspiraram esse trabalho e o seu conhecimento sobre a História Local e as possibilidades da História Digital foi aplicado um questionário com dez perguntas em 13 de julho de 2021 com a turma do nono ano do Centro Educacional Porta do Céu localizado na Barra do Aririú em Palhoça (SC). Esse trabalho ocorreu em uma das aulas de História do 2º bimestre de 2021, quando expliquei para os estudantes sobre a minha pesquisa de mestrado e coloquei na lousa as dez questões sobre o bairro para serem entregues na aula.

²⁰ Disponível em <<https://portalpalhoca.com.br/noticias/comunidade/palhoca-inaugura-melhorias-e-ampliacao-do-parque-da-barra-do-aririu>>. Acesso em 29 de nov. de 2021.

No que compete à História do bairro temos pouco ou quase nada disponível na internet, geralmente a história do bairro é vista como um reflexo da história palhocense. Um exemplo é o site da prefeitura, onde também são enfatizadas as belezas naturais das suas praias, flora e fauna, além de notícias referentes às especulações imobiliárias, casos criminais. O bairro também é objeto imagético nas redes sociais *online*.

Finalmente, embora não haja um abundante material em meio digital disponível sobre a histórica local do bairro, pretendemos contribuir para o a investigação e o desenvolvimento sobre as fontes digitais da Barra do Aririú.

3.1. ABORDAGEM E DESAFIOS DAS FONTES DIGITAIS DA BARRA DO ARIRIÚ

A História Local é um conceito do campo da História que visa abordar a história dentro de recortes mais específicos como do município, do bairro, da cidade, localidade e comunidade. No entanto, no Ensino de História ela é marginalizada levando os estudantes a saberem mais da História de outros países do que a do seu município ou bairro. Nesse sentido, percebemos a necessidade de explorar a História da Barra do Aririú.

Segundo Cavalcanti (2018, p.274) a História Local traz inúmeros questionamentos, como: “O que se entende por local? Local em relação a quê? Para quem? O que é local para uns pode, igualmente, ser global para outros”. Compreendemos que a palavra local tem relação com o espaço, no entanto, somente isso pode levar a uma multiplicidade de sentidos, pois um fato histórico pode ser concomitantemente local e global. Por exemplo, a construção de Brasília foi um fato local para esta região, porém ele teve desdobramentos que repercutiram na História nacional e global, pois é a atual capital do Brasil.

Do mesmo modo, se o local não é limitado ao espaço, pois todos os acontecimentos estão limitados a um espaço-tempo, então qual será seu ponto base para análise? Conforme Cavalcanti (2018, p.285) “O espaço – seja ele nomeado como local ou global – é uma construção política e simbólica, antes de ser físico-geográfica, porque são as práticas políticas e as relações de poder que nomeiam, inventariam e produzem sentido, visibilidade e reconhecimento do espaço físico”.

Além disso, Cavalcanti (2018, p.283) destaca outros aspectos importantes para refletirmos sobre a História Local como:

Assim, seja entendendo a história local como uma história “pequena” ou como uma história “do entorno”, como uma história “coesa e passível de ser estudada em sua totalidade”, uma história como “consequência de outra história ‘maior’”, é recorrente a interpretação que associa a história local a um espaço físico-geográfico, em uma relação de determinação.

Percebe-se que a abordagem da História Local perpassa por esses vários aspectos que podem causar um reducionismo no seu entendimento se não forem tratados de maneira reflexiva.

Primeiro, muitos entendem a História Local como uma História menor que outras, se comparada a uma História em recortes mais amplos como a nacional e global, pois seus fatos não se estendem além do espaço local, o que percebemos ser equivocado. Pereira (2017, p. 111) reflete sobre o embate entre a História Maior e Menor:

Por meio desse movimento a aula de História se torna uma experiência, já que a história maior ensina por meio do caminho único da inteligência, definindo causas, descrevendo processos, indicando nomes e datas, a história menor permite aos (as) alunos (as) experimentar o acontecimento, partilhar saberes, aprender com o inusitado da experiência do outro.

De acordo com o autor, a História Maior busca a racionalização dos fatos históricos através de modelos preestabelecidos e a História Menor valoriza as múltiplas experiências e saberes outros. Neste trabalho buscaremos ressaltar esse viés micro e vivo da História Local da Barra do Aririú.

O segundo aspecto é entender que uma História em menor escala de espaço pode ser compreendida em sua integridade. Todavia, isso não condiz com a realidade da Ciência da História, pois ela será influenciada pelas problemáticas e escolhas do historiador, além das possibilidades e limitações dos contextos históricos. Assim a História Local não pode ser compreendida como sendo o passado em sua totalidade.

Por último, como dito, a História Local não está atrelada somente aos recortes espaciais, pois as menores escalas de observação da História podem ter relação com as maiores e vice-versa.

No que compete ao Ensino de História, Fonseca (2006, p. 128-129) ressalta as dificuldades mais frequentes que os professores encontram como: muitas vezes os estudantes pensarem de forma separada os diversos níveis espaciais de análise histórica (Local, Regional, Nacional, Global), por criarem conceitos como de comunidade que escondem as divisões e lutas sociais locais, pela reprodução dos currículos oficiais na perspectiva política, em vista de contar as origens e evoluções do local para alcançar o progresso. Além disso, a maioria das narrativas

históricas locais é produzida pelos órgãos oficiais e as classes hegemônicas com o fim de manter seu poder.

Por outro lado, Fonseca (2006, p. 137) aponta para as vantagens de aprender História Local a partir das entrevistas:

O trabalho investigativo e interdisciplinar, a partir do cotidiano da criança e do jovem, por meio de fontes orais, ganha novas dimensões, na medida em que possibilita a problematização e a reflexão sobre a realidade que o cerca. Os alunos são motivados a levantar os testemunhos vivos, as evidências orais da história do lugar, buscando explicações: porque esta situação é assim? Por que isto mudou e aquilo permaneceu? As interrogações sobre o local em que vivem podem levar à busca de sentido, à compreensão do próximo e do distante, no espaço e no tempo. A História tem o papel de auxiliar o aluno na busca de sentidos para as construções e reconstruções históricas. Espaço e tempo não são duas categorias abstratas, mas preenchidas de historicidade.

Assim a História Local possibilita aos estudantes o saber histórico mais perto do vivido, dando maior compreensão sobre as narrativas históricas que auxiliam a entender as mudanças e permanências do passado no cotidiano.

Além disso, a História Oral pode preencher vazios dos documentos oficiais, pois, a memória dos entrevistados muitas vezes não segue uma dimensão política e busca aquilo que é mais evidente no cotidiano. Contudo, os relatos coletados dependerão dos temas e perguntas que o historiador e professor de História deseja responder, trazendo assim, ao mesmo tempo, perdas e ganhos no saber histórico.

Também cabe ao historiador e professor de História realizar o que Samuel (1989, p.238) aponta como a natureza da evidência das fontes:

[...], se está sendo contada em primeira, segunda ou terceira mão, se são boatos e mexericos ou se é o testemunho de uma experiência diretamente pessoal, ou o “fólclore” polido pela repetição frequente, e elaborado pelas artes dos contadores de estórias, ou ainda a revelação surpreendente dos incidentes há muito tempo enterrados no inconsciente.

Do mesmo modo, pretende-se neste trabalho exercitar a análise histórica dos relatos orais dos pescadores e identificar suas evidências e contribuições para elaboração da História da Barra do Aririú.

Também temos o propósito de investigar os sujeitos históricos muitas vezes esquecidos pelos currículos de História e pela própria História Local oficial. Segundo Santos (2007) a ciência moderna conhecida por sua sistemática metodologia, generalização das diferenças e valorização dos conhecimentos que perpassam pelo seu filtro deve (re) conhecer saberes outros que são tão importantes como o científico para perceber a alteridade dos indivíduos e dos grupos

sociais, independentemente de suas origens ou formas de expressão, criando assim a possibilidade de uma ecologia de saberes.

Atualmente, outros saberes devem ser valorizados no Ensino de História, pois temos marcas do eurocentrismo em nossos conteúdos didáticos que ainda ressaltam uma História linear centrada na Europa que perpassa os grandes acontecimentos políticos e econômicos do país dando pouca importância a outros personagens subalternos. Compete ao professor de História proporcionar outras abordagens como a de uma História Local em que os estudantes podem se reconhecer como protagonistas.

Percebemos que por muito tempo a colonialidade do saber voltou sua atenção somente para os grandes acontecimentos políticos e econômicos como a chegada dos portugueses no que seria o Brasil, nos ciclos econômicos coloniais, na vinda da família real para o Brasil e na independência da nossa nação, desprezando diversas histórias que foram silenciadas ou soterradas por uma historiografia com pensamento colonizado.

No presente trabalho temos questões que são desafiadoras, como: Por que optar por fontes digitais? Qual a relevância delas para esse trabalho? Qual a potência delas para o Ensino de História? Como problematizar essas fontes considerando a sua natureza e especificidades? Como podemos construir a História da Barra do Aririú a partir das fontes digitais? Procuraremos desenvolver essas reflexões no decorrer deste trabalho.

A primeira questão sobre optar por fontes digitais, lembra as minhas experiências como professor de História desde 2014, quando no Trabalho de Conclusão de Curso optei pela temática dos jogos eletrônicos. Nos anos subsequentes as redes sociais despertaram a minha atenção como futuras possibilidades de aprendizado histórico e no período pandêmico de 2020 as necessidades de pensar as fontes digitais foram potencializadas devido ao ensino remoto.

Sabemos que as fontes históricas tradicionais possuem algumas semelhanças com as fontes digitais, como a necessidade de investigar a autoria, a verificação do seu contexto de criação e a quais interesses atende, além do meio que se encontra. Porém, as fontes digitais trazem novos desafios como: textos multimodais compostos por palavras, imagens e sons que levam a outros textos secundários e conteúdo instável, pois podem ser apagados a qualquer momento. Diante disso, é necessário que as fontes digitais sejam debatidas.

A partir dessas reflexões, percebemos a necessidade do conceito desenvolvido por Silva (2018) de um letramento histórico digital para os professores e estudantes, formando uma sociedade mais capacitada para lidar com as questões do nosso tempo.

O letramento histórico digital pode desenvolver o saber histórico para identificar os tipos de fontes digitais, como imagens, vídeos e textos multimodais, e suas possibilidades para

o Ensino de História. Além de refletir sobre o presente e futuro das tecnologias digitais contribuindo para uma sociedade mais igualitária e democrática.

Compreendemos que desde o advento e popularização dos computadores, da *world web* e redes sociais, tanto o acesso como o uso das fontes históricas sofreram uma expansão nunca antes vista, tornando pertinente a reflexão sobre esses novos vestígios da História.

Assim, investigaremos o letramento digital que (Guimarães e Souza 2018, p.265, apud Buzato, 2003):

Na visão de Buzato o termo letramento digital é definido como sendo um conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem das práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos no mundo contemporâneo. Assim, o letramento digital é mais que o conhecimento técnico relacionado ao uso do computador, ou seja, o uso de teclados, das interfaces gráficas e dos programas de computador. A linguagem digital inclui, ainda, a habilidade para construir sentido a partir de textos multimodais, isto é, textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície. Inclui, também, a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informações disponibilizadas eletrônica e digitalmente. E ainda a familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas através do computador, entre outras coisas.

Entendemos que para ser letrado digitalmente não basta saber operar um computador, é fundamental lidar com textos multimodais, além de entender uma comunicação específica do meio digital que é presente na vida de estudantes e professores de História, tendo a capacidade de interpretar, selecionar e criticar as informações presentes no mundo virtual.

Desse modo, precisamos construir um letramento histórico-digital com os estudantes de História, pois segundo Silva (2018, p.94):

A aquisição de habilidades digitais no ensino de História é imprescindível para lidar com fontes digitais, sobretudo em plataformas e ambientes digitais que atualmente compõem o ciberespaço. As habilidades construídas permitirão que os estudantes lidem criticamente com a disseminação de informações falsas, a exemplo das famosas fake news, velozmente divulgadas, o que demonstra a falta de reflexões, de criticidade, diante das fontes de informação.

Diante disso, cada vez mais os professores de História necessitam conhecer os meios digitais e seus usos para formar estudantes com uma base sólida na investigação das fontes históricas, visto que o meio digital possui inúmeras armadilhas para o trabalho historiográfico.

À vista disso, novos e antigos problemas historiográficos inquietam historiadores e professores de História para tratar com as fontes históricas do meio digital: Como revelar a sua veracidade? De que forma podemos contextualizar algo tão abundante e instável? Qual maneira os professores podem usar as fontes históricas digitais para enriquecer o Ensino de História?

Segundo Silva (2018, p.64), podemos entender o letramento histórico-digital da seguinte forma:

O processo de letramento histórico-digital se constitui de três etapas: investigação histórica (procedimentos de pesquisa), desenvolvimento da competência tecnológica-digital (apropriação de saberes tecnológicos e digitais aplicados à pesquisa histórica) e competência narrativa (constituição histórica de sentido expresso em diferentes linguagens).

Com essa metodologia o professor investigará junto aos estudantes a forma de trabalhar com as fontes históricas, em seguida apropriar-se das habilidades digitais necessárias e produzir narrativas como um modo de dar sentido à História estudada. Todas as etapas enunciadas precisam ter o tema e problema histórico apresentado para saber quais respostas o estudante necessita procurar na sua investigação histórica.

Outras dimensões a explorar nas fontes digitais são as questões éticas e políticas, pois muitos estudantes acessam-nas sem saber ler e contextualizar, causando equívocos históricos. Como é o caso da reprodução de preconceitos e estereótipos, interpretações parciais dos acontecimentos históricos, bipolarização política, alta exposição da privacidade, entre outras.

Enfim, as fontes digitais desafiam professores de História a repensar sua metodologia, pois faz-se necessário conhecer o meio digital e seus mecanismos de funcionamento, suas possibilidades e limites, que mudam constantemente.

Sendo assim, as fontes digitais são importantes para este trabalho, pois a proposta é investigar a História do bairro a partir delas. Mesmo sabendo que a investigação com as fontes da Barra do Aririú poderia ser feita sem o seu uso, optamos por utilizar somente as fontes digitais visando compreender as possibilidades e limites que o digital proporciona.

Além disso, percebemos que cada vez mais os estudantes recorrem à sites ou vídeo aulas na internet para entender as aulas de História ou buscar conteúdo para elaboração dos trabalhos escolares. Porém, na maioria das vezes o estudante apenas reproduz de maneira acrítica o conteúdo do meio digital, sendo assim é necessário um letramento digital para lidar com esses conteúdos de forma a questioná-los e construir métodos de pesquisa.

Existe um amplo potencial para o Ensino de História, pois cada vez mais os estudantes entram no mundo digital mais cedo, usando os meios digitais, como *Facebook*, *Instagram* e *YouTube* para o entretenimento e engajamento em movimentos para formarem grupos pelas suas afinidades.

Muitos jovens ainda são excluídos do mundo digital por não terem acesso ou por não saberem usar plenamente os recursos digitais. Além do que, as fontes digitais oferecem

instrumentos para os professores de História debaterem a construção das verdades digitais e seus perigos, como o imediatismo e interesses preconceituosos. É o caso dos memes que segundo Vitória (2019, p.69) as:

Peças meméticas que abordam a História, por trazerem em seu texto referências a personagens ou eventos históricos, ou simplesmente por possuírem relação com acontecimentos sociais relacionados à história imediata, exigem que os estudantes mobilizem ideias históricas para a sua leitura. Ler um meme com estas características é uma experiência de interpretação da História. No entanto, ao não ter o cuidado de perceber o meme como sendo uma mídia digital criada por alguém, com alguma intencionalidade, o leitor pode tomar a sua mensagem como uma verdade histórica, uma recriação do passado ou do presente. Aproximar os estudantes de questões relacionadas à produção do conhecimento histórico e suas apresentações por meio das mídias digitais é um caminho didático promissor para promover o letramento histórico.

A problematização dessas fontes digitais e suas especificidades devem ser trabalhadas para evitar manipulações indevidas do conhecimento histórico, pois os algoritmos da internet são tendenciosos para realizações de pesquisas, filtrando a partir de critérios que muitas vezes não são conhecidos ou refletidos pelos seus usuários.

Sabemos que o colonialismo e o capitalismo de dados estão presentes no mundo digital atual, pois as grandes empresas multinacionais como o *Google* utilizam os dados fornecidos pelos usuários para vender produtos, formar opiniões e até interferir nos rumos políticos de uma país. Como afirmam Silveira; Souza; Cassino (2021, p.9):

As mensagens que chegam aos usuários dessas plataformas são baseadas em gostos, opções, crenças, ideologias e valores referentes a cada um, o que permite uma influência microsegmentada, com alto poder de persuasão. Essa influência, muitas vezes modulada por sistemas algorítmicos, introduz um elemento-gestor não humano neste suposto novo tipo de dominação.

É de suma importância que os professores de História compreendam os mecanismos de funcionamento do *Google*, *Facebook*, *Instagram* e outras redes digitais para investigar: Como ocorre a produção das fontes digitais? Quais são suas possibilidades de ação e dominação?

Destacamos também o seguinte questionamento: Por que é importante narrar a História da Barra do Aririú através das fontes digitais? Para começar é um desafio formar uma narrativa histórica do bairro somente pelas fontes digitais, pois ao mesmo tempo trazem possibilidades e limites que são inerentes ao meio digital.

As possibilidades são de aproximação com a cultura digital dos estudantes, reflexão sobre os usos das fontes digitais, problematização das metodologias do Ensino de História relacionadas ao seu tempo histórico, contribuição para a criação de um material para ser

utilizado pelos professores de História, elaboração de uma História Local com as fontes digitais de forma crítica.

Os limites são as deficiências da estrutura escolar para aplicação das sugestões dos usos das fontes digitais. Desde a conectividade ao conhecimento para lidar com as fontes digitais, a constante atualização sobre o conhecimento das áreas relacionadas a programação e seleção de dados digitais dos mecanismos de busca, o risco de apagamento das fontes digitais.

A pesquisa sobre as fontes digitais seguiu os seguintes critérios: foi feita exclusivamente na internet, em um computador de mesa, pelo mecanismo de busca do *Google*, através de palavras-chave sobre os principais temas vinculados à História da Barra do Aririú.

Utilizamos também a perspectiva da História como uma narrativa que nem sempre é coerente, que trata das origens, mudanças e permanências do bairro, seus principais atores sociais, suas relações com a História nacional e mundial. A partir disso, selecionamos as fontes mais significativas para pensar um material didático no ensino da História do bairro.

Salientamos que o *Google* foi usado como mecanismo de busca para a pesquisa por ser um dos mais populares, rápido e abrangente na atualidade:

Embora já existisse previamente, o *Google* alcançou seu sucesso em meados de 2001. Seu conceito é baseado no uso do *PageRank*, que tem como premissa que as páginas mais buscadas estejam ligadas, em maior quantidade, a outras páginas. Seu processo de busca gira em torno de identificar a importância e a concordância dos conteúdos encontrados na Internet com relação às palavras usadas pelo usuário. Para fazer essa classificação, o *Google* usa diferentes algoritmos para determinar a ordem de aparição dos sites. Com um banco de dados próprio, o *Google* é o motor de pesquisa número um da atualidade. Ele oferece a melhor experiência de pesquisa por meio de buscas rápidas, avançadas e de imagens²¹.

Sendo assim, percebemos que, embora o *Google* não tenha sido o primeiro mecanismo de busca da Internet²², atualmente engloba a maior parte dos dados, o que confere poder e usuários espalhados pelo mundo.

3.2. LEVANTAMENTO E ANÁLISE DAS FONTES DIGITAIS DA BARRA DO ARIRIÚ

No primeiro momento, foi realizada uma pesquisa na internet onde buscamos identificar, diagnosticar e problematizar os conteúdos digitais sobre a Barra do Aririú.

²¹ Disponível em <<https://rockcontent.com/br/blog/site-de-busca/>>. Acesso em 15 de dez. de 2022.

²² Idem.

A expectativa era encontrar diversas fontes digitais com textos, imagens, vídeos, porém sem pretensão de contar a História do bairro de uma maneira problematizadora e com múltiplas perspectivas e sujeitos. Durante a pesquisa essas expectativas se concretizaram e levaram a outros questionamentos como: Quais serão os critérios para selecionar as fontes digitais mais importantes? Como lidar com seus conteúdos multimodais? Quais fontes digitais são mais significativas para entender a História do bairro? Assim formou-se um panorama de como as fontes digitais da História Local estão disponibilizadas e agrupadas no meio virtual.

A primeira busca foi realizada em seis de dezembro de 2021 e foram encontrados no *Google* com as palavras-chave Barra do Aririú 88.900 resultados²³²⁴. Com destaque inicialmente para o mapa do bairro, vídeos no *YouTube* que mostram as belezas naturais, temos também site sobre os itinerários da linha de ônibus, casas a venda ou para alugar, uma reportagem tratando sobre a pesca e tradição no bairro que enfatiza a obra de Matos, outra sobre o incêndio no rancho dos pescadores, propagandas de estabelecimentos comerciais, escolas e igrejas, o trabalho acadêmico de Moreira (2014), previsão do tempo, projeto de futebol, entre outros sites com os mesmos aspectos citados.

No *Google* acadêmico foram encontrados 186 resultados²⁵, sendo que os trabalhos tratavam sobre a influência da tv na vida das crianças, sobre o centro de referência de assistência social, gravidez, questões relacionadas à saúde, porém o que mais é recorrente nos trabalhos são as questões da degradação ambiental dos mangues, mares e o crescimento populacional.

Identificou-se também 50 resultados de trabalhos acadêmicos desenvolvidos na UFSC²⁶ e novamente os temas presentes eram sobre a saúde, questões sociais e predominantemente sobre os impactos ecológicos na flora, fauna, mares e mangues da Barra do Aririú. Destacamos os trabalhos de Mattozo (1986) que trata sobre a influência da tv na vida das crianças da Barra do Aririú e o contexto de urbanização do bairro; Santo (2004) que aborda a respeito da degradação dos mangues do bairro; Moreira (2014) que desenvolve sobre a condição dos direitos sociais dos moradores da Barra do Aririú, entre outras.

No que se refere aos pescadores do bairro atualmente encontramos nas mídias sociais reivindicações da Associação Beneficente dos Pescadores da Baía Sul (Abepebas) que

²³Disponível em <https://www.google.com/search?q=Barra+do+Ariri%C3%BA&ei=v5GuYezBFoHP5OUP5b64iA8&start=0&sa=N&ved=2ahUKEwisnbnm7n9D0AhWBJ7kGHWUfDvE4WhDy0wN6BAgBEEA&biw=1024&bih=657&dpr=1>. Acesso em 06 de dezembro de 2021.

²⁴ Porém, com a grafia Barra do Aririú sem o acento no último u encontramos mais resultados.

²⁵Disponível em https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Barra+do+Ariri%C3%BA&btnG. Acesso em 06 de dez. de 2021.

²⁶ Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/discover>. Acesso em 06 de dez de 2021.

representa os pescadores artesanais do bairro da Barra do Aririú que buscam há anos com a prefeitura do município de Palhoça o desassoreamento do rio Aririú (que dá nome ao bairro) para que possa melhorar as condições da navegação e pesca²⁷²⁸²⁹³⁰.

Em 2022, começou o trabalho de desassoreamento do rio Aririú e: “Está prevista a retirada de um volume de 61 mil metros cúbicos de material, para promover o desassoreamento da barra do rio Aririú. Um trabalho que só deve ser finalizado no início de junho³¹”.

Figura 8: Drega na praia da Barra do Aririú realizando o desassoreamento do rio Aririú.



Fonte: Disponível em <<https://www.palhocense.com.br/noticias/prefeitura-inicia-dragagem-no-canal-de-navegacao-na-barra-do-aririu>>. Acesso em 12 de fev. de 2022.

Percebemos que a luta dos pescadores artesanais para exercer seu trabalho tão importante para a subsistência de muitos brasileiros é reconhecida a nível nacional pelo dia do grito da pesca artesanal³² que busca assegurar direitos para todos os pescadores artesanais do

²⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yj8QwwrNEOk>>. Acesso em 29 de 09 de 2021.

²⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/Abepebas-224265591847942/videos/?ref=page_internal>. Acesso em 29 de 09 de 2021.

²⁹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yj8QwwrNEOk>>. Acesso em 29 de 09 de 2021.

³⁰ Disponível em <<https://ndmais.com.br/noticias/na-barra-do-aririu-assoreamento-da-foz-do-rio-e-baia-sul-atrasa-entrada-e-saida-de-embarcacoes/>>. Acesso em 29 de 09 de 2021.

³¹ Disponível em <<https://www.palhocense.com.br/noticias/prefeitura-inicia-dragagem-no-canal-de-navegacao-na-barra-do-aririu>>. Acesso em 12 de fev. de 2022.

³² Disponível em <<http://www.cppnacional.org.br/noticia/mpp-lan%C3%A7a-manifesto-no-dia-do-grito-da-pesca-artesanal>>. Acesso em 05 de out. de 2021.

país. Órgãos como o Conselho Pastoral dos Pescadores lutam desde o século passado para melhorar as condições de vida dos pescadores artesanais.

O município de Palhoça segundo Silveira (2001, p.66) tem grande potencial para pesca, porém os bairros da baía sul têm uma produção considerada pequena como a da Barra do Aririú, Ponte de Maruim, Enseada de Brito, Praia de Fora, onde destacam-se as seguintes espécies camarão rosa, bagre, parati, corvina, cocoroca, berbigão e mexilhão.

Mais adiante, em 23 de julho de 2022 realizamos uma nova pesquisa sobre as fontes digitais da Barra do Aririú, porém dessa vez procurou-se restringir a pesquisa a busca pelas palavras-chave História da Barra do Aririú SC (no mecanismo de busca do *Google*) e obteve aproximadamente 85.900 resultados. Porém, mesmo assim o resultado foi muito abrangente, provocando o seguinte questionamento: Por que o resultado foi tão extenso? Para responder a essa indagação é necessário saber como o *Google* seleciona a pesquisa pelas palavras-chave:

Ao vasculhar a internet, o *GoogleBot* registra todos os dados que pode de uma página. Ele registra todas as palavras que encontra e onde elas estão na página. O mesmo vale para links, imagens, conteúdos embedados, qual o domínio, quais os dados de publicação e todos os outros elementos que compõem a página³³.

Desta maneira, entendemos que o mecanismo de busca do *Google* utiliza critérios que ampliam os resultados ao invés de restringir. Por isso, é necessário que os professores de História conheçam mais sobre esses recursos digitais, pois influenciam diretamente na pesquisa.

Dentre os resultados encontrados na pesquisa no *Google* tivemos diversos assuntos, com inúmeros links, desses foram selecionados 36 meios digitais como sites, jornais *online*, portal, vídeos do *YouTube* e páginas do *Facebook*. Os critérios para a escolha dessas fontes digitais foram a sua relação direta com a história do bairro, seja tratando diretamente sobre a História da Barra do Aririú, como é o caso da narrativa do historiador Marcos Matos já mencionado nesse trabalho, sobre a pesca e tradição açoriana no bairro, passando pela fonte digital baseada no livro “Aos Pés do Cambirela”, até outras com pouca importância, como propagandas comerciais e turísticas.

Dessa maneira, selecionando algumas fontes com o objetivo de contar a História do bairro, no sentido de tratar suas origens e mudanças ao longo do tempo, obtivemos como resultados: três fontes de jornais, uma de portal, outra do *Facebook* (em formato de vídeo).

³³ Disponível em <<https://rockcontent.com/br/blog/busca-no-google/>>. Acesso em 03 de dez. de 2022.

3.3. JORNAL NDMAIS

Analisaremos essas cinco fontes, começando com a fonte digital do jornal Notícias do Dia ou NDMAIS, que é um jornal no formato digital do grupo ND. Ainda que brevemente, esta é uma das poucas fontes digitais selecionadas que procura fazer uma narrativa histórica das origens, mudanças e permanências do bairro até a atualidade. De modo que é necessário fazer alguns questionamentos sobre o meio em que a notícia do jornal está inserida. Desde quando existem os jornais digitais? Conforme Prado (s.d):

O primeiro grande jornal que ofereceu serviços online foi o The New York Times, em meados dos anos 70, com seu New York Times Information Bank. Na época este veículo de comunicação disponibilizou textos completos e resumos de artigos atuais e de edições diárias a assinantes (do veículo impresso) que possuíam pequenos computadores.

Em seguida o News & Observer criou sua própria BBS, que os usuários acessavam mediante uma taxa. Já em 1994, o San Jose Mercury News começou fornecendo gratuitamente resumos de notícias via América Online, a partir daí houve a inclusão total da edição impressa do jornal, mas um tempo depois, os editores do jornal passaram a cobrar o acesso ao seu conteúdo.

Portanto, o surgimento dos jornais digitais tem sua origem nos Estados Unidos da América e acompanha o desenvolvimento tecnológico ocorrido durante a Guerra Fria. Nesse início as notícias eram disponibilizadas para os assinantes que pagavam pelo jornal impresso, porém o conteúdo do jornal digital era incompleto. Mais tarde o acesso tornou-se momentaneamente gratuito e o jornal digital passou a englobar integralmente o conteúdo impresso. Percebe-se que a mudança para o digital manteve a lógica capitalista de pagar pelo acesso à informação e apenas replicou o conteúdo impresso para o digital.

Diante desse contexto, uma segunda reflexão é necessária: Quando e como o jornal digital chegou ao Brasil? Segundo Prado (s.d):

No Brasil, as empresas jornalísticas entraram na rede a partir de iniciativas isoladas como as do Grupo O Estado de S. Paulo. Mas o primeiro jornal brasileiro a fazer uma cobertura completa no espaço virtual foi o Jornal do Brasil, em 28 de maio de 1995. Outros veículos que também entraram na rede foram: O Estado de Minas, Zero Hora, Diário de Pernambuco e Diário do Nordeste. Entretanto, somente em 1996, houve o lançamento do Brasil Online, primeiro jornal em tempo real, em língua portuguesa, da América Latina, conhecido hoje na rede como Folha Online. Quatro anos depois, o provedor de acesso à Internet Grátis (IG), coloca na rede o Último Segundo, um jornal digital produzido especialmente para Internet brasileira.

Notamos que a imprensa digital demorou para chegar no Brasil se compararmos aos Estados Unidos da América, isto mostra que o poder econômico das nações interfere

diretamente no acesso às tecnologias e a informação, tanto que apenas alguns jornais aderiram inicialmente na década de 1990 a novidade da imprensa digital, ficando a informação nas mãos de poucos grupos jornalísticos.

Além disso, temos outros questionamentos essenciais para entender essa fonte: Como se caracteriza a imprensa digital? Quais as semelhanças e diferenças que existem entre um jornal impresso e um digital? De acordo com Prado (s.d):

Enfim, o simples fato de estar na rede pode ser suficiente para um jornal se considerar do *new mass media* ou ele precisa ter características específicas para isso? Uma indagação que ronda na mente de quem procura entender o que é realmente jornalismo eletrônico. Bem no início da implantação do jornal impresso na rede, era comum a inserção das edições impressas sem alterar o conteúdo e a linguagem para o meio digital, mas apesar de hoje muitos webjornais estarem enquadrados no verdadeiro jornalismo online que alimentam suas páginas a cada minuto/hora, ainda existem muitas publicações de pequeno porte que continuam atualizando seus endereços virtuais com notícias uma vez por dia/semana/mês, após o fechamento das edições do impresso.

Inicialmente, apenas uma parte do jornal impresso era reproduzido para o jornal digital e depois passou a ser integralmente. Essa simples transposição de um meio para o outro era percebido como a imprensa digital, no entanto, ela começa mesmo quando a notícia é atualizada quase em tempo real, utilizando os diversos recursos dos meios digitais que podem dar maior fluidez e autonomia para o leitor buscar suas informações.

Portanto, notamos algumas diferenças que expandem ou limitam os jornais impressos e digitais. Como semelhança, percebemos que nos dois meios é importante investigar quem produziu, quais os seus interesses, quem consome as notícias, entre outros questionamentos.

O jornal NDMAIS foi criado no início do século XXI e atualmente tem o formato impresso e digital. Segundo Coral (2022):

Há 16 anos, quando o Jornal ND começou a circular por Florianópolis e região, eram poucas as pessoas que o conheciam. Mas com o passar do tempo, os assinantes foram se consolidando e aumentado devido à qualidade e relevância dos conteúdos produzidos pelo novo jornal impresso. Passados todos estes anos, os primeiros assinantes continuam fiéis ao ND e com a expectativa diária de quais notícias chegarão impressas na capa logo cedo pela manhã para acompanhá-los com uma xícara de café (sic).

Segundo o jornal, sua criação em 2006 enfrentou dificuldades comuns do início de empreendimentos, como o desconhecimento das pessoas, mas aos poucos conquistou mercado na Grande Florianópolis. O perfil editorial do jornal é de notícias populares como: criminais, esportivas e de entretenimento. Tem colunistas famosos no Brasil e em Santa Catarina como

Alexandre Garcia, Cacau Menezes e Paulo Alceu, que expressam ideias a favor do conservadorismo e da política ligada à direita brasileira.

Inicialmente, analisaremos o meio digital que foi produzida essa fonte. Segundo o site Visite Joinville:

O Grupo ND teve suas origens na comunicação desde meados dos anos 1970, com a participação em diferentes empreendimentos e associações englobando jornais, TVs e rádios em Santa Catarina e no Paraná.

No final dos anos 1980, começou a integrar-se e assumir definitivamente sua identidade corporativa como Grupo empresarial independente, cujo DNA é a comunicação regional. Especializou-se nos mercados catarinense e paranaense, em uma área de 16,8 milhões de habitantes e que representa cerca de 10% do PIB brasileiro.

Percebemos que essa primeira fonte digital engloba TVs, rádios e jornais, usando esses veículos de comunicação para noticiar o cotidiano catarinense e paranaense. A proposta de valores do jornal conforme o site Talentos nd é:

Defender a democracia, a liberdade de expressão e a livre iniciativa.
Pluralidade de informação, opinião e compromisso com a ética.
Compromisso com a satisfação dos clientes.
Compromisso com a inovação, ousadia e melhoria contínua.
Compromisso de informar com verdade, bondade e necessidade.
Comprometimento com o Regional. Excelência em qualidade técnica, de conteúdo e dos profissionais.
Compromisso com o crescimento dos resultados.
Comprometimento com o bem-estar e o crescimento profissional dos colaboradores.

Dentre esses valores destacamos a pluralidade de informação, satisfação dos clientes e compromisso em informar a verdade. A pluralidade de informação traz a possibilidade de perceber diversas perspectivas sobre uma mesma temática, porém sabemos que a seleção da informação faz a diferença no resultado de como uma temática será tratada. O que nos leva a questionar: Quais os critérios do jornal para escolher algumas informações em detrimento de outras?

A satisfação dos clientes é um dos critérios que guia esse jornal, diante disso entende-se que o público influencia diretamente na produção de informação. Por último, o compromisso em informar a verdade fica comprometido com os valores anteriores, o que nos leva a refletir: Quais verdades o jornal deseja produzir?

A notícia sobre a Barra do Aririú encontra-se na seção do jornal³⁴ que trata sobre infraestrutura, notamos que geralmente nessa parte a tradição açoriana do bairro é enfatizada, como também é um tema recorrente nas outras notícias do jornal ³⁵, que mostra as comemorações tradicionais na Grande Florianópolis, como a Festa do Divino³⁶, dos Reis³⁷, pão por Deus³⁸, entre outras.

A seguir analisaremos a notícia sobre a História do bairro no jornal NDMAIS com o título de: “Pesca³⁹ e a tradição açoriana reinam na Barra do Aririú, um dos bairros mais antigos de Palhoça”.

Figura 9: Imagem do início da notícia.



Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/>>. Acesso em 23 de jul. de 2022.

³⁴ No acervo do jornal encontramos trinta e oito notícias sobre o bairro, sendo que a mais recente é de 2021 e a mais antiga de 2011, tratando sobre diversos assuntos, predomina o tema da criminalidade com dezessete notícias, seguido de seis sobre melhorias sociais, cinco sobre a pesca, quatro sobre incêndios e outros três sobre danos ao meio ambiente, uma sobre o esporte, festa e acidente marinho. Disponível em <<https://ndmais.com.br/?s=Barra+do+Ariri%C3%BA>>. Acesso em 05 de mai. de 2023.

³⁵ Disponível em <<https://ndmais.com.br/?s=tradi%C3%A7%C3%A3o+a%C3%A7oriana>>. Acesso em 07 de dez. de 2022.

³⁶ Disponível em <<https://ndmais.com.br/cultura/tradicao-acoriana-e-fe-unem-a-populacao-de-florianopolis-na-festa-do-divino/>>. Acesso em 07 de dez. de 2022.

³⁷ Disponível em <<https://ndmais.com.br/cultura/dia-6-e-a-festa-dos-reis-em-santa-catarina/>>. Acesso em 07 de dez. de 2022.

³⁸ Disponível em <<https://ndmais.com.br/cultura/florianopolis-prepara-acoes-para-comemorar-o-dia-do-pao-por-deus/>>. Acesso em 07 de dez. de 2022.

³⁹ Percebemos que neste jornal a pesca é relacionada à tradição açoriana. Como na fonte digital: Alunos de creche de Florianópolis aprendem sobre a tradição da pesca da tainha. Disponível em <<https://ndmais.com.br/cultura/alunos-de-creche-de-florianopolis-aprendem-sobre-a-tradicao-da-pesca-da-tainha/>>. Acesso em 16 de dez. de 2022.

A fonte digital produzida pelo jornalista Marciano Diogo em 08 de junho de 2014 começa com uma síntese breve sobre as origens e desenvolvimento do bairro até a atualidade⁴⁰:

Em meados do século 19 chegavam os primeiros moradores açorianos na Barra do Aririú, entre eles o Tomé de Souza, que deu o então nome da Praia e Ponta do Tomé, hoje um dos pontos mais conhecidos do bairro. Na década de 40, o bairro já contava com uma comunidade formada, com mais de 120 famílias residentes. Atualmente, a Barra do Aririú tem mais de seis mil eleitores ativos e cerca de 10 mil habitantes, porém mesmo com o crescimento exponencial dos últimos anos, a cultura açoriana ainda está viva na localidade.

A História do bairro é contada a partir da chegada dos açorianos no século XIX, dando destaque a Tomé de Souza, que foi homenageado com o nome de uma praia na Barra do Aririú. Evidenciamos neste trecho um apagamento da presença indígena, africana, além de outros povos de origem europeia na região. A notícia foi elaborada em prol da identidade e cultura açoriana, como se a História da Barra do Aririú começasse somente com a chegada deles. Da mesma maneira aconteceu até o século passado com a História do Brasil, que era contada a partir da chegada de Pedro Álvares Cabral em 1500.

Notamos que a História é contada a partir dos personagens históricos famosos da colonização, como Tomé de Souza. Acredita-se que em 1810 ele e sua família foram os primeiros portugueses a fixarem moradia na Barra do Aririú (MATOS, 2010, p.21). Criticamos essa abordagem com foco em alguns personagens, pois pode ser reducionista e discriminatória.

Além disso, a descrição da História do bairro é focada no desenvolvimento saltando do século XIX direto para a década de 40 do século passado, com as 120 famílias residentes na Barra do Aririú. Em seguimento, no século XXI temos os dados do número de eleitores, ressaltando a importância política do bairro e que a população cresce rapidamente nas últimas décadas. Porém, segundo a fonte digital, sem perder as raízes açorianas.

Sabemos que a açorianidade corresponde a uma construção identitária iniciada na década de 1940 e incorporada principalmente às culturas do litoral catarinense, sendo que, atualmente temos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) o Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) que “foi criado em 1984, e tem como propósito realizar pesquisas em prol do resgate da Cultura Açoriana⁴¹” . Neste sentido podemos entender a açorianidade segundo Flores (1997, apud LUZ, 2022) como:

⁴⁰ Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/>> Acesso em 23 de jul. de 2022.

⁴¹ Disponível em <<https://nea.ufsc.br/area-de-atuacao-do-nea/>>. Acesso em 22 de out. de 2022.

Essa construção tem como base um ideal de açorianidade desenvolvido como fator positivo de identificação entre a população de Florianópolis a partir de 1948, quando ocorreu na cidade o “Primeiro Congresso de História Catarinense” em comemoração ao Segundo Centenário da Colonização Açoriana, cujo objetivo era resgatar a importância do papel do açoriano na colonização de Santa Catarina (FLORES, 1997, p. 114). A partir da realização do Congresso, se deu na cidade uma sistemática tentativa por parte das elites locais, de historiadores e representantes do governo de criação de uma identidade local baseada na origem açoriana de diversos aspectos fundamentais da cultura florianopolitana, portanto, “um fenômeno de reconstrução de uma unidade cultural, fundada numa ascendência comum” (FLORES, 1997, p. 119).

Assim sendo, percebemos que essa identidade açoriana é apropriada também para tratar da Barra do Aririú, que apesar de não pertencer politicamente a capital de Santa Catarina, tem laços culturais semelhantes. Porém, trata-se de uma construção histórica que minimiza as heranças culturais de outros povos, como os indígenas e africanos, reforçando a tradição açoriana.

Portanto, podemos compreender que a tradição açoriana do litoral catarinense foi inventada, segundo Hobsbawm (2010, p. 9):

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente: uma continuidade em relação ao passado.

Assim a tradição açoriana, através desse “resgate” cultural do século XX, buscou conferir aos antigos colonizadores açorianos de Santa Catarina um lugar de destaque. Na Barra do Aririú não foi diferente, pois nas fontes digitais sobre a cultura do bairro predomina a cultura açoriana.

Prosseguindo na análise da fonte digital, ressalta a questão espacial e dos trabalhos:

“O bairro ainda conta com muitos trabalhadores que dependem exclusivamente da pesca, o mercado ainda resiste. No passado a base era da pesca e frutos do mar, mas atualmente a economia do bairro já depende das indústrias e dos centros administrativos da região, que emprega grande parte de nossos moradores” (...) ⁴².

Identificamos neste trecho algumas noções a serem exploradas em sala de aula, como: herança cultural, a pesca como atividade econômica e meio de subsistência. Também identificamos que a fonte digital utilizou da autoridade de um historiador para legitimar sua narrativa histórica.

⁴² Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/>> Acesso em 23 de jul. de 2022.

A fonte digital continua tratando da diminuição no número de pescadores utilizando a afirmação do historiador Matos sobre outras oportunidades de emprego “Com incentivo, os filhos já não querem mais seguir a profissão dos pais. Portanto são poucos que ainda são pescadores”, os dados são usados para confirmar esse argumento, pois a Associação dos Pescadores da Barra do Aririú através do seu presidente relatava que tinha o registro de 200 pescadores, porém apenas 60 dependiam exclusivamente da pesca.

A outra faceta ressaltada nesta fonte digital sobre a cultura açoriana é a das rendeiras de bilros, conforme a imagem abaixo:

Figura 10: Imagem da notícia sobre a Renda de Bilro.
Flávio Tin/ND



Dona Rosa Isolina Moreira tece os fios no reboleiro e faz o artesanato tradicional há mais de 60 anos

Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/>>. Acesso em 23 de jul. de 2022.

Identificamos nas diversas falas selecionadas pelo jornalista a proposta do jornal de pluralidade de informações, porém com um mesmo discurso de tradição açoriana e pesqueira. Percebemos o destaque que a cultura açoriana e da pesca recebe na Barra do Aririú, apesar de não mais predominar no modo de vida dos 10 mil habitantes do bairro.

Neste caso, podemos fazer uma reflexão histórica: Por que a cultura açoriana é ressaltada em detrimento de outras heranças culturais?

Outro aspecto a refletir sobre essa fonte digital é a natureza multimodal do texto, que dialoga com a imagem da rendeira utilizando seus instrumentos para tecer seu produto e é reforçada pela legenda que apoia a tradição açoriana nos sessenta anos de seu trabalho.

A fonte digital continua tratando dos espaços e a subdivisão existente no bairro em algumas regiões como: Vila Nova, Pedregal, Ponto Final da Barra, Ponta do Tomé, Laranjeiras e Areias. Essas divisões espaciais também podem ser assuntos nas aulas de História com os seguintes questionamentos: Quais critérios são utilizados para dividir os espaços dessa forma e não de outra?

Outra demanda dessa fonte digital é a crítica a infraestrutura do bairro que carece de oportunidades de emprego para os jovens; de maior capacidade de atendimento nos postos de saúde; de espaços públicos de lazer, como o relatado pelo prefeito da época Camilo Martins: “Iremos humanizar a área, com a construção adequada de um passeio mais urbanizado. O projeto está pronto, só estamos fazendo algumas adequações e ainda precisamos da licitação. Mas garanto que as obras de revitalização da área iniciarão ainda este ano”. Concluímos que a demanda solicitada pela população do bairro é reconhecida pelo poder municipal e que inclusive foi atendida pelo prefeito citado acima no ano de 2016, o chamado Parque da Barra do Aririú. Esse parque foi assunto predominante das fontes digitais até aqui pesquisadas. Outra reflexão nesse aspecto é: Por que alguns espaços predominam na análise deste bairro e outros são esquecidos?

Outro aspecto relevante citado pela fonte digital e presente ao longo deste trabalho é a questão ambiental e a direta influência no trabalho dos pescadores:

O Rio Aririú, que deu o nome a Barra, tem nove quilômetros de extensão e passa por sete comunidades ribeirinhas até chegar ao mar. O processo de desassoreamento do canal que dá a Foz do Rio Aririú acesso para o mar iniciou em 2012 e deve finalizar completamente este ano, de acordo com a Prefeitura de Palhoça. Ainda em 2012 foi feita a dragagem da passagem, mas o processo não desassoreou completamente o canal de acesso ao mar. Na situação, foram investidos mais de R\$ 300 mil e o trabalho não foi finalizado⁴³.

O desassoreamento do Rio Aririú é de suma importância para o trabalho dos pescadores da Barra do Aririú, pois eles dependem disso para partida e chegada das embarcações em seus ranchos de pesca.

3.4. JORNAL PALAVRA PALHOCENSE

Essa segunda fonte digital foi produzida pelo Jornal Palavra Palhocense, que faz parte da RCN (Rede Catarinense de Notícias) e do portal de notícias Adjori/SC (Associação dos Jornais do Interior de Santa Catarina) fundada em 1981:

Disposta a imprimir uma nova dimensão à mídia impressa do interior catarinense, a Adjori/SC sempre pautou sua atuação na busca pelo fortalecimento de seus associados, empreendendo iniciativas pioneiras em direção a maior credibilidade, valorização e respeito aos jornais locais, tornando-se a mais estruturada e mais atuante entidade do gênero no Brasil.

⁴³ Idem.

Desde 2003, está no ar o portal de notícias da Adjori/SC (www.adjorisc.com.br) que traz as versões on-line de jornais associados, responsáveis pelo vasto material noticioso sobre as comunidades catarinenses de todas as regiões do Estado⁴⁴.

Assim como na primeira fonte digital citada, esse jornal também faz parte de um grupo maior, a Adjori/SC, que diz ter como objetivos o desenvolvimento e incentivo ao pioneirismo dos jornais associados. Percebemos que as fontes digitais nesses dois casos, estão nas mãos de alguns grupos poderosos que expressam a sua perspectiva dos acontecimentos do cotidiano, o que pode limitar a pluralidade de interpretações sobre os acontecimentos históricos.

O Jornal Palavra Palhocense reproduz nesta fonte digital um trecho da obra de J.J. Silva, publicado no livro “Aos Pés do Cambirela” de 2007. A notícia feita em 13 de agosto de 2017 tem como título: Palhoça comemora fundação e celebra seus séculos de história.

Figura 11: Imagem do início da notícia.

RCN | Adjori SC | Jornais associados

Quinta-feira, 29 de Dezembro de 2022

Home Sugestão de Pauta Dê sua Opinião Anuncie

Facebook Twitter WhatsApp Email Print Plus

Palhoça comemora fundação e celebra seus séculos de história

03 Agosto 2017 13:37:56

J.J. Silva

Silêncio... Uma brisa fresca vindo do norte bate de frente em seu rosto, enquanto observa quieto na sua grandeza, o sol distante e amarelado erguer-se do outro lado do mar, passar de leste a oeste e todas as noites a lua seguir o mesmo destino, como se quisesse alcançar o sol.

No tempo, registrou o aparecimento dos primeiros habitantes, os índios, que harmonizavam-se com as centenas de espécies de animais e pássaros e a exuberante beleza da natureza, que o deixava orgulhoso. Tanta era sua imponência sobre a beleza posta por Deus aos seus pés, que os índios deram-lhe o nome de Cambirela, que na língua dos Carijós significa "grande seio". Dali, como um grande guardião, tudo observa, pois é a maior montanha da região. Seu olhar acompanha o voar altivo de um gavião sobrevoando o belo cinturão verde que forma o manguezal aos seus pés, numa extensão de aproximadamente 15 quilômetros. Inicia às margens de um rio infestado de maruins, passando à sua frente e se perdendo ao sul, onde garças, biguás e gaviotas mergulham no mar e faceiras trazem peixes no bico.

Fonte: Disponível em <<https://www.adjorisc.com.br/jornais/palhocense/online/cotidiano/palho%C3%A7a-comemora-fund%C3%A7%C3%A3o-e-celebra-seus-s%C3%A9culos-de-hist%C3%B3ria-1.1985683>>. Acesso em 23 de julho de 2022.

Nessa fonte digital a História de Palhoça é brevemente contada a partir de um personagem ilustre:

⁴⁴ Disponível em <<https://institucional.adjorisc.com.br/conteudo/2/historia>>. Acesso em 22 de out. de 2022.

No tempo, registrou o aparecimento dos primeiros habitantes, os índios, que harmonizavam-se com as centenas de espécies de animais e pássaros e a exuberante beleza da natureza, que o deixava orgulhoso. Tamanha era sua imponência sobre a beleza posta por Deus aos seus pés, que os índios deram-lhe o nome de Cambirela, que na língua dos Carijós significa “grande seio”.

Dali, como um grande guardião, tudo observa, pois é a maior montanha da região. Seu olhar acompanha o voar altivo de um gavião sobrevoando o belo cinturão verde que forma o manguezal aos seus pés, numa extensão de aproximadamente 15 quilômetros. Inicia às margens de um rio infestado de maruins, passando à sua frente e se perdendo ao sul, onde garças, biguás e gaivotas mergulham no mar e faceiras trazem peixes no bico⁴⁵.

O morro do Cambirela com seus 1043 metros é o maior pico da região e pode ser visto pela região da Grande Florianópolis, inclusive na Barra do Aririú. Nessa narrativa digital ele é apresentado como um personagem que acompanha a História do município palhocense com seu desenvolvimento e transformações ocorridas na vida dos seus habitantes.

Diferentemente da primeira fonte digital que contou as origens de Palhoça, mais especificamente da Barra do Aririú, pelos povos açorianos e por sua cultura, a segunda fonte traz um protagonismo dos povos indígenas da região. Esses povos carijós moravam aqui antes da chegada dos colonizadores europeus e a narrativa destaca a sua relação harmoniosa com a natureza, os animais e as belas paisagens. Também podemos ressaltar a descrição do manguezal com quilômetros de distância e a biodiversidade, como a de peixes.

Adiante na narrativa são elencados os famosos personagens da História oficial palhocense como os açorianos, que começaram a explorar e habitar a região a partir do século XVII e XVIII, até chegar a formação de Palhoça como município autônomo em 1894. Diretamente a Barra do Aririú é citada somente quando trata dos primeiros povoados.

A narrativa do jornal Palavra Palhocense para descrever as origens e desenvolvimento do município de Palhoça idealiza a evolução da região de forma harmoniosa com a natureza e esconde os prejuízos que o desenvolvimento causou aos manguezais, populações indígenas, a flora e a fauna, o que pode ser uma rica fonte para refletir com os estudantes sobre as questões ambientais.

Na terceira fonte digital selecionada temos novamente o jornal Palavra Palhocense, publicada em 2 de agosto de 2018 e com o seguinte título: “História contada em imagens”. A pretensão dessa fonte é narrar a História de Palhoça por um acervo fotográfico do Projeto Memória Palhocense.

⁴⁵ Disponível em <<https://www.adjorisc.com.br/jornais/palhocense/online/cotidiano/palho%C3%A7a-comemora-funda%C3%A7%C3%A3o-e-celebra-seus-s%C3%A9culos-de-hist%C3%B3ria-1.1985683>>. Acesso em 23 de julho de 2022.

Figura 12: Imagem do início da notícia.



Fonte: Disponível em <<https://www.palhocense.com.br/noticias/historia-contada-em-imagens>>. Acesso em 23 de julho de 2022.

A História contada narra que os indígenas estavam antes da chegada dos colonizadores e depois continua tratando dos marcos da fundação de Palhoça e a contribuição dos lusitanos. Descreve também o período da perseguição dos alemães na Barra do Aririú:

Acontece que, com o mundo em guerra contra a Alemanha, sobrou para os alemães que viviam no Brasil! Em Palhoça, no auge da Segunda Guerra Mundial, em 1943, um grupo autodenominado “Patriotas”, formado em sua maioria por moradores da barra do Aririú, passou a perseguir implacavelmente as famílias alemães, como João José da Silva descreve em seu livro “Aos Pés do Cambirela”. Sofreram os alemães, sofreram os Scheidt, sofreram os Haeming, que hoje nos cedem o acervo fotográfico do Colégio Carrossel⁴⁶.

A narrativa citada demonstra que as fontes digitais da História mundial e local estão relacionadas e deixam marcas nos imigrantes que viveram o período das guerras mundiais. Podemos questionar por que algumas memórias são lembradas (mesmo sendo negativas) e outras esquecidas?

⁴⁶ Disponível em <<https://www.palhocense.com.br/noticias/historia-contada-em-imagens>>. Acesso em 23 de julho de 2022.

3.5. PORTAL PALHOÇA

A quarta fonte digital selecionada foi uma publicação dentro do Portal Palhoça que contém informações da Barra do Aririú, postada em 24 de agosto de 2019 para narrar a História das primeiras praças de Palhoça e seu desenvolvimento ao longo da História. A narrativa é feita pela historiadora palhocense Neusa Maria Bernardo Coelho. Dentro do Portal também temos notícias sobre trânsito, polícia, educação, saúde, meio ambiente e outros aspectos do município.

Figura 13: Imagem do início da notícia.



Fonte: Disponível em <<https://portalpalhoca.com.br/coluna/historia-em-foco-com-neusa-coelho/as-primeiras-pracas-de-palhoca>>. Acesso em 23 de julho de 2022.

A Barra do Aririú é citada apenas no seguinte trecho que trata sobre os povoados: “A maioria morava nos bairros vizinhos onde haviam áreas mais secas, propícias à agricultura (Ponte do Imaruim, Passa Vinte, Aririú, Guarda do Cubatão e Barra do Aririú)”⁴⁷.

Percebemos que essa fonte digital se encontra na área que trata especificamente sobre a História do município denominada: História em foco com Neusa Bernardo Coelho, ou seja a historiadora que construiu a narrativa. A autora é também farmacêutica e poetisa, tendo diversas

⁴⁷ Disponível em <<https://portalpalhoca.com.br/coluna/historia-em-foco-com-neusa-coelho/as-primeiras-pracas-de-palhoca>>. Acesso em 23 de julho de 2022.

publicações de livros e textos. Na História em foco percebemos que suas diversas narrativas tem o objetivo de contar a História Oficial do Município e dos seus folclóricos personagens.

Desse modo, as fontes digitais de jornais que analisamos neste trabalho despertam alguns questionamentos essenciais para serem trabalhados nas aulas de História, como: Quais as diferenças entre utilizar essa reportagem impressa em sala de aula e de modo digital? Que questões do digital podem ser mobilizadas?

Compreendemos que o jornal digital possibilita acessar os *hiperlinks* das fontes utilizadas pela notícia, trazendo a oportunidade de problematizar as origens do conteúdo. Também no jornal digital o estudante pode interagir com a fonte através dos comentários, além de analisar uma fonte mais atualizada sobre a temática e trazer debates sobre o imediatismo do noticiário digital.

3.6. CANAL DE VÍDEOS: EXPEDIÇÃO BRASIL DE FRENTE PARA O MAR

A quinta fonte digital selecionada está no canal de vídeos “Expedição Brasil de Frente para o Mar”, disponível no *YouTube* e repostado no *Facebook*⁴⁸. Ela mostra a Barra do Aririú por vídeo aéreo e foi publicada em 11 de junho de 2021. Foi escolhida pela pretensão de contar um pouco da história do bairro através dos espaços.

Figura 14: Imagem do vídeo no *YouTube*.



Praia da Barra do Rio Aririú - Palhoça (SC) - Expedição Brasil de Frente para o Mar - Episódio 064

Fonte: Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=O9JqKXZFZkw> >. Acesso em 23 de julho de 2022.

⁴⁸ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=O9JqKXZFZkw> >. Acesso em 23 de julho de 2022.

A narrativa pretende mostrar os dotes turísticos do bairro⁴⁹, suas belezas naturais e também o descreve como um dos mais antigos da região, que mantém a sua tradição açoriana da pesca.

Um aspecto recorrente dessa fonte digital e das outras citadas neste trabalho é delimitar o bairro ao Parque da Barra do Aririú e em menor escala a Praia do Tomé, como se a maior parte espacial urbanizada do bairro fosse inexistente.

O canal de vídeos Expedição Brasil de Frente Para o Mar, mostra um pouco do seu criador e objetivos:

Somos Luiz, Diva e Gabriel Lunardelli, uma família de Florianópolis, Santa Catarina. Criamos este canal com o objetivo exclusivo de fomentar o turismo interno brasileiro ao mesmo tempo em que vivemos a nossa experiência de uma viagem familiar que nos fortaleça ainda mais, A nossa proposta é visitar e gravar conteúdo com informações sobre todas as praias do litoral, obedecendo o sentido de viagem do Sul para o Norte. Assim, a nossa expedição teve início no Arroio Chuí (RS) e vai terminar apenas no extremo norte do litoral brasileiro, na foz do Rio Oiapoque.

Compreendemos que os motivos da produção da fonte digital influenciam diretamente no conteúdo produzido, portanto o autor do canal pretende ressaltar os aspectos positivos das belezas das praias de todo o nosso litoral e colaborar com informações que estimulem os turistas a visitarem esses locais. Por isso, os milhares de quilômetros do bairro foram reduzidos a faixa de praia.

Dessa maneira nesta etapa da pesquisa sobre as fontes digitais com as palavras-chave no *Google* História da Barra do Aririú, percebeu-se como principais elementos a questão das origens do bairro, desenvolvimento espacial e populacional e suas consequências ambientais para a flora e fauna; além do aspecto cultural açoriano, das belezas naturais e da degradação do trabalho da pesca.

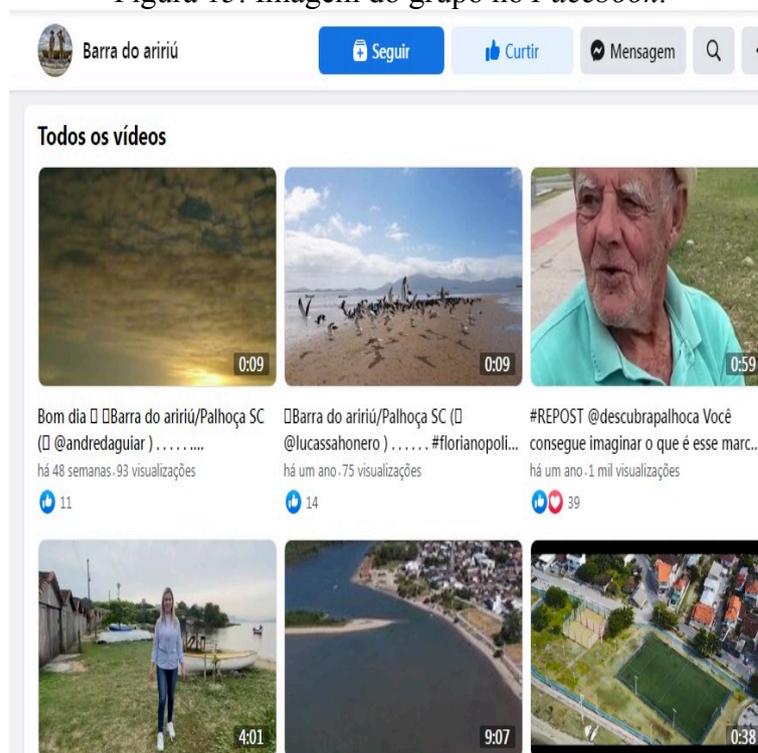
3.7. GRUPOS NO *FACEBOOK*

Inicialmente a proposta deste trabalho era buscar as fontes digitais do bairro através do *Google*, porém o mecanismo de busca leva para outras plataformas digitais como o *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, por isso foi necessário considerá-las também, para termos uma pesquisa mais abrangente.

⁴⁹ Percebe-se que a narrativa é uma leitura quase que integral do texto da primeira fonte digital que citamos da NDMAIS publicada por Marcelo Diogo em 2014.

No que concerne à pesquisa feita no *Facebook* com as palavras-chave História da Barra do Aririú, encontramos alguns grupos, como: Barra do Aririú (@barradoaririusc)⁵⁰, que tem 931 seguidores. Ele contém fotos relacionadas à natureza marítima do bairro, ao famoso Parque da Barra do Aririú, aos pescadores, a imagens antigas do bairro, além de vídeos que destacam os mesmos aspectos, com destaque para entrevista com os pescadores e filmagens sobre o bairro na década de 1980, ou seja, contém um rico material que pode ser utilizado nas aulas sobre a História local.

Figura 15: Imagem do grupo no *Facebook*.



Fonte: Disponível em <https://www.facebook.com/barradoaririusc/videos/?ref=page_internal>. Acesso em 13 de ago. de 2022.

Nessa fonte temos um rico material de imagens, vídeos e textos que podem ser utilizados nas aulas de História sobre a Barra do Aririú, sendo que as postagens fazem parte de arquivos pessoais da comunidade de seguidores e mostram principalmente o Parque, além de vídeos do bairro da década de 1980.

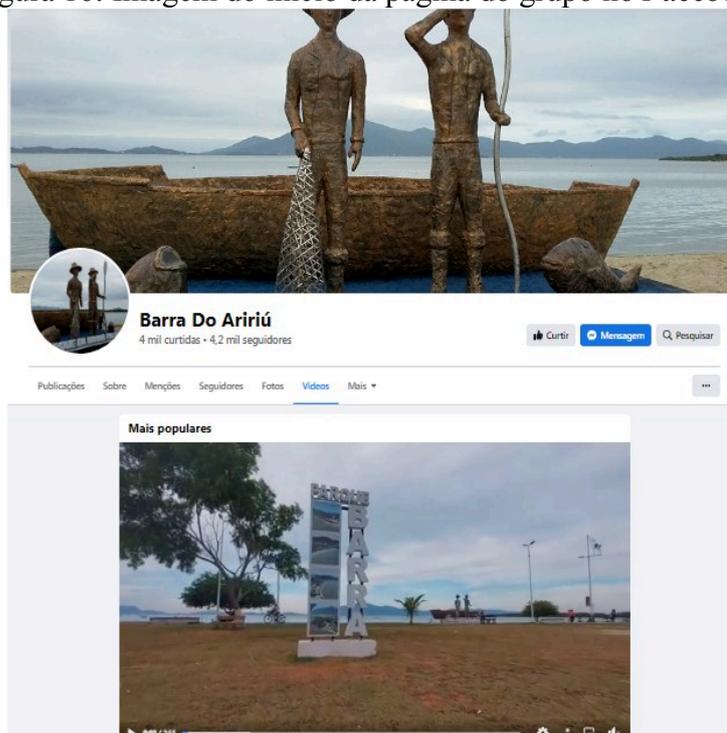
Por conseguinte, encontramos outro grupo no *Facebook* com o nome Barra do Aririú (@barradoaririumilgrau)⁵¹, esse com 4126 seguidores. Ele traz fotos do Parque da Barra do

⁵⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/barradoaririusc/videos/?ref=page_internal>. Acesso em 13 de ago. de 2022.

⁵¹ Disponível em <https://www.facebook.com/barradoaririumilgrau/photos/?ref=page_internal>. Acesso em 13 de ago. de 2022.

Aririú ressaltando as belezas da natureza, algumas imagens da pesca e diversas propagandas do comércio local. Dos três vídeos disponíveis no grupo, dois enfatizam o espaço do Parque da Barra do Aririú e um apela para doação de sangue. As postagens foram feitas por diversas pessoas em seus perfis pessoais e reproduzidas neste grupo.

Figura 16: Imagem do início da página do grupo no *Facebook*.

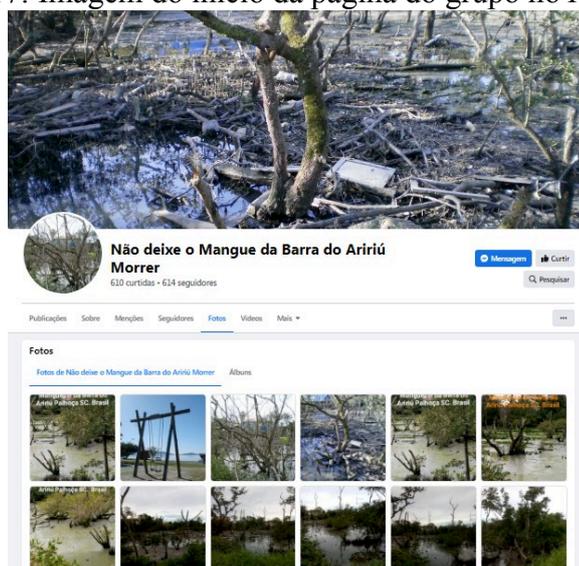


Fonte: Disponível em <https://www.facebook.com/barradoaririuilgrau/photos/?ref=page_internal>. Acesso em 13 de ago. de 2022.

Encontramos também um grupo chamado: Não deixe o Mangue da Barra do Aririú Morrer⁵², com 611 seguidores. Ele mostra fotos e vídeos do mangue do bairro e da destruição causada pela sociedade, além de algumas construções perto das áreas de manguezais.

⁵² Disponível em <<https://www.facebook.com/N%C3%A3o-deixe-o-Mangue-da-Barra-do-Ariri%C3%BA-Morrer-254954978046092>>. Acesso em 13 de ago. de 2022.

Figura 17: Imagem do início da página do grupo no *Facebook*.



Fonte: Disponível em <<https://www.facebook.com/N%C3%A3o-deixe-o-Mangue-da-Barra-do-Ariri%C3%BA-Morrer-254954978046092>>. Acesso em 13 de ago. de 2022.

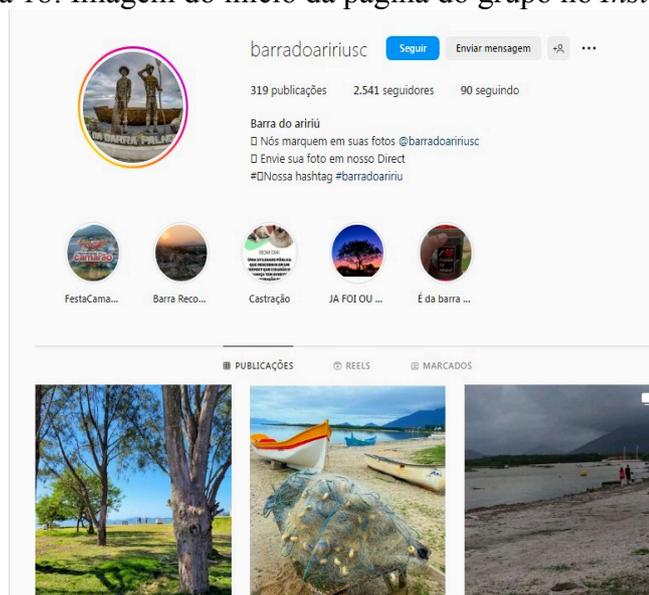
Em suma, buscamos pelas palavras-chave História da Barra do Aririú nos grupos do *Facebook* e encontramos essas três fontes digitais com relação mais próxima a História. As demais eram propagandas do comércio, das igrejas e outros aspectos.

3.8. PERFIS NO *INSTAGRAM*

No que tange à pesquisa feita no *Instagram* com a busca pelas palavras-chave “História da Barra do Aririú” nada foi encontrado. Porém, quando procuramos as palavras-chave “Barra do Aririú” temos inúmeras páginas. Destacamos a mais relevante que é o perfil Barra do Aririú (@barradoaririusc), com 2287 seguidores⁵³. Percebemos que ela tem como principal foco mostrar fotos e vídeos sobre o Parque da Barra do Aririú, ressaltando o mar, as belezas a sua volta e a pesca, além de alguns vídeos e fotos antigas do bairro.

Essa é uma fonte digital importante para explorar com os estudantes nas oficinas, pois mostra o principal ponto de encontro do bairro, o Parque da Barra do Aririú, sendo assim fértil para questionamentos sobre a escolha por certos espaços de destaque no bairro. As fotografias e vídeos antigos, também auxiliam a pensar o que os moradores desejam lembrar sobre a vida no bairro, principalmente, do final do século passado, além de conter entrevistas com pescadores que ressaltam a tradição açoriana.

⁵³ Disponível em <<https://www.instagram.com/barradoaririusc/>>. Acesso em 13 de ago. de 2022.

Figura 18: Imagem do início da página do grupo no *Instagram*.

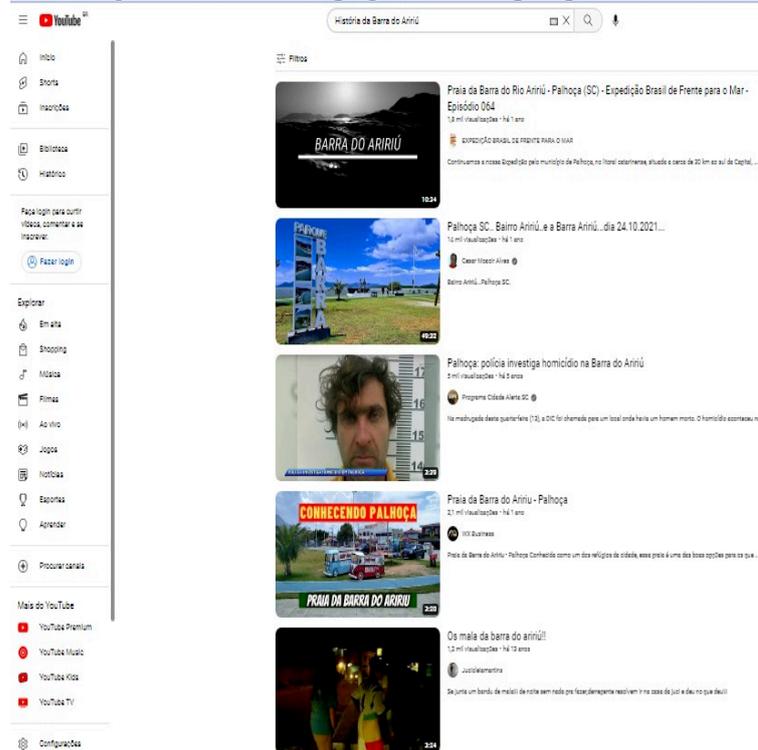
Fonte: Disponível em <<https://www.instagram.com/barradoaririusc/>>. Acesso em 13 de ago. de 2022.

3.9. VÍDEOS NO *YOUTUBE*

Por último, fizemos a busca pelas palavras-chave “História da Barra do Aririú” no *YouTube*. Encontramos centenas de resultados que novamente ressaltam o Parque da Barra do Aririú com suas belezas naturais, próprio para o lazer. Também encontramos vídeos sobre as reivindicações de vereadores e pescadores do bairro para a dragagem do rio Aririú, melhor iluminação para os ranchos de pesca, além de diversos outros aspectos sociais.

Os resultados encontrados foram inúmeros, porém o *YouTube* disponibiliza diversos filtros de pesquisa como o período da publicação, tipo e duração do vídeo, entre outros. Utilizamos o filtro vídeos e relevância e obtemos 9 vídeos.

Figura 19: Imagem do início da página com a pesquisa feita no *YouTube*.



Fonte: Disponível em

<https://www.youtube.com/results?search_query=Hist%C3%B3ria+da+Barra+do+Ariri%C3%BA>. Acesso em 13 de ago. de 2022.

Após fazer a análise da História da Barra do Aririú no *Google*, *Facebook*, *Instagram* e *YouTube* chegamos as seguintes conclusões: tanto o mecanismo de busca como as redes sociais mostram um bairro limitado à faixa de terra da Praia da Barra do Aririú e do seu Parque, reproduzindo imagens da praia, natureza e belezas das paisagens. Esse tema central na maioria das fontes digitais pesquisadas é relacionado à pesca e os pescadores, além disso, temos o tema da degradação ambiental e em menor escala outros aspectos sociais.

Sabemos que desde a colonização portuguesa o espaço brasileiro foi muito alterado e até hoje a maior parte dos habitantes do país concentram-se no litoral assim como acontece na Barra do Aririú. Portanto, avistamos como tema principal para uma investigação mais aprofundada do bairro o aspecto da História Espacial da Barra do Aririú e os motivos que levam a limitar uma área de mais de seis mil quilômetros quadrados a alguns quilômetros da Praia da Barra do Aririú.

4. OFICINAS DAS FONTES DIGITAIS DA BARRA DO ARIRIÚ

Neste capítulo será apresentada a dimensão propositiva desta dissertação que, como parte das finalidades do Profhistória, visa apresentar um produto didático educacional destinado a aperfeiçoar a prática pedagógica de professores de História de Palhoça e contribuir no aprimoramento do Ensino de História nas escolas brasileiras.

Sabendo da importância que as fontes digitais alcançam no século XXI para elaboração e disseminação do conhecimento histórico, este trabalho visa contribuir para ampliar os horizontes do Ensino de História.

No que se refere às fontes digitais será problematizado o seu surgimento e expansão, elencando exemplos de recursos digitais para aprender História, como sites, vídeos, redes sociais, etc.

A escolha pela História Local visa problematizar a abordagem macro, que com suas lentes foca mais nos fatos históricos internacionais e nacionais, deixando de lado a particularidade local, de municípios e bairros. A ideia é estimular o conhecimento sobre o lugar de vivência, buscando também demonstrar as fontes históricas que podem auxiliar nas narrativas sobre o local, como jornais, livros, relatos orais, mapas, fotografias, vídeos, etc.

A proposta visa a construção de uma metodologia de trabalho com fontes históricas digitais da Barra do Aririú, obtidas a partir de pesquisa documental. Para isso serão propostas oficinas a serem realizadas com os estudantes do bairro, que serão divididas em seis, cada uma com seus temas, objetivos, estratégias, além de fontes digitais e os materiais.

Propõe-se os seguintes temas e abordagens:

Temas	Objetivos	Estratégias	Fontes históricas e/ou materiais
1. Conhecendo as fontes digitais.	Refletir sobre os usos da internet e dos mecanismos de busca. Identificar, diferenciar e problematizar as fontes digitais da Barra do Aririú.	Usar as fontes digitais para demonstrar as possibilidades para construção do conhecimento histórico. Utilizar o mecanismo de busca do <i>Google</i> para compreender as possibilidades e limites para selecionar e analisar as fontes digitais da Barra do Aririú.	Expor oralmente, utilizar a lousa, imagem e o <i>Google Forms</i> para tratar os principais questionamentos sobre as fontes digitais: O que são fontes digitais? Quais suas possibilidades e limites para aprender História? Como opera o colonialismo de dados?

<p>2. Reconhecendo e problematizando as fontes digitais da Barra do Aririú.</p>	<p>Tabular, classificar e problematizar as fontes digitais da Barra do Aririú. Investigar a fonte do jornal digital NDMAIS.</p>	<p>Compartilhar e analisar os resultados da pesquisa sobre as fontes digitais da Barra do Aririú. Analisar e problematizar o jornal digital NDMAIS procurando identificar seus autores, intenções e públicos.</p>	<p>Investigar no <i>Google</i> as principais fontes digitais sobre o bairro. Refletir através de questionamentos sobre a primeira fonte digital do Jornal NDMAIS: Pesca e a tradição açoriana reinam na Barra do Aririú, um dos bairros mais antigos de Palhoça</p>
<p>3. História da Barra do Aririú: Açorianidade e Povos Silenciados.</p>	<p>Possibilidades de refletir sobre a história do bairro a partir das memórias e silenciamentos, para compreender a origem dos seus habitantes, singularidades, relações históricas com a pesca e os sentidos dessa atividade com a comunidade local.</p>	<p>Analisar as narrativas digitais sobre a identidade cultural da Barra do Aririú, problematizando a prática social da pesca e os povos invisibilizados na História do bairro. Propor narrativas sobre os povos africanos e indígenas.</p>	<p>Interrogar a primeira fonte digital do Jornal NDMAIS: Pesca e a tradição açoriana reinam na Barra do Aririú, um dos bairros mais antigos de Palhoça.</p>
<p>4. Urbanização e Meio Ambiente: entre espacialidades e invisibilidades</p>	<p>Analisar o processo de urbanização do bairro e seus efeitos para o meio ambiente e a atividade pesqueira. Conhecer os mapas digitais para compreender a espacialidade da Barra do Aririú.</p>	<p>Investigar o espaço do bairro através das fontes digitais desta pesquisa para refletir sobre a invisibilidade dos espaços longe da praia da Barra do Aririú.</p>	<p>Reflexão sobre o grupo do <i>Facebook</i> “Não deixe o mangue morrer”. Problematização do vídeo da quinta fonte digital disponível no <i>Facebook</i>: Uma grande narrativa sobre a história do nosso bairro e suas curiosidades. Além de outros vídeos do <i>YouTube</i> que mostram a Barra do Aririú e os bairros próximos. Utilizaremos também o <i>Google Maps</i>, <i>Google Street</i>, <i>Google Earth</i> para conhecer as espacialidades e invisibilidades da Barra do Aririú.</p>
<p>5. Saber fazer dos pescadores e a pesca como uma prática social da Barra do Aririú.</p>	<p>Conhecer os pescadores como seres sociais e culturais, com seu modo de ser, a partir de conhecimentos específicos da pesca, da tradição oral e outras que foram</p>	<p>Refletir sobre as lutas sociais pelos direitos e reconhecimento profissional através da análise das fontes digitais sobre a associação dos pescadores.</p>	<p>Análise dos grupos do <i>Facebook</i> da Associação dos Pescadores (Abepebas) e do Barra do aririú. Análise do perfil no <i>Instagram</i> “@barradoaririusc”.</p>

	incorporadas às suas experiências.		
6. Construindo um <i>Instagram</i> da Barra do Aririú com os estudantes.	Desenvolvendo e promovendo narrativas históricas digitais, através da elaboração de um <i>Instagram</i> sobre a história do bairro.	Com a mediação do professor será proposto a elaboração de um <i>Instagram</i> em sala de aula em que os estudantes ajudarão a escolher a organização e estética, com objetivo de divulgar e promover a pesquisa, além de contribuir para a elaboração das narrativas digitais da Barra do Aririú. O conteúdo do <i>Instagram</i> será aquele produzido durante as oficinas com as fontes digitais da Barra do Aririú.	Fontes digitais do bairro e a construção colaborativa de um <i>Instagram</i> .

4.1. DESCRIÇÃO DAS OFICINAS

Durante minhas aulas percebi os estudantes como pertencentes a Cultura Digital, sendo assim, realizei uma pesquisa prévia e informal com eles sobre o uso da internet e percebi que a maioria utilizava celulares e computadores, acessando sites, textos, vídeos e redes sociais. Também tive, como dito anteriormente, o interesse nas temáticas digitais como dos Jogos Eletrônicos e redes sociais, por isso busquei conhecer e problematizar mais sobre as fontes digitais para o Ensino de História.

Além disso, identifiquei que o livro didático do colégio enfatizava a dita “História Maior” tratada por Pereira (2017, p.108), como de grandes acontecimentos e grandes esquemas explicativos, por isso busquei desenvolver a dita “História Menor” também problematizada por Pereira (2017, p. 112), no caso a História Local com suas múltiplas facetas, experiências e práticas afetivas.

O Ensino de História abrange, atualmente, inúmeras abordagens. Porém, o que percebemos é que os estudantes ainda são passivos na construção do conhecimento histórico, pois as aulas de História muitas vezes continuam sendo mais expositivas e tendo o professor como um dos únicos detentores do saber. Diante disso, pretende-se neste trabalho propor aulas-oficinas que, segundo Costa (2015, p.251), são espaços discursivos em que pensamento e ação se relacionam, são um terreno potente e fértil onde se demarca a autoria e a produção de

narrativas a partir da dissolução da visão dicotômica entre teoria e prática, que se juntam em prol de um aprendizado que será materializado na produção de algo.

Sabendo que as aulas de História proporcionam o aprendizado histórico e ampliam os horizontes dos estudantes, sendo geralmente expositivas e/ou dialogadas, busquei elaborar aulas que formem estudantes mais autônomos e críticos em relação aos conteúdos históricos, propondo seis aulas-oficinas sobre a temática relacionada às fontes digitais da Barra Aririú.

Segundo Barca (2004, p. 1) as aulas-oficinas são uma das possibilidades de os estudantes serem agentes sociais:

Ora se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação.

Pensando nisso, propomos desenvolver as aulas-oficinas relacionadas às fontes digitais da Barra do Aririú para contribuir com um Ensino de História mais criativo, crítico, interativo e que possibilita o letramento digital.

Estas oficinas foram pensadas para estudantes do Ensino Fundamental II, mais especificamente alunos do 9º ano, pois esses poderão mobilizar melhor os saberes históricos adquiridos durante todo o Ensino Fundamental. As oficinas propostas são sugestões dentro de uma dada situação e possibilidades que podem ser adaptadas para outras realidades dos bairros e municípios brasileiros, sem ter a pretensão de esgotar as possibilidades com esse tema. Por isso convidamos o leitor a explorar as fontes digitais da Barra do Aririú.

4.2. PRIMEIRA OFICINA: CONHECENDO AS FONTES DIGITAIS

Apresentação

Nesta primeira oficina, busca-se introduzir a temática sobre as fontes digitais, conhecendo seus meios, formas, conteúdos, além de suas possibilidades e limites para o Ensino de História.

Sugere-se iniciar com o seguinte questionamento: O que são fontes digitais?

Como tratado neste trabalho, os documentos digitais são diversos e segundo Almeida (2011), são conceituados como aqueles em sistema de dígitos binários, implicando na necessidade de uma máquina para intermediar o acesso às informações. Tal máquina é, na maioria das vezes, um computador.

Assim, a História das fontes digitais é possível somente a partir da invenção dos computadores. Conforme Villaça e Steinbach (2014, p. 22)

Até a primeira metade do século XX, um computador ainda significava uma pessoa fazendo cálculos. Conforme foi dito, cálculos longos eram divididos em partes e realizados por um grupo de pessoas. Atualmente, a palavra computador é reservada para se referir a computadores digitais com programa armazenado internamente e modificável. Futuramente, esse significado deve novamente se alterar. Alguns futuristas acreditam que podemos até criar máquinas com inteligência muito maior do que a nossa.

Percebemos que o computador passou de instrumento utilizado para fazer cálculos, para uma máquina que armazena dados com capacidade de imitar ou até superar a inteligência humana.

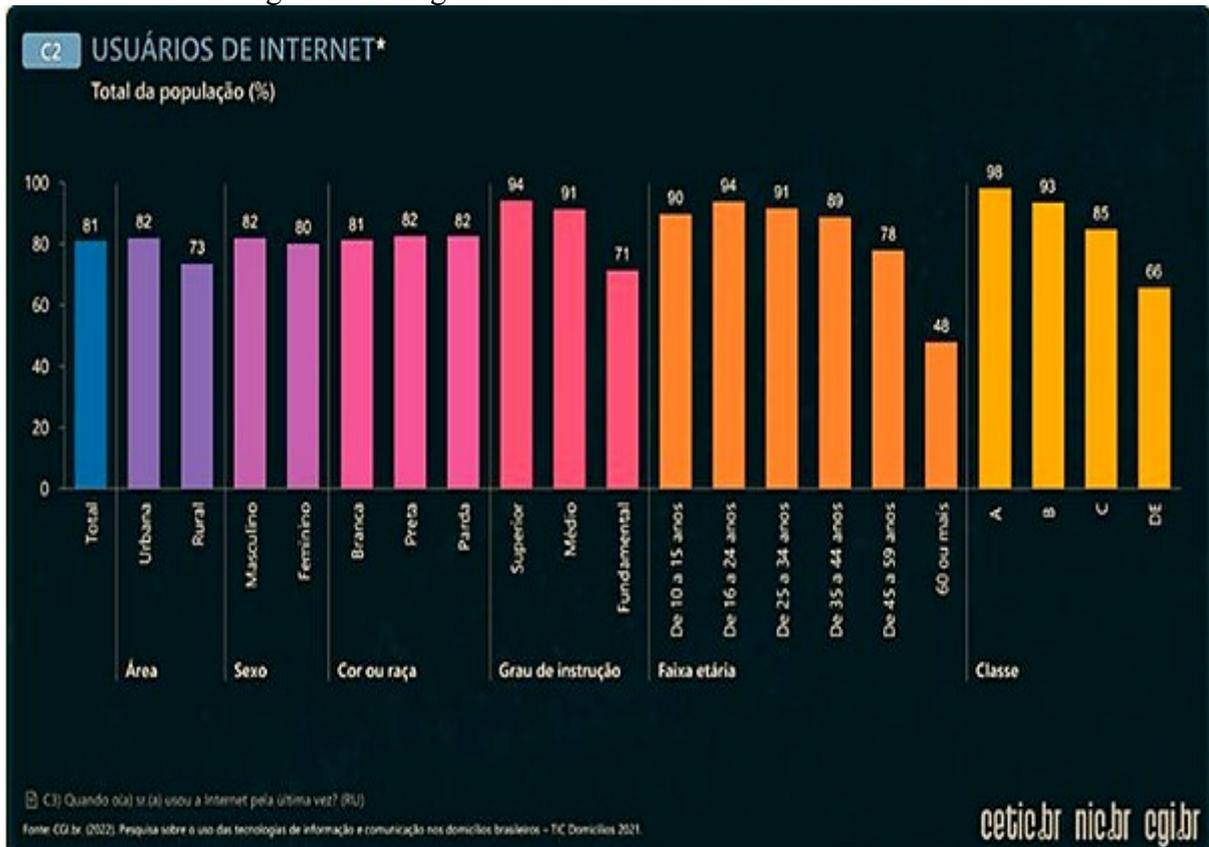
No que trata da internet, segundo dados nacionais de 2021, cerca de 90 % da população brasileira tinha acesso à rede⁵⁴. No que tange ao uso pessoal dos celulares, o índice no mesmo ano subiu para 99.5% dos domicílios brasileiros com acesso à internet⁵⁵.

De acordo com o gráfico a seguir temos um panorama do uso da internet no Brasil em 2021.

⁵⁴ Disponível em <<https://bityli.com/3LzC3>>. Acesso em 03 de fev. de 2023.

⁵⁵ Disponível em <<https://bityli.com/X5HIXG>>. Acesso em 03 de fev. de 2023.

Figura 20: Imagem do uso da internet no Brasil em 2021.



Fonte: Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-06/em-2021-82-dos-domicilios-brasileiros-tinham-acesso-internet>>. Acesso em 04 de mar. de 2023.

Percebemos, pelo gráfico, que o perfil predominante de brasileiros que utilizam a internet é equilibrado, entre o meio rural e urbano. O mesmo equilíbrio é verificado entre os diferentes gêneros e cor de pele, tendo um desequilíbrio no nível de instrução, faixa etária e classes sociais.

É importante salientar que o uso da internet é assimétrico nos níveis de instrução, faixa etária e classes sociais, apontando para diferenças entre os diversos patamares de conhecimento da cultura digital.

Sabendo da importância da democratização da internet nos diferentes segmentos sociais, evidenciamos a necessidade de desenvolver e debater as pesquisas na internet para conhecer as fontes digitais da Barra do Aririú.

Atividade 1

Objetivos

➡ Refletir sobre os usos da internet e dos mecanismos de busca, principalmente do *Google*.

➡ Debater sobre o colonialismo de dados e as suas implicações para a sociedade.

Após conhecer um pouco sobre os meios que abrigam as fontes digitais e perceber o seu desenvolvimento atrelado a um contexto histórico específico, a intenção a seguir é entender as potencialidades e cuidados necessários nas pesquisas realizadas na internet.

Sugerimos que essa atividade seja feita individualmente para obter-se um maior número de resultados, possibilitando analisar, depurar e problematizar as fontes digitais. O professor poderá realizar essa pesquisa com os alunos através do *Google Forms*⁵⁶, pois essa ferramenta digital possibilita a criação de questionários que podem ser respondidos pelo próprio celular. Dessa maneira, ajudará no letramento digital dos estudantes, diversificando suas ferramentas digitais para uso em pesquisas escolares.

A proposta pode iniciar com reflexões sobre o uso da internet:

1. Quais sites e plataformas que você mais acessa na internet?
2. Você realiza pesquisas na internet, com frequência?
3. Quais temas você pesquisa na internet?
4. Você costuma utilizar a internet para acessar conteúdos de História? Justifique.
5. Você considera que os conteúdos históricos disponibilizados na internet podem auxiliar as aulas de História? Como?

A ideia é formar o perfil dos estudantes e descobrir como eles fazem o uso da internet em seu cotidiano, possibilitando ao professor fazer relações com a cultura digital dos estudantes nas aulas de História.

Em um segundo momento, o professor fará indagações sobre os sites de busca:

1. O que é um site de busca?
2. Como funciona um site de busca?
3. Quais são os tipos de sites de busca?
4. Quais são os principais sites de busca da internet?

O objetivo destas questões é instigar que os estudantes reflitam sobre o que é um site de busca, pois normalmente eles utilizam, mas não refletem sobre as suas finalidades, funcionalidades e diversidade. Além de perceber a predominância do *Google* como maior mecanismo de busca.

⁵⁶ Sugestão de vídeo tutorial sobre o *Google Forms* para o professor utilizar nesta aula. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=C87YFYToHTA>>. Acesso em 16 de jan. de 2023.

A reflexão sobre o *Google* como principal fonte de pesquisa na internet traz a oportunidade de debates sobre como a estrutura política e econômica mundial influencia diretamente em nossas vidas e contextos escolares.

Uma evidência disso é o colonialismo de dados e suas inúmeras estratégias para armazenar as informações sobre os dados pessoais e sociais em prol do lucro das grandes empresas da internet ⁵⁷⁵⁸⁵⁹.

A imagem a seguir sobre o colonialismo de dados pode servir para reflexão sobre as grandes empresas de tecnologias digitais e sua influência na História atual.

Figura 21: Imagem representando o colonialismo de dados.



Fonte: Disponível em <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/05/27/colonialismo-de-dados-ameaca-liberdade-e-da-gas-a-guerra-fria-eua-x-china.htm>>. Acesso em 30 de jan. de 2023.

⁵⁷ Segundo Silveira; Souza e Cassino (2021, p.7) “Colonialismo de dados”, “colonialismo digital”, “capitalismo de vigilância”, “capitalismo de plataforma”, “dataficação”, “modulação” – estas são algumas das teorias e conceitos utilizados para analisar e classificar as transformações recentes ocorridas a partir do avanço das tecnologias digitais e da Internet. Ver mais na obra a seguir:

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da, SOUZA, Joyce, CASSINO, João Francisco (Orgs.). Colonialismo de Dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo. Autonomia Literária. 2021. 212 p. Disponível em <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2022/06/colonialismodedados_fpa_WEB.pdf>. Acesso em 2 de dez. 2022.

⁵⁸ Siqueira (2019) trata sobre os conceitos de colonialismo digital e capitalismo da vigilância. SIQUEIRA, Alessandra Cristina de Mendonça. O colonialismo digital como nova forma de imperialismo nas redes. Revista de Mestrado em Direito da UFS. V.8 • N.01 • p. 29 – 50 • Jan-Jun/2019. Disponível em <<https://www.seer.ufs.br/index.php/dike/article/view/15223/11484>>. Acesso em 30 de jan. de 2023.

⁵⁹ A dataficação pode ser entendida da seguinte forma: Esse termo apareceu pela primeira vez em um ensaio publicado em 2013 pela revista americana *Foreign Affairs*. No texto, intitulado *The Rise of Big Data*, o jornalista Kenneth Neil Cukier, editor de dados da revista inglesa *The Economist*, e Viktor Mayer-Schoenberger, professor na Universidade de Oxford, utilizaram essa expressão para descrever a prática de transformar diversos aspectos das nossas vidas em dados que geram informações para a criação de valor. Disponível em <<https://www.insper.edu.br/noticias/voce-sabe-o-que-e-dataficao-algumas-empresas-ganham-rios-de-dinheiro-com-isso/>>. Acesso em 30 de jan. de 2023.

Essa imagem pode levar o docente a suscitar os seguintes questionamentos com os estudantes:

1. O que está sendo representado na figura 21?
2. Quais relações que podemos fazer entre a figura 21 e a História das Américas?
3. Descreva as permanências e mudanças históricas simbolizadas na figura 21?
4. Explique com suas palavras o significado da definição de capitalismo de dados.

Na próxima atividade, buscaremos compreender como as fontes digitais da Barra do Aririú possibilitam a estruturação de uma narrativa histórica sobre o bairro, com suas oportunidades e dificuldades.

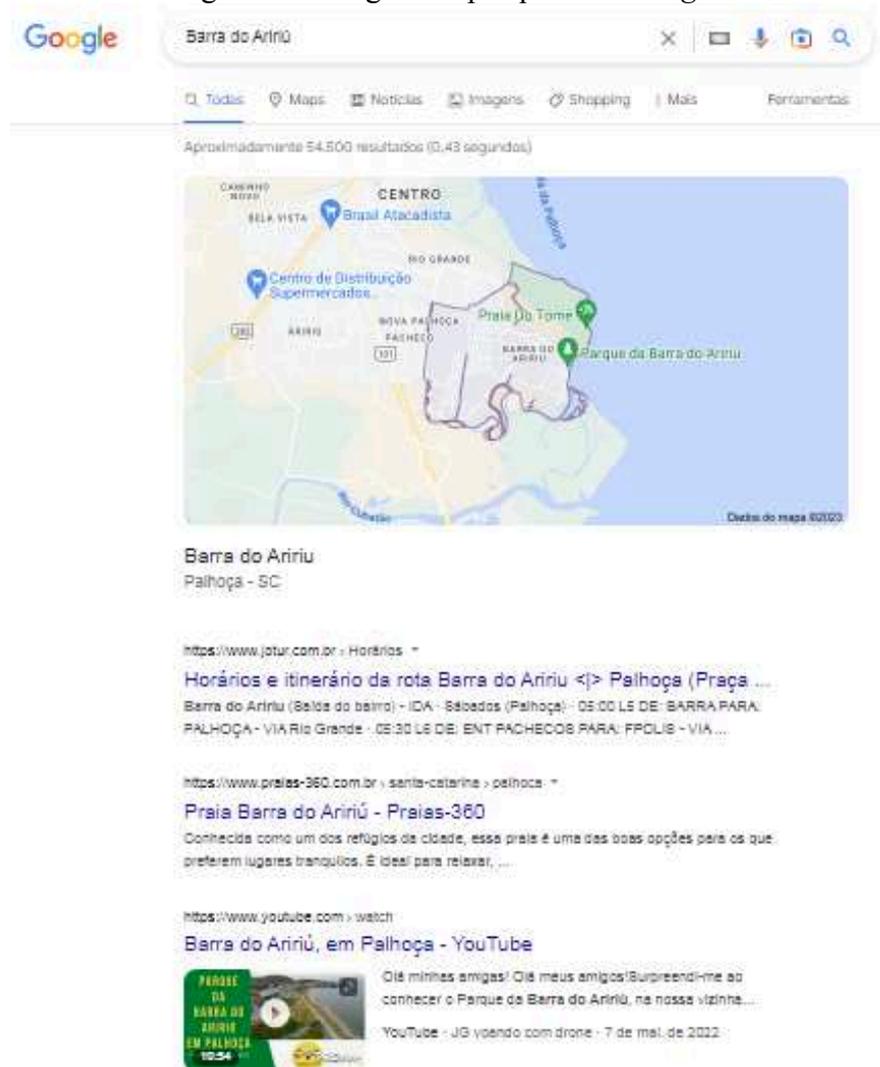
Atividade 2

Objetivos

- ➡ Identificar as fontes digitais da Barra do Aririú.
- ➡ Diferenciar os tipos de fontes digitais da Barra do Aririú.
- ➡ Problematizar a forma de seleção das fontes digitais na pesquisa no *Google*.

Consideramos a possibilidade de realizar uma atividade de pesquisa em grupo sobre as fontes digitais da Barra do Aririú. Cada grupo poderá realizar a pesquisa utilizando os seus celulares, no mecanismo de busca do *Google*, com a palavras-chave (Barra do Aririú).

Figura 22: Imagem da pesquisa no *Google*.



Fonte: Disponível em

<<https://www.google.com/search?q=Barra+do+aririú&oq=Barra&aqs=chrome.0.69i59j69i57j69i59l2j46i39j69i60l3.3770j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

A partir do resultado da pesquisa feita em cada grupo, o professor discutirá a quantidade de resultados encontrados, os tipos de fontes digitais sobre a Barra do Aririú como textos, imagens, vídeos, sites, plataformas, redes sociais; além de questionar o seguinte:

1. Por que o resultado da pesquisa foi tão amplo?
2. Como podemos limitar o resultado da pesquisa?
3. Quais das fontes digitais buscam contar a História do bairro?
4. Como a História do bairro é contada nessas fontes digitais?

As respostas podem ser compartilhadas oralmente e o docente conduzirá a discussão problematizando que para fazer uma pesquisa no *Google* de forma mais aprofundada e crítica é necessário conhecer a lógica de seleção e classificação desta plataforma.

Sobre os questionamentos a respeito da História do bairro, sugere-se que o docente reflita com os estudantes sobre os temas mais abordados nas fontes digitais, como os encontrados neste trabalho, que em sua maioria tratam da degradação ambiental, açorianidade e a prática social da pesca.

A seguir, os estudantes farão uma nova pesquisa com as palavras-chave (História da Barra do Aririú):

Figura 23: Imagem da pesquisa feita no *Google*, utilizando as palavras-chave indicadas.



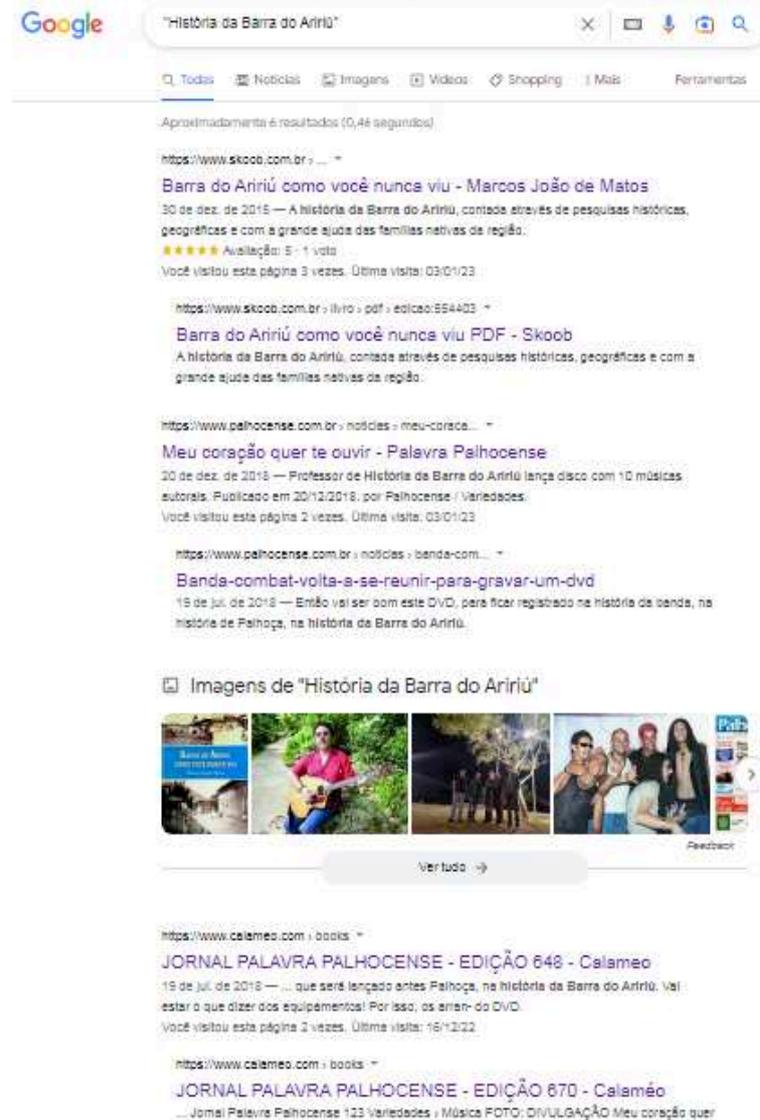
Fonte: Disponível em

<<https://www.google.com/search?q=Hist%C3%B3ria+da+Barra+do+Ariri%C3%BA&aq=Hist%C3%B3ria&aq=chrome.2.69i57j69i59l2j35i39j0i67j69i61l2j69i60.6223j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>

Acesso em 13 de mar. de 2023.

A proposta é demonstrar que as palavras-chave fazem diferença na pesquisa e reduzem os resultados. Além disso, um maior conhecimento de como funciona o site de busca trará mais qualidade à pesquisa.

O docente pode propor as mesmas palavras-chave novamente, só que agora entre aspas, “História da Barra do Aririú”:

Figura 24: Imagem da pesquisa no *Google*.

Fonte: Disponível em <<https://www.encurtador.dev/redirecionamento/3OYHI>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Nota-se que o resultado diminuiu drasticamente de milhares para apenas seis. Segundo o site Lógica Digital, isso ocorre pois:

Quando se realiza uma pesquisa no maior buscador do mundo, Google, ele além de obter resultados significativos, apresenta aqueles que são descartáveis. O mesmo resultado pode ser segmentado por um simples símbolo, as aspas (“”). Mas, pode ser utilizado também o “mais” (+).

Em uma busca, o usuário se depara com resultados que contém vários “palpites” do próprio Google, fugindo muitas vezes do seu interesse. A ideia da utilização das aspas é afunilar os proventos e especificar o que é procurado⁶⁰.

⁶⁰ Disponível em <<https://www.logicadigital.com.br/pesquisa-do-google/>>. Acesso em 21 de fev. de 2023.

Porém o *Google* é apenas uma das plataformas digitais a ser explorada, pois temos também o *YouTube*, *Instagram* e o *Facebook* que serão trabalhados a partir da quarta oficina.

4.3. SEGUNDA OFICINA: RECONHECENDO E PROBLEMATIZANDO AS FONTES DIGITAIS DA BARRA DO ARIRIÚ

Apresentação

Na primeira oficina o docente trabalhou a importância das palavras-chave para a pesquisa com as fontes digitais da Barra do Aririú, agora o desafio é entender e selecionar as fontes digitais mais relevantes para a História da Barra do Aririú.

Primeiro devemos entender que os resultados encontrados na pesquisa no *Google* significam o número de fontes digitais encontradas pelo buscador com as palavras-chave indicadas. Por exemplo, com as palavras-chave História da Barra do Aririú encontramos 21.000 resultados que nos levam a inúmeros links com assuntos diversos sobre o bairro, mesmo sabendo que a pesquisa foi restringida por palavras específicas.

Diferentemente de uma pesquisa com fontes escritas, como por exemplo em uma biblioteca pública, que geralmente está limitada a organização por temas e autores, a pesquisa no *Google* funciona a partir de critérios pré-estabelecidos por uma empresa, por isso evidenciamos a necessidade de compreender as peculiaridades de uma pesquisa na internet.

O *Google* realiza suas pesquisas através de um robô, que pode ser conhecido como buscador, que tem a função de ler e entender os conteúdos de um site e armazenar seus dados em um servidor, assim quando fazemos uma pesquisa nesse mecanismo de busca, o robô, procura os resultados armazenados e em questão de segundos traz os resultados. Porém, caso um site novo não tenha sido visitado por essa máquina ele não irá aparecer na pesquisa⁶¹.

Por isso, o docente precisa conhecer sobre a lógica de funcionamento dos meios digitais mobilizados em sua aula para ter o melhor proveito e também problematizar as limitações das tecnologias digitais.

Após a pesquisa desenvolvida, encontramos diversas fontes digitais sobre a Barra do Aririú. Agora é essencial selecionar, classificar e problematizar essas fontes para que possam servir para as finalidades do saber histórico

⁶¹ Ver mais sobre o funcionamento do *Google* no tutorial a seguir.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=26OPzNcxOgY&t=20s>>. Acesso em 17 de jan. 2023.

Atividade 3

Objetivos

- ➡ Tabular e classificar as fontes digitais relacionadas à História da Barra do Aririú.
- ➡ Problematizar a fonte do jornal digital NDMAIS.
- ➡ Identificar autores, intenções e públicos das fontes digitais.

Novamente, o professor pode solicitar que os estudantes realizem em seus celulares ou no laboratório de informática individualmente a pesquisa no *Google* com as palavras-chave História da Barra do Aririú, agora sem aspas para ficar mais abrangente e desenvolver a capacidade de seleção dos estudantes.

No entanto, desta vez, os estudantes podem realizar a tabulação e classificação das fontes digitais da História da Barra do Aririú, como no exemplo a seguir:

Tipo de fonte digital	Conteúdo	Relação com a História da Barra do Aririú	Autores
Site, Blog, Rede social, Jornal, Canal de vídeos...	Temas principais.	Pouca, média, grande.	Identificar as autorias ou falta delas.

Mais adiante, cada grupo de estudantes ficará com um tipo de fonte digital encontrada na pesquisa, sendo que alguns podem ficar com os jornais digitais, outros com os vídeos do *YouTube* ou grupos do *Facebook*.

A proposta é problematizar as fontes digitais como produtos de um dado contexto histórico. Para isso, os estudantes farão os seguintes questionamentos a cada fonte encontrada:

1. Quantas fontes digitais foram encontradas?
2. Escolha três fontes digitais para analisar.
3. Descreva as principais características dessa fonte digital como: tipo de fonte (plataforma, site, vídeo, jornal digital) e temas principais.
4. Quais objetivos essa fonte digital pretende atingir (informar, divulgar, promover, criticar)?
5. Explique se essa fonte digital é feita para algum público específico.
6. Como a fonte digital conta a História da Barra do Aririú? Justifique.

As respostas ao questionário podem ser compartilhadas oralmente em sala de aula e o docente pode refletir com os estudantes sobre a importância de questionar as fontes digitais para descobrir suas intenções e silenciamentos.

Sabemos que cada fonte digital tem suas especificidades, por isso exploraremos as particularidades de um jornal digital para narrar a História da Barra do Aririú.

Atividade 4

Objetivos

- ➡ Refletir sobre a autoria da fonte do jornal digital NDMAIS.
- ➡ Entender as diferenças de um jornal impresso para um digital.
- ➡ Analisar as intenções do jornal digital NDMAIS.

Nesta atividade, a proposta é trabalhar com uma das fontes digitais da pesquisa e sugerimos o jornal digital NDMAIS, por ser a mais relevante encontrada no *Google*, pois trata da História da Barra do Aririú procurando explicar suas origens, desenvolvimentos e atualidades.

Sugerimos começar pela autoria.

Figura 25: Imagem da fonte do NDMAIS.



Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/#:~:text=Em%20meados%20do%20s%C3%A9culo%2019,mais%20de%20120%20fam%C3%ADlias%20residentes.>>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

A autoria da fonte digital é importante para reconhecermos as perspectivas por trás das narrativas, neste caso, temos o autor da notícia Marciano Diogo, o jornal digital e a rede de comunicação da NDMAIS.

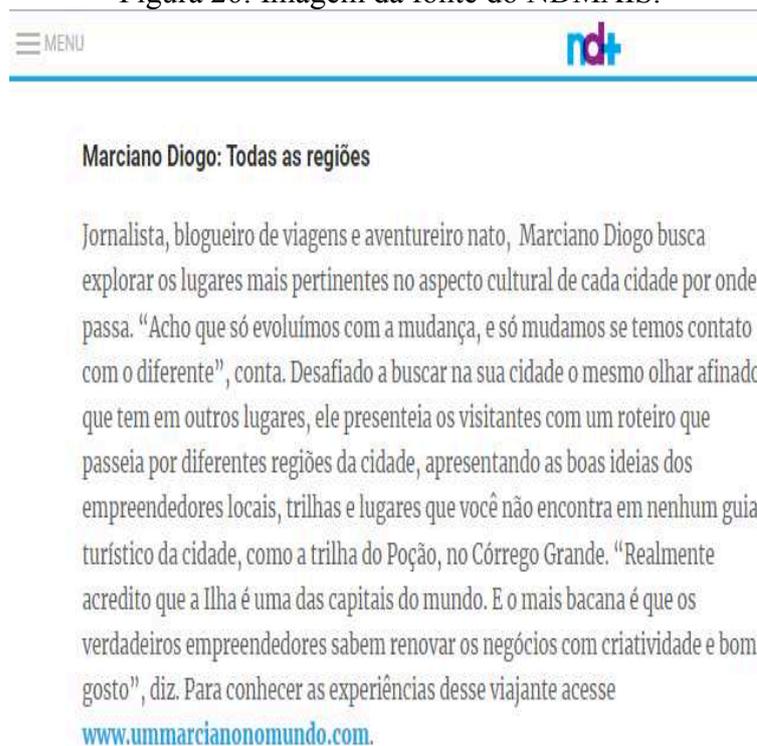
Sugere-se que o docente solicite aos estudantes que formem grupos de até quatro pessoas e façam as seguintes pesquisas: um grupo pesquisará sobre o autor da notícia, outro a respeito do jornal digital e um terceiro sobre a rede NDMAIS. Pretende-se, nesta parte, reconhecer os autores da pesquisa e suas intenções.

As questões sobre o autor, o jornal e o grupo NDMAIS podem ser:

1. Quem são?
2. Quais são as suas perspectivas sociais?
3. Qual público desejam atingir?

A pesquisa na internet sobre o autor mostrou o seguinte.

Figura 26: Imagem da fonte do NDMAIS.



Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/turismo/quatro-experts-em-viagens-e-passeios-fizeram-um-guia-para-visitar-a-capital/>>. Acesso em 17 de jan. de 2023.

A busca pelo nome do autor da notícia digital é importante e pode ser feita na internet, como nas redes sociais do *Facebook* e *Instagram* ou em vídeos do *YouTube*.

Ao fim da pesquisa feita pelos estudantes, o docente pode compartilhar oralmente que o jornalista responsável pela notícia usa das tecnologias digitais para tratar dos aspectos

turísticos e econômicos da Grande Florianópolis, geralmente, com a perspectiva de querer mostrar o melhor da cidade. O que implica em deixar de lado aspectos problematizadores, como os conflitos e múltiplos personagens, em prol de uma narrativa romantizada.

Dando sequência a atividade, o docente pode tratar dos seguintes questionamentos:

1. Quais as diferenças e semelhanças entre o jornal impresso e digital?
2. Quais são os objetivos das notícias digitais do NDMAIS?
3. O jornal tem outras notícias semelhantes a essa fonte digital, tratando sobre a tradição açoriana? Justifique.
4. Por que a tradição açoriana é enfatizada na cultura da Grande Florianópolis nos jornais digitais?
5. Quais são os outros povos e tradições que contribuem para a cultura da Barra do Aririú, segundo o jornal?

As indagações feitas pelo educador podem levar os estudantes a problematizar a natureza do jornal digital, suas perspectivas e interesses, questionar a tradição açoriana como modelo cultural privilegiado pelo jornal, e dar voz a outros povos e culturas presentes no bairro.

O professor também pode discutir com os estudantes sobre os objetivos do grupo de comunicação da NDMAIS, a partir da fonte digital abaixo, disponível no próprio jornal:

Figura 27: Imagem da fonte do NDMAIS.



Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/tv/record-e-o-veiculo-de-midia-em-que-os-brasileiros-mais-confiam/>>. Acesso em 17 de jan. de 2023.

Outro aspecto importante para problematizar com os estudantes é sobre a linha editorial de um jornal⁶², compreendendo a definição e importância para a narrativa do jornal. A linha editorial expressa suas perspectivas sobre como percebe a sociedade e que recortes define para desenvolver e apresentar determinadas notícias.

Além disso, será importante discutir sobre a diferença entre as mídias corporativas e hegemônicas e as alternativas. Pois, as mídias corporativas e hegemônicas dominam os principais veículos de comunicação, como o jornal NDMAIS, compartilhando muitas vezes visões parciais em seus noticiários, preservando interesses de assinantes ou anunciantes.

Em contraponto, Garcia (2018) afirma que:

(...) as mídias alternativas não têm interesse comercial diretamente, nem visam o lucro como modelo de negócio, mas precisam de recursos para se desenvolver, por exemplo com o financiamento coletivo online (crowdfunding). Isso garante autonomia, emancipação e independência em suas ações criativas, permitindo experimentar uma dimensão mais concreta da sociedade, conforme necessidade.

Sabemos que na narrativa histórica o recorte temporal e espacial, além da problemática, fazem diferença no resultado do conhecimento histórico produzido, por isso vamos investigar como a História da Barra do Aririú é contada no jornal digital NDMAIS.

Portanto, a seleção e investigação das fontes digitais são importantes para problematizarmos a forma e o conteúdo, como também perceber as perspectivas históricas que predominam na narrativa e aquelas que são silenciadas.

Na próxima oficina o propósito é descobrir os grupos sociais que são lembrados e esquecidos na História da Barra do Aririú, procurando entender os motivos que levam a esses panoramas históricos.

4.4. TERCEIRA OFICINA: HISTÓRIA DA BARRA DO ARIRIÚ: AÇORIANIDADE E POVOS SILENCIADOS

Apresentação

Ensinar História implica selecionar inúmeros recortes temporais e espaciais, o que traz ao professor o desafio de abordar inúmeros contextos e temporalidades.

⁶² Sugestão de vídeo aula explicando o que é um editorial e sua importância para construir uma coesão na narrativa das diferentes partes de um jornal.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=49IGKUS2uRQ>>. Acesso em 31 de jan. de 2023.

Nos livros didáticos utilizados na escola que inspirou esta pesquisa, se faz presente a História Macro, com ênfase na cronologia, na política e na história europeia em detrimento da História do Brasil, América Latina, História da África. Há também a ênfase em uma história global ou história nacional que auxilia no entendimento geral de uma época com suas lógicas históricas, porém perde em ensinar a diversidade das realidades locais de um período.

Por outro lado, a História Local auxilia a compreender os aspectos do cotidiano de um bairro, com suas particularidades, afetividades e lógicas históricas internas que muitas vezes escapam da dita “História Maior”.

A Historiografia Local também idealiza o passado e utiliza alguns critérios para elaborar a sua narrativa, como a perspectiva política, econômica, cultural, a proeminência de alguns povos e culturas e o silenciamentos de outros.

Propomos que nesta oficina o docente problematize as fontes digitais, que tratam da História do bairro da Barra do Aririú, localizada no município catarinense de Palhoça. Buscando elaborar uma História que valorize os múltiplos personagens e grupos históricos, utilizando das mais diversas fontes digitais.

Atividade 5

Objetivos

- ➡ Refletir sobre a História da Barra do Aririú a partir da problematização da narrativa do jornal NDMAIS.
- ➡ Identificar as memórias predominantes e silenciadas da Barra do Aririú a partir dos questionamentos da narrativa do jornal NDMAIS.
- ➡ Criar narrativas sobre os povos silenciados da Barra do Aririú através da atividade da imaginação histórica.

A primeira proposta de atividade busca criar possibilidades de refletir sobre a história do bairro a partir das memórias e silenciamentos, para compreender a origem dos seus habitantes e suas singularidades.

Orientamos ao docente retornar a fonte digital da atividade anterior que tem como título: *Pesca e tradição açoriana reinam, na Barra do Aririú, um dos bairros mais antigos de Palhoça*. Porém, o objetivo neste momento é discutir a narrativa histórica que ela traz sobre o bairro.

O docente pode iniciar a oficina com algumas indagações sobre a Barra da Aririú:

1. Vocês conhecem a História da Barra do Aririú? Justifique.

2. Quais foram os povos e culturas que formaram este bairro?
3. Qual é a relação da pesca com a História do bairro?

Esses questionamentos iniciais, provavelmente podem suscitar outros e servirão para diagnosticar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre a Barra do Aririú e confrontar com o conteúdo encontrado nesta fonte digital.

A seguir o professor pode expor no *datashow* o seguinte trecho da notícia citada:

Figura 28: Imagem da fonte do NDMAIS.

≡ MENU


Em meados do século 19 chegavam os primeiros moradores açorianos na Barra do Aririú, entre eles o Tomé de Souza, que deu o então nome da Praia e Ponta do Tomé, hoje um dos pontos mais conhecidos do bairro. Na década de 40, o bairro já contava com uma comunidade formada, com mais de 120 famílias residentes. Atualmente, a Barra do Aririú tem mais de seis mil eleitores ativos e cerca de 10 mil habitantes, porém mesmo com o crescimento exponencial dos últimos anos, a cultura açoriana ainda está viva na localidade.

Flávio Tin/ND



Jovem Adriano Martins segue profissão que aprendeu ao lado do pai

Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/#:~:text=Em%20meados%20do%20s%C3%A9culo%2019,mais%20de%20120%20fam%C3%ADlias%20residentes.>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Após a observação do texto e da imagem, o docente pode solicitar aos estudantes que respondam às seguintes perguntas:

1. Quando chegaram os primeiros moradores na Barra do Aririú conforme a notícia?
2. Quais são os povos e culturas que viviam na Barra do Aririú de acordo com a notícia?
3. Quais povos já habitaram a Barra do Aririú?

A intenção com as indagações é provocar a reflexão sobre o conteúdo do trecho, pois o mesmo ressalta o povo açoriano como predominante na cultura do bairro e Tomé de Souza como o desbravador que mereceu um lugar na memória da praia do bairro.

O historiador Matos (2010, p.22) relata sobre esse acontecimento em seu livro sobre o bairro: “Na comunidade da Barra do Aririú, no século XIX, desembarca Tomé de Souza com suas famílias e escravos. Em um morro junto a praia, foi construída uma senzala para abrigar os escravos. Esses negros trabalhavam durante o dia na lavoura e a noite na pesca artesanal com seu senhor”.

O docente pode questionar junto com os estudantes o fato de a fonte digital escolher não falar dos escravizados que vieram com o açoriano e também colocar Tomé de Sousa como protagonista e desbravador, sendo que, uma das bases para colaborar com a narrativa desta fonte digital é o recorte da entrevista com o próprio historiador Matos (2010).

Propomos a atividade de imaginação histórica⁶³ para proporcionar aos estudantes um outro olhar sobre a História da Barra do Aririú. A ideia é que os estudantes possam elaborar narrativas do ponto de vista dos escravizados, imaginando como seria a vida dos escravizados africanos⁶⁴ que vieram juntos com Tomé de Souza. Que impressões esses escravizados tiveram da Barra do Aririú quando chegaram? Como era o seu cotidiano no local?

A problematização sobre essa narrativa pode questionar o apagamento da presença africana na Barra do Aririú, podendo levar o docente a evidenciar com os estudantes uma das intenções da fonte digital, reforçar a identidade açoriana do bairro.

Outra questão é o apagamento da memória dos povos indígenas. Não haveriam indígenas vivendo no local ou próximo? Porque Tomé de Souza é considerado desbravador de uma terra já conhecida e habitada? Por que a praia levou e continua com o nome do Tomé de Sousa até hoje?

Além disso, o docente pode trabalhar com os estudantes neste trecho a ênfase dada ao desenvolvimento populacional do bairro, que na década de 1940 tinha cerca de 120 famílias e no presente tem aproximadamente 10 mil habitantes, dos quais 6 mil são eleitores ativos, mostrando a força política do bairro.

Em contraponto ao desenvolvimento acelerado do bairro, a fonte digital argumenta que a cultura açoriana manteria suas tradições e para reforçar essa lógica usa uma fotografia

⁶³ Segundo *Collingwood* (1972, apud, MENEZES e SIMAN, 2018, p.123) (...) “as fontes do historiador falam-lhe desta ou daquela fase dum processo, cujos estádios intermediários ficam por descrever. É o historiador que procede à interpolação desses estádios”. O historiador serve-se da imaginação construtiva para transcender o que as fontes lhe dizem e assim preencher as lacunas entre os elementos que são fornecidos pelas fontes, possibilitando a continuidade da narrativa histórica: “a imagem que o historiador dá ao seu objeto (...) surge desta forma como uma teia de construção imaginativa, estendida entre certos pontos fixos, fornecidos pelas declarações das fontes”.

⁶⁴ Como inspiração para a narrativa, o professor pode usar o site do programa Santa Afro Catarina, que aborda a vida dos africanos e afrodescendentes em Desterro. Disponível em <<https://santaafrocatarina.sites.ufsc.br/santaafrocatarina/>>. Acesso em 03 de fev. de 2023.

mostrando um pescador do bairro realizando as práticas pesqueiras, com a legenda: “Jovem Adriano Martins segue a profissão que aprendeu com o pai”.

O docente pode também refletir com os estudantes que as imagens são importantes fontes digitais utilizadas pelos jornais e redes sociais, como o *Instagram*, para atrair o público, que cada vez mais entende as imagens como expressões de verdades históricas.

O docente pode sugerir reflexões referentes as outras duas imagens presentes na mesma notícia digital do jornal NDMAIS, a seguir:

Figura 29: Imagem da fonte do NDMAIS.

Flávio Tin/ND

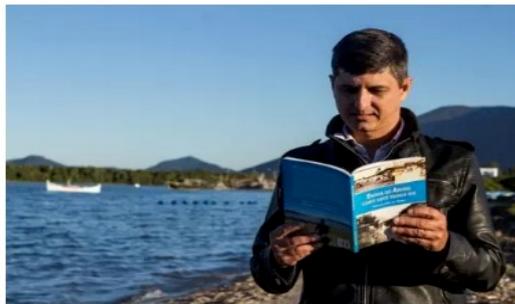


Dona Rosa Isolina Moreira tece os fios no rebolo e faz o artesanato tradicional há mais de 60 anos

Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/#:~:text=Em%20meados%20do%20s%C3%A9culo%2019,mais%20de%20120%20fam%C3%ADlias%20residentes.>>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Figura 30: Imagem da fonte do NDMAIS.

Flávio Tin/ND



Marcos Matos nasceu no bairro e escreveu o livro “Barra do Aririú como você nunca viu”

Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/#:~:text=Em%20meados%20do%20s%C3%A9culo%2019,mais%20de%20120%20fam%C3%ADlias%20residentes.>>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

O docente pode projetar as duas imagens anteriores e solicitar que cada estudante responda aos seguintes questionamentos:

1. Quais pessoas são representadas nas figuras 29 e 30?
2. Você consegue descrever as características semelhantes nas duas figuras?
3. Explique qual cultura que as imagens querem reforçar.

A ideia é perceber que as duas imagens reforçam a identidade açoriana. Tanto a renda de bilro da primeira figura, como do historiador nativo do bairro com a praia da Barra do Aririú ao fundo.

Após as atividades, o docente pode problematizar as respostas dos estudantes e ressaltar que as imagens também mostram intenções e são um recorte espacial e temporal de momentos históricos.

Dentro da selecionada identidade açoriana da Barra do Aririú temos os pescadores do bairro como personagens importantes e procuraremos conhecer esses sujeitos que mantêm a atividade pesqueira.

Atividade 6

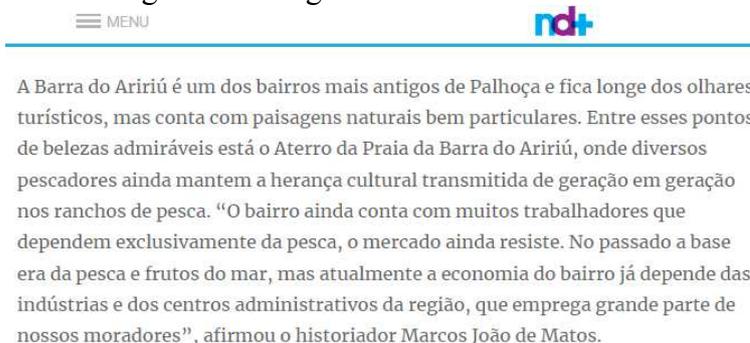
Objetivos

- ➡ Problematizar as relações históricas da Barra do Aririú com a pesca.
- ➡ Compreender os sentidos da pesca para a comunidade local.
- ➡ Refletir sobre as relações dos pescadores com o desenvolvimento da Barra do Aririú.

Sugerimos que o docente continue esta oficina utilizando a mesma fonte digital da atividade anterior, pois é rica em elementos para problematizar as relações da pesca com a suposta identidade açoriana da Barra do Aririú.

O docente também pode utilizar o seguinte trecho da fonte digital:

Figura 31: Imagem da fonte do NDMAIS.



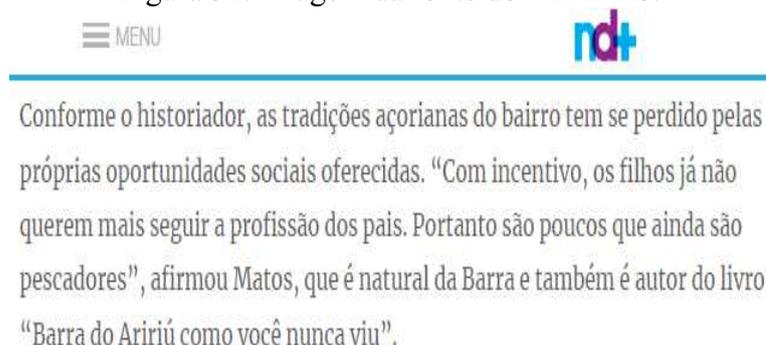
Fonte: Disponível em <

Baseado neste primeiro trecho propomos o debate em torno da importância da pesca para a Barra do Aririú, com as seguintes indagações:

1. Quais elementos são destacados nesta narrativa digital?
2. Como está a situação da pesca e dos pescadores no bairro?
3. Quais mudanças e permanências são destacadas pelo historiador Matos?

Seguindo adiante no segundo e terceiro trecho, o professor pode destacar as dificuldades da atividade pesqueira.

Figura 32: Imagem da fonte do NDMAIS.



Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/#:~:text=Em%20meados%20do%20s%C3%A9culo%2019,mais%20de%20120%20fam%C3%ADlias%20residentes.>>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Figura 33: Imagem da fonte do NDMAIS.



Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/#:~:text=Em%20meados%20do%20s%C3%A9culo%2019,mais%20de%20120%20fam%C3%ADlias%20residentes.>>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

O docente pode problematizar as seguintes questões desses trechos:

1. Descreva quais são as dificuldades da atividade pesqueira na Barra do Aririú?
2. Quais benefícios são ressaltados da atividade pesqueira no bairro?
3. Os filhos de pescadores deveriam seguir o trabalho dos seus pais? Justifique.
4. Analise, conforme os relatos, se a pesca é uma atividade econômica relevante e valorizada no bairro.

Após essa atividade, propõe-se que o docente reflita com os estudantes que a pesca artesanal faz parte da História da Barra do Aririú, porém o ofício de pescador está em declínio

devido à atração exercida por outras atividades econômicas e que a identidade açoriana é mais uma escolha cultural do que uma realidade histórica.

Outra sugestão é que os estudantes entrevistem pescadores do bairro ou busquem entrevistas em redes sociais (como faremos em atividades posteriores), para conhecerem suas narrativas acerca do próprio ofício.

A História da Barra do Aririú, assim como do município de Palhoça foram afetadas pelo processo de desenvolvimento e urbanização ocorridos na segunda metade do século XX, além disso as fontes digitais apresentaram que as espacialidades do bairro estão restritas a praia e ao Parque da Barra do Aririú.

4.5. QUARTA OFICINA: URBANIZAÇÃO E MEIO AMBIENTE ENTRE ESPACIALIDADES E INVISIBILIDADES

Apresentação

Os lugares e suas espacialidades também tem uma História. Alguns resistem com o passar do tempo, como patrimônios históricos preservados, outros se perdem devido ao desenvolvimento urbanístico e o desinteresse social em preservá-los.

Nesta oficina propomos conhecer o espaço da Barra do Aririú através das fontes digitais percebendo sua dimensão, organização, segmentação, relações com o cotidiano do bairro, suas ênfases e invisibilidades.

Para isso, o docente poderá utilizar diversas fontes digitais selecionadas na pesquisa. Sugerimos para este momento o uso dos vídeos do *YouTube* que mostram alguns espaços do bairro, o *Google Maps*, *Google Street View* e *Google Earth Timelapse* para ampliar as possibilidades do Ensino de História local em múltiplos espaços.

Além disso, também abordaremos o processo de urbanização do bairro e as consequências para o meio ambiente, utilizando o grupo do *Facebook* que denuncia a destruição dos mangues locais.

Ao longo da oficina trataremos também sobre os impactos do desenvolvimento urbano para a população do bairro e as invisibilidades sociais existentes para grande parte da população da Barra do Aririú.

Atividade 7

Objetivos

- ➡ Analisar o processo de urbanização da Barra do Aririú.
- ➡ Compreender as consequências do desenvolvimento da Barra do Aririú para os mangues.
- ➡ Problematizar o grupo do *Facebook* como uma forma de crítica a degradação ambiental da Barra do Aririú.

Iniciaremos pela urbanização municipal. O processo de urbanização da Barra do Aririú está intimamente ligado com o do município de Palhoça e a região da Grande Florianópolis, por isso compreendemos como primordial que o docente conheça e contextualize esse aspecto com os estudantes.

Will (2020, p. 46) cita o censo demográfico de 1960 para analisar a urbanização.

Figura 34: Tabela da população urbana e rural em 1960.

Tabela 4 - População urbana e rural em 1960

Brasil, Estado, microrregião e municípios	População total	População urbana	População rural	Pop. urbana em %	Pop. rural em %
Brasil	70.191.370	31.533.681	38.657.689	44,9	55,1
Estado	2.129.252	688.358	1.440.894	32,3	67,7
Região	196.109	91.665	87.523	46,7	44,6
Florianópolis	97.827	77.585	20.242	79,3	20,7
Palhoça	27.789	4.175	23.614	15,0	85,0
São José	31.192	4.347	26.845	13,9	86,1
Biguaçu	22.380	5.558	16.822	24,8	75,2

Fonte: Censo Demográfico 1960

Fonte: Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215927/PGCN0754-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em 19 de jan. de 2023.

Percebemos que até 1960 o município de Palhoça acompanhava a tendência nacional e estadual no índice de urbanização, tendo 85% da população morando no meio rural e apenas 15% no meio urbano.

A Barra do Aririú acompanhou essa tendência e foi se urbanizando somente na segunda metade do século XX, porém trouxe efeitos para a população e para a flora e fauna do bairro.

Will (2020, p. 54) utiliza outra tabela para demonstrar que a população palhocense aumentou e modificou-se nas décadas seguintes.

Figura 35: Tabela da população não natural na área urbana.

Tabela 5 - População não natural na área conurbada

Município	1960			1970			1980		
	Total	ñ naturais	%	Total	ñ naturais	%	Total	ñ naturais	%
Fpólis	97.827	16.786	17,2	138.337	30.894	22,3	187.871	67.147	35,74
Palhoça	27.789	1.049	3,8	20.652	2.557	12,4	38.031	15.822	41,6
São José	31.192	4.801	15,4	42.535	13.875	32,6	87.817	49.155	55,97
Biguaçu	22.380	503	2,3	15.337	1.333	8,7	21.434	5.807	27,09

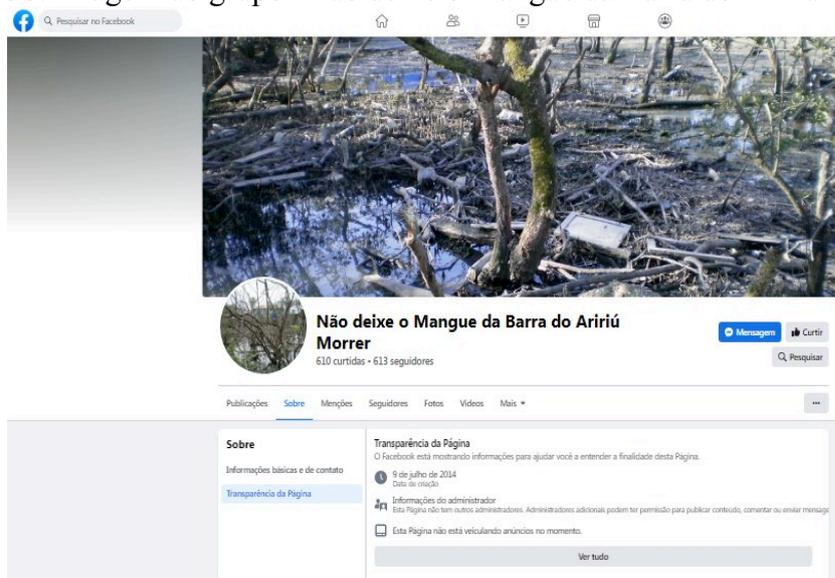
Fonte: Adaptado de Faccio (1997)

Fonte: Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215927/PGCN0754-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em 19 de jan. de 2023.

Em apenas duas décadas a população palhocense aumentou mais de 10 mil habitantes e também elevou o índice de habitantes não naturais do município de 3,8% para 41,6%. Tudo isso afetou a espacialidade, tanto do município, como da Barra do Aririú.

Nesta etapa da oficina propomos analisar as relações entre a urbanização e o meio ambiente na Barra do Aririú e para isso o docente pode utilizar o grupo do *Facebook* “Não deixe o mangue morrer”.

Figura 36: Imagem do grupo “Não deixe o Mangue da Barra do Aririú Morrer”.



Fonte: Disponível em <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100069342720509>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

O docente pode iniciar a oficina tratando sobre as redes sociais e a sua importância para expandir a comunicação e expressão dos seus usuários, como também para fazer uma crítica social.

Além disso, o professor pode ressaltar que as redes sociais como o *Facebook* são objeto de notícias falsas⁶⁵, imediatismos, discurso de ódio e preconceitos, por isso a questão da ética digital pode ser refletida com os estudantes.

O grupo do *Facebook* “Não deixe o mangue morrer”, pode ser explorado pelo docente com a seguinte atividade: o docente começa informando que o grupo foi criado em 2014 e possui 613 seguidores, sendo um grupo aberto para comentários. Em seguida os estudantes podem se reunir em grupo e responder aos seguintes questionamentos:

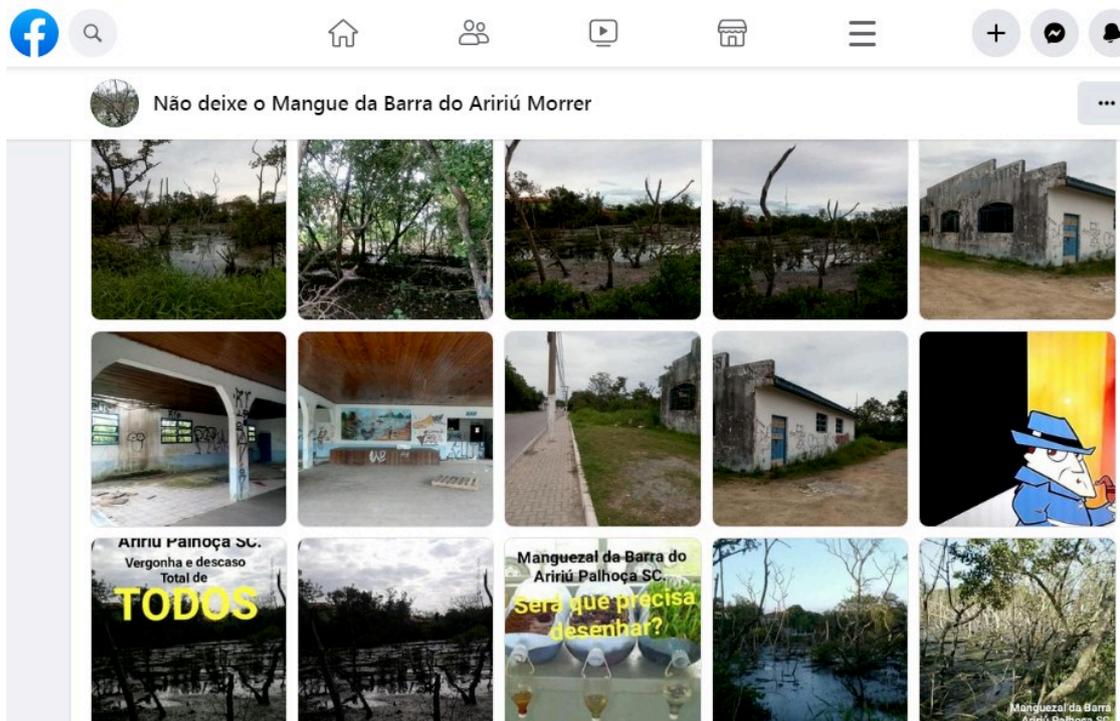
1. Quais tipos de fontes digitais que podemos encontrar neste grupo do *Facebook*?
2. Quais temas são tratados por esse grupo do *Facebook*?
3. Descreva quais reflexões podemos fazer com o conteúdo dessa fonte digital relacionados a História da Barra do Aririú.

Assim, busca-se dialogar com os estudantes sobre as consequências da poluição urbana do bairro para os mares, rios e mangues, além de possíveis soluções para esses problemas.

Adiante, o docente pode projetar as imagens dos vídeos e textos desse grupo do *Facebook* no *datasnow* e questionar as semelhanças e diferenças dessas fontes digitais, analisar os comentários dos seguidores do grupo, sugerir que os estudantes façam um comentário crítico nas postagens do grupo.

⁶⁵ Conforme Bonsato (2021, p. 6): Frente a este cenário, não nos basta mais contrapor simplesmente a verdade à mentira, o fato do *fake*, como se estivéssemos limitados a uma pretensa objetividade da realidade dos fatos, próprio ao campo discursivo da atividade jornalística. Este é um fenômeno que parte do jornalismo, - afinal estamos falando de *fake “news”*, de “notícias” falsas travestidas de jornalismo – mas que se refere sobretudo a uma reconfiguração de disputas narrativas, de estratégias políticas em torno de um espaço mais amplo e complexo. As narrativas “falsas” produzidas por estes novos atores em cena não são o oposto do jornalismo. Pelo contrário, são um outro tipo de narrativa que pretende colocar em xeque a legitimidade e a credibilidade de instituições reconhecidamente hegemônicas, como é o caso do próprio jornalismo.

Figura 37: Imagem do grupo “Não deixe o Manguê da Barra do Aririú Morrer”.



Fonte: Disponível em <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100069342720509>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Percebe-se na análise que o grupo traz na maior parte fotografias sobre o bairro, alguns vídeos e textos curtos com a intenção de criticar a poluição dos mangues, o descaso do poder público, a insatisfação com os políticos do bairro e com a população que polui os mangues com esgotos. A postagem a seguir sintetiza as críticas.

Figura 38: Imagem do grupo “Não deixe o Manguê da Barra do Aririú Morrer”.



Fonte: Disponível em <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100069342720509>>. Acesso em 01 de fev. de 2023.

Um detalhe do grupo é que não temos imagens de pessoas, além disso percebemos que provavelmente moradores do bairro, fazem comentários a favor das postagens do grupo criticando tanto os políticos como os moradores que não cuidam do mangue.

Nesta atividade conseguimos identificar outros espaços do bairro que não são tão enfatizados nas fontes digitais, mas que trazem outros olhares para o bairro. Na próxima atividade a ideia é expandir os horizontes desses diversos espaços da Barra do Aririú.

Atividade 8

Objetivos

- ➡ Analisar a espacialidade da Barra do Aririú.
- ➡ Mostrar os limites espaciais da Barra do Aririú.
- ➡ Utilizar vídeos para conhecer os lugares da Barra do Aririú.

Durante este trabalho notamos que o espaço da Barra do Aririú é representado nas fontes digitais mostrando principalmente a praia e o Parque da Barra do Aririú, por isso neste exercício propomos a análise de dois vídeos do *YouTube* para visibilizar outros lugares do bairro.

O docente pode começar a problematização com o primeiro vídeo disponível no Canal “Anolipa” no *YouTube*, publicado em 2019 e intitulado: Barra do Aririú - Palhoça.

O canal Anolipa foi criado em 2019 por André de Oliveira Paiva e, segundo a descrição do canal, ele tem como objetivo tratar "sobre viagens reais, sobre lugares reais, sem maquiagem, sem edições que escondem detalhes indesejáveis, mostra o lugar como é realmente no fluxo de tempo e plano sequência⁶⁶".

Porém, sabemos que a imparcialidade para mostrar a realidade não é possível, pois as escolhas e perspectivas do produtor influenciam diretamente nas imagens que são filmadas.

O canal é feito para pessoas que gostam de conhecer diferentes lugares e também incentiva através de imagens o turismo para essas regiões.

⁶⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/@ANOLIPA/about>>. Acesso em 10 de jun. de 2023.

Figura 39: Imagem do canal “Anolipa”, que mostra parte da Barra do Aririú.



Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FjLgDNs4RC8&t=2s>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

O canal do "Cesar Moacir Alves" descreve que tem como objetivos registrar ou informar atividades e passeios que faz pelos três estados do sul do Brasil. Assim como o canal Anolipa, também busca mostrar viagens e incentivar o turismo a partir dos lugares filmados.

O vídeo do canal “Cesar Moacir Alves” inicia-se na rua Roberto Sell na região central do município de Palhoça e segue nesta mesma rua, que em determinado trecho passa a ser chamada de avenida Rio Grande, adentrando na Barra do Aririú pela rua Alcino Navegantes Moreira até chegar à rua Nossa Sra. dos Navegantes no Parque da Barra do Aririú.

O vídeo é uma oportunidade de conhecer a parte noroeste da Barra do Aririú, nas fronteiras com o bairro vizinho, Rio Grande, além da parte central que leva ao Parque da Barra do Aririú.

O segundo vídeo disponível no *YouTube* no Canal “Cesar Moacir Alves: conhecendo Santa Catarina”, publicado em 2021 e intitulado: Palhoça SC, Bairro Aririú e Barra do Aririú.

Figura 40: Imagem do canal “Cesar Moacir Alves”, que mostra parte da Barra do Aririú.



Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=G6MTIUT3sYs&t=1137s>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Diferentemente do primeiro, este vídeo é narrado e podemos conhecer o bairro Aririú, que fica ao lado do bairro Pacheco que faz fronteira com a Barra do Aririú. A rota mostra a parte sudoeste da Barra do Aririú e dirige-se até o Parque da Barra do Aririú, costeando o Rio Aririú.

Os dois vídeos podem ser usados para mostrar que existem outras especialidades na Barra do Aririú, além de analisar a urbanização predominante no bairro e a natureza do mar, rios e mangues.

Sugere-se que o docente organize a turma em dois grupos, sendo que cada grupo assistirá um vídeo e responderá questões propostas:

1. Analise o vídeo e descreva as principais características do bairro que são apontadas.
2. Identifique e descreva os aspectos naturais do bairro representados no vídeo?
3. Pesquise o mapa da Barra do Aririú no *Google Maps* e identifique quais regiões do bairro foram mostradas no vídeo.

Ao fim, o professor pode compartilhar as respostas dos estudantes com a turma e explicar que a Barra do Aririú mostrada nos vídeos é muito mais abrangente que o Parque da Barra do Aririú e a Praia do Tomé. Por isso, é necessário perceber que as fontes digitais também

fazem recortes espaciais e temporais do bairro buscando atingir um determinado fim, que neste caso é mostrar os lugares turísticos e reforçar a identidade açoriana da pesca.

Atualmente, os professores de História podem usar como recursos didáticos os mapas digitais que apresentam o bairro de maneira mais abrangente, possibilitando também a oportunidade de uma educação espacial.

Atividade 9

Objetivos

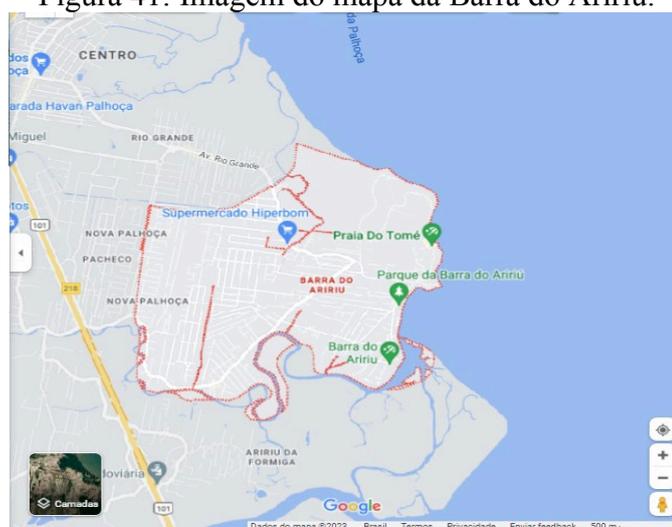
- ➡ Trabalhar o uso de mapas digitais para compreender a espacialidade da Barra do Aririú.
- ➡ Conhecer os diferentes mapas digitais sobre a Barra do Aririú.
- ➡ Debater as possibilidades para conhecer outros lugares do bairro.

Os usos das tecnologias digitais de mapeamento possibilitam atualmente o conhecimento sobre rotas de curta e longa distância, usadas para segurança, turismo e deslocamentos cotidianos.

Nesta atividade sugere-se que o docente trabalhe com as fontes digitais dos mapas para conhecer o espaço local, expandindo horizontes sobre as questões urbanísticas e sócio-históricas do bairro. Para isso, o docente pode utilizar o *Google Maps*.

O docente pode iniciar a atividade projetando no *datashow* a imagem do mapa da Barra do Aririú.

Figura 41: Imagem do mapa da Barra do Aririú.



Fonte: Disponível em <<https://shre.ink/kMGs>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Depois da observação, o docente pode solicitar que a turma identifique as fronteiras da Barra do Aririú ao norte, sul, leste e oeste, nominando cada uma delas. Além disso, pode refletir com os estudantes a influência do espaço geográfico do bairro em sua História e atividades econômicas.

Na sequência pode-se utilizar o mesmo mapa da Barra do Aririú, porém agora na opção camadas do *Google Maps*.

Figura 42: Imagem do mapa de urbanização da Barra do Aririú.

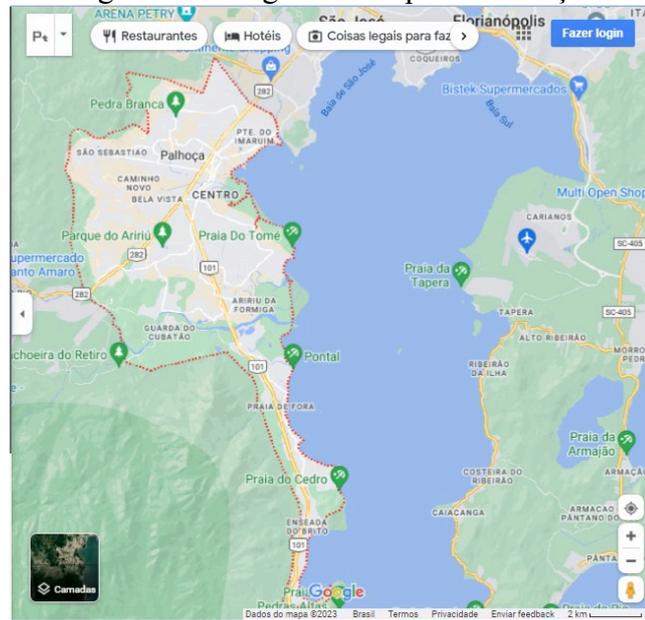


Fonte: Disponível em <<https://shre.ink/kMS5>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

O docente pode trabalhar o mapa com os estudantes para identificar a alta urbanização e habitação do bairro em contraste com as poucas áreas verdes.

No mapa abaixo poderá ser feita uma reflexão sobre a Barra do Aririú não ser o único bairro litorâneo de Palhoça.

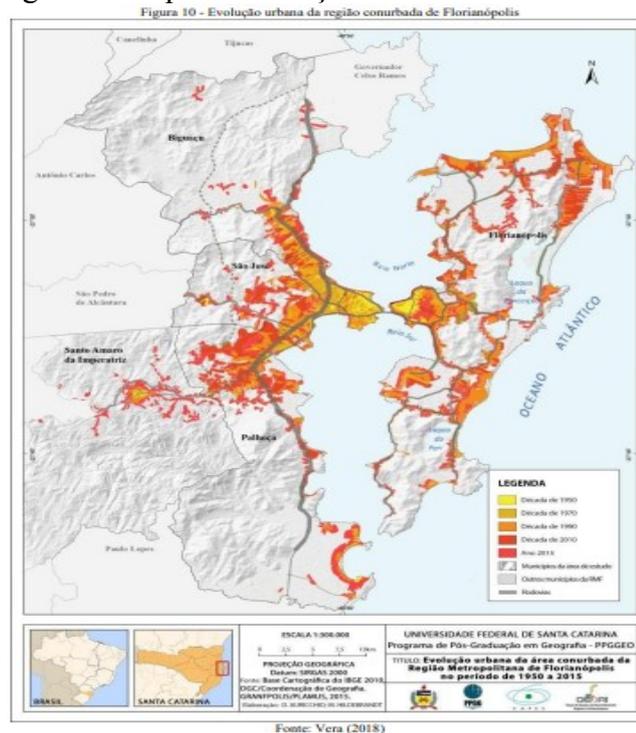
Figura 43: Imagem do mapa da Palhoça.



Fonte: Disponível em <<https://shre.ink/kMGr>>. Acesso em 01 de fev. de 2023.

De acordo com Wil (2020) temos outros mapas que podem ser trabalhados para entender a evolução urbana e a distribuição da renda familiar na Grande Florianópolis, neste caso interessa a Barra do Aririú. O primeiro mapa conforme Wil (2020, p.71, apud, VERA, 2018) mostra a evolução urbana da Grande Florianópolis.

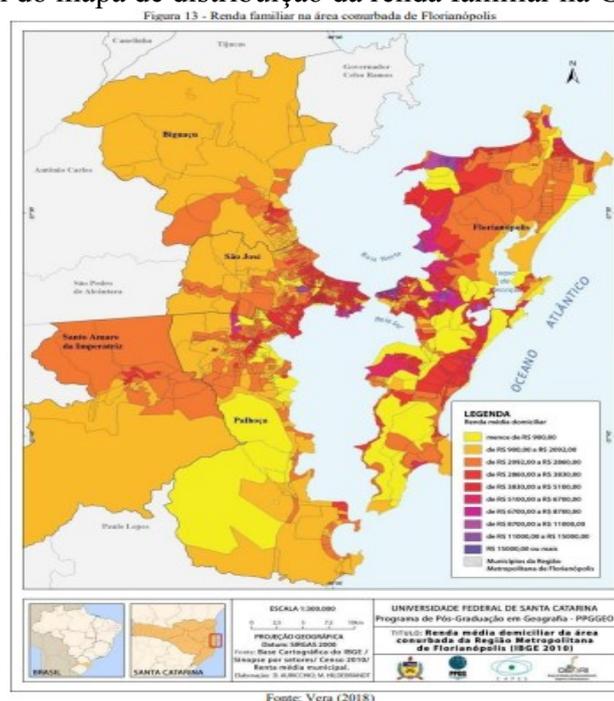
Figura 44: Imagem do mapa de evolução urbana da Grande Florianópolis.



Fonte: Disponível em <<https://shre.ink/kMXZ>>. Acesso em 19 de jan. de 2023.

O segundo mapa conforme Vera (2018 apud, Wil, 2020, p.80) mostra a distribuição da renda familiar da Grande Florianópolis.

Figura 45: Imagem do mapa de distribuição da renda familiar na Grande Florianópolis.



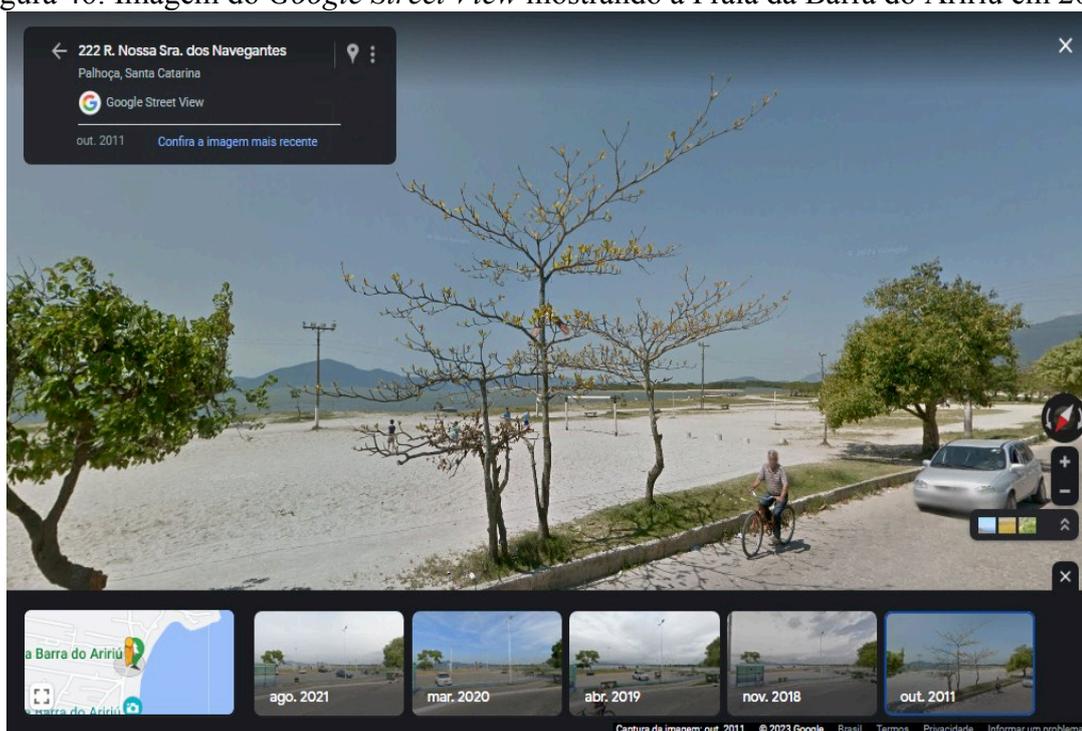
Fonte: Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215927/PGCN0754-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em 19 de jan. de 2023.

Outro recurso é o *Google Street View*. Pode ser usado para mostrar os espaços de um lugar em diferentes anos, para isso basta seguir os seguintes passos:

1. Abra o navegador do PC e acesse google.com.br/maps;
2. Clique na barra de pesquisa no canto superior esquerdo;
3. Digite o nome do local desejado;
4. Arraste o “bonequinho” posicionado no canto inferior direito e solte-o em cima do endereço;
5. Assim que o Street View for acionado, clique no ícone de relógio no canto superior esquerdo;
6. Deslize a barra para visualizar imagens antigas do local. Caso queira expandir a foto para explorá-la no período fotografado, clique no ícone de lupa ao lado⁶⁷.

Faremos uma sugestão procurando pela Rua Nossa Sra. dos Navegantes, onde encontra-se o Parque da Barra do Aririú. A seguir temos a imagem da Praia da Barra em 2011, sem o parque:

Figura 46: Imagem do *Google Street View* mostrando a Praia da Barra do Aririú em 2011.

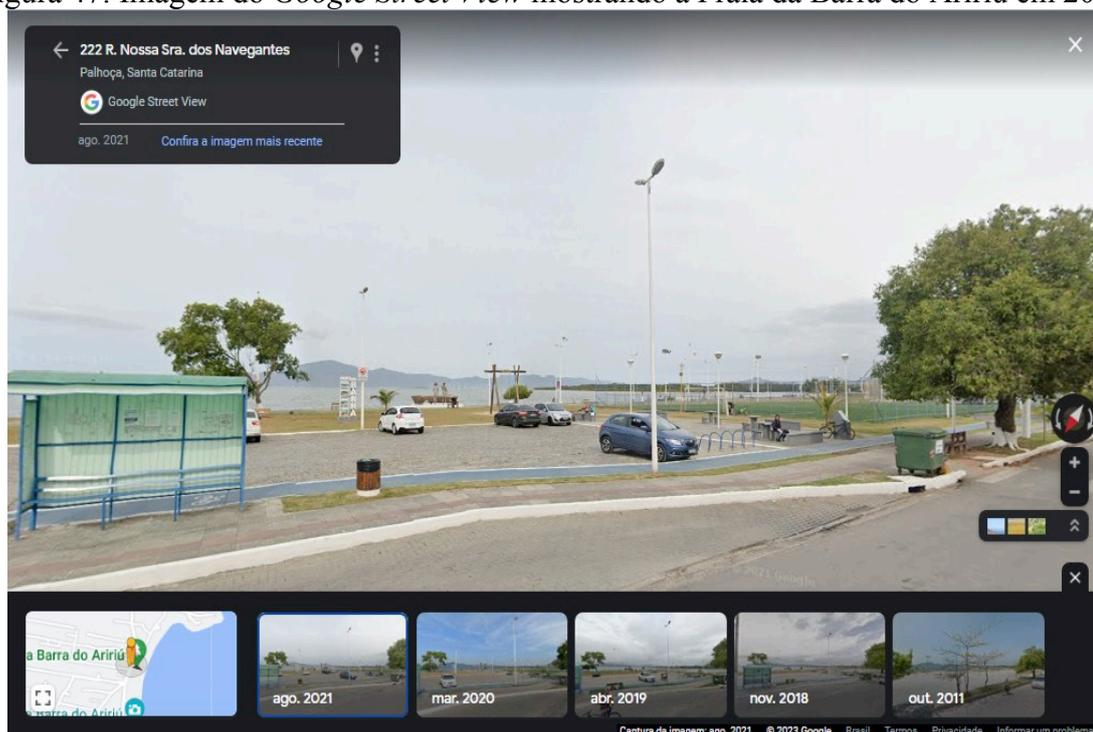


Fonte: Disponível em <<https://www.google.com/maps/@-27.6779684,-48.6400375,3a,75y,144.65h,91.77t/data=!3m7!1e1!3m5!1sDoTFM51435ns1CM0qf1leg!2e0!5s201111001T000000!7i13312!8i6656>>. Acesso e, 01 de fev. de 2023.

A seguir vemos o mesmo lugar em 2021 com o Parque da Barra do Aririú.

⁶⁷ Disponível em <<https://tecnoblog.net/responde/como-ver-imagens-antigas-no-google-maps/>>. Acesso em 01 de fev. de 2023.

Figura 47: Imagem do *Google Street View* mostrando a Praia da Barra do Aririú em 2021.

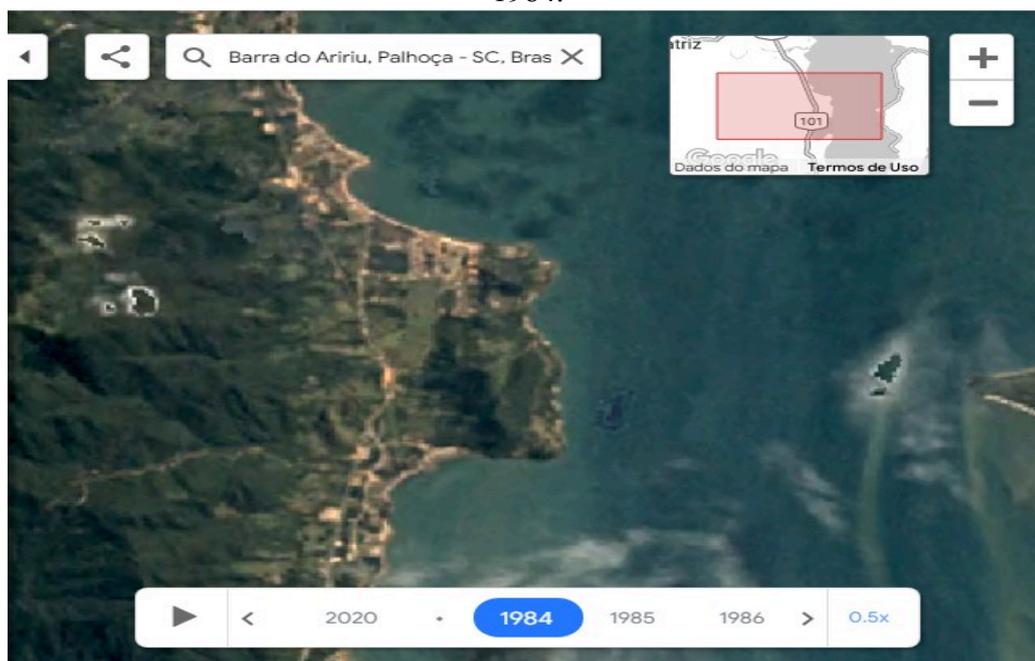


Fonte: Disponível em <<https://bitly.com/2JByt>>. Acesso em 01 de fev. de 2023.

O professor pode explorar as permanências e mudança dos lugares da Barra do Aririú, a urbanização, o aumento populacional e as suas consequências para o meio ambiente.

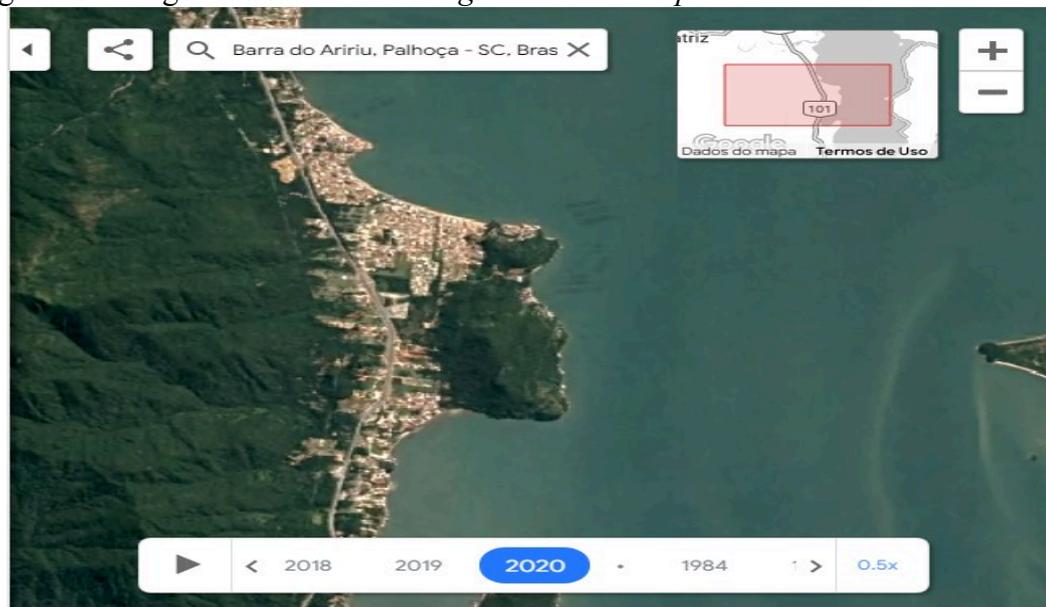
Outra ferramenta é o *Google Earth Timelapse* que mostra a foto de satélite do bairro, iniciando no ano de 1984 e chegando até 2020. O avanço da urbanização e a diminuição das áreas verdes fica evidente, conforme as imagens a seguir:

Figura 48: Imagem de satélite do *Google Earth Timelapse* da Barra do Aririú em 1984.



Fonte: Disponível em <<https://earthengine.google.com/timelapse/>>. Acesso em 04 de mar. de 2023.

Figura 49: Imagem de satélite do *Google Earth Timelapse* da Barra do Aririú em 2020.



Fonte: Disponível em <<https://earthengine.google.com/timelapse/>>. Acesso em 04 de mar. de 2023.

Propomos dividir a turma em equipes, para cada uma explorar as regiões norte, sul, leste, oeste e central, dando assim visibilidade a outros espaços do bairro.

A partir das diversas espacialidades e grupos históricos da Barra do Aririú escolhemos os pescadores artesanais como objeto de estudo para compreender essa prática social existente a milhares de anos.

4.6. QUINTA OFICINA: SABER FAZER DOS PESCADORES E A PESCA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL DA BARRA DO ARIRIÚ

Apresentação

A pesca faz parte do cotidiano da humanidade desde o período Pré-Histórico, sendo realizada inicialmente para subsistência. Ao longo do tempo sofreu diversas transformações e continua até hoje fazendo parte da vida de muitas comunidades litorâneas brasileiras.

Como estudamos ao longo deste trabalho, a pesca é uma das práticas sociais da Barra do Aririú, que apesar de não ser a principal atividade econômica do bairro, é importante para o sustento de uma dezena de pescadores, além de representar um dos pilares da identidade açoriana.

Silva (1998, p.227), descreve assim a pesca no Brasil:

Contudo, os pequenos pescadores brasileiros desenvolveram estratégias e formas de resistência contra todas estas agressões sociais, ecológicas e culturais que vêm sofrendo ao longo deste século. Em boa medida, eles articularam seu saber fazer tradicional com novas tecnologias disponíveis no mundo industrial, criaram novas estratégias de sobrevivência e, ademais, passaram a politizar a questão pesqueira dando ensejo a emergência de um movimento social de pescadores.

Conforme o autor os menores pescadores brasileiros sofreram no século XX com os danos provocados ao meio ambiente, ao qual podemos elencar como causas o avanço da urbanização para as áreas marítimas e de mangues, a especulação imobiliária, o turismo em torno das praias, a pesca industrial predatória, instigando os pescadores a resistirem por outros caminhos.

O autor também trata do saber fazer tradicional dos pescadores que precisou se adaptar ao novo contexto, utilizando as novas tecnologias e a politização para atingir as suas demandas.

Nesta oficina, propomos um trabalho para conhecer os pescadores artesanais da Barra do Aririú por meio das fontes digitais. Compreendendo o seu saber fazer, protagonismo histórico e identificação com a cultura açoriana.

Atividade 10

Objetivos

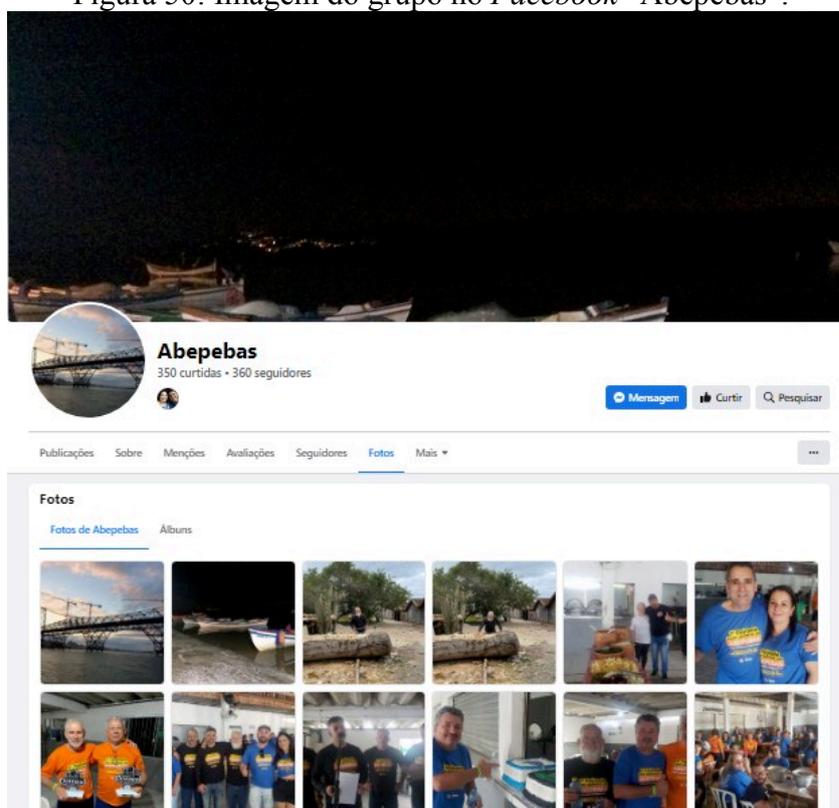
➡ Conhecer os pescadores artesanais da Barra do Aririú.

- ➔ Reconhecer as lutas dos pescadores para exercer a pesca artesanal.
- ➔ Discutir as reivindicações socioeconômicas dos pescadores da Barra do Aririú.

Ao longo das atividades desta oficina conheceremos os pescadores como seres sociais e culturais, com seu modo de ser, a partir de conhecimentos específicos da pesca, da tradição oral e outras que foram incorporadas às suas experiências, além de suas lutas sociais.

Propõem-se a análise do grupo do *Facebook* da associação dos pescadores “Abepebas”.

Figura 50: Imagem do grupo no *Facebook* “Abepebas”.



Fonte: Disponível em <<https://www.facebook.com/Abepebas/photos>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

No grupo da “Abepebas” temos inúmeras fotos e vídeos que ajudam a contar um pouco a história dos pescadores da Barra do Aririú. Os critérios de seleção das fotos foram baseados nos aspectos que mais eram enfatizados nessas fontes digitais como a luta dos pescadores por direitos para realizar a pesca e fortalecer sua associação.

Para analisar esta fonte digital podemos dividi-la em temas, como proposto a seguir:

A busca pelo registro da pesca:

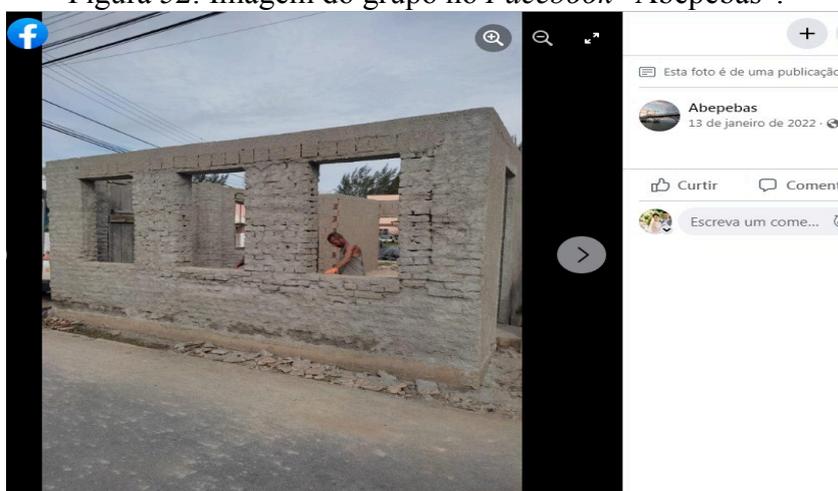
Figura 51: Imagem do grupo no *Facebook* “Abepebas”.



Fonte: Disponível em <<https://www.facebook.com/Abepebas/photos/pb.100066890793434.-2207520000./512554866352345/?type=3>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

A reconstrução da sede dos pescadores.

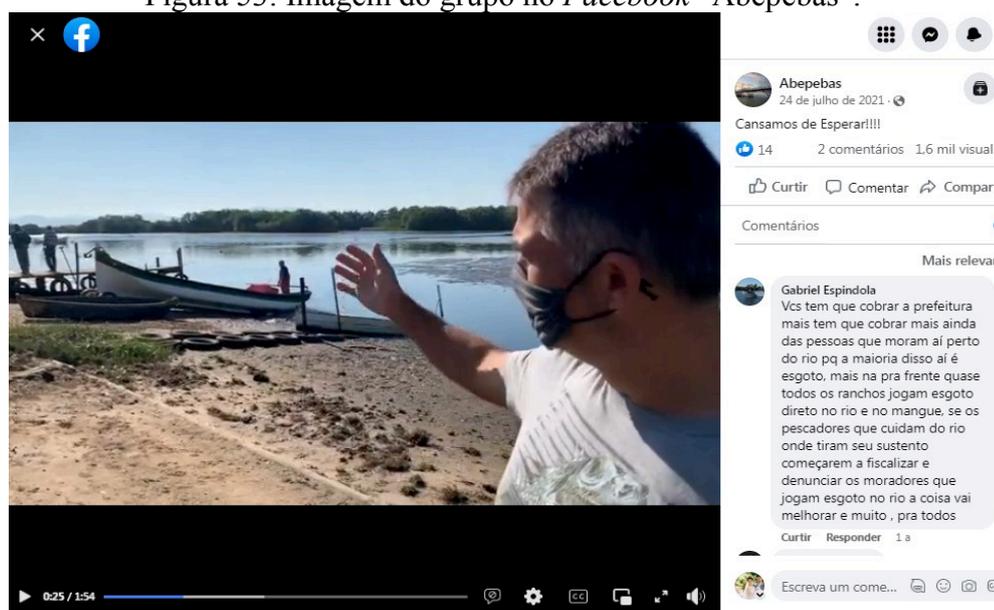
Figura 52: Imagem do grupo no *Facebook* “Abepebas”.



Fonte: Disponível em <<https://www.facebook.com/Abepebas/photos/pb.100066890793434.-2207520000./955056428768851/?type=3>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

A luta pelo desassoreamento do rio Aririú.

Figura 53: Imagem do grupo no *Facebook* “Abepebas”.



Fonte: Disponível em <<https://www.facebook.com/Abepebas/videos/891818844749937>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Todas as três equipes podem pesquisar dentro do próprio grupo do *Facebook* outras imagens e vídeos que tratem sobre os seus temas, em seguida podem elaborar uma narrativa contendo título, desenvolvimento e conclusão, considerando os seguintes aspectos:

1. Identificar o tema escolhido e explicitar como ele é abordado a partir das fontes.
2. Identificar os personagens envolvidos.
3. Descrever as reivindicações ou os direitos relacionados à pesca do bairro.
4. Sugerir possíveis soluções para os problemas enfrentados pelos pescadores.

A apresentação dos trabalhos pode servir de material para a narrativa da História da Barra do Aririú, oportunizando protagonismo aos estudantes.

Como forma de preservação dos bens materiais e imateriais da humanidade conheceremos um pouco sobre os patrimônios históricos, além do saber fazer dos pescadores da Barra do Aririú na proposta de atividade a seguir.

Atividade 11

Objetivos

- ➡ Compreender a importância dos patrimônios imateriais.
- ➡ Conhecer o saber fazer dos pescadores artesanais da Barra do Aririú.
- ➡ Descobrir outros saberes da pesca.

Para o professor de História, os patrimônios históricos são uma oportunidade de refletir sobre como as sociedades selecionam elementos da cultura como bens culturais, analisando os critérios de cada época, assim como as tensões e disputas que ocorrem nesses processos. A noção de patrimônio foi ampliada a partir da Constituição Federal de 1989, através dos artigos 215 e 216.

Nesses artigos da Constituição, reconhece-se a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em parceria com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana⁶⁸.

O Ensino de História também pode ser estudado a partir dos patrimônios históricos brasileiros, entre eles destacamos os patrimônios imateriais como os saberes que passaram a integrar critérios de reconhecimento do Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro, especialmente a partir da aprovação do decreto 3551/2000 que institui o registro do Patrimônio Imaterial por meio de diferentes procedimentos. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):

Os Saberes são conhecimentos tradicionais associados a atividades desenvolvidas por atores sociais reconhecidos como grandes conhecedores de técnicas, ofícios e matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Geralmente estão associados à produção de objetos e/ou prestação de serviços que podem ter sentidos práticos ou rituais. Trata-se da apreensão dos saberes e dos modos de fazer relacionados à cultura, memória e identidade de grupos sociais⁶⁹.

Conforme o IPHAN, o livro de registro reconhece quatro tipos de saberes. O primeiro relacionado aos saberes que reúnem conhecimentos e modo de fazer; o segundo que são as formas de expressão, relacionados as manifestações artísticas; o terceiro das celebrações, que são as festas e rituais que marcam a vida coletiva; e o último que é o de lugares, onde estão registrados os espaços coletivos de importância cultural⁷⁰.

Destacamos no site do IPHAN, o livro dos saberes que preserva o conhecimento e modo de fazer como do Ofício das Baianas de Acarajé, dos Mestre de Capoeira, do Modo Artesanal

⁶⁸Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

⁶⁹ Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/fototeca/detalhes/11/fototeca-registro-dos-saberes>>. Acesso em 23 de mar. de 2023.

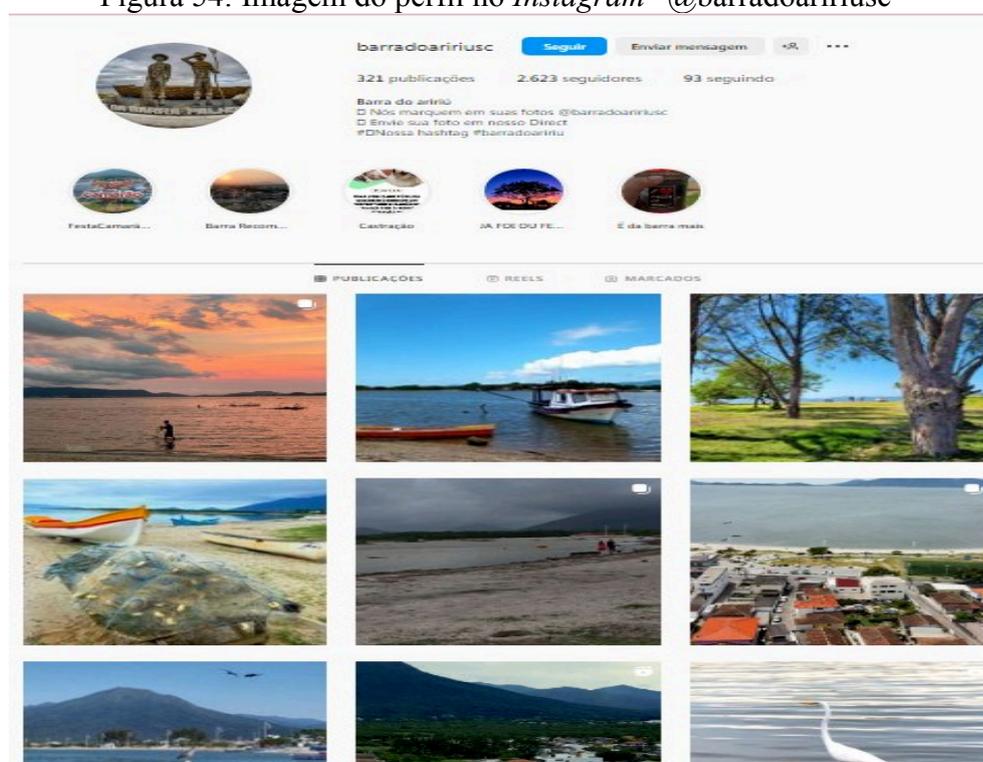
⁷⁰ Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/reconhecimento-de-bens-culturais>>. Acesso em 23 de mar. de 2023.

de fazer Queijo de Minas, Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas, entre outros. No livro de Celebrações podemos citar a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, Procissão do Senhor dos Passos de Santa Catarina, Complexo Cultural do Bumba meu Boi do Maranhão⁷¹.

O saber fazer é característico dos pescadores artesanais, pois são comunidades tradicionais que conhecem as técnicas, os ambientes e saberes relacionados ao modo de pesca.

Neste exercício a proposta é conhecer através das fontes digitais do perfil do *Instagram* “@barradoaririusc” o saber fazer dos pescadores da Barra do Aririú.

Figura 54: Imagem do perfil no *Instagram* “@barradoaririusc”



Fonte: Disponível em <<https://www.instagram.com/barradoaririusc/>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

As imagens e categorias escolhidas para essa atividade contemplaram o saber fazer mais conhecido sobre os pescadores, como o modo de pescar, navegar e fazer instrumentos de pesca, no entanto, o saber fazer dos pescadores é muito mais abrangente. Pois, eles precisam ter conhecimento sobre a natureza, como das correntes de vento, as marés, tipos de peixes, métodos e técnicas.

⁷¹ Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/reconhecimento-de-bens-culturais/livros-de-registro/saberes>>. Acesso em 10 de mar. de 2023.

Nesse perfil do *Instagram* temos outras possibilidades para conhecer e refletir com os estudantes sobre os pescadores do bairro, como nas imagens que mostram os seus ranchos de pesca, a flora e fauna da Praia da Barra do Aririú, a religiosidade e devoção aos santos católicos.

Pode-se solicitar que os estudantes acessem o perfil do *Instagram* “@barradoaririusc” e identifiquem pelas fotografias os saberes dos pescadores⁷², como os expostos a seguir:

Pescar e Tarrafear.

Figura 55: Imagem do perfil no *Instagram* “@barradoaririusc”.



Fonte: Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CC3i7rPA37T/>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Tecer as redes.

⁷² Sugestão de documentário: Saberes da pesca.

Disponível em <<https://www.facebook.com/flavio.filho.779/videos/3339905206132114>>. Acesso em 20 de jan. de 2023.

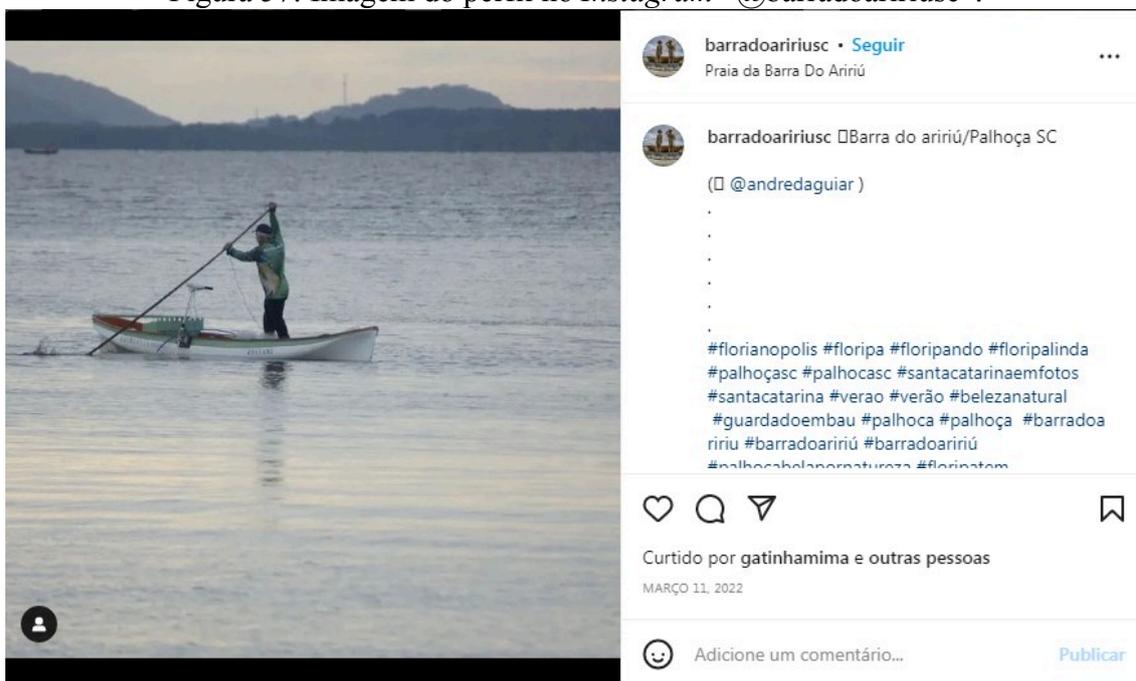
Figura 56: Imagem do perfil no *Instagram* “@barradoaririusc”.



Fonte: Disponível em <https://www.instagram.com/p/CD_T31PnIQx/>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Navegar.

Figura 57: Imagem do perfil no *Instagram* “@barradoaririusc”.



Fonte: Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Ca-y8VIAAMy/>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Armazenar e conservar os peixes.

Figura 58: Imagem do perfil no *Instagram* “@barradoaririusc”.



Fonte: Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CgPPBMLA9rA/>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Além disso, os estudantes podem identificar outros saberes necessários para a pesca, pois alguns podem ser parentes de pescadores artesanais ou até praticarem a pesca esportiva. Assim, o docente pode diagnosticar o saber dos estudantes sobre a pesca e instigar muitos outros.

Depois pode-se compartilhar as respostas dos estudantes e explicar a importância dos saberes dos pescadores para a comunidade local, ressaltando os desafios para continuar a troca de saberes com as futuras gerações.

Dentre os saberes e práticas sociais dos pescadores da Barra do Aririú temos a oralidade e a memória referente a pesca e ao modo de vida dos pescadores mais experientes que acompanharam o desenvolvimento da História do bairro.

Atividade 12

Objetivos

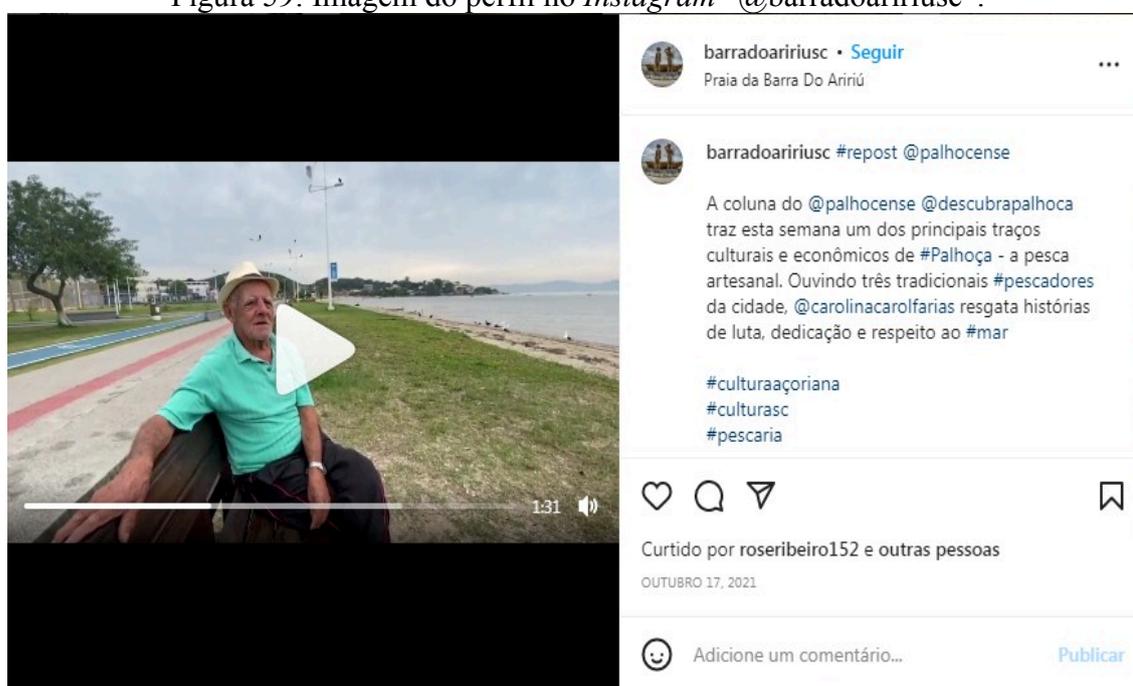
- ➡ Debater sobre a importância da oralidade e a memória dos pescadores sobre a Barra do Aririú.
- ➡ Analisar uma entrevista com pescadores da Barra do Aririú.

➡ Elaborar e problematizar uma entrevista com um pescador da Barra do Aririú.

O professor pode destacar a importância da oralidade⁷³ e a memória dos pescadores sobre a Barra do Aririú além dos desafios de continuar a pesca artesanal no bairro. Sugerimos esta atividade em duas partes. Na primeira analisar uma entrevista dos pescadores da Barra do Aririú e na segunda elaborar entrevistas com dois pescadores do bairro.

Para a primeira atividade, pode-se utilizar uma das fontes digitais do mesmo perfil do *Instagram* da atividade anterior “@barradoaririusc”. A fonte será um vídeo de três pescadores da Barra do Aririú com mais de 80 anos de idade.

Figura 59: Imagem do perfil no *Instagram* “@barradoaririusc”.



Fonte: Disponível em <<https://www.instagram.com/reel/CVJq02XAAJe/>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Propõe-se que os estudantes façam uma breve narrativa respondendo o seguinte:

1. Quem são os pescadores que contam suas histórias no vídeo?
2. Quais semelhanças e diferenças na fala dos três pescadores?
3. Quais benefícios e malefícios que a pesca trouxe para os três pescadores?

⁷³ Segundo Silva (2014, p.63) para os historiadores, as entrevistas de História Oral podem ser tomadas como fontes para a compreensão do passado, ser utilizadas individualmente ou mais coerentemente relacionadas com outros documentos escritos, como registros civis, literários, entre outros, além de registros visuais como pintura, fotografia ou áudio visual. As fontes orais podem ser caracterizadas pela produção a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Portanto, a pesquisa faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

4. Descreva alguns questionamentos que você faria para esses pescadores?
5. Explique os principais saberes relatados pelos pescadores.

As respostas podem ser compartilhadas e o docente pode a partir delas formar uma narrativa digital sobre os pescadores da Barra do Aririú.

Na segunda parte propomos que o docente auxilie os estudantes na elaboração de questões para fazer a entrevista com dois pescadores do bairro, um jovem e outro que tenha idade acima de 60 anos. A entrevista pode ser gravada e publicada posteriormente na última oficina.

Indo ao encontro da última oficina sugerimos a criação de um perfil no *Instagram* para publicar o material da pesquisa e utilizar as ferramentas dessa mídia digital para interação, hipertextualidade e construção de narrativas digitais.

4.7. SEXTA OFICINA: CONSTRUINDO COM OS ESTUDANTES UM PERFIL DA BARRA DO ARIRIÚ NO *INSTAGRAM*

Apresentação

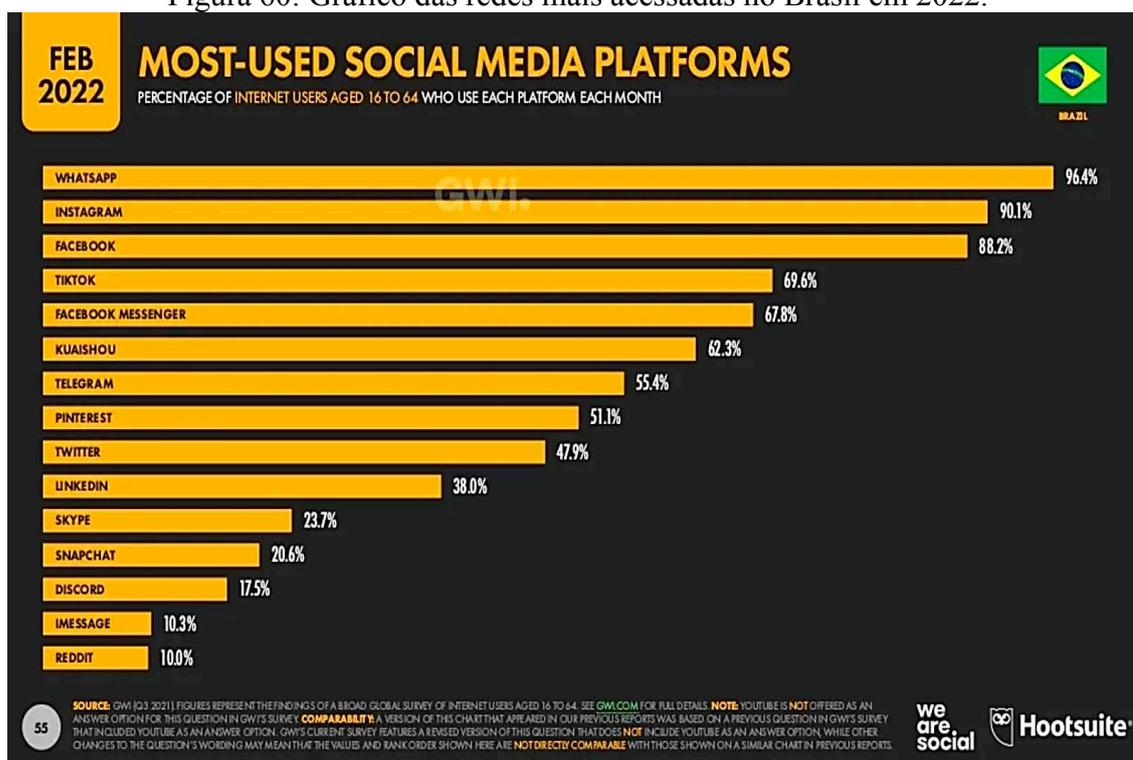
Sabemos que atualmente as redes sociais fazem parte da vida de bilhões de pessoas no mundo, e no Brasil não é diferente. Conforme o site Resultados Digitais, em 2022 o Brasil foi o segundo país do mundo em que as pessoas passaram mais tempo nas redes sociais, com a média diária de uso das redes por usuário de 3 horas e 43 minutos⁷⁴.

Conhecendo este contexto em que a cultura digital faz parte da vida de milhões de estudantes brasileiros, podemos problematizar: Como usar as redes sociais para ensinar História? Quais os cuidados e desafios em utilizar essas redes sociais para ensinar História? Quais novas possibilidades que as redes sociais trazem para aprender História?

O site Recursos Digitais também traz as redes sociais mais acessadas no Brasil em 2022.

⁷⁴ Disponível em <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais/>>. Acesso em 21 de jan. de 2023.

Figura 60: Gráfico das redes mais acessadas no Brasil em 2022.



Fonte: Disponível em <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais/>>. Acesso em 21 de jan. de 2023.

Segundo o gráfico da figura 5, identificamos que o *Whatsapp* lidera o *ranking* como a rede mais utilizada pelos brasileiros, seguido do *Instagram* e *Facebook*. Apesar de o *Instagram* ainda não ser a rede social mais acessada pelos brasileiros é uma das que mais cresce e que proporciona engajamento social.

O objetivo desta oficina é utilizar o *Instagram*, para propor uma narrativa digital elaborada de forma cooperativa com os estudantes sobre a História da Barra do Aririú.

Como inspiração para pensar o *Instagram* como fonte digital para aprender História temos o trabalho de Moraes (2018, p.99):

A partir dessa dinâmica que compõe o Instagram podemos observar ao menos três características, além da predominância da imagem como já citamos, que despertam a atenção dos jovens usuários e talvez por isso os façam empregar tempo e atenção demasiadamente em detrimento de outras atividades, principalmente as escolares, na utilização desta rede. São elas a ubiquidade, a hipertextualidade e a colaboração, características que direcionadas por uma intencionalidade pedagógica podem ser empregadas na aprendizagem histórica.

Compreendemos que no contexto educacional brasileiro uma das reclamações dos docentes e pais é a quantidade demasiada de horas que os estudantes passam em frente as redes

sociais. No entanto, essas redes sociais podem ser usadas de forma crítica e mobilizar habilidades da cultura digital para aprender História.

A autora identificou três características importantes que as redes sociais como o *Instagram* proporcionam: a ubiquidade, hipertextualidade, colaboração, ao qual podemos acrescentar a interação, criação e autoria sendo o estudante produtor de conteúdo histórico digital.

Propomos trabalhar essas características na criação de um perfil no *Instagram*. Iniciamos pela ubiquidade que é a possibilidade de acesso ao conteúdo digital a qualquer momento, desde que tenha internet. Conforme o site Recurso Digitais: O *Instagram* foi uma das primeiras redes sociais exclusivas para acesso mobile. É verdade que hoje é possível acompanhar as atualizações em *desktop*, mas o produto é todo voltado para ser usado no celular.

A segunda característica é definida por Moraes (2018, p.71) como:

A hipertextualidade é a forma pela qual os textos são dispostos no ciberespaço caracterizados pelo uso de novas palavras, de links (palavras em destaque que encaminham para outro lugar online a partir do seu clique) e pela inserção de outras linguagens como vídeos, áudios e imagens, o que possibilita a pesquisa e o acesso a variadas fontes além de uma leitura mais dinâmica e versátil.

Com a hipertextualidade os estudantes podem aprofundar-se na análise de uma fonte digital e investigar suas múltiplas camadas através do acesso a outras mídias digitais, enriquecendo a pesquisa e as reflexões históricas.

Moraes (2018, p.102) continua destacando:

A autonomia e colaboração estão presentes na característica hipertextual na qual o *Instagram* está inserido. Escrever, postar imagens e links, opinar e debater são ações facilmente executáveis na nossa rede social online em questão. A criação conjunta de uma página sobre história por professor e alunos pode ser um exemplo dessa colaboração que representa a terceira característica que citamos.

Assim o *Instagram* pode ser uma rede social em que o docente trabalhe as possibilidades para um estudante mais autônomo e que aprenda de maneira colaborativa utilizando os vários recursos do hipertexto.

Moraes (2018, p.120) sugere os seguintes pressupostos teóricos para utilização do *Instagram* como objeto do saber histórico:

Figura 61: Quadro da Aprendizagem Histórica Digital.
 QUADRO 4: APLICABILIDADE DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA DIGITAL COM O INSTAGRAM

DEMANDAS DE APRENDIZAGEM	APLICAÇÃO NO INSTAGRAM
Aprendizagem colaborativa	ABP/ AVA – trabalho em equipe, colaborativo e ambientado em espaços digitais com comunicação assíncrona e sincrônica (comentários e direct)
História Digital	Ferramentas e métodos de pesquisa dispostos pelas TDICs e compartilhamento das narrativas através das redes sociais online
Educação Histórica	Estímulo à apropriação de certas competências de pesquisa dos historiadores, uso de evidências, criação de narrativas fundamentadas na ciência histórica com argumentação racional e realização de reflexões.

Fonte: MORAES, 2018.

Fonte: Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431686>>. Acesso em 28 de ago. de 2021.

Em suma, a aprendizagem histórica digital ou o letramento digital são possibilidades para formar estudantes na cultura digital e capacitar os docentes para lidarem com as tecnologias digitais de maneira crítica e atualizada.

Atividade 13

Objetivos

- ➡ Conhecer as principais redes sociais.
- ➡ Identificar as possibilidades do uso do *Instagram* para o Ensino de História.
- ➡ Iniciar a construção de um perfil no *Instagram* sobre a História da Barra do Aririú.

Sugere-se nesta oficina introduzir o assunto apresentando as principais redes sociais atuais, como no quadro de Moraes (2018, p.142).

Figura 62: Quadro definindo as principais redes sociais *online*.

QUADRO 2: PRINCIPAIS REDES SOCIAIS ONLINE

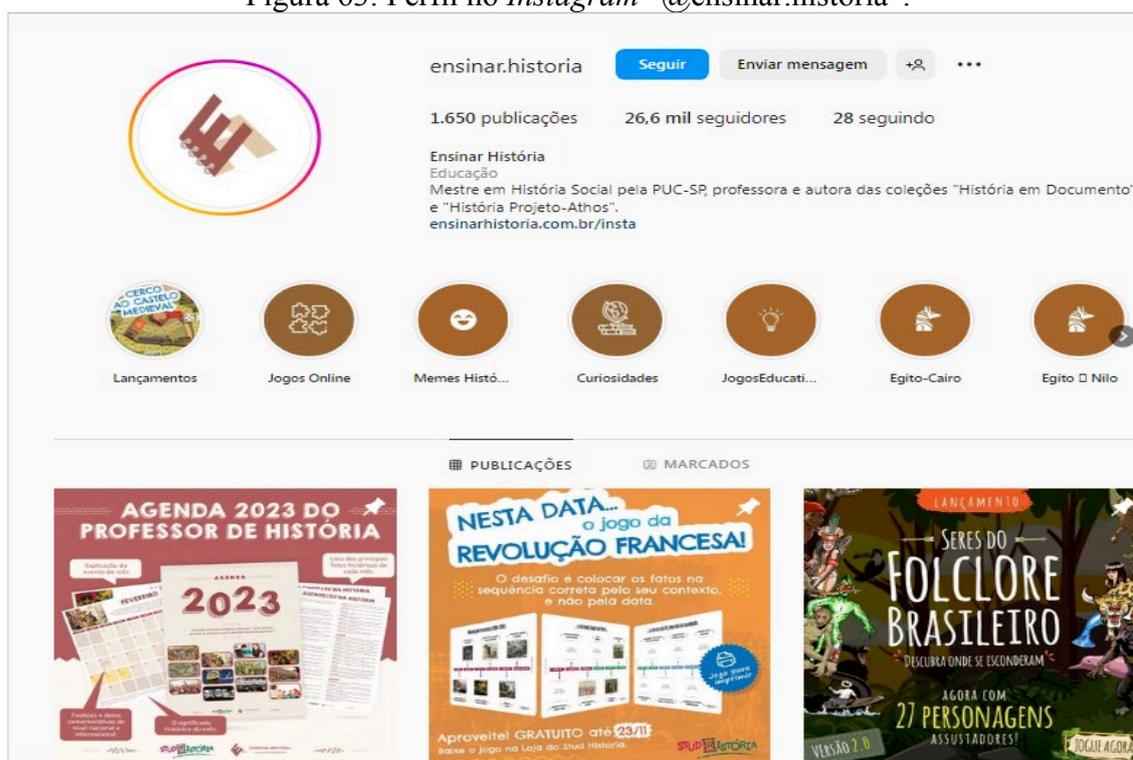
	Facebook	A mais utilizada no mundo, em especial pelos brasileiros. Nela o usuário possui um perfil onde dispõe suas informações principais, pode postar suas fotos e vídeos, além de ter espaço para escrever textos sem limite de palavras e compartilhar variados tipos de informações. Aqui é possível fazer parte de grupos, criar e curtir páginas entre outros recursos. As possibilidades são quase infinitas.
	Whatsapp	Aplicativo de envio de mensagens rápidas de texto a partir do número do telefone celular. Além de textos, é possível o envio de áudios, imagens e vídeos. Também é muito comum o uso de emojis (representações gráficas para transmitir ideias ou emoções).
	Instagram	Rede que mais cresce em adesão e preferência. Baseia-se na postagem de imagens e mais recentemente de vídeos de curta duração. É possível fazer comentários nas imagens e utilizar as famosas hashtags (palavras que se seguem depois do símbolo # e servem para categorizar as postagens), enviar mensagens privadas (directs) e postar vídeos e imagens que "desaparecem" em 24h através dos <i>stories</i> .
	YouTube	Plataforma responsável pelo envio de vídeos e seu compartilhamento. É frequentemente usada por artistas que compartilham videoclipes. Nela encontramos os variados temas, que vão de piadas a tutoriais de maquiagem, de músicas a vídeo-aulas. Quanto mais curtidas o vídeo tiver mais importante ele fica, aparecendo na lista principal dos Top mais acessados.
	Twitter	É um aplicativo tipo <i>microblog</i> , que permite aos usuários enviar e receber mensagens de textos de até 140 caracteres. Os textos são conhecidos como tweets, e podem ser enviados por meio do <i>website</i> do serviço, por SMS, por aplicativos específicos para smartphones.

Fonte: MORAES, 2018.

Fonte: Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431686>>. Acesso em 28 de ago. de 2021.

A partir do quadro propomos a problematização da definição e função de cada rede social, percebendo as suas inter-relações e particularidades. Além de refletir sobre as conexões de poder que essas empresas exercem, devido a terem acesso a milhares de dados pessoais.

Como inspiração para criação do perfil no *Instagram* deste trabalho sugerimos conhecer o perfil “@ensinar.historia”.

Figura 63: Perfil no *Instagram* “@ensinar.historia”.

Fonte: Disponível em <<https://www.instagram.com/ensinar.historia/>>. Acesso em 21 de jan. de 2023.

Em seguida, a proposta é criar o perfil no *Instagram* do bairro para apresentar a pesquisa sobre as fontes digitais da Barra do Aririú, como também elaborar uma outra narrativa digital sobre a História da Barra do Aririú, além de mobilizar as habilidades digitais de hipertextualidade, colaboração em rede, criação e autoria de conteúdo digital.

O professor será o mediador e responsável pelo perfil, para controlar e organizar as postagens e contará com a colaboração dos alunos para criação dos conteúdos digitais.

Para começar a interação com os estudantes, o professor pode fazer uma enquete sobre o melhor nome para o perfil do bairro no *Instagram*. Para a escolha do nome é importante levar em conta o material produzido nas oficinas e a narrativa que deseja explorar sobre o bairro.

Sugere-se alguns nomes: Histórias Digitais da Barra do Aririú; Fontes Digitais da Barra do Aririú; Navegando na História da Barra do Aririú; Outras histórias da Barra do Aririú; Historiando a Barra do Aririú; e os estudantes também podem indicar outros nomes. Após o resultado da enquete o nome mais votado será o escolhido.

Em seguida pode-se fazer a organização dos temas, as fontes digitais mais significativas e possibilidades de interação com o público.

Atividade 14

Objetivos

- ➡ Utilizar as tecnologias digitais para possibilitar o Ensino de História.
- ➡ Elaborar um perfil no *Instagram* para divulgar a pesquisa e possibilitar outras narrativas sobre o bairro.
- ➡ Promover a autoria de narrativas digitais entre os estudantes.

Para criar o perfil no *Instagram* é imprescindível para o docente pensar a proposta de conteúdo que deseja publicar, a forma como deseja interagir com o seu público, estratégias de divulgação e no caso desta oficina instigar a autoria e crítica histórica dos estudantes.

A criação do perfil pode ser feita a partir de um celular ou pelo computador. No celular, habilitado para essa rede social, basta entrar no *Playstore* e procurar o aplicativo seguindo as etapas cadastrais que podem ser vistas em um tutorial⁷⁵.

Após criado o perfil no *Instagram* o docente terá diversas funcionalidades à disposição para criar conteúdos digitais, como: através do *feed*, onde aparecem as postagens, *stories* para dar destaque a alguma postagem, que ficará disponível por 24 horas, o *direct* para ter comunicação direta com algum usuário da rede, uma *live* para transmitir algum conteúdo ao vivo, a IGTV, que é a oportunidade de postar vídeos com maior duração, além de usar *hashtag* para rastrear e monitorar alguns temas⁷⁶.

Sugerimos que o docente projete no *datashow* desde o início em sala de aula a criação do perfil no *Instagram* sobre a História da Barra do Aririú, para que assim todos estudantes possam conhecer e participar de todas as etapas.

Depois de escolher o nome conjuntamente com os estudantes, o docente pode selecionar com os estudantes as fontes digitais mais significativas encontradas na pesquisa, além discutir sobre qual narrativa que a turma deseja construir sobre a História do bairro.

Os estudantes podem fazer comentários críticos nas fontes digitais selecionadas sobre o bairro e o professor pode publicar parte do trabalho dos estudantes no *Instagram*. O propósito é que esse recurso digital seja espaço democrático para debater a História da Barra do Aririú com outros olhares.

⁷⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wxKLLmCX_Bw&t=153s>. Acesso em 04 de fev. de 2023.

⁷⁶ Para mais informações assista o vídeo: Como Você pode usar o *Instagram* na Educação. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wxKLLmCX_Bw&t=153s>. Acesso em 04 de fev. de 2023.

Sugerimos os seguintes conteúdos para o *Instagram*: publicar trechos da entrevista feita com o pescador mais antigo e mais novo da Barra do Aririú. Propor um roteiro para conhecer os espaços da Barra do Aririú e postar no *feed* do *Instagram*. Promover uma *live* com a associação dos pescadores com perguntas dos estudantes usando o IGTV. Escalar os alunos para criarem *stories* ao longo de 1 semana com distintos temas que possam ser tratados sobre a pesca na Barra do Aririú. Oportunizar campanhas discutindo a importância e valorizando a atividade da pesca como atividade social, cultural e econômica.

Enfim essas são algumas de tantas possibilidades que o docente pode explorar com o uso do *Instagram*. O objetivo é que a História do bairro possa ser contada pelos estudantes de maneira crítica e diversificada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da escrita deste trabalho ocorreram várias dificuldades e transformações proporcionadas pela própria pesquisa e pelo contexto do início da década de 2020. O contexto pandêmico limitou as aulas do mestrado e a orientação deste trabalho a serem virtuais, diminuindo a interação com os docentes e discentes, porém estimulou a reflexão sobre o uso das tecnologias e fontes digitais no Ensino de história. Assim, o trabalho com as fontes digitais foi um desafio e um aprendizado de que essas fontes podem ser utilizadas para o aprendizado histórico, porém de forma crítica e reflexiva.

Inicialmente, este trabalho buscava problematizar o campo da História Digital e Local com objetivo de criar uma História Digital da Barra do Aririú, porém isso mostrou-se muito abrangente e a estrutura foi reformulada.

A questão norteadora deste trabalho foi: Como construir a História da Barra do Aririú por meio de fontes digitais? A partir dela percebemos dois eixos teóricos: o das fontes digitais e da História Local e este foi um dos desafios do trabalho analisar tanto o local como o digital. Para isso optamos por recortes, como as fontes digitais mais importantes sobre a História do bairro e o grupo social dos pescadores da Barra do Aririú.

O trabalho possibilitou uma descoberta e aprendizado sobre as tecnologias digitais, conhecendo as limitações e possibilidades das fontes digitais para o Ensino de História. Evidenciamos que as fontes digitais ainda carregam muitas questões que pertencem as fontes históricas tradicionais como a necessidade da investigação da autoria, das especificidades das fontes, interesses e público alvo. Todavia, as fontes digitais trazem novidades como a possibilidade da hipertextualidade, ubiquidade, leitores imersivos, praticidade para encontrar as fontes.

No desenvolver das aulas-oficinas percebeu-se outras possibilidades para trabalhar com as fontes digitais, além da necessidade de o docente conhecer sobre o funcionamento das tecnologias digitais, dos mecanismos de busca, das redes sociais e dos constantes aparatos tecnológicos que surgem a cada dia.

A proposta das aulas-oficinas visou a construção do conhecimento histórico mais crítico, de forma que dialogue com os estudantes e questione as fontes digitais, procurando auxiliar professores de História a elaborarem propostas de ensino a partir das tecnologias digitais. Ao mesmo tempo, a criação das oficinas impactou positivamente nos saberes e práticas do próprio pesquisador deste trabalho, a partir de novos conhecimentos e reflexões sobre as fontes digitais e a cultura digital.

O contato com a comunidade escolar mostrou o interesse dos estudantes e funcionários a respeito da História Local, além das possibilidades que o Ensino de História pode explorar para ampliar horizontes e reconhecer as novas demandas do nosso tempo.

Após anos no Ensino de História este trabalho trouxe novos olhares sobre o conhecimento histórico e suas potencialidades, desenvolvendo a capacidade de pesquisador, vivenciando que o professor de História também é agente do saber histórico acadêmico e não mero reproduzidor.

Muitos autores contribuíram para a formação teórica deste trabalho e para o diálogo com a problemática. Na temática das fontes digitais podemos citar os principais: Costa (2019), Lucchesi (2015), Araújo (2017) e Moraes (2018); na parte sobre a História Local: Matos (2010), Pereira (2017), Nunes (2020).

A temática digital e os respectivos autores citados cada vez mais alargam seus horizontes, seja nas dissertações, teses e encontros dos profissionais da História. Concomitantemente as demandas do século XXI para o entendimento e uso das tecnologias digitais tendem a aumentar e mobilizar mais estudiosos para área digital.

No que tange ao uso de recursos digitais aqui propostos, tais como vídeos, sites, formulários, slides, compreende-se que são possibilidades para tornar o conhecimento histórico mais criativo, interativo e que compreenda diferentes níveis de aprendizado, porém podem ser utilizados de maneira que busque aproveitar seu diferencial e não apenas como uma reprodução das metodologias tradicionais do Ensino de História.

Em relação às fontes digitais aqui sugeridas, tais como jornais digitais, mapas e imagens do *Google*, grupos do *Facebook*, canal de vídeos, perfis do *Instagram*, percebeu-se que trouxeram inúmeras possibilidades para conhecer a história do bairro, através da investigação da autoria, do meio e contexto de criação, dos seus interesses, da análise dos textos multimodais, das questões éticas e políticas. Todavia há novos desafios proporcionados pelas fontes digitais como seu conteúdo instável, pois podem ser apagados a qualquer momento, dos algoritmos da internet que são tendenciosos para realizações de pesquisas, dos limites e deficiências da estrutura escolar para conectividade e recursos digitais, além da necessidade de constante atualização sobre o conhecimento das tecnologias digitais.

Portanto, o trabalho evidenciou a necessidade de um letramento digital dos professores e estudantes para selecionar, interpretar, criticar e identificar os tipos de fontes digitais, contribuindo para a formação de letrados digitais.

Em suma, este trabalho auxiliou no desenvolvimento e reflexão do pesquisador sobre as tecnologias digitais e suas implicações para o Ensino de História, além de evidenciar a riqueza

que a História Local pode possibilitar para o conhecimento da História mais próxima do vivido. Anseio que o presente trabalho possa auxiliar futuras pesquisas, prática docentes e planejamentos de aulas, tanto deste pesquisador, como de outros colegas da área educacional.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Leandro Coelho de. **Cultura digital e fazer histórico**: estudo dos usos e apropriações das tecnologias digitais de informação e comunicação no ofício do historiador. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/769/1/aguiar2012.pdf>>. Acesso em 28 de jul. de 2021.
- ALMEIDA, Fábio Chang. **O historiador e as fontes digitais**: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. Revista Aedos. Rio Grande do Sul. Num.8, Vol. 3, Janeiro-Junho 2011. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776/11939>>. Acesso em 21 de abr. de 2021.
- ARAÚJO, Marcelo Marcos. **A Utilização do mecanismo de busca do google na pesquisa e no ensino de História**: explorando possibilidades. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.135. 2017. Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173224>>. Acesso em 28 de jul. de 2021.
- AVELINO, Rodolfo. Colonialismo digital: dimensões da colonialidade nas grandes plataformas. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da, SOUZA, Joyce, CASSINO, João Francisco (Orgs.). **Colonialismo de Dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo. Autonomia Literária. 2021. 212 p. Disponível em <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2022/06/colonialismodedados_fpa_WEB.pdf>. Acesso em 2 de dez. 2022.
- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5769483/mod_resource/content/1/BARCA%2C%20Isabel%20Aula_oficina_Projeto_Avaliacao.pdf>. Acesso em 14 de jan. de 2023.
- BARROS, Patrícia Marcondes. Cultura Digital e a Formação de Professores: o ensino de História no tempo presente. **Revista Intermeio**. Campo Grande Mato Grosso do Sul. Vol.25, 2019. Disponível em <<https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/9347/6903>>. Acesso em 02 de dez. de 2021.
- BONSATO, André. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o revisionismo histórico para além das *fake news*. **Linc em Revista**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, maio de 2021. Disponível em <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5631/5269>>. Acesso em 01 de fev. de 2023.
- CAIMI, Flávia Eloísa. **História convencional, integrada, temática: uma opção necessária ou um falso debate?** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 25., 2009, Fortaleza. **Anais**, 2009. Disponível em <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.0301.pdf>>. Acesso em 31 de mar. de 2023.
- CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**. Rio de Janeiro. v. 7, nº13, p.272 – 292. 2018. Centro Educacional Porta do Céu. **Projeto Político Pedagógico**. 2021.
- COSTA, Adriano Medeiros. **Fugindo da Banalidade**: o uso do Orkut como extensão da sala de aula. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. p.269. 2008. Disponível em

<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14375/1/AdrianoMC_DISSERT.pdf>.

Acesso em 31 de mar. de 2023.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. **Ensino de História e historiografia escolar digital**. Rio de Janeiro, 2019. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

_____. Ensino de História e tecnologias digitais: trabalhando com oficinas pedagógicas. **Revista História Hoje**. Rio de Janeiro. v 4, n°8, p. 247-264. 2015.

Disponível

em

<<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:PZ8cs42gsaYJ:https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/download/202/148+&cd=14&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 28 de jan. de 2022.

FAGUNDES, Luís Guilherme. **A construção das enchentes como desastre ambiental em Palhoça: do final do século XIX à grande enchente de 1995**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.75. 2015. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/179202/TCC_Luis_vfinal.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 29 de nov. de 2021.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Palhoça: natureza, história e cultura**. Florianópolis: Editora do autor, 2004.

FIGUEIREDO, Luciano. “História e Informática: o uso do computador.” In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 419-441. Disponível em <<https://dphgoiana.files.wordpress.com/2013/09/ciro-flamarion-cardoso-ronaldo-vainfas-dominios-da-historia-pdfrev.pdf>>. Acesso em 09 de out. de 2021.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **Revista História Oral**, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan.-jun. 2006.

Disponível em <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/issue/view/23>>. Acesso em 31 de mar. de 2023.

FRANCO, Aléxia Pádua. Cultura Digital e Ensino de História: entre pressupostos e possibilidades de pesquisa. In: CERRI, Luís Fernando. CERESER, Osvaldo Mariotto. RIBEIRO, Renilson Rosa. **Territórios Disputados: produção de conhecimento no Ensino de História em tempos de crise**. Cárceres: UNEMAT Editora. 2021. Disponível em <<http://portal.unemat.br/media/files/Editora/Livro%20%20Territ%C3%B3rios%20Disputados.pdf>>. Acesso em 01 de abr. de 2023.

GUIMARÃES, Maria de Fátima. SOUZA, Cleonice Aparecida. Ensino de História: o estudo das práticas de ensino utilizando documentos judiciais, periódicos impressos e narrativas orais (subprojeto Ensino de História e letramento digital - USF). In: **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História: Pesquisa em Ensino de História, desafios de um campo de conhecimento/** Coordenação de Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro. – Rio de Janeiro: UFRJ. Faculdade de Educação; ABEH, 2018.

Disponível em <https://xienpeh.ufrj.br/wp-content/uploads/anais_xi_enpeh_final.pdf>. Acesso em 07 de nov. de 2020.

HOBSBAWM, E., RANGER, T. (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Disponível

em

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4504477/mod_resource/content/1/HOBSBAWM%2C%20E.%20Inven%C3%A7%C3%A3o%20das%20tradi%C3%A7%C3%B5es.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 23 de dez. de 2022.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico da educação patrimonial**. Disponível em

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf>. Acesso em 02 de jul. de 2022.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. 2014. p.4. Disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/2127>>. *Revista Boletim Historiar*. n.2, abr. 2014. Acesso em 21 de abr. de 2021.

_____. **Digital History e Storiografia Digitale**: estudo Comparado sobre a História do Tempo Presente (2001-2011). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p. 188. 2014. Disponível em <<https://pdfcoffee.com/lucchesi-anita-digital-history-e-storiografia-digitale-pdf-free.html>>. Acesso em 30 de jul. de 2021.

_____. **Historiografia em rede**: história, internet e novas mídias - Preocupações e questionamentos para historiadores do século XXI. In: Desafios e caminhos da teoria e da história da historiografia. MARTINS, Estevão; MOLLO, Helena (org.). Mariana: Editora SBTHH, 2015, p. 9 – 52. Disponível em <<http://www.sbthh.org.br/wp-content/uploads/2017/07/Livro-SBTHH.pdf>>. Acesso em 30 de jul. de 2021.

LUCENA, Josirene Inocência Souza de. **História dos pescadores de Pedra Negra**: uma proposta de educação patrimonial aplicada no ensino de História. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. p.147. 2018. Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431175>>. Acesso em 06 de jan. de 2022.

LUZ, V. Memórias do mar. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 40, p. 250-277, 16 ago. 2022. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.edu.br/index.php/FRCH/article/view/12920/8589>>. Acesso em 22 de out. 2022.

MARTINS, Carolina. **No mar, o futuro**: projeto de viabilidade econômica e financeira a implantação de uma fazenda marinha de ostras. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.114. 2004. Disponível em <<http://tcc.bu.ufsc.br/Adm295383.PDF>>. Acesso em 25 de nov. de 2021.

MATOS, Marcos João. **Barra do Aririú como você nunca viu**. Florianópolis. Gráfica Life, 2010. 166 p.

MATTOZO, Vânia Aparecida. **A influência da TV sobre as crianças da Barra do Aririú**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.67. 1986. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/168814/Mattozzo%2c%20V%20-%20TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 20 de nov. de 2021.

MENEZES, Isabella Carvalho de. SIMAN, Lana Mara de Castro. Museu e imaginação histórica. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, vol. 51,119-135, 2019.

MORAES, Daniela Martins de Menezes. **Ensinar e aprender História nas redes sociais online**: possibilidades e desafios para o espaço escolar. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. p.167. 2018. Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431686>>. Acesso em 28 de ago. de 2021.

MOREIRA, Karolyne. **CRAS Barra do Aririú**: espaço de reconhecimento de direitos. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.48. 1986. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/125123>>. Acesso em 20 de nov. de 2021.

MOURA, Antonio Guanacuy Almeida. A. **WebQuest's**: possibilidades no ensino e aprendizagem de História. Dissertação Mestrado. Universidade Federal do Tocantins. Araguaína. P.150. 2018. Disponível em <<https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1702/1/Ant%C3%B4nio%20Guanacuy%20Almeida%20Moura%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 31 de mar. de 2023.

NUNES, Francisca Neta. **A História Local como metodologia de Ensino de História na Educação Básica**: uma experiência a partir das memórias das mulheres da colônia Rio Branco – MT (1960-1970). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.

- Florianópolis. p.145. 2020. Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/582528>>. Acesso em 07 de jan. de 2021.
- PEREIRA, Nilton Mullet. Ensino de História e Resistência: notas sobre uma História menor. **Revista @rquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, vol. 5, n.10, jan-abr, 2017.
- PINHO, Ricardo. **O tempo do engenho**: a modernização recente de Florianópolis considerada a partir da trajetória e obra do grupo engenho (História e fontes para ensino de História). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.335. 2016. Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174784/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Final%20Biblio%20Formato%20A5%20RICARDO%20PINHO.pdf>>. Acesso em 09 de out. de 2021.
- SAMUEL, Raphael. Documentação História Local e Oral. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v 9, n°19, p. 219-243. 1989. Disponível em <https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3887>. Acesso em 01 de fev. de 2022.
- SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e educação**. São Paulo. Paulus. 2013. Disponível em <<https://www.paulus.com.br/loja/appendix/3156.pdf>>. Acesso em 03 de jan. de 2023.
- SANTO, Sabrina Mendes Espírito. **Evolução da ocupação do solo nos manguezais do município de Palhoça utilizando técnicas de sensoriamento remoto**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.68. 2004. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87663/209319.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 25 de nov. de 2021.
- SANTOS, Boaventura S. **Para além do pensamento abissal**. Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos*. Novembro de 2007. Acesso em: 20 jul. 2021. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrG/?lang=pt>>. Acesso em 23 de jul. de 2021.
- SILVA, Anderson Arnaldo da. **Jogos eletrônicos com temáticas históricas**: reflexões sobre saberes e aprendizagens por meio do Assassin's Creed. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.99. 2014. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/131725>>. Acesso em 20 de nov. de 2021.
- SILVA, Danilo Alves. **Letramento Histórico-Digital**: ensino de História e tecnologias digitais. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte. Natal. p.103. 2018. Disponível em <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/572634/2/Dissertao_Danilo_Alves-2_deposito.pdf>. Acesso em 09 de out. 2021.
- SILVA, Luiz Geraldo dos Santos da. História e Meio Ambiente: a pequena pesca marítima no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 10/11, 1998, pp. 219-231. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/328069337.pdf>>. Acesso em 20 de jan. de 2023.
- SILVA, Sílvio Domingos da Silva. **Percepção sobre o meio ambiente por parte de migrantes no manguezal do município de Palhoça – SC**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.131. 2005. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106567/222097.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 25 de nov. 2021.
- SILVEIRA, Claudir. **Município de Palhoça-SC**. 2001.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu da, SOUZA, Joyce, CASSINO, João Francisco (Orgs.). **Colonialismo de Dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo. Autonomia Literária. 2021. 212 p. Disponível em <<https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/colonialismo-de-dados/>>. Acesso em 2 de dez. 2022.

SIQUEIRA, Alessandra Cristina de Mendonça. O colonialismo digital como nova forma de imperialismo nas redes. **Revista de Mestrado em Direito da UFS**. V.8 • N.01 • p. 29 – 50 • Jan-Jun/2019. Disponível em <<https://www.seer.ufs.br/index.php/dike/article/view/15223/11484>>. Acesso em 30 de jan. de 2023.

SOUZA, Maria do Socorro; TAMANINI, Paulo Augusto. As Tecnologias digitais no Ensino de História do Brasil. Um mapeamento das pesquisas acadêmicas. **Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro. Vol.2, 2018. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/36814/27813>>. Acesso em 02 de dez. de 2021.

STASSUN, Cristian Caê Seemann. **Sociedade do espelháculo: Facebook gadget** como dispositivo de governo das informações, das circulações e do desejo. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.443. 2014. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129320>>. Acesso em 21 de abr. de 2021.

VILLAÇA, Marco Valério Miorim, STEINBACH. Brevíssima História do computador e suas tecnologias – parte I – Do osso de Lebombo aos computadores eletromecânicos. **Revista Ilha Digital**, ISSN 2177-2649, volume 5, páginas 3 – 24, 2014. Disponível em <<https://ilhadigital.florianopolis.ifsc.edu.br/index.php/ilhadigital/article/view/72/59>>. Acesso em 14 de jan. de 2023.

VITÓRIA, Bárbara Zacher. **Sobre memes e mimimis**: letramento histórico e midiático no contexto do conservadorismo e intolerância nas redes sociais. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis. p.122. 2019 Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/432294/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20B%c3%a1rbara%20Zacher%20Vit%c3%b3ria%20.pdf>>. Acesso em 09 de out. de 2021.

WILL, Mário. **Transformações socioespaciais na região metropolitana de Florianópolis**: o caso do município de Palhoça - SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis. p.113. 2020. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215927/PGCN0754-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em 19 de jan. de 2023.

PÁGINAS DA INTERNET:

Abepebas. **A Associação de Pescadores informa a todos os sócios e a comunidade [...]**. Palhoça, 29 de fev. de 2020. *Facebook*: Abepebas. Disponível em <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=504554290485736&set=pcb.504555660485599>>. Acesso em 05 de jan. de 2022.

Abepebas. **Bom dia, hoje iniciamos o processo de reforma da nossa sede [...]**. Palhoça, 16 de dez. de 2021. *Facebook*: Abepebas. Disponível em <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=938076053800222&id=224265591847942>. Acesso em 05 de jan. de 2022.

Abepebas. **E assim seguimos nosso processo de reestruturação da nossa sede. [...]**. Palhoça, 13 de jan. de 2022. *Facebook*: Abepebas. Disponível em <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=504554290485736&set=pcb.504555660485599>>. Acesso em 05 de jan. de 2022.

Abepebas. **Olhem a situação em que se encontra a foz do Rio Aririu [...]**. Palhoça, 07 de ago. de 2020. *Facebook*: Abepebas. Disponível em <https://www.facebook.com/Abepebas-224265591847942/videos/?ref=page_internal>. Acesso em 29 de set. de 2021.

Acervo literário da Academia de Letras de Palhoça. Academia de Letras de Palhoça. Disponível em <<http://www.academiadeletrasdepalhoça.com.br/phocadownload/Acervo.pdf>>. Acesso em 04 de dez. de 2021.

Alunos de creche de Florianópolis aprendem sobre a tradição da pesca da tainha. Jornal ND. 2022. Disponível em <<https://ndmais.com.br/cultura/alunos-de-creche-de-florianopolis-aprendem-sobre-a-tradicao-da-pesca-da-tainha/>>. Acesso em 16 de dez. de 2022.

Área de Atuação do NEA. Núcleo de Estudos Açorianos. Disponível em <<https://nea.ufsc.br/area-de-atuacao-do-nea/>>. Acesso em 22 de out. de 2022.

Câmara Municipal de Palhoça. Associação dos Pescadores. *YouTube*, 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yj8QwwrNEOk>>. Acesso em 29 de 09 de 2021.

Canal Anolipa. Barra do Aririú – Palhoça. 2019.

Disponível em <<https://www.youtube.com/@ANOLIPA/about>>. Acesso em 10 de jun. de 2023.

Celular segue como aparelho mais utilizado para acesso à internet no Brasil. Gov.br, 2022. Disponível em <<https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2022/setembro/celular-segue-como-aparelho-mais-utilizado-para-acesso-a-internet-no-brasil#:~:text=Segundo%20os%20resultados%20do%20m%C3%B3dulo,domic%C3%ADlios%20com%20acesso%20%C3%A0%20Internet>>. Acesso em 03 de fev. de 2023.

COELHO, Neusa Bernardo. As Primeiras Praças de Palhoça. 2019. Disponível em <<https://portalpalhoça.com.br/coluna/historia-em-foco-com-neusa-coelho/as-primeiras-pracas-de-palhoça>>. Acesso em 23 de julho de 2022.

Como funciona as aspas na pesquisa do Google?. *Lógica Digital*. Disponível em <<https://www.logicadigital.com.br/pesquisa-do-google/>>. Acesso em: 21 de fev. 2023.

Como o Google funciona? Resultado Digitais. *YouTube*, 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=26OPzNcxOgY&t=20s>>. Acesso em 17 de jan. 2023.

CORAL, Carolina. Especial 16 anos: A história dos primeiros assinantes do Jornal ND. Jornal ND. 2022. Disponível em <<https://ndmais.com.br/cidadania/especial-16-anos-a-historia-dos-primeiros-assinantes-do-jornal-nd/>>. Acesso em 16 de dez. de 2022.

CUNHA, Wando. 2016. *Instagram*: @wando_cunha_artr. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BM1fkDKje3z/>>. Acesso em 29 de nov. de 2021.

Design Instrucional. Como Você pode usar o Instagram na Educação?. *YouTube*, 2022.. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=l6KYiMUqLGE>>. Acesso em 04 de fev. de 2023.

DIOGO, Marciano. Pesca e a tradição açoriana reinam na Barra do Aririú, um dos bairros mais antigos de Palhoça. Jornal ND. 2014.

Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/>> Acesso em 23 de jul. de 2022.

DOMINGUES, Joelza Ester. Sobre o blog. *Ensinar História*. Disponível em <<https://ensinarhistoria.com.br/objetivo-do-blog/>>. Acesso em 09 de dez. de 2021.

Brasil Escola. Editorial | Gêneros textuais - Brasil Escola. 2020.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=49IGKUS2uRQ>>. Acesso em 31 de jan. de 2023.

Ensinar História. *Instagram*: @ensinar.historia. Disponível em <<https://www.instagram.com/ensinar.historia/>>. Acesso em 21 de jan. de 2023.

FILHO, Flávio. Saberes da Pesca. 2020. Disponível em <<https://www.facebook.com/flavio.filho.779/videos/3339905206132114>>. Acesso em 20 de jan. de 2023.

Florianópolis prepara ações para comemorar o Dia do Pão Por Deus. Jornal ND. 2021. Disponível em <<https://ndmais.com.br/cultura/florianopolis-prepara-acoes-para-comemorar-o-dia-do-pao-por-deus/>>. Acesso em 07 de dez. de 2022.

Fototeca Registro dos Saberes. IPHAN. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/fototeca/detalhes/11/fototeca-registro-dos-saberes>>. Acesso em 23 de mar. de 2023.

Furadinho – Fragmentos de Sua História - Antônio Manoel da Silva – Autografado. Touché Livros. Disponível em <<https://www.touchelivros.com.br/livro/furadinho-fragmentos-de-sua-historia/>>. Acesso em 04 de dez. de 2021.

GARCIA, Wilton. **Pensando as mídias alternativas.** Observatório da Imprensa, 2018. Disponível em <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/dilemas-contemporaneos/pensar-as-midias-alternativas/>>. Acesso em 31 de mar. de 2023.

GIRALDO, Valentina. **Saiba o que é um site de busca e quais são os 44 principais buscadores do mercado.** Rockcontent. Disponível em <<https://rockcontent.com/br/blog/site-de-busca/>>. Acesso em 30 de mar. de 2023.

Google Forms Como Usar - TUTORIAL COMPLETO Para Criar Formulário Google (NOVA VERSÃO 2022). Plugá. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=C87YFYToHTA>> . Acesso em 16 de jan. de 2023.

Grupo ND. Talentos ND. Disponível em <<https://talentosnd.gupy.io/>>. Acesso em 02 de abr. de 2023.

História. Associação dos Jornais do Interior de Santa Catarina. 2023. Disponível em <<https://institucional.adjorisc.com.br/conteudo/2/historia>>. Acesso em 22 de out. de 2022.

História contada em imagens. 2018. Disponível em <<https://portalpalhoca.com.br/coluna/historia-em-foco-com-neusa-coelho/as-primeiras-pracas-de-palhoca>>. Acesso em 23 de julho de 2022.

História do Município. Prefeitura de Palhoça, 2021. Disponível em <<https://palhoca.atende.net/cidadao/pagina/historia-do-municipio>>. Acesso em 07 de dez. de 2021.

Livro de Registro das Celebrações. Gov.br. Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/reconhecimento-de-bens-culturais/livros-de-registro/celebracoes>>. Acesso em: 23 de mar. de 2023.

Livro de Registro dos Saberes. Gov.br. Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/reconhecimento-de-bens-culturais/livros-de-registro/saberes>>. Acesso em 10 de mar. de 2023.

Me ensina. **Como usar o Instagram corretamente (Guia Completo do Iniciante).** YouTube, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wxKLLmCX_Bw&t=153s>. Acesso em 04 de fev. de 2023.

MPP lança manifesto no dia do Grito da Pesca Artesanal. Conselho Pastoral dos Pescadores, 2020. Disponível em <<http://www.cppnacional.org.br/noticia/mpp-lan%C3%A7a-manifesto-no-dia-do-grito-da-pesca-artesanal>>. Acesso em 05 de out. de 2021.

Novas Tecnologias. Ead Evolução.

Disponível em <https://grupeeolucao.com.br/livro/Educao_Distancia/novas_tecnologias.html>. Acesso em 25 de maio de 2023.

NDTV Joinville. Visite Joinville. Disponível em <<https://www.visitejoinville.com.br/associados-marketing-divulgacao-e-midia/ndtv-joinville>>. Acesso em 02 de abr. de 2023.

Palhoça panorama. IBGE. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/palhoca/panorama>>. Acesso em 15 de out. de 2020.

Palhoça (SC) - Índice de bairros e demais núcleos populacionais. MBI. Disponível em <<https://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/cidade/palhoca-sc-br/>>. Acesso em 04 de dez. de 2021.

Panorama da Aquicultura. 30 de abr. de 2001. Disponível em <<https://panoramadaaquicultura.com.br/panorama-da-malacocultura-brasileira/>>. Acesso em 05 de jan. de 2022.

Patrimônio Imaterial. Gov.br. Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.

PEDRO, Wagner. **Como ver imagens antigas no Google Maps.** Tecnoblog, 2021. Disponível em <<https://tecnoblog.net/responde/como-ver-imagens-antigas-no-google-maps/>>. Acesso em 23 de mar. de 2023.

PEREIRA, Moacir. **Dia 6 de janeiro e a Festa dos Reis em Santa Catarina.** Jornal ND. 2022. Disponível em <<https://ndmais.com.br/cultura/dia-6-e-a-festa-dos-reis-em-santa-catarina/>>. Acesso em 07 de dez. de 2022.

Portal Palhoça. **Palhoça inaugura melhorias e ampliação do parque da Barra do Aririú.** Palhoça, 13 de ago. de 2019. Disponível em <<https://portalpalhoca.com.br/noticias/comunidade/palhoca-inaugura-melhorias-e-ampliacao-do-parque-da-barra-do-aririu>>. Acesso em 29 de nov. de 2021.

PRADO, Cristiane. Monografias Brasil Escola. **A trajetória do jornalismo impresso para o digital.** Disponível em <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/historia/a-trajetoria-jornalismo-impresso-para-jornalismo-digital.htm>>. Acesso em 22 de nov. de 2022.

Praia da Barra do Rio Aririú - Palhoça (SC). Brasil de frente para o mar. *YouTube*. 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Q9JqKXZFZkw>>. Acesso em 23 de julho de 2022.

Prefeitura inicia dragagem no canal de navegação na Barra do Aririú. Jornal Palhocense. Palhoça, 2022. Disponível em <<https://www.palhocense.com.br/noticias/prefeitura-inicia-dragagem-no-canal-de-navegacao-na-barra-do-aririu>>. Acesso em 12 de fev. de 2022.

Reconhecimento de Bens Culturais. Gov.br. Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/reconhecimento-de-bens-culturais>>. Acesso em 23 de mar. de 2023.

Resultados Digitais. **[RDicas #4] Como o Google funciona?.** *YouTube*, 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=26OPzNcxOgY&t=20s>>. Acesso em: 23 de mar. de 2023.

RODRIGUES, Alex. **Em 2021, 82% dos domicílios brasileiros tinham acesso à internet.** Agência Brasil, 2022. Disponível em <<https://bitly.com/wNcHiHV>>. Acesso em: 04 de mar. de 2023.

RODRIGUES, Jonatan. **Tudo o que você precisa saber sobre Redes Sociais.** Resultados Digitais, 2022. Disponível em <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais/>>. Acesso em 21 de jan. de 2023.

ROSA, Edson. **Na Barra do Aririú, assoreamento da foz do rio e baía sul atrasa saída de embarcações.** Jornal ND, 2013. Disponível em <<https://ndmais.com.br/noticias/na-barra-do-aririu-assoreamento-da-foz-do-rio-e-baia-sul-atrasa-entrada-e-saida-de-embarcacoes/>>. Acesso em 29 de set. de 2021.

Santo Afro Catarina. Disponível em <<https://santaafrocatarina.sites.ufsc.br/santaafrocatarina/>>. Acesso em 03 de fev. de 2023.

SILVA, J. J. **Palhoça comemora sua fundação e celebra seus séculos de história.** 2017. Disponível em <<https://www.adjorisc.com.br/jornais/palhocense/online/cotidiano/palho%C3%A7a-comemora-funda%C3%A7%C3%A3o-e-celebra-seus-s%C3%A9culos-de-hist%C3%B3ria-1.1985683>>. Acesso em 23 de julho de 2022.

Tradição açoriana e fé unem a população de Florianópolis na Festa do Divino. Jornal ND. 2022. Disponível em <<https://ndmais.com.br/cultura/tradicao-acoriana-e-fe-unem-a-populacao-de-florianopolis-na-festa-do-divino/>>. Acesso em 07 de dez. de 2022.

Você sabe o que é dataficação? Algumas empresas ganham rios de dinheiro com isso. Insper, 2021. Disponível em <<https://www.insper.edu.br/noticias/voce-sabe-o-que-e-dataficacao-algumas-empresas-ganham-rios-de-dinheiro-com-isso/>> Acesso em 22 de mar. de 2023.

WebQuest Representações da Identidade Negra no Brasil. Disponível em <<https://sites.google.com/site/webtreino2/introducao>>. Acesso em 04 de jan. de 2022.

90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil, aponta pesquisa. Gov.br, 2022. Disponível em <<https://bityli.com/3LzC3>>. Acesso em 03 de fev. de 2023.

Material Didático Para Professores

**Fontes Digitais da Barra do Aririú:
Uma Proposta Para o Ensino de
História da Palhoça-SC**

Elaborado por:

Anderson Arnaldo da Silva

Profa. Dra. Mônica Martins da Silva

.....

Universidade Federal de Santa Catarina



Material Didático Para Professores

**Fontes Digitais da Barra do Aririú: Uma Proposta Para o
Ensino da História de Palhoça-SC
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa
Catarina - Centro de Ciências da Educação/ Programa de
Pós Graduação em Ensino de História - Nível Mestrado
Profissional / Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas
Históricas – Produção e Difusão.
Florianópolis, 2023.**

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	4
<u>OFICINA 1</u>	
CONHECENDO AS FONTES DIGITAIS.....	6
<u>OFICINA 2</u>	
RECONHECENDO E PROBLEMATIZANDO AS FONTES DIGITAIS DA BARRA DO ARIRIÚ.....	21
<u>OFICINA 3</u>	
HISTÓRIA DA BARRA DO ARIRIÚ: AÇORIANIDADE E POVOS SILENCIADOS.....	34
<u>OFICINA 4</u>	
URBANIZAÇÃO E MEIO AMBIENTE ENTRE ESPACIALIDADES E INVISIBILIDADES.....	50
<u>OFICINA 5</u>	
SABER FAZER DOS PESCADORES E A PESCA COMO UMA PRÁTICA SOCIAL DA BARRA DO ARIRIÚ.....	72
<u>OFICINA 6</u>	
CONSTRUINDO COM OS ESTUDANTES UM PERFIL DA BARRA DO ARIRIÚ NO <i>INSTAGRAM</i>	89
<u>REFLEXÕES FINAIS</u>	100

INTRODUÇÃO

Este e-book faz parte da dimensão propositiva da dissertação do Profhistória, que visa apresentar um produto didático educacional destinado a contribuir para a prática pedagógica de professores e do Ensino de História nas escolas brasileiras.

Sabendo que as aulas proporcionam o aprendizado histórico e ampliam os horizontes, sendo geralmente expositivas e/ou dialogadas, busquei elaborar aulas que formem estudantes mais críticos em relação aos conteúdos históricos, propondo seis aulas-oficinas sobre a temática relacionada às fontes digitais locais da Barra Aririú.

Segundo Barca (2004, p. 1) [1], as aulas-oficinas são uma das possibilidades de os estudantes serem agentes sociais:

Ora se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação

Pensando nisso, desenvolvemos as aulas-oficinas relacionadas às fontes digitais locais para contribuir com um Ensino de História mais autônomo, interativo e digital. Buscamos a construção de uma metodologia de trabalho com fontes históricas digitais da Barra do Aririú, obtidas a partir de pesquisa documental. As oficinas serão realizadas com estudantes do bairro, cada uma com seus temas objetivos, estratégias, além de fontes digitais e materiais.

A ordem das oficinas tem o objetivo de trabalhar primeiro

a definição de fontes digitais e suas implicações, para depois, adentrar no conhecimento mais específico da História Local e terminar com a construção de um perfil no Instagram. No entanto, o docente tem a liberdade de mudar a ordem ou de inserir outras oficinas, dependendo do seu contexto de aplicação ou necessidades pedagógicas.

Este material contém as seguintes seções, que visam problematizar e expandir o conhecimento histórico: Fazendo História, temos algumas sugestões de reflexões e questões, para que o docente trabalhe o conteúdo das oficinas com os estudantes; no Por Dentro da História, propõem-se aprofundamentos no conhecimento histórico abordado durante as oficinas, com autores mais específicos; no De olho na Dica indica-se vídeos, livros e outros materiais, para que os docentes possam desbravar mais os temas sugeridos durante as oficinas.

As oficinas foram pensadas para estudantes do Ensino Fundamental II, mais especificamente alunos do 9º ano, pois esses poderão mobilizar melhor os saberes históricos adquiridos durante o Ensino Fundamental. Todas as propostas são sugestões, dentro de uma dada situação e possibilidades, que podem ser adaptadas para outras realidades brasileiras. Não temos a pretensão de esgotar as possibilidades com este tema. Diante disso, convidamos o leitor a explorar as fontes digitais locais.

REFERÊNCIAS

[1] BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131-144. Disponível em <<https://bityli.com/FcPgHx>>. Acesso em 14 de jan. de 2023.

An aerial photograph of a large body of water, likely a lake or bay, under a clear blue sky with light clouds. A sandy peninsula with green vegetation extends into the water. In the distance, a range of mountains is visible. The water's surface is textured with small waves. In the foreground, there are more trees and a few people walking on a sandy area.

OFICINA 1

CONHECENDO AS FONTES DIGITAIS

APRESENTAÇÃO

Nesta primeira oficina o objetivo é introduzir a temática sobre as fontes digitais, conhecendo seus meios, formas, conteúdos, além de suas possibilidades e limites para o Ensino de História.

Sugere-se iniciar com o seguinte questionamento: O que são fontes digitais? Os documentos digitais são diversos e segundo Almeida (2011)[1], são conceituados como aqueles em sistema de dígitos binários, implicando na necessidade de uma máquina para intermediar o acesso às informações. Tal máquina é, na maioria das vezes, um computador.

Assim, a História das fontes digitais é possível somente a partir da invenção dos computadores. Percebemos que o computador passou de instrumento utilizado para fazer cálculos, para uma máquina que armazena dados com capacidade de imitar ou até superar a inteligência humana.

Segundo dados nacionais de 2021, cerca de 90 % da população brasileira tinha acesso à internet[2]. No que tange ao uso pessoal dos celulares, o índice no mesmo ano subiu para 99.5% dos domicílios brasileiros com acesso à internet[3].

Conforme o panorama feito pela Agência Brasil sobre o uso da internet no Brasil em 2021, o perfil predominante de brasileiros que utilizam a internet é equilibrado entre o meio rural e urbano. O mesmo equilíbrio é verificado entre os diferentes gêneros e cor de pele. Ocorre um certo desequilíbrio no nível de instrução, faixa etária e classes sociais[4].

É importante salientar, que o uso da internet é assimétrico nos níveis de instrução, faixa etária e classes sociais, apontando para diferenças entre os diversos patamares de conhecimento da cultura digital.

Sabendo da importância da democratização da internet nos diferentes segmentos sociais, evidenciamos a necessidade de desenvolver e debater as pesquisas na internet, para conhecer as fontes digitais locais.



POR DENTRO DA HISTÓRIA

Conforme Villaça e Steinbach :

Até a primeira metade do século XX, um computador ainda significava uma pessoa fazendo cálculos. Conforme foi dito, cálculos longos eram divididos em partes e realizados por um grupo de pessoas. Atualmente, a palavra computador é reservada para se referir a computadores digitais com programa armazenado internamente e modificável. Futuramente, esse significado deve novamente se alterar. Alguns futuristas acreditam que podemos até criar máquinas com inteligência muito maior do que a nossa*.

* VILLAÇA, Marco Valério Miorim , STEINBACH. Brevíssima História do computador e suas tecnologias – parte I – Do osso de Leombo aos computadores eletromecânicos. Revista Ilha Digital, ISSN 2177-2649, volume 5, páginas 3-24, 2014. p.22. Disponível em <<https://ilhadigital.florianopolis.ifsc.edu.br/index.php/ilhadigital/article/view/72/59> >. Acesso em 14 de jan. de 2023.

ATIVIDADE 1

A hand is shown in silhouette, pointing its index finger towards a glowing digital network structure. The network consists of numerous white nodes connected by thin white lines, forming a complex, interconnected web. The nodes are illuminated with a bright blue light, creating a lens flare effect. The background is a dark blue gradient.

Objetivos:

- **Refletir sobre os usos da internet e dos mecanismos de busca, principalmente do *Google*.**

Após conhecer um pouco sobre os meios que abrigam as fontes digitais e perceber o seu desenvolvimento atrelado a um contexto histórico específico, a intenção a seguir, é entender as potencialidades e cuidados necessários nas pesquisas realizadas na internet.

Sugerimos que essa atividade seja feita individualmente, alcançando um maior número de resultados, para analisar, depurar e problematizar as fontes digitais.

A ideia é formar o perfil dos estudantes e descobrir como eles fazem o uso da internet em seu cotidiano, assim o professor consegue fazer relações da cultura digital dos estudantes, com as aulas de História.

O professor poderá realizar essa pesquisa com os alunos através do *Google Forms*, pois essa ferramenta digital serve para criar questionários, que podem ser respondidos pelo próprio celular. Dessa maneira, ajudará no letramento digital dos estudantes, diversificando suas ferramentas digitais para uso em pesquisas escolares.

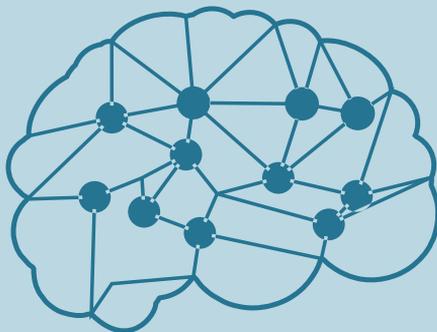
DE OLHO NA DICA



Vídeo tutorial sobre o *Google Forms*.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C87YFYToHTA>>.

Acesso em 16 de jan. de 2023.



FAZENDO HISTÓRIA

A proposta pode iniciar com as seguintes reflexões sobre o uso da internet:

- Quais sites e plataformas que você mais acessa na internet?
- Você realiza pesquisas na internet com frequência?
- Quais temas você pesquisa?
- Explique como você costuma utilizar a internet para acessar conteúdos de História?
- Como esses conteúdos disponibilizados na internet, podem auxiliar as aulas de História?

Em um segundo momento, o professor fará indagações sobre os sites de busca:

- O que é um site de busca?
- Como ele funciona?
- Quais são os tipos de sites de busca?
- Quais são os principais sites de busca da internet?

O objetivo das questões é que os estudantes reflitam sobre os usos da internet e dos mecanismos de busca.

ATIVIDADE 2



Objetivos:

- **Debater sobre o colonialismo de dados e suas implicações para a sociedade.**

Após conhecer um pouco sobre os meios que abrigam as fontes digitais e perceber o seu desenvolvimento atrelado a um contexto histórico específico, a intenção a seguir, é entender as potencialidades e cuidados necessários nas pesquisas realizadas na internet.

A reflexão sobre o **Google** como a principal fonte de pesquisa na internet, traz a oportunidade de debates sobre como a estrutura política e econômica mundial influencia diretamente em nossas vidas e contextos escolares.

Uma evidencia disso é o colonialismo de dados e suas inúmeras estratégias para armazenar as informações sobre os dados pessoais e sociais, em prol do lucro das grandes empresas da internet.

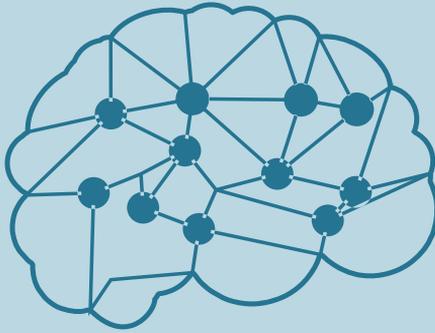
Para utilizar as redes sociais e sistemas das grandes empresas de tecnologia, os usuários fornecem seus dados e, a partir disso, essas informações podem ser utilizadas para disponibilizar produtos e oferecer serviços a outras empresas e pessoas.

A imagem a seguir, sobre o colonialismo de dados, pode servir para reflexão sobre as grandes empresas de tecnologias digitais e sua influência na História atual.

FIGURA 1: Imagem representando o colonialismo de dados



Fonte: Disponível em
<<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/05/27/colonialismo-de-dados-ameaca-liberdade-e-da-gas-a-guerra-fria-eua-x-china.htm>>.
Acesso em 02 de fev. de 2023.



FAZENDO HISTÓRIA

Utilizando essa imagem, o docente pode suscitar os seguintes questionamentos com os estudantes:

- O que está sendo representado na figura 1?
- Quais relações que podemos fazer entre a figura 1 e a História das Américas?
- Descreva as permanências e mudanças históricas simbolizadas na figura.
- Explique "com suas palavras" o significado da definição capitalismo de dados.

Na próxima atividade buscaremos compreender como as fontes digitais da Barra do Aririú possibilitam a estruturação de uma narrativa histórica sobre o bairro, com suas oportunidades e dificuldades.

POR DENTRO DA HISTÓRIA



Segundo Silveira; Souza e Cassino:

“Colonialismo de dados”, “colonialismo digital”, “capitalismo de vigilância”, “capitalismo de plataforma”, “dataficação”, “modulação” – estas são algumas das teorias e conceitos utilizados para analisar e classificar as transformações recentes ocorridas a partir do avanço das tecnologias digitais e da Internet*.

* SILVEIRA, Sérgio Amadeu da, SOUZA, Joyce, CASSINO, João Francisco (Orgs.). Colonialismo de Dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo. Autonomia Literária. 2021. 212 p. p.7. Disponível em <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2022/06/colonialismodedados_fpa_WEB.pdf>. Acesso em 2 de dez. 2022.

A dataficação pode ser entendida da seguinte forma:

Esse termo apareceu pela primeira vez em um ensaio publicado em 2013 pela revista americana Foreign Affairs. No texto, intitulado The Rise of Big Data, o jornalista Kenneth Neil Cukier, editor de dados da revista inglesa The Economist, e Viktor Mayer-Schoenberger, professor na Universidade de Oxford, utilizaram essa expressão para descrever a prática de transformar diversos aspectos das nossas vidas em dados que geram informações para a criação de valor*.

* Você sabe o que é dataficação? Algumas empresas ganham rios de dinheiro com isso. Insuper, 2021. Disponível em < <https://www.insper.edu.br/noticias/voce-sabe-o-que-e-dataficacao-algumas-empresas-ganham-rios-de-dinheiro-com-isso/>>. Acesso em: 22 de mar. de 2023.

DE OLHO NA DICA



Para saber mais sobre sobre os conceitos de colonialismo digital e capitalismo da vigilância:

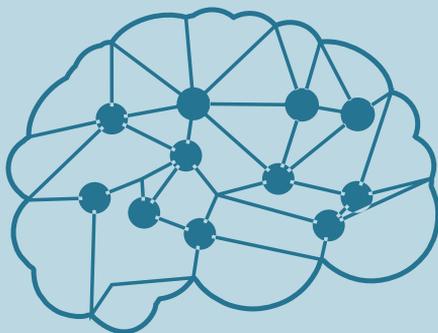
SIQUEIRA, Alessandra Cristina de Mendonça. O colonialismo digital como nova forma de imperialismo nas redes. Revista de Mestrado em Direito da UFS. Disponível em <<https://www.seer.ufs.br/index.php/dike/article/view/15223/11484>>. Acesso em 30 de jan. de 2023.

ATIVIDADE 3



Objetivos:

- Identificar as fontes digitais da Barra do Aririú.
- Diferenciar os tipos de fontes digitais da Barra do Aririú.
- Problematizar a forma de seleção das fontes digitais na pesquisa no *Google*.



FAZENDO HISTÓRIA

Sugerimos realizar uma atividade de pesquisa em grupo de até quatro estudantes, sobre as fontes digitais da Barra do Aririú. Cada grupo poderá utilizar os seus celulares e realizar a pesquisa no mecanismo de busca do *Google*, com a palavras-chave (Barra do Aririú).

A partir do resultado das pesquisas, o professor discutirá a quantidade de resultados encontrados e os tipos de fontes digitais sobre a Barra do Aririú como textos, imagens, vídeos, sites, plataformas, redes sociais, além de questionar o seguinte:

- Por que o resultado da pesquisa foi tão amplo?
- Como podemos limitar o resultado da pesquisa?
- Quais das fontes digitais buscam contar a História do bairro?
- Como a História do bairro é contada nessas fontes digitais?

As respostas podem ser compartilhadas oralmente e o docente conduzirá a discussão, problematizando que para fazer uma pesquisa no *Google* de forma mais aprofundada e crítica, é necessário conhecer a lógica de seleção e classificação desta plataforma.

Sobre as questões a respeito da História do bairro, sugere-se a reflexão com os estudantes sobre os temas mais tratados nas fontes digitais, como os encontrados neste trabalho, que em sua maioria falam da degradação ambiental, açorianidade e a prática social da pesca.

A seguir, os estudantes farão uma nova pesquisa com as palavras-chave (História da Barra do Aririú). A ideia é demonstrar que as palavras-chave fazem diferença na pesquisa e reduzem os resultados. Além disso, um maior conhecimento de como funciona o site de busca, trará mais qualidade à pesquisa. O docente pode propor as mesmas palavras-chave novamente, só que agora entre aspas, "História da Barra do Aririú". Nota-se que o resultado diminuiu drasticamente de milhares para apenas seis. Por que isso ocorre? Segundo o site *Lógica Digital* [5]:

Quando se realiza uma pesquisa no maior buscador do mundo, *Google*, ele além de obter resultados significativos, apresenta aqueles que são descartáveis. O mesmo resultado pode ser segmentado por um simples símbolo, as aspas (""). Mas, pode ser utilizado também o "mais" (+).

Em uma busca, o usuário se depara com resultados que contém vários "palpites" do próprio *Google*, fugindo muitas vezes do seu interesse. A ideia da utilização das aspas é afunilar os proventos e especificar o que é procurado [6]. Porém o *Google* é apenas uma das plataformas digitais a ser explorada, temos também o *Youtube*, *Instagram* e o *Facebook*, que serão abordados a partir da quarta oficina.

REFERÊNCIAS:

- [1] ALMEIDA, Fábio Chang. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. Revista Aedos. Rio Grande do Sul. Num.8, Vol. 3, Janeiro-Junho 2011. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776/11939>>. Acesso em 21 de abr. de 2021.
- [2] 90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil, aponta pesquisa. Gov.br, 2022. Disponível em <<https://bityli.com/3LzC3>>. Acesso em 03 de fev. de 2023.
- [3] Celular segue como aparelho mais utilizado para acesso à internet no Brasil. Gov.br, 2022. Disponível em <<https://bityli.com/oy4RZk>>. Acesso em 03 de fev. de 2023.
- [4] RODRIGUES, Alex. Em 2021, 82% dos domicílios brasileiros tinham acesso à internet. Agência Brasil, 2022. Disponível em <<https://bityli.com/wNcHiHV>>. Acesso em 04 de mar. de 2023.
- [5] [6] Como funciona as aspas na pesquisa do **Google**?. Lógica Digital. Disponível em < <https://www.logicadigital.com.br/pesquisa-do-google/>>. Acesso em: 21 de fev. 2023



OFICINA 2

**RECONHECENDO E PROBLEMATIZANDO AS
FONTES DIGITAIS DA BARRA DO ARIRIÚ**

APRESENTAÇÃO

Na primeira oficina o docente trabalhou a importância das palavras-chave na pesquisa com as fontes digitais locais, agora o desafio é entender e selecionar as fontes mais relevantes para a História da Barra do Aririú.

Primeiro, devemos entender que os resultados obtidos na pesquisa no *Google*, significam o número de fontes digitais encontradas pelo buscador com as palavras-chave indicadas. Por exemplo com as palavras-chave (História da Barra do Aririú) encontramos 21.000 resultados, que nos levam a inúmeros links com assuntos diversos sobre o bairro, mesmo sabendo que a pesquisa foi restringida por palavras específicas.

Diferentemente de uma pesquisa com fontes escritas, como por exemplo em uma biblioteca pública, que geralmente está limitada a organização por temas e autores, a pesquisa no *Google* funciona a partir de critérios pré-estabelecidos por uma empresa. Por isso, evidenciamos a necessidade de compreender as peculiaridades de uma pesquisa na internet.

Dessa maneira, o docente precisa conhecer sobre a lógica de funcionamento dos meios digitais mobilizados em sua aula, para ter o melhor proveito e também problematizar as limitações das tecnologias digitais.

Na pesquisa desenvolvida, encontramos diversas fontes digitais sobre a Barra do Aririú. Agora é essencial selecionar, classificar e problematizar essas fontes, para que possam servir para as finalidades do saber histórico.

POR DENTRO DA HISTÓRIA



Segundo o site *Lógica Digital*, o *Google* realiza suas pesquisas através de um robô, que pode ser conhecido como buscador. Ele tem a função de ler e entender os conteúdos de um site e armazenar seus dados em um servidor. Assim, quando fazemos uma pesquisa nesse mecanismo de busca, o robô procura os resultados armazenados e em questão de segundos traz os resultados. Porém, caso um site novo não tenha sido visitado por essa máquina, ele não irá aparecer na pesquisa.

Resultados Digitais. [RDicas #4] Como o *Google* funciona?. *YouTube*, 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=26OPzNcxOgY&t=20s>>. Acesso em: 23 de mar. de 2023

DE OLHO NA DICA



Tutorial de como funciona o *Google*.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=26OPzNcxOgY&t=20s>>. Acesso em 17 de jan. 2023.

ATIVIDADE 4

```
background-size: 100% 100%;  
position: absolute;  
top: 50%;  
left: 50%;  
transform: translate(-50%, -50%);  
width: 400px;  
padding: 40px;  
background: □ rgba(0, 0, 0, 0.5);  
box-sizing: border-box;
```

Objetivos:

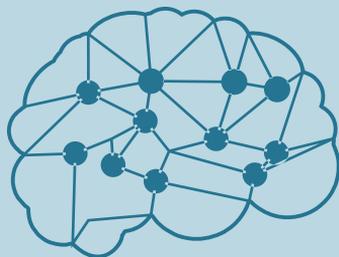
- Tabular e classificar as fontes digitais relacionadas à História da Barra do Aririú.
- Problematizar a fonte do jornal digital NDMAIS.
- Identificar autores, intenções e públicos das fontes digitais.

Novamente, o professor pode solicitar que os estudantes realizem individualmente em seus celulares ou no laboratório de informática, a pesquisa no *Google* com as palavras-chave (História da Barra do Aririú). Porém, agora sem aspas, para ficar mais abrangente e desenvolver a capacidade de seleção dos estudantes.

Desta vez, os estudantes podem realizar a tabulação e classificação das fontes digitais da História da Barra do Aririú, como no exemplo a seguir:

- **Tipo de fonte digital:** Site, Blog, Rede social, Jornal, Canal de vídeos.
- **Conteúdo:** Temas principais.
- **Relação com a História da Barra do Aririú:** Pouca, média, grande.
- **Autores:** Identificar as autorias ou falta delas.

Mais adiante, cada grupo ficará com um tipo de fonte digital encontrada na pesquisa, sendo que, alguns podem ficar com os jornais digitais, outros com os vídeos do *Youtube* ou grupos do *Facebook*.



FAZENDO HISTÓRIA

A proposta é problematizar as fontes digitais como produtos de um dado contexto histórico. Para isso, os estudantes farão os seguintes questionamentos:

- Quantas fontes digitais foram encontradas?
- Escolha três fontes para analisar.
- Descreva as principais características dessa fonte, como: o seu tipo (plataforma, site, vídeo, jornal digital) e temas principais.
- Quais objetivos ela pretende atingir (informar, divulgar, promover, criticar)?
- Explique se essa fonte digital é feita para algum público específico.
- Como a fonte conta a História da Barra do Aririú? Justifique.

As respostas ao questionário podem ser compartilhadas oralmente em sala de aula e o docente pode refletir com os estudantes sobre a importância de questionar as fontes digitais, para descobrir suas intenções e silenciamentos.

Sabemos que cada fonte digital tem suas especificidades, por isso, exploraremos as particularidades de um jornal digital para narrar a História da Barra do Aririú.

ATIVIDADE 5

```
background-size: 100%;
}
{
position: absolute;
top: 50%;
left: 50%;
transform: translate(-50%, -50%);
width: 400px;
padding: 40px;
background: □ rgba(0, 0, 0, 0.5);
box-sizing: border-box;
```

Objetivos:

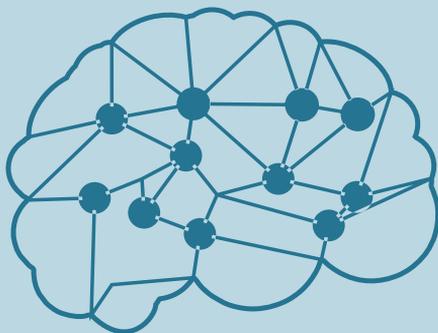
- Refletir sobre a autoria da fonte do jornal digital NDMAIS.
- Entender as diferenças de um jornal impresso para um digital.
- Analisar as intenções do jornal digital NDMAIS.

Nesta atividade, a proposta é trabalhar com uma das fontes digitais da pesquisa e sugerimos o jornal digital NDMAIS. Esta escolha foi feita por ser a fonte mais relevante encontrada no *Google*, pois trata da História da Barra do Aririú procurando explicar suas origens, desenvolvimentos e atualidades.

A notícia tem o título: "Pesca e a tradição Açoriana reinam na Barra do Aririú, um dos bairros mais antigos de Palhoça [1]".

Sugerimos começar pela autoria, pois é importante para reconhecermos as perspectivas que constituem o sentido da narrativa. Neste caso, temos o autor da notícia Marciano Diogo, o jornal digital e a rede de comunicação da NDMAIS.

O docente pode solicitar aos estudantes, que formem grupos e façam as seguintes pesquisas: um grupo pesquisará sobre o autor da notícia, outro a respeito do jornal digital e um terceiro sobre a rede NDMAIS. Pretende-se, nesta parte, reconhecer os autores da pesquisa e suas intenções.



FAZENDO HISTÓRIA

As questões sobre o autor, o jornal e o grupo NDMAIS podem ser:

- Quem são?
- Quais são as suas perspectivas sociais?
- Qual público desejam atingir?

A busca pela autoria da notícia digital é importante e pode ser feita na internet, como nas redes sociais do *Facebook* e *Instagram* ou em vídeos do *YouTube*.

Ao fim da pesquisa feita pelos estudantes, o docente pode compartilhar oralmente, que o jornalista responsável pela notícia usa das tecnologias digitais para tratar dos aspectos turísticos e econômicos da Grande Florianópolis, geralmente, com a perspectiva de querer mostrar o melhor da cidade. O que implica em deixar de lado as contradições desses municípios e habitantes, como os conflitos e múltiplos personagens, em prol de uma narrativa romantizada.



Dando sequência a atividade, o docente pode tratar dos seguintes questionamentos:

- Quais as diferenças e semelhanças entre o jornal impresso e digital?
- Quais são os objetivos das notícias digitais do NDMAIS?
- O jornal tem outras notícias semelhantes a essa fonte digital, tratando sobre a tradição açoriana? Justifique.
- Por que a tradição açoriana é enfatizada na cultura da Grande Florianópolis nos jornais digitais?
- Quais são os outros povos e tradições que contribuem para a cultura da Barra do Aririú, segundo o jornal?

As indagações feitas pelo educador levam os estudantes a problematizar a natureza do jornal digital, suas perspectivas e interesses, questionar a tradição açoriana como modelo cultural privilegiado pelo jornal, e valorizar a outros povos e culturas presentes no bairro.

Outro aspecto importante para problematizar com os estudantes, é sobre a linha editorial de um jornal, compreendendo a definição e sua importância para a narrativa do jornal. A linha editorial expressa suas perspectivas, sobre como percebe a sociedade e que recortes define para desenvolver e apresentar determinadas notícias.

Além disso, será importante discutir sobre a diferença entre as mídias hegemônicas e as alternativas. Pois, as mídias hegemônicas dominam os principais veículos de comunicação, compartilhando muitas vezes visões homogeneizantes em seus noticiários e preservando interesses de assinantes ou anunciantes. No caso do jornal NDMAIS, além de ser uma mídia hegemônica, também é uma mídia corporativa, pois faz parte de um conjunto de empresas que visam interesses em comum.

Sabemos que na narrativa histórica o recorte temporal e espacial, além da problemática, fazem diferença no resultado do conhecimento histórico produzido. Por isso, vamos investigar como a História da Barra do Aririú é contada no jornal digital NDMAIS.

Portanto, a seleção e investigação das fontes digitais são importantes para problematizarmos a forma e o conteúdo, como também perceber as perspectivas históricas que predominam na narrativa e aquelas que são silenciadas.

Na próxima oficina, o propósito é descobrir os grupos sociais que são lembrados e esquecidos na História da Barra do Aririú, procurando entender os motivos que levam a esses panoramas históricos.

POR DENTRO DA HISTÓRIA



Em contraponto às mídias hegemônicas, Garcia afirma que:

(...) as mídias alternativas não têm interesse comercial diretamente, nem visam o lucro como modelo de negócio, mas precisam de recursos para se desenvolver, por exemplo com o financiamento coletivo online (crowdfunding). Isso garante autonomia, emancipação e independência em suas ações criativas permitindo experimentar uma dimensão mais concreta da sociedade, conforme necessidade*.

*GARCIA, Wilton. Pensando as mídias alternativas. 2018. Disponível em <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/dilemas-contemporaneos/pensar-as-midias-alternativas/>>. Acesso em: 23 de mar. de 2023.

DE OLHO NA DICA

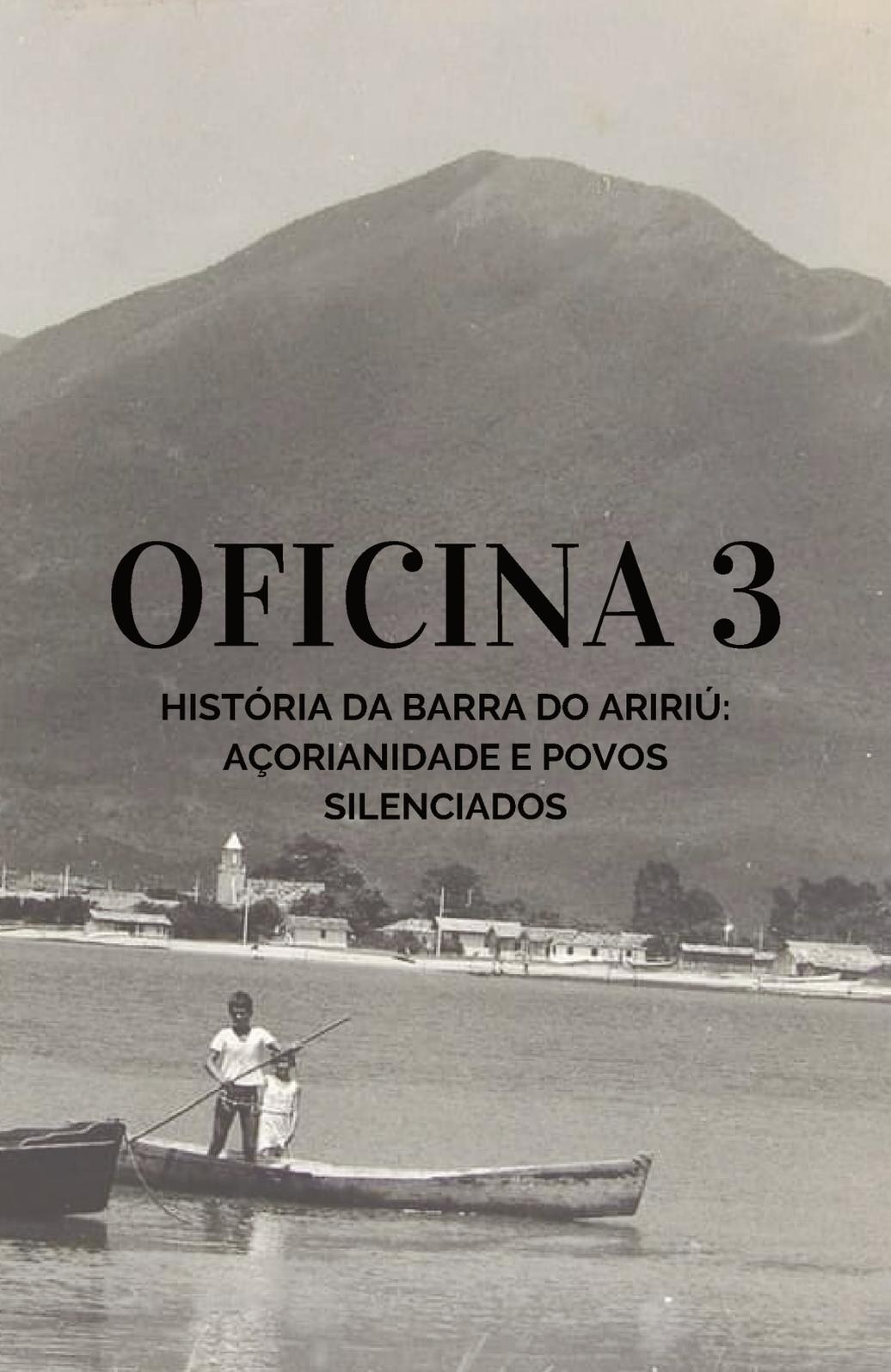


Sugestão de vídeo aula explicando o que é um editorial e sua importância para construir uma coesão na narrativa das diferentes partes de um jornal.

Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=49lGKUS2uRQ> >. Acesso em 31 de jan. de 2023.

REFERÊNCIAS:

[1] DIOGO, Marciano. Pesca e a tradição Açoriana reinam na Barra do Aririú, um dos bairros mais antigos de Palhoça. 2014. Disponível em < <https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/>>. Acesso em: 21 de fev. de 2023.



OFICINA 3

HISTÓRIA DA BARRA DO ARIRIÚ:
AÇORIANIDADE E POVOS
SILENCIADOS

APRESENTAÇÃO

O Ensino de História perpassa muitos recortes espaciais e temporais, o que traz ao professor o desafio de abordar inúmeros contextos e temporalidades.

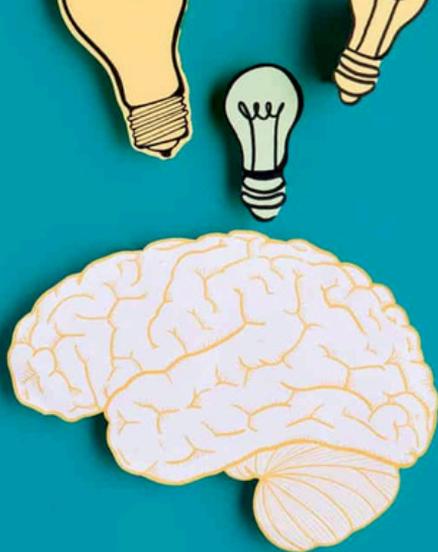
Nos livros didáticos utilizados na escola que inspirou esta pesquisa, se faz presente a História Macro, com ênfase na cronologia, na política e na história europeia, em detrimento da História do Brasil, América Latina, História da África. Há também a ênfase em uma história global ou história nacional, que auxilia no entendimento geral de uma época com suas lógicas históricas, porém perde em ensinar a diversidade das realidades locais de um período.

Por outro lado, a História Local auxilia a compreender os aspectos do cotidiano de um bairro, com suas particularidades, afetividades e lógicas históricas internas, que muitas vezes escapam da dita "História Maior".

Algumas Historiografias Locais também idealizam o passado, como as memorialistas, e utilizam alguns critérios para elaborar a sua narrativa, como a perspectiva política, econômica, cultural, a proeminência de alguns povos e culturas e o silenciamentos de outros.

Propomos que, nesta oficina o docente problematize as fontes digitais que tratam da História do bairro da Barra do Aririú, localizada no município catarinense de Palhoça, buscando elaborar uma História que valorize os múltiplos personagens e grupos históricos e utilizando as mais diversas fontes digitais.

ATIVIDADE 6

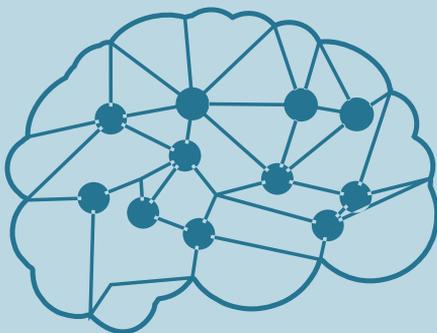


Objetivos:

- Refletir sobre a História da Barra do Aririú, a partir da problematização da narrativa do jornal NDMAIS.
- Identificar as memórias predominantes e silenciadas do bairro, a partir dos questionamentos da narrativa do jornal NDMAIS.
- Criar narrativas sobre os povos silenciados da Barra do Aririú, através da atividade da imaginação histórica.

A primeira atividade busca criar possibilidades de refletir sobre a história do bairro, a partir das memórias e silenciamentos, para compreender a origem dos seus habitantes e suas singularidades.

Orientamos retornar a fonte digital da atividade anterior, que tem como título: "Pesca e tradição açoriana reinam, na Barra do Aririú, um dos bairros mais antigos de Palhoça". Porém, o objetivo neste momento, é discutir a narrativa histórica que ela traz sobre o bairro.



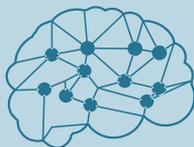
FAZENDO HISTÓRIA

O docente pode iniciar a oficina fazendo as seguintes indagações:

- Vocês conhecem a História da Barra do Aririú? Justifique.
- Quais foram os povos e culturas que formaram este bairro?
- Qual é a relação da pesca com a História do bairro?

Esses questionamentos iniciais podem suscitar outros e servirão para diagnosticar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre a Barra do Aririú, como também confrontar com o conteúdo encontrado nesta fonte digital.

A seguir, pode-se apresentar no *datashow*, o seguinte trecho da notícia citada:



"Em meados do século 19 chegavam os primeiros moradores açorianos na Barra do Aririú, entre eles o Tomé de Souza, que deu o então nome da Praia e Ponta do Tomé, hoje um dos pontos mais conhecidos do bairro. Na década de 40, o bairro já contava com uma comunidade formada, com mais de 120 famílias residentes. Atualmente, a Barra do Aririú tem mais de seis mil eleitores ativos e cerca de 10 mil habitantes, porém mesmo com o crescimento exponencial dos últimos anos, a cultura açoriana ainda está viva na localidade"*.

*DIOGO, Marciano. Pesca e a tradição açoriana reinam na Barra do Aririú, um dos bairros mais antigos de Palhoça. NDMAIS, 2014. Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/>>. Acesso em: 21 de fev. de 2023.

Após a observação do texto e da imagem, o docente pode solicitar aos estudantes que respondam às seguintes perguntas:

- Quando chegaram os primeiros moradores no bairro, conforme a notícia?
- Quais são os povos e culturas que viviam na Barra do Aririú, de acordo com a notícia?
- Quais povos já habitaram a Barra do Aririú?

A intenção com as indagações é provocar a reflexão sobre o conteúdo do trecho, pois o mesmo ressalta o povo açoriano como predominante na cultura do bairro e Tomé de Souza como o desbravador, que mereceu um lugar na memória da praia do bairro.

O historiador Matos (2010, p.22) [1], faz um relato sobre esse acontecimento em seu livro sobre o bairro: "Na comunidade da Barra do Aririú, no século XIX, desembarca Tomé de Souza com suas famílias e escravos. Em um morro junto a praia, foi construída uma senzala para abrigar os escravos. Esses negros trabalhavam durante o dia na lavoura e a noite na pesca artesanal com seu senhor".

O docente pode questionar, junto com os estudantes, o fato da fonte digital escolher não falar dos escravizados que vieram com o açoriano e também colocar Tomé de Sousa como protagonista e desbravador, sendo que, uma das bases para colaborar com a narrativa desta fonte digital, é o recorte da entrevista com o próprio historiador Matos (2010).

Sugerimos a atividade de imaginação histórica, para proporcionar aos estudantes um outro olhar sobre a História da Barra do Aririú. A ideia é que eles possam elaborar narrativas do ponto de vista dos escravizados, imaginando como seria a vida dos escravizados africanos que vieram juntos com Tomé de Souza. Que impressões esses escravizados tiveram da Barra do Aririú quando chegaram? Como era o seu cotidiano no local?

A problematização dessa narrativa, pode questionar o apagamento da presença africana na Barra do Aririú e levar o docente a evidenciar com os estudantes uma das intenções

da fonte digital, que é reforçar a identidade açoriana do bairro.

Outra questão, é o apagamento da memória dos povos indígenas. Não haveriam indígenas vivendo no local ou próximo? Por que Tomé de Souza é considerado desbravador de uma terra já conhecida e habitada? Por que a praia levou, e continua até hoje, com o nome do Tomé de Sousa?

Além disso, outro aspecto que o docente pode trabalhar com os estudantes neste trecho, é a ênfase dada ao desenvolvimento populacional do bairro, que na década de 1940 tinha cerca de 120 famílias e no presente tem aproximadamente 10 mil habitantes, dos quais 6 mil são eleitores ativos, mostrando a força política do bairro.

Em contraponto ao desenvolvimento acelerado do bairro, a fonte digital argumenta que a cultura açoriana manteria suas tradições e para reforçar essa lógica, usa uma fotografia mostrando um pescador do bairro realizando as práticas pesqueiras, com a legenda: "Jovem Adriano Martins segue a profissão que aprendeu com o pai".

O docente também pode refletir com os estudantes que as imagens são importantes fontes digitais utilizadas pelos jornais e redes sociais, como o *Instagram*, para atrair o público, que cada vez mais entende as imagens como expressões de verdades históricas.

POR DENTRO DA HISTÓRIA



Segundo Collingwood,

(...) “as fontes do historiador falam-lhe desta ou daquela fase dum processo, cujos estádios intermediários ficam por descrever. É o historiador que procede à interpolação desses estádios”. O historiador serve-se da imaginação construtiva para transcender o que as fontes lhe dizem e assim preencher as lacunas entre os elementos que são fornecidos pelas fontes, possibilitando a continuidade da narrativa histórica: “a imagem que o historiador dá ao seu objeto (...) surge desta forma como uma teia de construção imaginativa, estendida entre certos pontos fixos, fornecidos pelas declarações das fontes”*.

*COLLINGWOOD, apud, MENEZES, Isabella Carvalho de. SIMAN, Lana Mara de Castro. Museu e imaginação histórica. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, vol. 51,119-135, 2019. Disponível em <<https://anaimhn.museus.gov.br/index.php/amhn/article/view/146/98> >. Acesso em: 23 de mar. de 2023.

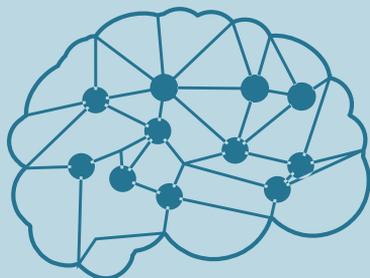
DE OLHO NA DICA



Como inspiração para a narrativa da imaginação histórica, o professor pode usar o site do programa Santa Afro Catarina, que aborda a vida dos africanos e afrodescendentes em Desterro.

Disponível em

<<https://santaafrocatarina.sites.ufsc.br/santaafrocatarina/> >. Acesso em 03 de fev. de 2023.



FAZENDO HISTÓRIA

O docente pode sugerir reflexões sobre as outras duas imagens que estão presentes na mesma notícia digital do jornal NDMAIS, conforme a seguir:

FIGURA 2: Imagem da fonte do NDMAIS.



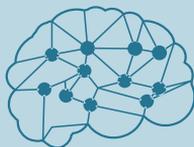
Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/#:~:text=Em%20meados%20do%20s%C3%A9culo%2019,mais%20de%20120%20Ofam%C3%ADlias%20residentes.>>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.



FIGURA 3: Imagem da fonte do NDMAIS.



Fonte: Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/#:~:text=Em%20meados%20do%20s%C3%A9culo%2019,mais%20de%20120%20ofam%C3%ADlias%20residentes.>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.



Pode-se projetar as duas imagens anteriores e solicitar que cada estudante responda aos seguintes questionamentos:

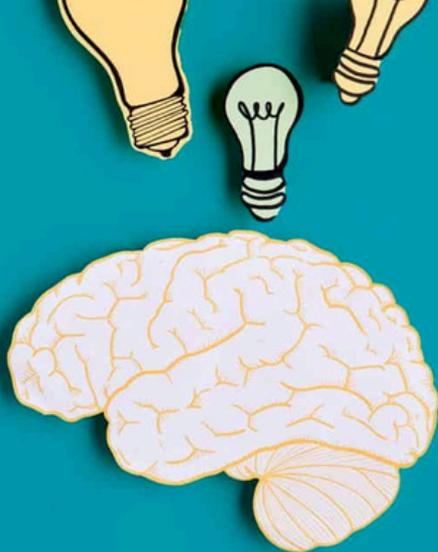
- Quais pessoas são representadas nas figuras 2 e 3?
- Você consegue descrever as características semelhantes nas duas figuras?
- Explique qual cultura que as imagens querem reforçar.

A ideia é perceber que as duas imagens reforçam a identidade açoriana. Tanto a renda de bilro da primeira figura, como do historiador nativo do bairro, com a praia da Barra do Aririú ao fundo.

Após as atividades, o docente pode problematizar as respostas dos estudantes e ressaltar que as imagens também mostram intenções e são um recorte espacial e temporal de momentos históricos.

Os pescadores são personagens importantes na construção da identidade açoriana da Barra do Aririú, por isso procuraremos conhecer esses sujeitos que mantém a atividade pesqueira.

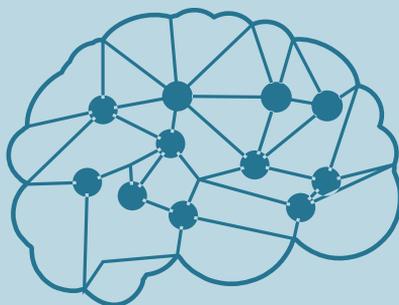
ATIVIDADE 7



Objetivos:

- **Problematizar as relações históricas da Barra do Aririú com a pesca.**
- **Compreender os sentidos da pesca para a comunidade local.**
- **Refletir sobre as relações dos pescadores com o desenvolvimento da Barra do Aririú.**

Sugerimos que o docente continue esta oficina utilizando a mesma fonte digital da atividade anterior, pois é rica em elementos para problematizar as relações da pesca com a suposta identidade açoriana da Barra do Aririú.



FAZENDO HISTÓRIA

O docente também pode utilizar o seguinte trecho da fonte digital:

A Barra do Aririú é um dos bairros mais antigos de Palhoça e fica longe dos olhares turísticos, mas conta com paisagens naturais bem particulares. Entre esses pontos de belezas admiráveis está o Aterro da Praia da Barra do Aririú, onde diversos pescadores ainda mantem a herança cultural transmitida de geração em geração nos ranchos de pesca. “O bairro ainda conta com muitos trabalhadores que dependem exclusivamente da pesca, o mercado ainda resiste. No passado a base era da pesca e frutos do mar, mas atualmente a economia do bairro já depende das indústrias e dos centros administrativos da região, que emprega grande parte de nossos moradores”, afirmou o historiador Marcos João de Matos [2].

Baseado neste primeiro trecho, propomos o debate em torno da importância da pesca para a Barra do Aririú, com as seguintes indagações:

- Quais elementos são destacados nesta narrativa digital?
- Como está a situação da pesca e dos pescadores no bairro?
- Quais mudanças e permanências são destacadas pelo historiador Matos?



Seguindo adiante na notícia do NDMAIS, o professor pode destacar as dificuldades da atividade pesqueira ressaltadas por Marcos João de Matos:

Conforme o historiador, as tradições açorianas do bairro tem se perdido pelas próprias oportunidades sociais oferecidas. “Com incentivo, os filhos já não querem mais seguir a profissão dos pais. Portanto são poucos que ainda são pescadores”, afirmou Matos, que é natural da Barra e também é autor do livro “Barra do Aririú como você nunca viu [3]”.

E também, as tratadas pela Associação dos Pescadores da Barra do Aririú:

De acordo com a Associação dos Pescadores da Barra do Aririú, cerca de 60 pescadores ainda dependem exclusivamente da pesca no bairro. “Contamos com mais de 200 trabalhadores registrados, mas somente parte deles depende exclusivamente do mar financeiramente”, relatou César Carlos Espíndola, presidente da associação. “Gosto do meu trabalho porque tenho uma autonomia maior, sem contar que trabalhar em uma área aberta em um paraíso como este, é para poucos”, brincou Adriano Martins, 24 anos, que também é filho de pescador [4].

Pode-se problematizar as seguintes questões desses trechos:

- Descreva quais são as dificuldades da atividade pesqueira na Barra do Aririú?
- Quais benefícios são ressaltados desta atividade no bairro?
- Os filhos de pescadores deveriam seguir o trabalho dos seus pais? Justifique.
- Analise, conforme os relatos, se a pesca é uma atividade econômica relevante e valorizada no bairro.

Após essa atividade, propõe-se que o docente reflita com os estudantes que a pesca artesanal faz parte da História da Barra do Aririú, porém o ofício de pescador está em declínio devido à atração exercida por outras atividades econômicas, e que a identidade açoriana é mais uma escolha política, do que uma realidade histórica.

Outra sugestão, é para que os estudantes entrevistem pescadores do bairro ou busquem entrevistas em redes sociais (como faremos em atividades posteriores), para conhecerem suas narrativas acerca do próprio ofício.

A História da Barra do Aririú, assim como do município de Palhoça, foram afetadas pelo processo de desenvolvimento e urbanização ocorridos na segunda metade do século XX. Além disso, as fontes digitais apresentaram que as especialidades do bairro estão restritas a praia e ao Parque da Barra do Aririú.

REFERÊNCIAS:

- [1] MATOS, Marcos João. Barra do Aririú como você nunca viu. Florianópolis. Gráfica Life, 2010. 166 p.
- [2] [3] [4] DIOGO, Marciano. Pesca e a tradição açoriana reinam na Barra do Aririú, um dos bairros mais antigos de Palhoça. NDMAIS, 2014. Disponível em <<https://ndmais.com.br/infraestrutura/barra-do-aririu/>>. Acesso em: 21 de fev. de 2023.

An aerial photograph of a city during sunset. The sun is a large, bright orange orb in the upper left, casting a warm glow over the scene. The city below is a dense collection of buildings, streets, and parking lots. In the foreground, there's a large parking lot with many cars, a road with a curve, and a small square area with palm trees. The background shows a range of low mountains under a hazy sky. The text 'OFICINA 4' is superimposed in the center in a large, bold, black serif font. Below it, the subtitle 'URBANIZAÇÃO E MEIO AMBIENTE ENTRE ESPACIALIDADES E INVISIBILIDADES' is written in a smaller, bold, black sans-serif font.

OFICINA 4

**URBANIZAÇÃO E MEIO AMBIENTE ENTRE
ESPACIALIDADES E INVISIBILIDADES**

APRESENTAÇÃO

Os lugares e suas espacialidades também tem uma História. Alguns resistem com o passar do tempo, como patrimônios históricos preservados, outros se perdem, devido ao desenvolvimento urbanístico e o desinteresse social em preservá-los.

Nesta oficina propomos conhecer o espaço da Barra do Aririú através das fontes digitais, percebendo sua dimensão, organização, segmentação, relações com o cotidiano do bairro, suas ênfases e invisibilidades.

Para isso, o docente pode utilizar diversas fontes digitais selecionadas na pesquisa. Sugerimos para este momento, o uso dos vídeos do *YouTube*, que mostram alguns espaços do bairro e também o uso do *Google Maps*, *Google Street View* e *Google Earth Timelapse*, com o objetivo de ampliar as possibilidades do Ensino de História local em múltiplos espaços.

Abordaremos o processo de urbanização do bairro e as consequências para o meio ambiente, utilizando o grupo do *Facebook*, que denuncia a destruição dos mangues locais. Também trataremos sobre os impactos do desenvolvimento urbano para a população do bairro e as invisibilidades sociais, existentes para grande parte da população da Barra do Aririú.

ATIVIDADE 8



Objetivos:

- Analisar o processo de urbanização da Barra do Aririú.
- Compreender as consequências do desenvolvimento do bairro para os mangues.
- Problematizar o grupo do *Facebook* como uma forma de crítica a degradação ambiental da Barra do Aririú.

Iniciaremos pela urbanização municipal. O processo de urbanização da Barra do Aririú, está intimamente ligado com o do município de Palhoça e a região da Grande Florianópolis, por isso compreendemos como primordial que o docente conheça e contextualize esse aspecto com os estudantes.

Will (2020, p. 46) [1], cita que até 1960 o município de Palhoça acompanhava a tendência nacional e estadual no índice de urbanização, tendo 85% da população morando no meio rural e apenas 15% no meio urbano.

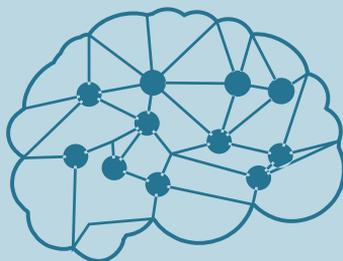
A Barra do Aririú acompanhou essa tendência e foi se urbanizando somente na segunda metade do século XX, porém, essa urbanização trouxe efeitos para a população, para a flora e fauna do bairro.

Will (2020, p. 54) [2] mostra que a população palhocense aumentou e modificou-se nas décadas seguintes. Em apenas duas décadas, a população palhocense aumentou mais de 10 mil habitantes e também elevou o índice de habitantes não naturais do município, de 3,8% para 41,6%. Tudo isso afetou a espacialidade, tanto do município, como da Barra do Aririú.

Nesta etapa da oficina, propomos ao docente analisar as relações entre a urbanização e o meio ambiente na Barra do Aririú. Para isso, pode utilizar o grupo do *Facebook*: "Não deixe o mangue morrer".

A oficina pode iniciar tratando sobre as redes sociais e a sua importância para expandir a comunicação e expressão dos seus usuários, como também, para fazer uma crítica social. Além disso, o professor pode ressaltar que as redes sociais, como o *Facebook*, também são meios de notícias falsas, imediatismos, discurso de ódio e preconceitos. Diante disso, a questão da ética digital pode ser refletida com os estudantes.

O docente pode explorar o grupo "Não deixe o mangue morrer", com a seguinte atividade: começar informando que o grupo foi criado em 2014 e possui 613 seguidores, sendo um grupo aberto para comentários.



FAZENDO HISTÓRIA

Em seguida, os estudantes podem se reunir em grupo e responder aos seguintes questionamentos:

- Quais tipos de fontes digitais que podemos encontrar neste grupo do *Facebook*?
- Quais temas são tratados pelo grupo?
- Descreva quais reflexões podemos fazer com o conteúdo dessa fonte digital, relacionados a História da Barra do Aririú.

Assim, busca-se dialogar com os estudantes sobre a poluição urbana do bairro e suas consequências para os mares, rios e mangues, além de possíveis soluções para esses problemas.

Adiante, o docente pode projetar no *datashow* as imagens dos vídeos e textos desse grupo, para questionar as semelhanças e diferenças dessas fontes digitais, analisar os comentários dos seguidores do grupo e sugerir que os estudantes façam um comentário crítico nas postagens do grupo.

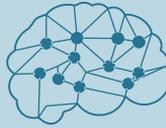
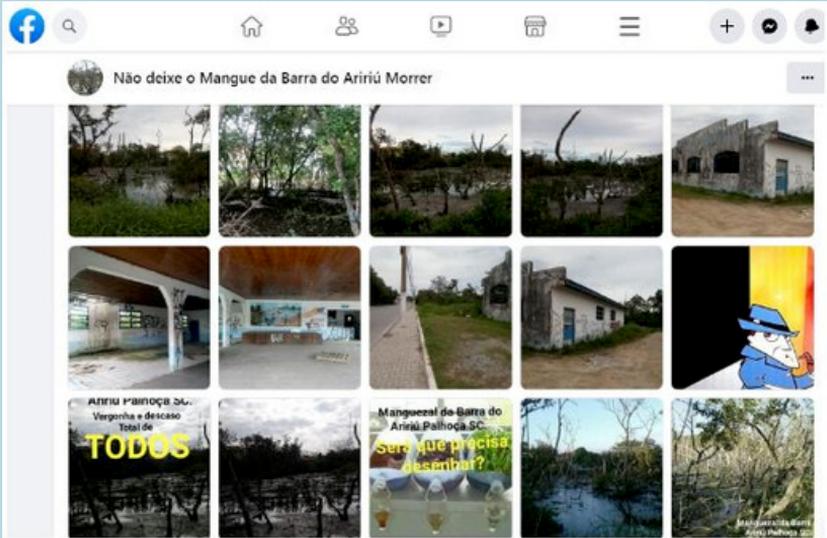


FIGURA 4: Imagem do grupo do *Facebook*? “Não deixe o mangue da Barra do Aririú morrer”.



Fonte: Disponível em < <https://www.facebook.com/profile.php?id=100069342720509> >. Acesso em 02 de fev. de 2023.

Analisando o grupo, percebe-se que na maior parte apresenta fotografias sobre o bairro, alguns vídeos e textos curtos com a intenção de criticar a poluição dos mangues, o descaso do poder público, a insatisfação com os políticos do bairro e com a população que polui os mangues com esgotos.

Um detalhe do grupo, é que não temos imagens de pessoas. Também percebemos, que nos comentários das postagens temos críticas, tanto aos políticos, como a outros moradores que não cuidam do mangue.

Nesta atividade identificamos alguns espaços que não são tão enfatizados nas fontes digitais, mas que trazem outros olhares para o bairro. Na próxima atividade, a ideia é expandir os horizontes para esses diversos espaços da Barra do Aririú.

POR DENTRO DA HISTÓRIA



Conforme, Bonsato:

Frente a este cenário, não nos basta mais contrapor simplesmente a verdade à mentira, o fato do fake, como se estivéssemos limitados a uma pretensa objetividade da realidade dos fatos, próprio ao campo discursivo da atividade jornalística. Este é um fenômeno que parte do jornalismo, - afinal estamos falando de fake“news”, de “notícias” falsas travestidas de jornalismo - mas que se refere sobretudo a uma reconfiguração de disputas narrativas, de estratégias políticas em torno de um espaço mais amplo e complexo. As narrativas “falsas” produzidas por estes novos atores em cena não são o oposto do jornalismo. Pelo contrário, são um outro tipo de narrativa que pretende colocar em xeque a legitimidade e a credibilidade de instituições reconhecidamente hegemônicas, como é o caso do próprio jornalismo*.

*BONSATO, André. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o revisionismo histórico para além das fake news. Linc em Revista, Rio de Janeiro, v.17, n.1, maio de 2021. p.6. Disponível em < <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5631/5269> >. Acesso em 01 de fev. de 2023.

ATIVIDADE 9



Objetivos:

- **Analisar a espacialidade da Barra do Aririú.**
- **Mostrar os limites espaciais do bairro.**
- **Utilizar vídeos para conhecer os lugares da Barra do Aririú.**

Durante este trabalho, notamos que o espaço da Barra do Aririú é representado nas fontes digitais, principalmente pela praia e pelo Parque da Barra do Aririú. Por isso, nesta atividade propomos a análise de dois vídeos do *Youtube*, para visibilizar outros lugares do bairro.

O docente pode começar a problematização com o primeiro vídeo, disponível no Canal "Anolipa", publicado em 2019 e intitulado: Barra do Aririú - Palhoça.

FIGURA 5: Imagem do vídeo do canal "Anolipa" do YouTube que mostra parte da Barra do Aririú.



Fonte: Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=FjLgDNs4RC8&t=2s> >.
Acesso em 02 de fev. de 2023.

O canal Anolipa foi criado em 2019 por André de Oliveira Paiva e segundo a descrição do canal tem como objetivo tratar "sobre viagens reais, sobre lugares reais, sem maquiagem, sem edições que escondem detalhes indesejáveis, mostra o lugar como é realmente no fluxo de tempo e plano sequência [3]".

Porém, sabemos que a imparcialidade para mostrar a realidade não é possível, pois as escolhas e perspectivas do produtor influenciam diretamente nas imagens que são filmadas.

O canal é feito para pessoas que gostam de conhecer diferentes lugares e também incentiva através de imagens o turismo para essas regiões.

Este vídeo começa na rua Roberto Sell, na região central do município de Palhoça e segue nesta mesma rua, que em determinado trecho, passa a ser chamada de avenida Rio Grande. Em seguida, adentrando na Barra do Aririú pela rua Alcino Navegantes Moreira, até chegar à rua Nossa Sra. dos Navegantes, no Parque da Barra do Aririú.

O vídeo traz a oportunidade de conhecer a parte noroeste da Barra do Aririú, nas fronteiras com o bairro Rio Grande, além da parte central que leva ao Parque.

O segundo vídeo do *YouTube*, está disponível no Canal "Cesar Moacir Alves: conhecendo Santa Catarina", publicado em 2021 e intitulado: Palhoça SC, Bairro Aririú e Barra do Aririú.

FIGURA 6: Imagem do vídeo do canal "Cesar Moacir Alves" do *YouTube* que mostra parte da Barra do Aririú.

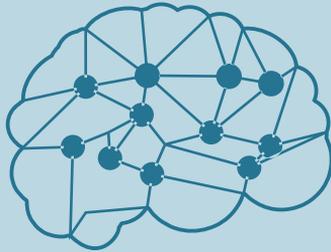


Fonte: Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=G6MTIUT3sYs&t=1137s> >. Acesso em 02 de fev. de 2023.

O canal do "Cesar Moacir Alves" descreve que tem como objetivos registrar ou informar atividades e passeios que faz pelos três estados do sul do Brasil [4]. Assim como o canal Anolipa, também busca mostrar viagens e incentivar o turismo a partir dos lugares filmados.

Diferentemente do primeiro, este vídeo é narrado, e também podemos conhecer o bairro Aririú, que fica ao lado do bairro Pacheco, que por sua vez, faz fronteira com a Barra do Aririú. A rota mostra a parte sudoeste da Barra do Aririú e dirige-se até o Parque da Barra do Aririú, costeando o Rio Aririú.

Os dois vídeos podem ser usados para demonstrar que existem outras espacialidades na Barra do Aririú, além de analisar a urbanização predominante no bairro e a natureza do mar, rios e mangues.



FAZENDO HISTÓRIA

Sugere-se que o docente organize a turma em dois grupos, sendo que, cada grupo assistirá um vídeo e responderá as questões propostas:

- Analise o vídeo e descreva as principais características da Barra do Aririú que são apontadas.
- Identifique e descreva os aspectos naturais do bairro que são representados no vídeo?
- Pesquise o mapa do bairro no *Google Maps* e identifique quais regiões foram mostradas no vídeo.

Ao fim, o professor pode compartilhar as respostas dos estudantes com a turma e explicar que a Barra do Aririú mostrada nos vídeos é muito mais abrangente que o Parque da Barra do Aririú e a Praia do Tomé. Por isso, é necessário perceber que as fontes digitais também fazem recortes espaciais e temporais do bairro buscando atingir um determinado fim, que neste caso é mostrar os lugares turísticos e reforçar a identidade açoriana da pesca.

Atualmente, os professores de História podem usar como recursos didáticos os mapas digitais, que apresentam o bairro de maneira mais abrangente, possibilitando também a oportunidade de uma educação espacial.

ATIVIDADE 10



Objetivos:

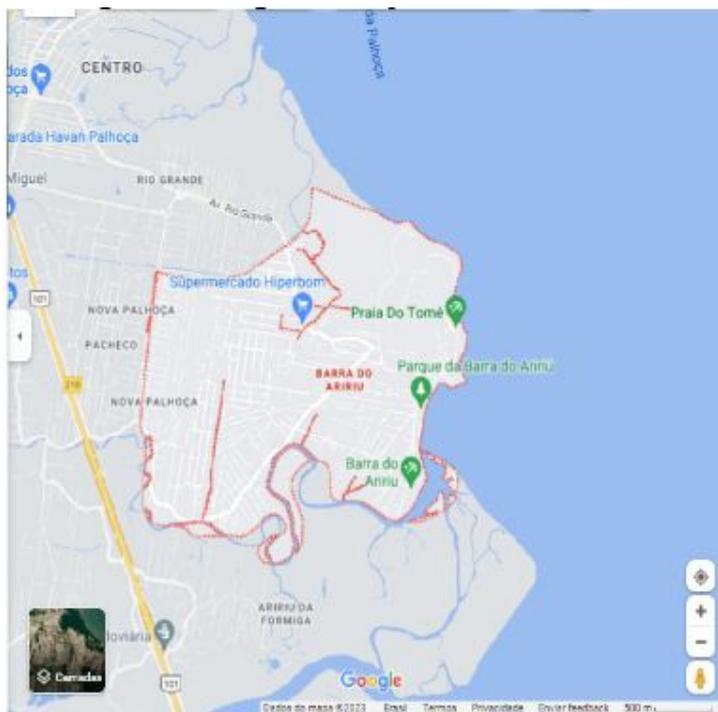
- **Trabalhar o uso de mapas digitais para compreender a espacialidade da Barra do Aririú.**
- **Conhecer os diferentes mapas digitais sobre a Barra do Aririú.**
- **Debater as possibilidades para conhecer outros lugares do bairro.**

Atualmente, os usos das tecnologias digitais de mapeamento possibilitam o conhecimento sobre rotas de curta e longa distância, usadas para segurança, turismo e deslocamentos cotidianos.

Para conhecer o espaço local, sugerimos nesta atividade, que o docente trabalhe com os mapas digitais, expandindo horizontes sobre as questões urbanísticas e sócio-históricas do bairro. Para isso, pode utilizar o *Google Maps*.

O docente pode iniciar a atividade projetando no *datashow* a imagem do mapa da Barra do Aririú.

FIGURA 7: Imagem do mapa da Barra do Aririú.

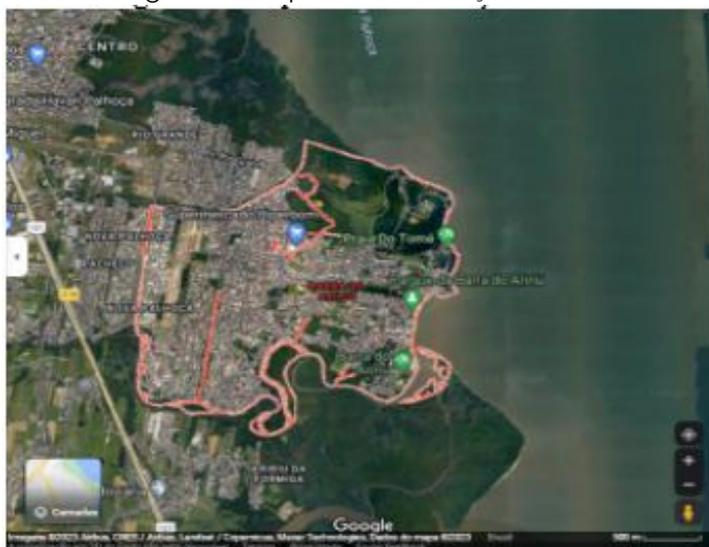


Fonte: Disponível em <<https://bityli.com/vqeD5I>>.
Acesso em 02 de fev. de 2023.

Depois da observação, poderá solicitar que a turma identifique as fronteiras do bairro ao norte, sul, leste e oeste, nominando cada uma delas. Além disso, pode refletir com os estudantes a influência do espaço geográfico do bairro em sua História e atividades econômicas.

Na sequência, poderá utilizar o mesmo mapa da Barra do Aririú, porém agora na opção camadas do *Google Maps*. O docente pode trabalhar o mapa para identificar com os estudantes, a alta urbanização e habitação do bairro, em contraste com as poucas áreas verdes.

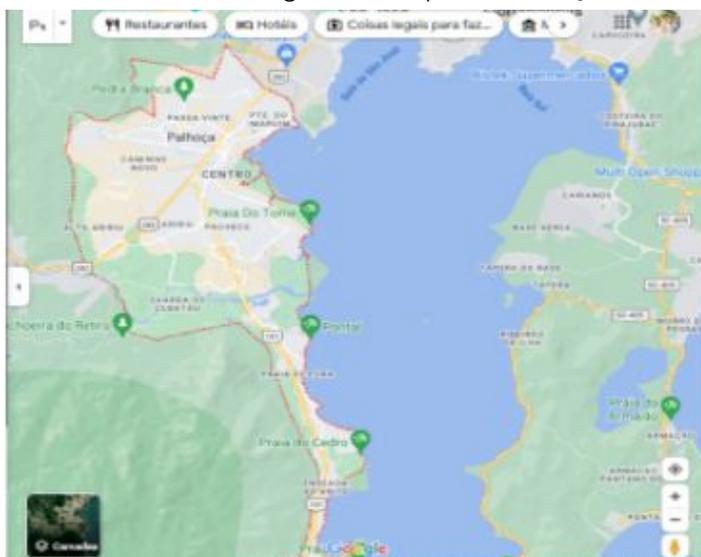
FIGURA 8: Imagem do mapa da urbanização da Barra do Aririú.



Fonte: Disponível em < Fonte: Disponível em < <https://bityli.com/vqeD5l> >. Acesso em 02 de fev. de 2023.

No mapa a seguir, poderá ser feita uma reflexão sobre a Barra do Aririú não ser o único bairro litorâneo de Palhoça.

FIGURA 9: Imagem do mapa da Palhoça.

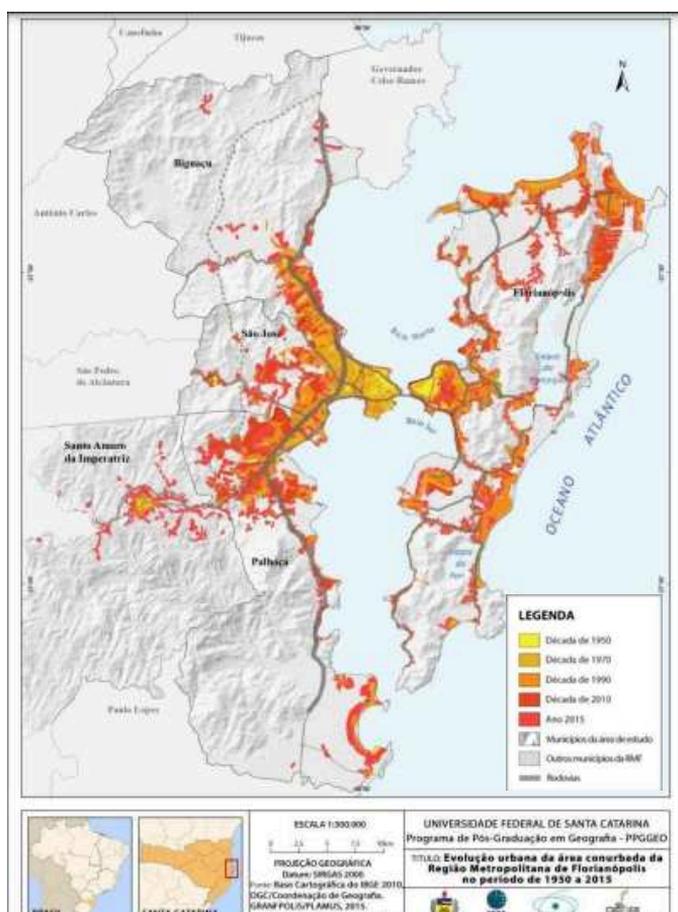


Fonte: Disponível em <<https://bityli.com/LYo4AF>>. Acesso em 01 de fev. de 2023.

Segundo Wil (2020) [5], temos outros mapas que podem ser trabalhados para entender a evolução urbana e a distribuição da renda familiar na Grande Florianópolis, neste caso interessa a Barra do Aririú.

A seguir, o primeiro mapa conforme Wil (2020, p.71, apud, VERA, 2018) [6], mostra a evolução urbana da Grande Florianópolis.

FIGURA 10: Imagem do mapa evolução urbana da Grande Florianópolis.

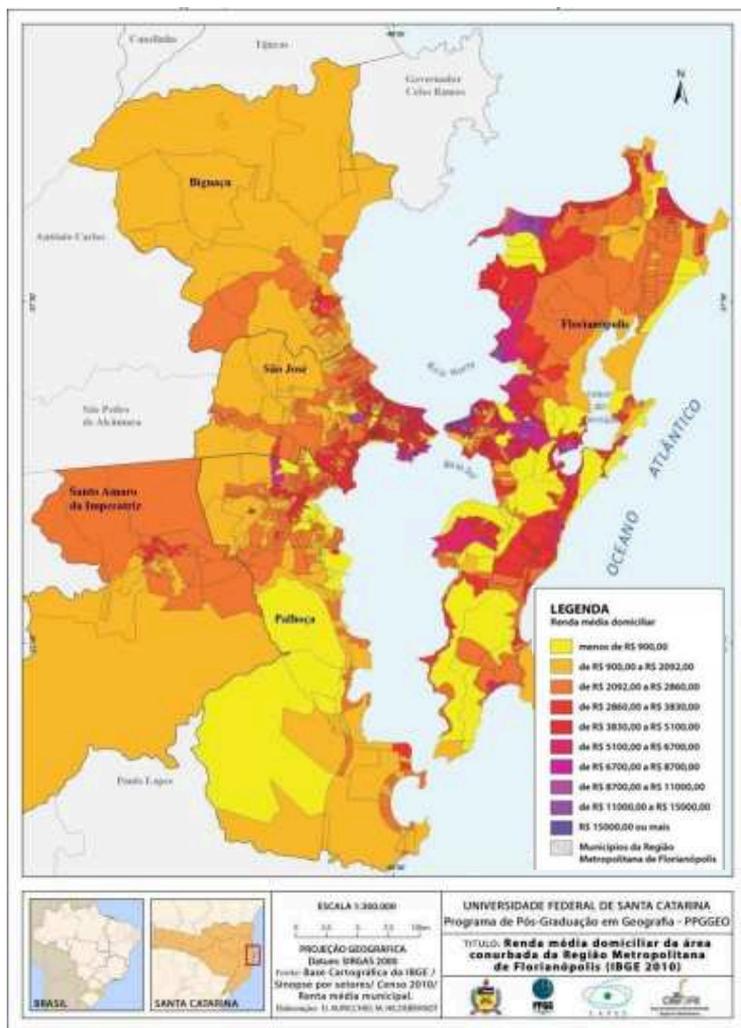


Fonte:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215927/PGCN075-4-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> >. Acesso em 19 de jan. de 2023.

O segundo mapa, conforme Vera (2018 apud, Wil, 2020, p.80) [7], mostra a distribuição da renda familiar da Grande Florianópolis.

FIGURA 11: Imagem do mapa da distribuição da renda familiar na Grande Florianópolis.



Fonte:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215927/PGCNO754-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> >. Acesso em 19 de jan. de 2023.

Tanto no primeiro mapa, como no segundo, o docente pode explorar os recursos disponíveis neles. No primeiro, sobre a evolução urbana da Grande Florianópolis, pode enfatizar que o crescimento urbano ocorreu a partir da década de 1950, e na Barra do Aririú, foi sentido principalmente na década de 2010. No segundo mapa, a legenda mostra que a renda familiar na Barra do Aririú, fica em torno de R\$ 900,00 até R\$ 2092,00, o que é considerado uma renda baixa para a região.

Outro recurso é o *Google Street View*, que pode ser usado para mostrar os espaços de um lugar em diferentes anos. Para isso basta seguir os seguintes passos, de acordo com o site Tecnoblog [8]:

1. Abra o navegador do PC e acesse google.com.br/maps;
2. Clique na barra de pesquisa no canto superior esquerdo;
3. Digite o nome do local desejado;
4. Arraste o "bonequinho" posicionado no canto inferior direito e solte-o em cima do endereço;
5. Assim que o Street View for acionado, clique no ícone de relógio no canto superior esquerdo;
6. Deslize a barra para visualizar imagens antigas do local. Caso queira expandir a foto para explorá-la no período fotografado, clique no ícone de lupa ao lado.

Faremos uma sugestão procurando pela Rua Nossa Sra. dos Navegantes, onde encontra-se o Parque da Barra do Aririú. A seguir temos a imagem da Praia da Barra em 2011, sem o parque:

FIGURA 12: Imagem do *Google Street View*, mostrando a Praia da Barra do Aririú em 2011.

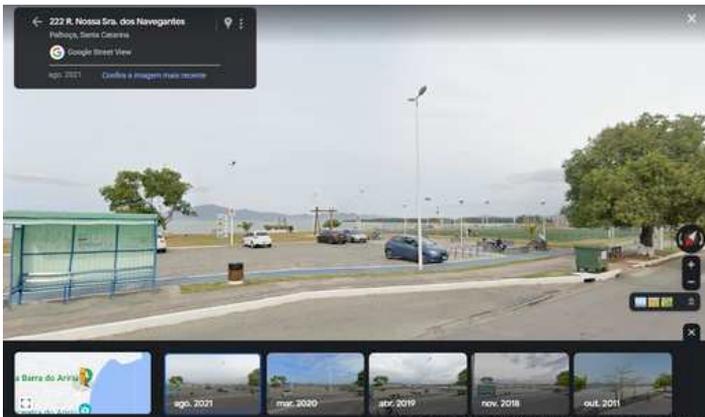


Fonte: Disponível em

<https://www.google.com/maps/@-27.6779684,-48.6400375,3a,75y,144.65h,91.77t/data=!3m7!1e1!3m5!1sDoTFM51435ns1CMoqflleg!2e0!5s20111001T000000!7i133!2i8!66656?entry=ttu>. Acesso em 01 de fev. de 2023.

Abaixo, vemos o mesmo lugar em 2021 com o Parque da Barra do Aririú.

FIGURA 13: Imagem do *Google Street View*, mostrando a Praia da Barra do Aririú em 2021.



Fonte: Disponível em <

https://www.google.com/maps/@-27.6779401,-48.6400174,3a,75y,144.65h,91.77t/data=!3m8!1e1!3m6!1sEfrglzddu518E8GmVx-zw!2e0!5s20210801T000000!6shhttps:%2F%2Fstreetviewpixels-pa.googleapis.com%2Fv1%2Fthumbnail%3Fpanoid%3DEfrglzddu518E8GmVx-zw%26cb_client%3Dmaps_sv.tactile.gps%26w%3D203%26h%3D100%26yaw%3D104.24189%26pitch%3D0%26thumbfov%3D100!7i16384!8i8192?entry=ttu.

Acesso e, 01 de fev. de 2023.

O docente pode explorar as permanências e mudanças dos lugares da Barra do Aririú, a urbanização, o aumento populacional e as suas consequências para o meio ambiente.

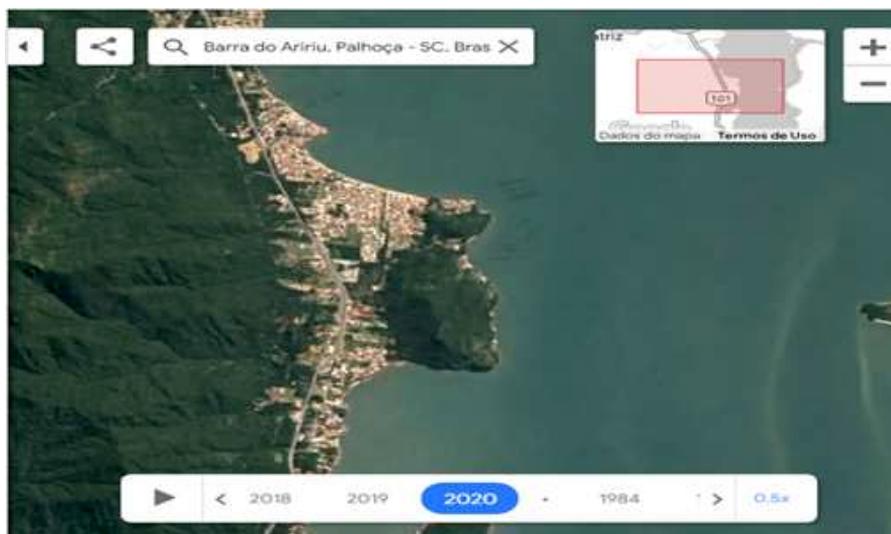
Outra ferramenta, é o *Google Earth Timelapse*, que mostra a foto de satélite do bairro, iniciando no ano de 1984 e chegando até 2020. O avanço da urbanização e a diminuição das áreas verdes ficam evidentes, conforme as imagens a seguir:

FIGURA 14: Imagem de satélite do *Google Earth Timelapse* da Barra do Aririú em 1984.



Fonte: Disponível em <<https://earthengine.google.com/timelapse/>>. Acesso em 04 de mar. de 2023.

Figura 15: Imagem de satélite do *Google Earth Timelapse* da Barra do Aririú em 2020.



Fonte: Disponível em <<https://earthengine.google.com/timelapse/>>.
Acesso em 04 de mar. de 2023.

Propomos dividir a turma em equipes, para cada uma explorar as regiões norte, sul, leste, oeste e central, dando assim visibilidade a outros espaços do bairro.

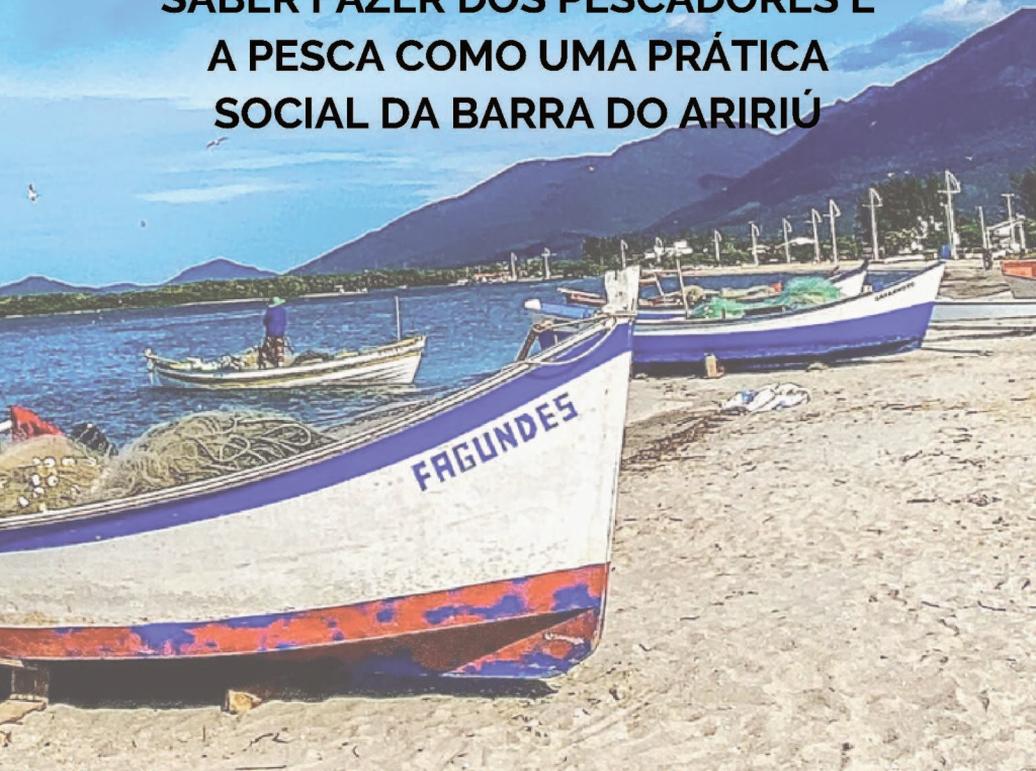
A partir das diversas espacialidades e grupos históricos da Barra do Aririú, escolhemos os pescadores artesanais como objeto de estudo, para compreender essa prática social existente a milhares de anos.

REFERÊNCIAS:

- [1] [2] [5] [6] [7] WILL, Mário. Transformações socioespaciais na região metropolitana de Florianópolis: o caso do município de Palhoça - SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis. p.113. 2020. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215927/PGCNO754-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em 19 de jan. de 2023.
- [3] Canal Anolipa. Barra do Aririú - Palhoça. 2019. Disponível em<<https://www.youtube.com/@ANOLIPA/about>>. Acesso em 10 de jun. de 2023.
- [8] PEDRO, Wagner. Como ver imagens antigas no *Google Maps*. Tecnoblog, 2021. Disponível em < <https://tecnoblog.net/responde/como-ver-imagens-antigas-no-google-maps/>>. Acesso em: 23 de mar. de 2023.
- [4] Canal Moacir Alves. Palhoça SC, Bairro Aririú e Barra do Aririú. Disponível em<<https://www.youtube.com/@CesarMoacirAlves/about>>. Acesso em 10 de jun. de 2023.

OFICINA 5

**SABER FAZER DOS PESCADORES E
A PESCA COMO UMA PRÁTICA
SOCIAL DA BARRA DO ARIRIÚ**



APRESENTAÇÃO

A pesca faz parte do cotidiano da humanidade desde o período das primeiras comunidades humanas, sendo realizada inicialmente para subsistência. Ao longo do tempo, sofreu diversas transformações, mas continua até hoje fazendo parte da vida de muitas comunidades litorâneas brasileiras.

Como estudamos ao longo deste trabalho, a pesca é uma das práticas sociais da Barra do Aririú. Apesar de não ser a principal atividade econômica do bairro, é importante para o sustento de dezenas de pescadores, além de representar um dos pilares da identidade açoriana.

Silva (1998, p.227) [1], descreve assim a pesca no Brasil:

Contudo, os pequenos pescadores brasileiros desenvolveram estratégias e formas de resistência contra todas estas agressões sociais, ecológicas e culturais que vêm sofrendo ao longo deste século. Em boa medida, eles articularam seu saber fazer tradicional com novas tecnologias disponíveis no mundo industrial, criaram novas estratégias de sobrevivência e, ademais, passaram a politizar a questão pesqueira dando ensejo a emergência de um movimento social de pescadores.

Conforme o autor, os menores pescadores brasileiros sofreram no século XX com os danos provocados ao meio ambiente, ao qual podemos elencar como causas o avanço da urbanização para as áreas marítimas e de mangues, a especulação imobiliária, o turismo em torno das praias, a pesca industrial predatória, instigando os pescadores a resistirem por outros caminhos. O autor também trata do saber fazer tradicional dos pescadores, que precisou se adaptar ao novo contexto, utilizando as novas tecnologias e a politização, para atingir as suas demandas.

Nesta oficina propomos um trabalho para conhecer os pescadores artesanais da Barra do Aririú, por meio das fontes digitais, compreendendo o seu saber fazer, protagonismo histórico e identificação com a cultura açoriana.

ATIVIDADE 11



Objetivos:

- Conhecer os pescadores artesanais da Barra do Aririú.
- Reconhecer as lutas que eles enfrentam para exercer a pesca artesanal.
- Discutir as reivindicações socioeconômicas dos pescadores da Barra do Aririú.

Ao longo das atividades desta oficina, conheceremos os pescadores como seres sociais e culturais, com seu modo de ser, a partir de conhecimentos específicos da pesca, da tradição oral e outras que foram incorporadas às suas experiências, além de suas lutas sociais.

Propomos a análise do grupo no *Facebook* da associação dos pescadores: “Abepebas”. Para analisar esta fonte digital podemos dividi-la em temas, como proposto a seguir:

- **A busca pelo registro da pesca:**

FIGURA 16: Imagem do grupo do *Facebook*: ABEPEBAS.



Fonte: Disponível em

<https://www.facebook.com/Abepebas/photos/pb.100066890793434.-220752000./512554866352345/?type=3> >. Acesso em 02 de fev. de 2023.

- **A reconstrução da sede dos pescadores.**

FIGURA 17: Imagem do grupo do *Facebook*: ABEPEBAS



Fonte: Disponível em

<https://www.facebook.com/Abepebas/photos/pb.100066890793434.-220752000./955056428768851/?type=3> >. Acesso em 02 de fev. de 2023.

- **A luta pelo desassoreamento do rio Aririú.**

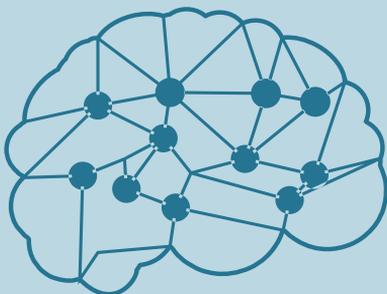
FIGURA 18: Imagem do grupo do *Facebook*: ABEPEBAS.



Fonte: Disponível em <
<https://www.facebook.com/Abepebas/videos/891818844749937> >.
Acesso em 02 de fev. de 2023.

No entanto, o saber fazer dos pescadores é muito mais abrangente. Pois eles precisam ter um conhecimento sobre a natureza, como as correntes de vento, as marés, tipos de peixes, métodos, técnicas e materiais de pesca, como caniços e redes.

O grupo no *Facebook* da associação dos pescadores: “Abepebas”, traz outras possibilidades para que os docentes desenvolvam outras características do cotidiano dos pescadores, da sua religiosidade e interação com a comunidade do bairro.



FAZENDO HISTÓRIA

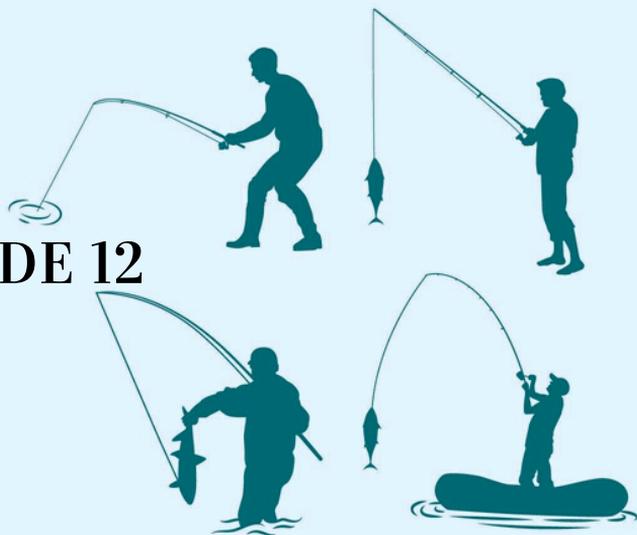
As três equipes podem pesquisar dentro do próprio grupo do *Facebook*, outras imagens e vídeos que tratem sobre os seus temas. Em seguida, podem elaborar uma narrativa contendo título, desenvolvimento e conclusão; considerando os seguintes aspectos:

- Identificar o tema escolhido e explicitar como ele é abordado a partir das fontes.
- Identificar os personagens envolvidos.
- Descrever as reivindicações ou os direitos relacionados à pesca do bairro.
- Sugerir possíveis soluções para os problemas enfrentados pelos pescadores.

A apresentação dos trabalhos pode servir de material para a narrativa da História da Barra do Aririú, oportunizando protagonismo aos estudantes.

Na proposta de atividade a seguir, conheceremos um pouco sobre os patrimônios históricos, além do saber fazer dos pescadores da Barra do Aririú, visando a preservação dos bens materiais e imateriais da humanidade,

ATIVIDADE 12



Objetivos:

- Compreender a importância dos patrimônios imateriais.
- Conhecer o saber fazer dos pescadores artesanais da Barra do Aririú.
- Descobrir outros saberes da pesca.

Para o professor de História, os patrimônios históricos são uma oportunidade de refletir sobre como a sociedade preserva memórias e constrói a identidade cultural. A noção de patrimônio foi ampliada a partir da Constituição Federal de 1989, através dos artigos 215 e 216 [2]:

Nesses artigos da Constituição, reconhece-se a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em parceria com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

O Ensino de História também pode ser estudado a partir dos patrimônios históricos brasileiros, entre eles destacamos os patrimônios imateriais, como os saberes que passaram a integrar critérios de reconhecimento do Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro, especialmente a partir da aprovação do decreto 3551/2000, que institui o registro do Patrimônio Imaterial por meio de diferentes procedimentos.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) [3]:

Os Saberes são conhecimentos tradicionais associados a atividades desenvolvidas por atores sociais reconhecidos como grandes conhecedores de técnicas, ofícios e matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Geralmente estão associados à produção de objetos e/ou prestação de serviços que podem ter sentidos práticos ou rituais. Trata-se da apreensão dos saberes e dos modos de fazer relacionados à cultura, memória e identidade de grupos sociais.

Conforme o IPHAN, o livro de registro reconhece quatro tipos de saberes. O primeiro relacionado aos saberes que reúnem conhecimentos e modo de fazer; o segundo que são as formas de expressão, relacionados as manifestações artísticas; o terceiro das celebrações, que são as festas e rituais que marcam a vida coletiva; e o último que é o de lugares, onde estão registrados os espaços coletivos de importância cultural [4].

Destacamos no site do IPHAN, o livro dos saberes que preserva o conhecimento e modo de fazer, como do Ofício das Baianas de Acarajé, dos Mestre de Capoeira, do Modo Artesanal de fazer Queijo de Minas, Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas, entre outros [5]. No livro de Celebrações podemos citar a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, Procissão do Senhor dos Passos de Santa Catarina, Complexo Cultural do Bumba meu Boi do

Maranhão [6].

O saber fazer é característico dos pescadores artesanais, pois são comunidades tradicionais que conhecem técnicas, ambientes e saberes relacionados ao modo de pesca.

Neste exercício a proposta é conhecer através das fontes digitais do perfil do *Instagram* "@barradoarririusc", o saber fazer dos pescadores da Barra do Aririú. Pode-se solicitar que os estudantes acessem este perfil e identifiquem pelas fotografias os saberes dos pescadores, como os expostos a seguir:

- **Pescar e Tarrafeiar**

FIGURA 19: Imagem do perfil do *Instagram* "@barradoarririusc".



Fonte: Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CC3j7rPA37T/>> .
Acesso em 02 de fev. de 2023.

- **Tecer as redes.**

FIGURA 20: Imagem do perfil do *Instagram* “@barradoarririusc”.



Fonte: Disponível em < https://www.instagram.com/p/CD_T31PnlQx/ >. Acesso em 02 de fev. de 2023.

- **Navegar.**

FIGURA 21: Imagem do perfil @barradoarririusc no *Instagram*.



Fonte: Disponível em < <https://www.instagram.com/p/Ca-y8VIAAMy/> >. Acesso em 02 de fev. de 2023.

- **Armazenar e conservar peixes.**

FIGURA 22: Imagem do perfil do *Instagram* "@barradoarriusc".



Fonte: Disponível em < <https://www.instagram.com/p/CgPPBMLAgrA/> >.
Acesso em 02 de fev. de 2023.

Além disso, os estudantes também podem identificar outros saberes necessários para a pesca, pois alguns podem ser parentes de pescadores artesanais ou até praticarem a pesca esportiva. Assim, o docente pode diagnosticar o saber dos estudantes sobre a pesca e instigar muitos outros.

Depois, pode-se compartilhar as respostas e explicar a importância dos saberes dos pescadores para a comunidade local, ressaltando os desafios para continuar a troca de saberes com as futuras gerações.

Dentre os saberes e práticas sociais dos pescadores da Barra do Aririú, temos a oralidade e a memória referente a pesca e ao modo de vida dos pescadores mais experientes, que acompanharam o desenvolvimento da História do bairro.

DE OLHO NA DICA



Documentário sobre o saber fazer: Saberes da pesca.

Disponível em

<<https://www.facebook.com/flavio.filho.779/videos/3339905206132114>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Vídeo sobre as tradições docesiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas (RS)

Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=WZOjOuoGA6o>>.

Acesso em 21 de mar. de 2023.

Vídeo sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis (GO)

Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=YJLELYoY1Ns&t=332s>>.

Acesso em 21 de mar. de 2023.

Manual de Educação Patrimonial com sugestões para elaborar uma ficha dos saberes

Disponível

em<

http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf>. Acesso em 28 de mar. de 2023.

Outros materiais do IPHAN sobre Educação Patrimonial

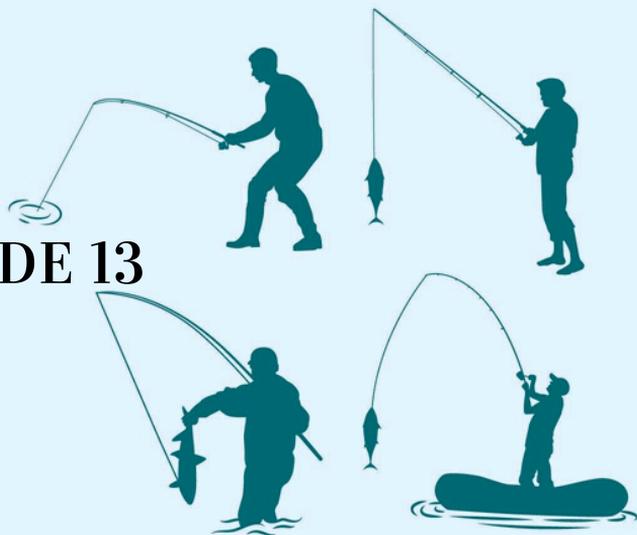
Disponível

em<

<http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=30&busca=&pagina=2>>.

Acesso em 28 de mar. de 2023.

ATIVIDADE 13



Objetivos:

- Debater sobre a importância da oralidade e a memória dos pescadores sobre a Barra do Aririú.
- Analisar uma entrevista com pescadores da Barra do Aririú.
- Elaborar e problematizar uma entrevista com um pescador do bairro.

O professor pode destacar a importância da oralidade e a memória dos pescadores sobre a Barra do Aririú, além dos desafios de continuar a pesca artesanal no bairro.

Sugerimos esta atividade em duas partes: na primeira, analisar uma entrevista dos pescadores da Barra do Aririú, e na segunda, elaborar entrevistas com dois pescadores do bairro.

Para a primeira atividade, pode-se utilizar uma das fontes digitais do mesmo perfil do *Instagram* da atividade anterior, o “@barradoarririusc”. A fonte será um vídeo de três pescadores da Barra do Aririú com mais de 80 anos de idade.

FIGURA 23: Imagem do perfil do *Instagram* “@barradoarririusc”.



Fonte: Disponível em < <https://www.instagram.com/reel/CVJq02XAAJe/> >.
Acesso em 02 de fev. de 2023.

O perfil do *Instagram* “@barradoarririusc” foi criado em 2020 e tem três mil e quatro seguidores, suas postagens ressaltam o Parque da Barra da Aririú e a sua beleza marítima, além da pesca e os pescadores.

POR DENTRO DA HISTÓRIA

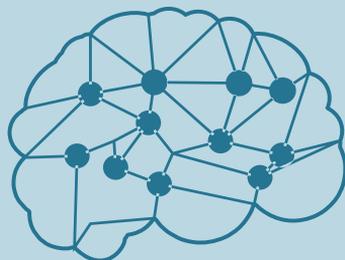


Segundo Silva :

Para os historiadores as entrevistas de História Oral podem ser tomadas como fontes para a compreensão do passado, podem ser utilizadas individualmente ou mais coerentemente relacionadas com outros documentos escritos, como registros civis, literários, entre outros, além de registros visuais como pintura, fotografia ou áudio visual. As fontes orais podem ser caracterizadas pela produção a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar.

Portanto, a pesquisa faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

SILVA, Anderson Arnaldo da. Jogos eletrônicos com temáticas históricas: reflexões sobre saberes e aprendizagens por meio do Assassin's Creed. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. p.63. 2015. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/131725>>. Acesso em 20 de nov. de 2021.



FAZENDO HISTÓRIA

Propõe-se que os estudantes façam uma breve narrativa, respondendo o seguinte:

- Quem são os pescadores que contam suas histórias no vídeo?
- Quais semelhanças e diferenças na fala dos três pescadores?
- Quais benefícios e malefícios que a pesca trouxe para eles?
- Descreva alguns questionamentos que você faria para esses pescadores?
- Explique os principais saberes relatados por eles.

As respostas podem ser compartilhadas e o docente pode, a partir delas, elaborar uma narrativa digital sobre os pescadores da Barra do Aririú.

Na segunda parte propomos que o docente auxilie os estudantes na elaboração de questões, para fazer a entrevista com dois pescadores do bairro, um jovem e outro que tenha idade acima de 60 anos. A entrevista pode ser gravada e publicada posteriormente na última oficina.

Indo ao encontro da última oficina, sugerimos a criação de um perfil no *Instagram* para publicar o material da pesquisa e utilizar as ferramentas dessa mídia digital para interação, hipertextualidade e construção de narrativas digitais.

REFERÊNCIAS:

- [1] SILVA, Luiz Geraldo dos Santos da. História e Meio Ambiente: a pequena pesca marítima no Brasil. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, 10/11, 1998, pp. 219-231. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/328069337.pdf>>. Acesso em 20 de jan. de 2023.
- [2] Patrimônio Imaterial. Gov.br. Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial>>. Acesso em 02 de fev. de 2023.
- [3] Fototeca Registro dos Saberes. IPHAN. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/fototeca/detalhes/11/fototeca-registro-dos-saberes>>. Acesso em 23 de mar. de 2023.
- [4] Reconhecimento de Bens Culturais. Gov.br. Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/reconhecimento-de-bens-culturais>>. Acesso em 23 de mar. de 2023.
- [5] Livro de Registro dos Saberes. Gov.br. Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/reconhecimento-de-bens-culturais/livros-de-registro/saberes>>. Acesso em 10 de mar. de 2023.
- [6] Livro de Registro das Celebrações. Gov.br. Disponível em <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/reconhecimento-de-bens-culturais/livros-de-registro/celebracoes>>. Acesso em: 23 de mar. de 2023.



OFICINA 6

**CONSTRUINDO COM OS
ESTUDANTES UM PERFIL DA BARRA
DO ARIRIÚ NO *INSTAGRAM***

APRESENTAÇÃO

Sabemos que, atualmente, as redes sociais são parte da vida de bilhões de pessoas no mundo todo, e no Brasil não é diferente. Conforme o site Resultados Digitais, em 2022 o Brasil foi o segundo país do mundo, em que as pessoas passaram mais tempo nas redes sociais, com a média diária de uso das redes por usuário de 3 horas e 43 minutos [1].

Conhecendo este contexto, em que a cultura digital faz parte da vida de milhões de estudantes brasileiros, podemos problematizar: Como usar as redes sociais para ensinar História? Quais os cuidados e desafios em utilizar essas redes sociais para ensinar História? Quais novas possibilidades que as redes sociais trazem para aprender História?

O site Recursos Digitais também traz as redes sociais mais acessadas no Brasil em 2022 [2]. O *Whatsapp* lidera o ranking como a rede mais utilizada pelos brasileiros, seguido do *Instagram* e *Facebook*. Apesar de o *Instagram* ainda não ser a rede social mais acessada, é uma das que mais cresce e que proporciona engajamento social.

O objetivo desta oficina é utilizar o *Instagram* para propor uma narrativa digital, a ser elaborada de forma cooperativa com os estudantes, sobre a História da Barra do Aririú. Para pensar o *Instagram* como fonte digital para aprender História, temos como inspiração o trabalho de Moraes (2018, p.99) [3]:

A partir dessa dinâmica que compõe o *Instagram* podemos observar ao menos três características, além da predominância da imagem como já citamos, que despertam a atenção dos jovens usuários e talvez por isso os façam empregar tempo e atenção demasiadamente em detrimento de outras atividades, principalmente as escolares, na utilização desta rede. São elas a ubiquidade, a hipertextualidade e a colaboração, características que direcionadas por uma intencionalidade pedagógica podem ser empregadas na aprendizagem histórica.

Compreendemos que no contexto educacional brasileiro, uma das reclamações dos docentes e pais, é a quantidade demasiada de horas que os estudantes passam em frente as redes sociais. No entanto, essas redes sociais podem ser usadas de forma crítica e mobilizar habilidades da cultura digital para aprender História.

A autora identificou três características importantes que as redes sociais, como o *Instagram*, proporcionam: a ubiquidade, hipertextualidade e colaboração. Podemos acrescentar a interação, criação e autoria, sendo o estudante produtor de conteúdo histórico digital. Propomos que estas características sejam trabalhadas na criação de um perfil no *Instagram*.

Iniciaremos pela ubiquidade, que é a possibilidade de acesso ao conteúdo digital a qualquer momento, desde que tenha acesso a internet. Conforme o site Recursos Digitais [4]: O *Instagram* foi uma das primeiras redes sociais exclusivas para acesso mobile. É verdade, que hoje é possível acompanhar as atualizações em desktop, mas o produto é todo voltado para ser usado no celular. A segunda característica é definida por Moraes (2018, p.71) [5], como:

A hipertextualidade é a forma pela qual os textos são dispostos no ciberespaço caracterizados pelo uso de novas palavras, de links (palavras em destaque que encaminham para outro lugar online a partir do seu clique) e pela inserção de outras linguagens como vídeos, áudios e imagens, o que possibilita a pesquisa e o acesso a variadas fontes além de uma leitura mais dinâmica e versátil.

Com a hipertextualidade, os estudantes podem se aprofundar na análise de uma fonte digital e investigar suas múltiplas camadas, através do acesso a outras mídias digitais, e assim, enriquecer a pesquisa e as reflexões históricas.

Moraes (2018, p.102) [6], continua destacando:

A autonomia e colaboração estão presentes na característica hipertextual na qual o *Instagram* está inserido. Escrever, postar imagens e links, opinar e debater são ações facilmente executáveis na nossa rede social online em questão. A criação conjunta de uma página sobre história por professor e alunos pode ser um exemplo dessa colaboração que representa a terceira característica que citamos.

Assim, o *Instagram* pode ser uma rede social em que o docente trabalhe as possibilidades para desenvolver um estudante mais autônomo e que aprenda de maneira colaborativa, utilizando os vários recursos do hipertexto.

Moraes (2018, p.120) [7], sugere os seguintes pressupostos teóricos para utilização do *Instagram*, como objeto do saber histórico:

FIGURA 24: Quadro da Aprendizagem Histórica Digital.

QUADRO 4: APLICABILIDADE DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA DIGITAL COM O INSTAGRAM

DEMANDAS DE APRENDIZAGEM	APLICAÇÃO NO INSTAGRAM
Aprendizagem colaborativa	ABP/ AVA – trabalho em equipe, colaborativo e ambientado em espaços digitais com comunicação assíncrona e síncrona (comentários e directs)
História Digital	Ferramentas e métodos de pesquisa dispostos pelas TDICs e compartilhamento das narrativas através das redes sociais online
Educação Histórica	Estímulo à apropriação de certas competências de pesquisa dos historiadores, uso de evidências, criação de narrativas fundamentadas na ciência histórica com argumentação racional e realização de reflexões.

Fonte: MORAES, 2018.

Fonte: Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431686>>. Acesso em 28 de ago. de 2021.

Em suma, a aprendizagem histórica digital ou o letramento digital são possibilidades para formar estudantes na cultura digital e os docentes, para lidarem com as tecnologias digitais de maneira crítica e atualizada.

ATIVIDADE 14

Objetivos:

- Conhecer as principais redes sociais.
- Identificar as possibilidades do uso do *Instagram* para o Ensino de História.
- Iniciar a construção de um perfil no *Instagram* sobre a História da Barra do Aririú.

Nesta atividade, sugerimos introduzir o assunto apresentando as principais redes sociais atuais, como no quadro de Moraes (2018, p.142) [8], a seguir:

FIGURA 25: Quadro definindo as principais redes sociais online.

QUADRO 2: PRINCIPAIS REDES SOCIAIS ONLINE

	<p>Facebook</p>	<p>A mais utilizada no mundo, em especial pelos brasileiros. Nela o usuário possui um perfil onde dispõe suas informações principais, pode postar suas fotos e vídeos, além de ter espaço para escrever textos sem limite de palavras e compartilhar variados tipos de informações. Aqui é possível fazer parte de grupos, criar e curtir páginas entre outros recursos. As possibilidades são quase infinitas.</p>
	<p>Whatsapp</p>	<p>Aplicativo de envio de mensagens rápidas de texto a partir do número do telefone celular. Além de textos, é possível o envio de áudios, imagens e vídeos. Também é muito comum o uso de emojis (representações gráficas para transmitir ideias ou emoções).</p>
	<p>Instagram</p>	<p>Rede que mais cresce em adesão e preferência. Baseia-se na postagem de imagens e mais recentemente de vídeos de curta duração. É possível fazer comentários nas imagens e utilizar as famosas hashtags (palavras que se seguem depois do símbolo # e servem para categorizar as postagens), enviar mensagens privadas (directs) e postar vídeos e imagens que "desaparecem" em 24h através dos stories.</p>
	<p>YouTube</p>	<p>Plataforma responsável pelo envio de vídeos e seu compartilhamento. É frequentemente usada por artistas que compartilham videoclipes. Nela encontramos os variados temas, que vão de piadas a tutoriais de maquiagem, de músicas a vídeo-aulas. Quanto mais curtidas o vídeo tiver mais importante ele fica, aparecendo na lista principal dos Top mais acessados.</p>
	<p>Twitter</p>	<p>É um aplicativo tipo <i>microblog</i>, que permite aos usuários enviar e receber mensagens de textos de até 140 caracteres. Os textos são conhecidos como tweets, e podem ser enviados por meio do <i>websites</i> do serviço, por SMS, por aplicativos específicos para smartphones.</p>

Fonte: MORAES, 2018.

Fonte: Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431686>>. Acesso em 28 de ago. de 2021.

A partir do quadro, propomos a problematização da definição e função de cada rede social, percebendo as suas inter-relações e particularidades. Além de refletir sobre as conexões de poder que essas empresas exercem, devido a terem acesso a milhares de dados pessoais.

Como inspiração para criar o perfil no *Instagram* deste trabalho, sugerimos conhecer o perfil "@ensinar.historia" [9]. Em seguida, a proposta é criar o perfil do bairro para apresentar a pesquisa sobre as fontes digitais locais, como também elaborar uma outra narrativa digital sobre a História da Barra do Aririú. Além de, mobilizar as habilidades digitais de hipertextualidade, colaboração em rede, criação e autoria de conteúdo digital.

O professor será o mediador e responsável pelo perfil, controlando e organizando as postagens e contará com a colaboração dos alunos, para criação dos conteúdos digitais.

Para começar a interação com os estudantes, o professor pode fazer uma enquete sobre o melhor nome para o perfil. Para a escolha do nome, é importante levar em consideração o material produzido nas oficinas e a narrativa que deseja explorar sobre o bairro.

Sugere-se alguns nomes: Histórias Digitais da Barra do Aririú; Fontes Digitais da Barra do Aririú; Navegando na História da Barra do Aririú; Outras histórias da Barra do Aririú; Historiando a Barra do Aririú. Os estudantes também podem indicar outros nomes e após o resultado da enquete, o nome mais votado será o escolhido.

Em seguida, pode-se fazer a organização dos temas, as fontes digitais mais significativas e possibilidades de interação com o público.

ATIVIDADE 15

Objetivos:

- Utilizar as tecnologias digitais para possibilitar o Ensino de História.
- Elaborar um perfil no *Instagram* para divulgar a pesquisa e possibilitar outras narrativas sobre o bairro.
- Promover a autoria de narrativas digitais entre os estudantes.

Para criar o perfil no *Instagram*, é imprescindível para o docente pensar a proposta de conteúdo que deseja publicar, a forma como deseja interagir com o seu público, as estratégias de divulgação e, no caso desta oficina, instigar a autoria e crítica histórica dos estudantes.

A criação do perfil pode ser feita a partir de um celular ou pelo computador. No celular, habilitado para essa rede social, basta entrar no *Playstore*, baixar o aplicativo e seguir as etapas cadastrais, que podem ser vistas em um tutorial [10].

Após criado o perfil no *Instagram*, o docente terá diversas funcionalidades à disposição para criar os conteúdos digitais, como por exemplo: através do *feed*, onde aparecem as postagens; os *stories*, para dar destaque a alguma postagem; que ficará disponível por 24 horas; o *direct*, para ter comunicação direta com algum usuário da rede; uma *live*, para transmitir algum conteúdo ao vivo; além de usar *hashtag*, para rastrear e monitorar alguns temas [11].

Sugerimos que o docente projete no *datashow*, desde o início em sala de aula a criação do perfil sobre a História da Barra do Aririú para que assim, todos os estudantes possam conhecer e participar de todas as etapas.

Depois de escolher o nome conjuntamente com os estudantes, o docente pode junto com eles, selecionar as fontes digitais mais significativas encontradas na pesquisa, além de discutir sobre qual narrativa que a turma deseja construir sobre a História do bairro.

Os estudantes poderão fazer comentários críticos nas fontes digitais selecionadas e o professor pode publicar parte do trabalho dos estudantes no *Instagram*. O propósito é que esse recurso digital seja um espaço democrático, para debater a História da Barra do Aririú com outros olhares.

Sugerimos os seguintes conteúdos para o *Instagram*: publicar trechos da entrevista feita com o pescador mais antigo e com o mais novo da Barra do Aririú; propor um roteiro para conhecer os espaços da Barra do Aririú e postar no *feed*; promover uma *live*, com a associação dos pescadores, com perguntas elaboradas pelos estudantes; escalar os alunos para criarem *stories*, ao longo de 1 semana, com distintos temas sobre a pesca na Barra do Aririú; oportunizar campanhas discutindo a importância e valorizando a atividade da pesca como atividade social, cultural e econômica.

Enfim, essas são algumas de tantas possibilidades que o docente pode explorar com o uso do *Instagram*. O objetivo é que a História do bairro possa ser contada pelos estudantes, de maneira crítica e diversificada.

REFERÊNCIAS

[1] [2] [4] RODRIGUES, Jonatan. Tudo o que você precisa saber sobre Redes Sociais. Resultados Digitais, 2022. Disponível em <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais/>>. Acesso em 21 de jan. de 2023.

[3] [5] [6] [7] [8] MORAES, Daniela Martins de Menezes. Ensinar e aprender História nas redes sociais online: possibilidades e desafios para o espaço escolar. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. p.167. 2018. Disponível em <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431686>>. Acesso em 28 de ago. de 2021.

[9] Ensinar História. Disponível em <<https://www.instagram.com/ensinar.historia/>>. Acesso em 21 de jan. de 2023.

[10] Me ensina. Como usar o *Instagram* corretamente (Guia Completo do Iniciante). YouTube, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wxKLLmCX_Bw&t=153s>. Acesso em 04 de fev. de 2023.

[11] Design Instrucional. Como Você pode usar o *Instagram* na Educação?. YouTube, 2022.. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=l6KYiMUqLGE>>. Acesso em 04 de fev. de 2023.

REFLEXÕES FINAIS

A questão norteadora deste trabalho foi: Como construir a História da Barra do Aririú por meio de fontes digitais? A partir dela, percebemos dois eixos teóricos: o das fontes digitais e da História Local; e esta análise, tanto do local, como do digital, foi um dos desafios do trabalho. Para isso, optamos por trabalhar com recortes, como as fontes digitais mais importantes que encontramos sobre a História do bairro e o grupo social dos pescadores da Barra do Aririú.

O trabalho possibilitou descobertas e aprendizados sobre as tecnologias digitais, conhecendo as limitações e possibilidades das fontes digitais para o Ensino de História. Evidenciamos que estas fontes ainda carregam muitas questões, que também pertencem as fontes históricas tradicionais, como a necessidade da investigação da autoria, das especificidades das fontes, interesses e público alvo. Todavia, as fontes digitais trazem novidades, como a possibilidade da hipertextualidade, ubiquidade, leitores imersivos e praticidade para encontrá-las.

No desenvolver das aulas-oficinas, percebeu-se outras possibilidades para trabalhar com as fontes digitais, além da necessidade de o docente conhecer sobre o funcionamento das tecnologias digitais, dos mecanismos de busca, das redes sociais e dos constantes aparatos tecnológicos que surgem a cada dia.

A proposta das aulas-oficinas visaram a construção do conhecimento histórico mais crítico, de forma que dialogue com os estudantes e questione as fontes digitais, procurando auxiliar professores de História a elaborarem propostas de

ensino a partir destas tecnologias. Ao mesmo tempo, a criação das oficinas impactou positivamente nos saberes e práticas do próprio pesquisador, gerando novos conhecimentos e reflexões sobre as fontes digitais e a cultura digital.

Após anos no Ensino de História, este trabalho trouxe novos olhares sobre o conhecimento histórico e suas potencialidades, desenvolvendo a capacidade de ser professor-pesquisador, e vivenciando que o professor também é agente do saber histórico acadêmico e não mero reprodutor.

Em suma, este trabalho auxiliou no desenvolvimento e reflexão do pesquisador sobre as tecnologias digitais e suas implicações para o Ensino de História, além de evidenciar a riqueza que a História Local pode possibilitar para o conhecimento da História mais próxima do vivido. Anseio que o presente trabalho possa auxiliar futuras pesquisas e práticas docentes e planejamentos de aulas, tanto deste pesquisador, como de outros colegas da área educacional.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS ILUSTRATIVAS

Imagem 1: página 1.

Disponível em
<<https://www.facebook.com/barradoaririusc/photos/pb.100064846835946.-2207520000./676539174210933/?type=3>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Imagem 2: página 2.

Disponível em
<<https://www.facebook.com/barradoaririusc/photos/pb.100064846835946.-2207520000./676539174210933/?type=3>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Imagem 3: página 6

Disponível em
<<https://www.facebook.com/barradoaririusc/photos/pb.100064846835946.-2207520000./429150945616425/?type=3>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Imagem 4 : página 11

Disponível em <<https://blog.ead.unipar.br/2021/03/inovacao-e-tecnologia-conheca-os-profissionais-da-area/>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Imagem 5 : página 22

Disponível em <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=583422540495969&set=pb.100064846835946.-2207520000.&type=3>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Imagem 6: página 35

Disponível em
<<https://www.facebook.com/barradoaririusc/photos/pb.100064846835946.-2207520000./387505903114263/?type=3>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Imagem 7: : página 37

Disponível em <<https://neuronup.com.br/noticias-de-estimulacao-cognitiva/funcoes-cognitivas/memoria/a-memoria-definicao-tipos-exercicios-e-avaliacao>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Imagem 8: : página 51

Disponível em <<https://www.facebook.com/barradoaririusc/photos/a.287491603115694/333691895162331/>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Imagem 9: : página 53

Disponível em <<https://myloview.com.br/poster-meio-mundo-com-design-de-ilustracao-de-vetor-de-paisagem-urbana-no-79AB4DA>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Imagem 10: : página 72

Disponível em <<https://www.facebook.com/barradoaririusc/photos/pb.100064846835946.-2207520000./559266142604904/?type=3>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Imagem 11: : página 74

Disponível em <br.vexels.com/vetores/previsualizar/178310/pacote-de-silhuetas-de-pesca>. Acesso em 21 de mar. de 2023.

Imagem 12: : página 89

Disponível em <<https://www.facebook.com/barradoaririusc/photos/pb.100064846835946.-2207520000./152969626567893/?type=3>>. Acesso em 21 de mar. de 2023.